

Denise Landi Corrales Guaranha

PIO LOURENÇO CORRÊA (1875-1957)

um mosaico biobibliográfico do polímata araraquarense



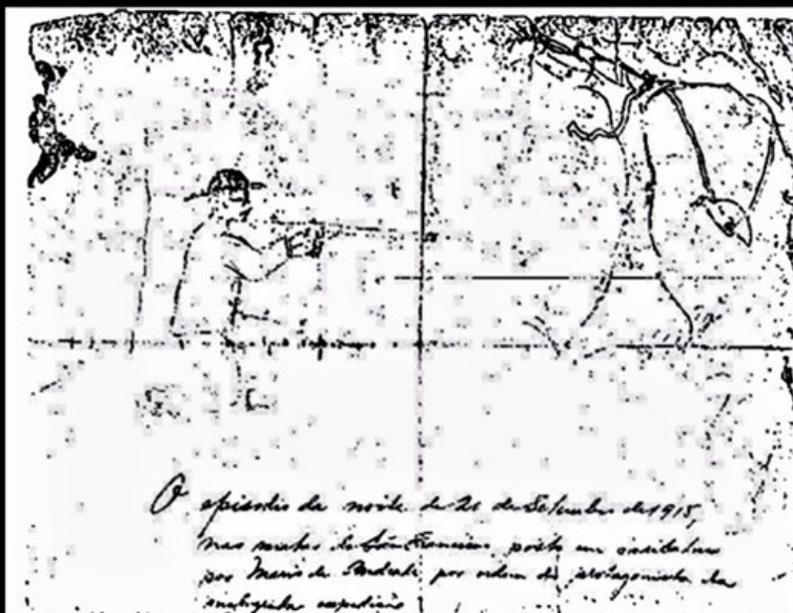
**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



Denise Landi Corrales Guaranha

PIO LOURENÇO CORRÊA (1875-1957)

um mosaico biobibliográfico do polímata araraquarense



Denise Landi Corrales Guaranha

Pio Lourenço Corrêa (1875-1957)
Um mosaico biobibliográfico do polímata araraquarense



Marília/Oficina Universitária
São Paulo/Cultura Acadêmica
2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS – FFC
UNESP - campus de Marília

Diretora Dra. Claudia Regina Mosca Giroto
Vice-Diretora Dra. Ana Claudia Vieira Cardoso

Conselho Editorial

Mariângela Spotti Lopes Fujita (Presidente)
Célia Maria Giacheti
Cláudia Regina Mosca Giroto
Edvaldo Soares
Franciele Marques Redigolo
Marcelo Fernandes de Oliveira
Marcos Antonio Alves
Neusa Maria Dal Ri
Renato Geraldi (Assessor Técnico)
Rosane Michelli de Castro

*Conselho do Programa de Pós-Graduação em Educação -
UNESP/Marília*

Henrique Tahan Novaes
Aila Narene Dahwache Criado Rocha
Alonso Bezerra de Carvalho
Ana Clara Bortoleto Nery
Claudia da Mota Daros Parente
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
Daniela Nogueira de Moraes Garcia
Pedro Angelo Pagni

Auxílio Nº 0039/2022, Processo Nº 23038.001838/2022-11, Programa PROEX/CAPES

Parecerista: Ariana Nascimento da Silva - Professora Adjunta II – Universidade São Judas Tadeu (USJT) – São Paulo

Capa: Pixabay

Ficha catalográfica

Guaranha, Denise Landi Corrales.

G914p Pio Lourenço Corrêa (1875-1957): um mosaico biobibliográfico do polímata araraquarense / Denise Landi Corrales Guaranha. – Marília : Oficina Universitária ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2024.

247 p. : il.

CAPES

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5954-543-8 (Impresso)

ISBN 978-65-5954-544-5 (Digital)

DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-544-5>

1. Corrêa, Pio Lourenço, 1875-1957. 2. Educação – História. 3. Educação – Filosofia. I. Título.

CDD 370.9

Catálogo: André Sávio Craveiro Bueno – CRB 8/8211

Copyright © 2024, Faculdade de Filosofia e Ciências

Editora afiliada:



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

Cultura Acadêmica é selo editorial da Editora UNESP

Oficina Universitária é selo editorial da UNESP - Campus de Marília

Dedicatória

*Dedico esta empreitada a Manoel Francisco
Guaranha e Olívia Landi Corrales Guaranha,
meus parceiros de vida, que acompanharam
todo o processo durante esses quatro anos.*

*Dedico o resultado desta pesquisa à professora
orientadora Ana Clara Bortoleto Nery, que
caminhou gentilmente comigo até aqui.*

*Dedico esta experiência a todos os meus alunos, que me
inspiram diariamente a continuar estudando e buscando
novos saberes para aprimorar-me nessa área tão desafiadora.*

Agradecimentos

Agradeço, de coração, a Manoel Francisco Guaranha e Olívia Landi Corrales Guaranha, meus parceiros de vida, sempre.

Agradeço, carinhosamente, à Prof. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery, por aceitar-me em seu grupo de pesquisa – GEPAEFE, e orientar-me de forma tão gentil até o fim deste trabalho.

Agradeço às professoras presentes na Banca Avaliadora, por seu tempo, sua dedicação e suas valiosas contribuições para a melhoria deste trabalho: Profa. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto (FEUSP - Faculdade de Educação da USP); Profa. Dra. Maria Rita de Almeida Toledo (PPGH - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP); Profa. Dra. Cláudia Engler Cury (PPGH - Faculdade de História da UFPB – Universidade Federal da Paraíba); Profa. Dra. Vera Tereza Valdemari (PPGE - Faculdade de Educação da UNESP – Câmpus de Araraquara).

Agradeço à Profa. Dra. Ariana Nascimento da Silva (USJT – Universidade São Judas Tadeu e UNICID – Universidade Cidade de São Paulo), pela análise que possibilitou a publicação deste livro.

Agradeço a Weber Anselmo Fonseca, Coordenador Executivo de Acervos e Patrimônio Histórico da cidade de Araraquara, que tão prontamente autorizou minha visita à Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade e ao acervo de Pio Lourenço Corrêa.

Agradeço a todos os funcionários da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, de Araraquara, por me receberem e acompanharem na pesquisa feita na instituição.

Agradeço a todos os funcionários do Centro Cultural Professores Waldemar e Heleieth Saffioti (CCPWHS), antiga Chácara da Sapucaia, pela recepção atenciosa e pelo acompanhamento durante minha visita.

Historiador

Veio para ressuscitar o tempo
e escarpelar os mortos,
as condecorações, as liturgias, as espadas,
o espectro das fazendas submergidas,
o muro de pedra entre membros da família,
o ardido queixume das solteironas,
os negócios de trapaça, as ilusões jamais confirmadas
nem desfeitas.

Veio para contar
o que não faz jus a ser glorificado
e se deposita, grânulo,
no poço vazio da memória.

É importuno,
sabe-se importuno e insiste,
rancoroso, fiel.

Carlos Drummond de Andrade
(*Nova reunião: 23 livros de poesia.*
São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.472)

Lista de Abreviaturas

AIC – Acervo Ítalo Campofiorito

AMA - Acervo Mário de Andrade

BPMMA - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP

CMA - Câmara Municipal de Araraquara/SP

CPLC - Coleção Pio Lourenço Corrêa

GEPAEFE – Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração da Educação e Formação de Educadores

IEB - Instituto de Estudos Brasileiros

MA - Mário de Andrade

MIS – Museu da Imagem e do Som de Araraquara

PLC - Pio Lourenço Corrêa

PMA - Prefeitura do Município de Araraquara/SP

UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

USP - Universidade de São Paulo

Sumário

Prefácio <i>Ana Clara Bortoleto Nery</i>	15
1 - Considerações Iniciais	17
2 - As Peças do Mosaico	39
3 - Considerações Finais	179
Apêndices	197
Entrevista com Antonio Candido	215
Sobre a Autora	247

Prefácio

Antes do livro quero falar da autora. Denise Landi Corrales Guaranha é uma dessas pessoas ávidas pela expansão das fronteiras culturais, pela pesquisa, pelo conhecimento e pela educação. Professora pública do Ensino Médio, na cidade de São Paulo, se propôs a fazer o doutorado em Marília, interior de São Paulo, na Unesp. De partida, três contratempos: ser professora de ensino médio hoje, por si só, já é um grande desafio; a grande distância percorrida: Marília dista de São Paulo 450 Km; por fim, ingressar no Programa de Pós-graduação em Educação nota 6 – na época era o único no estado - bastante concorrido. Nesse cenário, a professora teve que conciliar vida pessoal e profissional com a vida acadêmica. No percurso, teve que acrescentar um terceiro lugar – Araraquara, interior de São Paulo – cidade onde viveu Pio Lourenço Corrêa e onde a pesquisadora encontrou parte das fontes analisadas no presente livro. Sua formação inicial em Letras está muito presente no texto. Para a pesquisa numa nova área de conhecimento teve que realizar uma imersão na área de História da Educação, para fazer as análises com propriedade. Ainda que tais desafios estivessem presentes no cotidiano, Denise Guaranha desenvolveu sua pesquisa com afinco, seriedade e propriedade e, com muita competência, teceu um belíssimo texto. E assim a Professora se fez Doutora em Educação. A tese foi unanimemente indicada, pelos membros da banca de defesa, para publicação. E da tese Denise fez o livro.

O livro é, portanto, o coroamento de um largo processo de investimento pessoal e institucional. O texto é muito bem escrito e a leitura flui de maneira prazerosa, ocupando um lugar de relevância no campo da História da Educação. Tais características imprimem ao livro distinção e valorização. Das pesquisas realizadas pela autora resultaram um vasto conjunto de fontes de e sobre Pio Lourenço Corrêa. Tais fontes, cuidadosamente elencadas no apêndice da tese, são férteis para outras investigações

e novas publicações pela autora deste livro ou por outras pessoas que se interessarem pela temática.

A contribuição do texto para a História da Educação é a de inaugurar um novo tema de pesquisa para o campo. A biobibliografia de uma autodidata, como foi Pio Lourenço Corrêa, contribui para alargarmos o campo. O personagem não se ocupou diretamente da educação, mas foi um intelectual que deixou um legado cultural expressivo. Era um *outsider* do campo educacional, mas pode ser considerado um polímata.

A biobibliografia elaborada por Denise Guaranha revela a importância de Pio Lourenço pela proximidade com alguns intelectuais e pela biblioteca que constituiu e deixou de herança. Pio Lourenço pertencia à oligarquia paulista, viveu entre o império e a república e soube somar ao capital econômico um capital cultural. Tinha um ímpeto pelo conhecimento e assim buscava novos saberes tanto para seus empreendimentos quanto para sua curiosidade. Figurou entre os homens ricos do final do século XIX e início do XX e foi próximo a Mário de Andrade e Antonio Candido. Viveu entre mundos distintos. Esteve entre a cidade grande e o interior. Sua formação era tanto acadêmica quanto autodidática. Caminhou por entre a cultura diocesana e a antropofagia dos modernistas. Como poderão ler no texto, era um homem de muitas contradições.

Preocupada com os riscos e perigos do gênero biográfico, a autora tece o texto a partir da configuração mosaico em que elege elementos e os desenvolve cuidadosamente de maneira a constituir o texto completo. Assim o faz por compreender a complexidade do personagem, pelas questões contraditórias e conflitantes que merecem maior cuidado, bem como entender que, como pesquisadora, teve que fazer escolhas. A biobibliografia de Pio Lourenço Corrêa não pretende, dessa forma, acolher a totalidade do biografado e seu legado intelectual. Elege o que de mais relevante se apresentou nas fontes para analisar e compreender as formas pelas quais Pio Lourenço Corrêa completa sua formação com a autoformação. O mosaico, como tal, deixa brechas para outras contribuições.

Com desejos de boa leitura!

Ana Clara Bortoleto Nery

Marília, 16 de junho de 2024.

1

Considerações Iniciais

O objeto da pesquisa

Este livro é o resultado da pesquisa desenvolvida para a tese de doutorado defendida, em 26 de outubro de 2022, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp – Câmpus de Marília/SP, na área de Filosofia e História da Educação, cujo tema é a figura peculiar de Pio Lourenço Corrêa (1875-1957): seu nascimento em Araraquara/SP e as relações familiares; o período que passou estudando em São Paulo e morando na casa de Joaquim de Almeida Leite Moraes (1834-1895, seu padrinho e avô do escritor modernista Mário de Andrade, 1896-1945); seu retorno ao interior e o casamento com a sobrinha Zulmira Leite de Moraes Rocha Corrêa (1878-1959); sua formação intelectual como autodidata; seu desenvolvimento individual como polímata, termo usado por Burke (2020), de que se tratará na seção 2 do Capítulo 2; os vários campos de estudos a que se dedicou; seu legado cultural (a Coleção Pio Lourenço Corrêa na Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, de Araraquara/SP); e sua relevância nos contextos em que atuou, notadamente nos campos da cultura e da educação, como representante de uma categoria social que expressou, por meio de sua trajetória e de suas produções, um modo peculiar de ver e conceber a vida e os processos educacionais do Brasil no final do século XIX e na primeira metade do século XX, período conhecido como *Belle Époque*.

A pesquisa de caráter histórico com traços biográficos buscou a compreensão dos papéis cultural, político e social de Pio em sua cidade e em seu tempo. Trata-se de um homem que, tendo vivido, em certo sentido, no

anonimato, cercou-se de intelectuais bastante eminentes de sua época e que atuaram, principalmente, em áreas de estudos de Língua e Literatura, bem como também da área da Biologia. Em sua trajetória intelectual, colecionou farto material de pesquisa em sua biblioteca particular e produziu outros tantos textos, principalmente sobre linguagem (publicados em periódicos de Araraquara, São Paulo e Rio de Janeiro) – sendo, inclusive, reconhecido em Araraquara/SP muito mais como filólogo do que como fazendeiro. A Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, de Araraquara (BPMMA – 2019) reservou, no segundo pavimento, espaço para a Sala Pio Lourenço Corrêa em que se encontra uma parte da biblioteca particular do filólogo araraquarense, acervo doado em 17 de julho de 1957, após seu falecimento, pela esposa Zulmira Rocha Corrêa.

Pio deixou uma significativa quantidade de fichas com anotações e registros de estudos realizados, de forma bastante organizada, revelando um metódico trabalho científico, comportamento pouco comum nas pessoas de seu entorno (fosse do meio familiar, de ofício, classe ou condição social): a elite cafeeira do interior do estado de São Paulo.

O estudioso publicou quatro edições da *Monografia da palavra Araraquara* (1936, 1937, 1940, 1952), opúsculo em que demonstrou, por meio de pesquisa bibliográfica, que o significado da palavra que dá nome à sua cidade, na linguagem indígena, era “terra do sol” ou “cova do sol” e não “terra das araras” como muitos acreditavam. A cada edição, fazia revisões gramaticais e conceituais, atualizando a bibliografia.

Os demais textos autorais que publicou em jornais e revistas são esparsos e caíram no esquecimento, daí a importância de resgatar esse material que pode constituir importante objeto de pesquisa tanto linguística quanto histórica. As fichas de pesquisa, que compõem uma espécie de enciclopédia particular, não foram ainda estudadas também e, apesar de estarem resguardadas em sala especial, com acesso restrito, não há uma estrutura adequada de conservação desses papéis que, pela ação do tempo, estão fragilizados. Trata-se, portanto, de registrar uma pesquisa interdisciplinar mas, principalmente, de caráter histórico, modalidade que, segundo Vieira *et al* (2007, p.17) trata de “[p]ensar a produção do conhecimento histórico não como aquele que tem implicações apenas com o saber erudito, com a escolha de um método,

com o desenvolvimento de técnicas, mas como aquele que é capaz de apreender e incorporar essa experiência vivida”. Resgatar do esquecimento uma figura como Pio Lourenço, é um modo de “fazer retornar homens e mulheres não como sujeitos passivos e individualizados, mas como pessoas que vivem situações e relações sociais determinadas, com necessidades e interesses e com antagonismos” Vieira *et al* (2007, p. 18).

Foi necessário, portanto, observar todo o conjunto de documentos, bem como digitalizar alguns documentos avulsos, como as fichas, para que não se perdessem, levando consigo uma parte interessante da história da cidade de Araraquara e de seu ilustre cidadão, da história da educação no interior paulista e da história da língua portuguesa no período.

Também foi necessário fazer o inventário do material escrito da Coleção Pio Lourenço Corrêa - CPLC, pois ela traz esclarecimentos sobre a formação cultural de uma figura que representava a oligarquia cafeeira no interior paulista, de alguém que atuou em várias áreas do conhecimento como autodidata, principalmente nos temas que diziam respeito à língua portuguesa, colecionando dicionários, gramáticas, livros de linguística, atuando muitas vezes como orientador/conselheiro de Mário de Andrade no assunto. Pio Lourenço não terminou os estudos formais por conta de circunstâncias que serão apresentadas na reconstrução de sua biografia, mas jamais abandonou a disposição para o autodidatismo, o que é comprovado pelas fichas que elaborou e que se tornaram fontes primárias, documentos, aqui entendidos conforme Le Goff (2013, p. 496-497) como “resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da época, da sociedade que os produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a ser manipulado, inda que pelo silêncio”. Assim compreendido, o documento permanece, “dura, e o testemunho, o ensinamento (...) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmitificando seu significado aparente” - Le Goff (2013, p. 497).

Como resultado da pesquisa bibliográfica inicial, foram listados: quatro edições da *Monografia da palavra Araraquara*, publicadas por Pio, todas assinadas com o pseudônimo de Mota Coqueiro; 65 artigos publicados em periódicos, também assinados como Mota Coqueiro; quatro textos autógrafos publicados no Álbum de Araraquara (ALMEIDA, 1948, p. 26-27, 27-28 e 39-40), livro comemorativo contando a história da cidade; um depoimento

de Pio para o livro *Brito: república de sangue* (TELAROLLI, 1997, p. 216-219); o fichário particular de Pio, que ocupa três gavetas da escrivaninha que lhe pertenceu.

Foram pesquisados livros sobre Pio Lourenço, artigos em periódicos, teses, citações ou somente referências a seu nome. As publicações que citam a figura de Pio, em sua maioria, referenciam-no enquanto figura histórica de Araraquara, ou enquanto amigo, conselheiro e correspondente de Mário de Andrade, daí a importância de se resgatar a produção cultural dele próprio como uma fonte de pesquisa relevante para a compreensão da trajetória desse personagem.

Assim, a bibliografia *sobre* Pio Lourenço Corrêa foi organizada a partir de: um livro sobre a correspondência dele com Mário de Andrade (pesquisa e notas de rodapé de autoria desta pesquisadora); quatro capítulos de livros com traços biográficos; uma dissertação de Mestrado sobre a correspondência de Pio e Mário (de autoria desta pesquisadora); onze livros em que se encontram menções a Pio; 35 textos em periódicos com menções a ele (sendo oito de Mário de Andrade); onze dissertações e teses que fazem menção a ele; um Trabalho de Conclusão de Curso na área de Biblioteconomia; três menções a ele na correspondência de Mário para outros destinatários.

O tema escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa é aderente à linha geral de pesquisa coordenada pela professora doutora e orientadora Ana Clara Bortoleto Nery, “Filosofia e História da Educação”. Vieira et al (2007, p. 44) destacam que “a história-conhecimento é construção [...] uma representação do real e, como tal, parte do real e não o real em si mesmo”. Sendo assim, acreditamos que a nossa reconstrução histórica e biográfica, ainda que parcial, talvez seja a única possível quando se trata de uma reconstrução biográfica, fiel tanto quanto possível aos vestígios documentais do pensamento desse homem, que possa contribuir para o conhecimento da história e para a história de como o conhecimento foi percebido em determinado período em uma determinada sociedade, no caso deste estudo a sociedade cafeeira do Estado de São Paulo, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX.

Desse modo, esta pesquisa foi uma tentativa de construir ou reconstruir a trajetória de Pio Lourenço Corrêa, como indivíduo independente da figura de Mário de Andrade, seu interlocutor mais famoso. A partir da correspondência entre ambos (objeto da pesquisa de mestrado desta pesquisadora),

veio à luz essa persona até então pouco conhecida fora do círculo familiar, mas que, pelo seu legado intelectual, merecia atenção especial. Tratou-se de, a partir de suas fontes documentais e do seu arquivo, “realizar uma espécie de viagem ao interior do pensamento de [...] [Pio Lourenço Corrêa], e à razão de ser de ações e atitudes suas”, conforme Bellotto (2008, p.201) compreende a importância do estudo de arquivos pessoais. Aos resultados da pesquisa de mestrado (GUARANHA, 2007) em que Pio foi analisado principalmente como interlocutor de Mário de Andrade, foram acrescentadas novas investigações, apresentando, agora, em primeiro plano, Pio Lourenço Corrêa, o interlocutor menos conhecido do modernista, ainda que privilegiado.

Em torno desse objeto de pesquisa, o problema que norteou este trabalho foi a tentativa de responder à seguinte questão: em que aspectos o contexto socioeconômico, os fatos da vida de Pio, seu autodidatismo e, em certo sentido, seu polimatismo, constituíram-se, nesse sujeito da história, elementos de um consórcio entre os mundos econômico e letrado, na sociedade paulista da primeira metade do século XX, aspectos que, em seu conjunto, podem ser interpretados como uma espécie de autoafirmação do capital frente à cultura por meio da ilustração, da erudição e do estudo?

Coerente com a visão de que o estudo da História é uma montagem de vestígios coletados ao longo da pesquisa, elegemos a imagem do mosaico para ilustrar o processo. Assim, o primeiro capítulo, que contextualiza o momento em que viveu o personagem que foi objeto do estudo, tem como título “As peças do mosaico”. Nele, foram apresentados o tempo e o espaço em que se procurou resgatar a memória, foram investigados o desenvolvimento do interior do estado de São Paulo na época de formação da cidade de Araraquara, lugar e momento em que teve início também a família de Pio. O contexto é entendido aqui como uma visão panorâmica, ampla, do tempo e do espaço contemporâneos à vida de Pio Lourenço, o período conhecido como *Belle Époque* (final do século XIX – início do século XX) e suas influências na região do interior paulista. Para isso foi necessário compreender aspectos desse momento no continente europeu e como ele reverberou em nosso país, bem como compreender a penetração do ideário no ambiente interiorano e rural paulista que passava pelo processo de urbanização no período. Esse procedimento é o que Burke (1992, p.10) chama de “paradigma tradicional” da

abordagem histórica, que parte do macrocontexto, cronologicamente e numa visão panorâmica, com um estudo do ambiente e das influências recebidas por Pio, no caso.

Em seguida, foi considerada uma perspectiva mais particular, os aspectos da vida do polímata Pio Lourenço Corrêa, uma visão do pesquisado em um enfoque mais individualizado, das influências que ele exerceu sobre os seus contemporâneos por meio de suas produções nas diversas áreas do conhecimento, que têm caracteres éticos, estéticos, técnicos, políticos e, de grande importância para este trabalho, um caráter didático, aspectos que ajudam a entender como se deu sua formação cultural/intelectual como autodidata. Segundo Burke (1992, p.11), este tipo de abordagem corresponde à “nova história” ou “história que se interessa virtualmente por toda a atividade humana”.

Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para que os visitantes e pesquisadores entendam a importância da Sala Pio e Mário da Biblioteca Pública Municipal de Araraquara/SP e do acervo que ela contém. Espera-se, ainda, que os resultados desta pesquisa ajudem também na conscientização dos gestores da cidade de Araraquara quanto à necessidade de conservação do acervo da sala Pio e Mário da Biblioteca Pública Municipal, não só como espaço para visitantes, mas como espaço de preservação da memória cultural da cidade e de valorização do passado. Além disso, e em consonância com a área principal em que se insere este trabalho, espera-se que o espaço dedicado a Pio possa ser também utilizado como um importante aparelho cultural destinado ao desenvolvimento de projetos de ensino e aprendizagem de língua, literatura e história, entre outras disciplinas, para os estudantes do município, bem como possa tornar-se um centro de pesquisas para graduandos e pós-graduandos, tendo em vista a quantidade de rico material disponível para estudos acadêmicos. Espera-se, enfim, que este trabalho contribua para que a comunidade perceba o potencial do espaço como fonte e memória de criação.

Após estabelecer a *persona* em seu contexto, ou seja, Pio Lourenço Corrêa na Araraquara de seu tempo, foi necessário analisar as diversas atividades a que se dedicou e os diversos epítetos que, conseqüentemente, couberam-lhe: autodidata, letrado, bibliófilo, naturalista, linguista, filólogo e escritor. Todas essas atividades, essas áreas de interesse ou esses epítetos forneceram ao menos alguns caminhos para tratar da trajetória do sujeito,

acompanhando seu desenrolar histórico em grupos sociais concretos e em espaços sociais definidos pelos mesmos grupos em suas batalhas pela definição de limites e da legitimidade social e simbólica.

Pio viveu e expressou-se entre a cidade e o campo: no ambiente urbano, nasceu e morou em Araraquara durante a infância; morou durante oito anos em São Paulo para estudos; conviveu com os parentes da metrópole, com a modernidade de Mário de Andrade; voltou a morar em Araraquara, casou-se; conheceu a Europa em longa viagem realizada no ano de 1911. No ambiente campestre, manteve uma distância segura do mundo cosmopolita, vivendo em sua Chácara da Sapucaia, circulando pelas fazendas e pelo seu pesqueiro próximo ao Rio Mogi. Quantitativamente, viveu mais tempo na natureza do que na cidade e organizou criteriosamente sua vida nela, mantendo certa rigidez tradicionalista no comportamento, no vestuário; organizando caçadas e pescarias; e aplicando seus conhecimentos nas atividades das fazendas de café e gado.

Por todos os aspectos que envolvem a trajetória de Pio Lourenço, é possível estabelecer uma relação dessa figura com a personagem Jacinto, do conto de Eça de Queiroz (um dos autores preferidos de Pio, de quem conservou muitas obras em sua biblioteca), “Civilização” (QUEIROZ, 1996, p.51 – 67), conto aliás que foi transformado no romance *A cidade e as serras* (QUEIROZ, 1901), publicação póstuma. Jacinto, no final da história, escolhe viver no campo em Portugal, em vez de viver em Paris, mas pede a um amigo que lhe busque as principais obras que deixara na cidade: livros de Horácio, Virgílio etc. De modo parecido agia Pio, que solicitava a Mário de Andrade, e depois da morte deste a Antonio Candido (1909-2017), que lhe comprassem as publicações em São Paulo, principalmente novidades no campo da língua portuguesa, bem como obras de Botânica, Zoologia, História e outras de seu interesse. Como Jacinto, Pio escolheu viver no campo uma vida rústica, mas não dispensava grandes obras de grandes poetas e filósofos, nem o conhecimento técnico buscando, assim, o equilíbrio entre o melhor da natureza e o melhor da civilização.

Em *O campo e a cidade: na história e na literatura* (1990), Raymond Williams (1921-1988), apresenta uma análise “das diversas respostas que a literatura e o pensamento social ingleses deram, através dos séculos, a esses dois tipos de comunidade humana frequentemente contrastados” (WILLIAMS,

1990, p. 78), mostrando que não são tão polarizados assim. Tratam-se de espaços que dialogam muito mais do que se imagina, principalmente no período que está sendo estudado, momento em que o café produzido no interior paulista enriqueceu as cidades e, principalmente, a metrópole.

Pio Lourenço Corrêa, além de ser um fazendeiro e de viver da agropecuária, considerava-se um linguista, influenciado pela leitura da obra de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Em sua atividade de autodidata, pesquisou expressões e usos da língua portuguesa; fez a revisão gramatical do livro *Amar verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, publicado em 1927, justificando todas as correções com as normas gramaticais que tão bem dominava, resultado de seu autodidatismo. Mário, aliás, por meio das cartas, entre outros assuntos, consultava o “Tio Pio” sobre questões de linguagem. Pio, por sua vez, sempre deixava dinheiro com o escritor, que morava na capital, para que comprasse todos os dicionários e gramáticas que fossem publicados. Ao longo de sua atividade como linguista, Pio também escreveu, durante os anos de 1935 e 1936, a coluna “Fichas de Linguagem” para *O Imparcial*, periódico de Araraquara, bem como publicou sobre o mesmo tema em periódicos de São Paulo e Rio de Janeiro.

Pio continuou estudando e, à medida que enriquecia sua biblioteca com as novidades das áreas de linguagem e ciências, anotava suas pesquisas metodicamente em fichas de estudo, e aplicava em suas fazendas o que lia sobre Botânica e Zoologia, fatos que foram relatados à pesquisadora por Antonio Candido em entrevista concedida em 2006.

Além dos móveis, de sua biblioteca individual, das fichas de estudo e das publicações que compõem a coleção, Pio Lourenço foi proprietário de várias fazendas na região de Araraquara e sua Chácara da Sapucaia (onde Mário de Andrade, em férias, redigiu a primeira versão do livro *Macunaima*, publicado em 1928, conforme contou no prefácio da primeira edição), hoje, compõe o acervo imobiliário da Universidade Estadual Paulista - UNESP, câmpus de Araraquara, funcionando ali o *Centro Cultural Professores Waldemar e Heleieth Saffioti* (CCPWS). Direta e indiretamente, portanto, Pio teve papel de destaque nos meios histórico, linguístico, educativo e cultural da cidade.

A amizade de Pio com Antonio Candido, sociólogo, professor de literatura na Universidade de São Paulo, casado com Gilda de Mello e Souza (1919-2005), prima de Mário de Andrade e sobrinha de Pio, é uma das ramificações

de amizades e diálogos que o fazendeiro estabeleceu com intelectuais das mais variadas áreas. Entre essas amizades, figuram também: o Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto (1896-1981), diretor do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – USP; e Joaquim de Almeida Leite Moraes (1835-1895), presidente da província de Goiás, professor da Faculdade São Francisco, presidente da Câmara Municipal de Araraquara e avô de Mário de Andrade. A amizade mais profícua em termos de documentação foi a que manteve com Mário, diálogo extenso e significativo comprovado pela longa correspondência, de 1917 a 1945, já publicada (ANDRADE & CORRÊA, 2009).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é contribuir para entender a nossa realidade em relação àquele tempo, uma vez que, de acordo com Borges (1993, p. 8): a “história não visa estudar o passado distante e morto, mas é a contribuição que ela pode trazer à explicação da realidade em que vivemos que nos leva a ver como fundamental sua divulgação”.

Conhecer a biobibliografia de Pio Lourenço Corrêa é relevante, pois sua produção intelectual valorizou e buscou compreender a língua e, a seu modo, procurou refletir sobre o conflito entre os valores tradicionais e os modernos no tempo em que viveu. O acervo cultural que legou à sua cidade, a Coleção Pio Lourenço Corrêa, é significativo registro de interesses e assuntos de um autodidata, representante de um modo de pensar de uma época e pode interessar a um público maior e incentivar outras áreas de investigação desses documentos depositados na sala, coleção composta de valiosos escritos os quais permitem o resgate da memória e da história.

1.2 Material e métodos para a organização desta biobibliografia

O ponto de partida teórico para pesquisar, organizar e apresentar a biobibliografia de Pio Lourenço Corrêa (1875-1957) foi o texto de Pierre Bourdieu (1930-2002): “A ilusão biográfica” (2006), e o diálogo que Schwarcz (2013) e Dosse (2015) estabeleceram com ele. Bourdieu faz reflexões sobre as dificuldades que se pode encontrar ao “investigar” a vida de alguém, as falácias que podem ser cometidas e como é fácil cair no reducionismo ao considerar-se a vida como um “todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto” (BOURDIEU, 2006, p. 184).

Todo pesquisador/historiador que se propõe a estabelecer uma biografia precisa fazer escolhas ao conduzir o trabalho e o texto. A escolha mais comum e que parece dar um sentido lógico para os acontecimentos biográficos é seguir a cronologia, num trabalho retrospectivo, registrando o que o biografado realizou, mas também tem um movimento prospectivo, no sentido de mostrar a importância dele na atualidade, bem como para as gerações futuras, quando ocorre a divulgação dos resultados. Tal sequência cronológica, porém, cria uma impressão “ilusória e artificial de sentido” (BOURDIEU, 2006, p. 184-185) fechado e fixo, o que significa, muitas vezes, a necessidade de aproximar e rearticular documentos e fatos de diferentes períodos estabelecendo correlações entre os diferentes momentos em que foram produzidos e aspectos essenciais, mais atemporais, da visão do mundo do sujeito que os produziu, ou seja, analisá-los nas circunstâncias em que foram construídos e para além delas.

Schwarcz (2013, p. 54) aponta o risco das polarizações ao se estudar a biografia de um indivíduo:

[...] em tempos mais recentes, a relação entre biografia e história acabou por inserir-se em um conjunto mais vasto de contraposições que opõe indivíduo a sociedade; individual a coletivo; social a particular; estrutura a contexto; ação individual a ação coletiva. Nessa rede de dualidades tensas, oscilamos entre ver o personagem como apenas a reiteração de impasses sociais e ligados a seu grupo, ou, ao contrário, em buscar nele um caso único, particular e afeito a uma memória de si.

Em seguida, a autora analisa a posição de Bourdieu, propondo o conceito de “trajetória”:

[...] para Bourdieu, o conceito de “trajetória” implicaria objetivar as relações entre os agentes, sem deixar de lado suas forças em campo. Dessa maneira, e de forma diferente das biografias mais consagradas, a trajetória procuraria descrever posições simultaneamente ocupadas em sucessivos campos de força: tanto individuais como “em relação” a demais grupos sociais em concorrência. (SCHWARCZ, 2013, p. 57)

Trata-se de considerar o indivíduo sem desconsiderar o meio em que ele atua, ou seja, as forças centrípetas e centrífugas em sua trajetória.

Bourdieu, por sua vez, afirma que o próprio nome que identifica a pessoa e a institui como indivíduo, a assinatura que está nos documentos civis, sociais, jurídicos, religiosos, profissionais etc., que pode parecer algo definitivo, “não pode descrever propriedades nem veicular nenhuma informação sobre aquilo que nomeia” ou “só pode atestar a identidade da personalidade [...] à custa de uma formidável abstração” (BOURDIEU, 2006, p. 187). Acredita-se, porém, que essa abstração, se produzida com método, possibilitará encontrar um caminho, ainda que incompleto ou imperfeito, para contar uma história de vida. Como diz Schwarz (2013, p. 57):

[...] sem abrir mão da singularidade do sujeito, sua trajetória social representa a compreensão de um desfecho singular, dentro de um espaço social, preenchido por disposições de “habitus”, que vão sendo sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou um grupo de agentes relacionados. No limite, para Bourdieu, a biografia independe do indivíduo, já que muitas vezes esse tem pouca consciência do campo de forças em que opera ou dos sentidos de sua ação. Eventos biográficos são acontecimentos que fazem parte de um fluxo social mais vasto – deslocamentos dentro de diferentes estados do campo social; relações entre capital econômico e capital simbólico.

Diante dessas colocações, tanto de Bourdieu quanto de Schwarz, e da certeza das lacunas que certamente restariam ao final da pesquisa, cogitou-se apresentar a pessoa/persona, os fatos da vida, as realizações, o material que deixou, como uma “rapsódia, heterogênea e disparatada de propriedades biológicas e sociais em constante mutação” (BOURDIEU, 2006, p. 187), assim como Mário de Andrade, amigo de Pio, que empregou o termo rapsódia para qualificar sua obra de ficção *Macunaíma* (1928), narrativa em que costurou lendas, mitos, casos, personagens, falas, músicas, folclore e outras manifestações da cultura brasileira.

O termo rapsódia, na origem, designava um trecho de poema épico, recitado pelo rapsodo, o amarrador de mitos, como foi Homero ao compor suas epopeias *Iliada* e *Odisseia*. A metáfora de uma rapsódia biográfica seria significativa neste trabalho porque a composição da biografia de Pio foi construída a partir da costura dos diversos registros, objetos, testemunhos dele e sobre ele num processo nem sempre cronológico, mas guiado pela interação desse personagem com o seu campo social.

O propósito de registrar e divulgar a vida de Pio, entretanto, não é o mesmo que o escritor modernista tinha ao escrever sobre o seu “herói sem caráter”, mas guardadas as devidas proporções, na visão do teórico Bourdieu, parece que a ideia da rapsódia, termo emprestado da música clássica, que equivale ao *pot-pourri* (francês) ou o termo mais atual *medley* (inglês) da música popular (HOUAISS, 2001, p.2274), ou seja, a junção de trechos de várias músicas em uma só execução, serviria como base metodológica para construir uma biografia, por pressupor um texto mais maleável, uma vez que permite costurar uma série de eventos ou fatos em uma mesma narrativa, fazendo as transições entre eles de forma menos abrupta e mais harmônica, ainda que persistam as lacunas, pois “o indivíduo, a pessoa, o eu, [é] ‘o mais insubstituível dos seres’” (GIDE *apud* BOURDIEU, 2006, p. 191).

Ainda avançando no campo das reflexões sobre qual a melhor forma de compor uma biografia, buscamos François Dosse (1950), na obra *O desafio biográfico: escrever uma vida* (2015), em que o autor reconhece o gênero como “híbrido” ou “impuro”, pela quantidade de variantes ou de elementos que não se consegue abarcar, dedicando todo o primeiro capítulo, “A biografia, gênero impuro” (p.55-122), a essa discussão. Em seguida, constrói quatro capítulos sobre as modalidades de abordagem biográfica que foram surgindo no decorrer da história da humanidade e que, de certa forma, coexistem ainda na atualidade: “A idade heroica” (capítulo 2, p.123-193), em que aborda aspectos do gênero biográfico quando surgiu na Antiguidade e “prestou-se ao discurso das virtudes e serviu de modelo moral edificante para educar, transmitir os valores dominantes às gerações futuras” (DOSSE, 2015, p.123), abordagem que ainda desperta o interesse do público leitor; em seguida, o autor discorre sobre a “A biografia modal” (capítulo 3, p. 195-228), que “visa, por meio de uma figura específica, ao tipo idealizado que [o sujeito biografado] encarna. O indivíduo, então, só tem valor na medida em que ilustra o coletivo” (DOSSE, 2015, p. 195), ou seja, alguém que se destaca e pode servir de retrato de um grupo; por fim, em “A idade hermenêutica” (capítulos 4 e 5, p. 229-359), o autor discute o momento em que os historiadores nos “tempos atuais são mais sensíveis às manifestações da singularidade, que legitimam não apenas a retomada de interesse pela biografia como a transformação do gênero num sentido mais reflexivo” (DOSSE, 2015, p.229). Esta

terceira categoria, por sua vez, o autor subdivide em duas. A primeira, “I - A unidade dominada pelo singular” (capítulo 4, p. 229-296), é aquela em que, em tempos modernos, resgata-se o valor do sujeito histórico de forma reflexiva, o que estimulou a retomada do gênero; a segunda, “II-A pluralidade das identidades” (capítulo 5, p. 297-359), é aquela em que o relato biográfico é tensionado pela pluralidade contida em qualquer ser humano. O capítulo 6 da obra de Dosse é dedicado a discorrer sobre “A biografia intelectual” (p. 361-403), em que o autor reconhece que “o gênero biográfico não abarca unicamente homens de ação, mas cada vez mais os escritores, os filósofos e todos os homens de letras, que se tornam assim objetos de curiosidade e de exercício biográfico”, pois “o homem de ideias se deixa ler por suas publicações, não por seu cotidiano” (DOSSE, 2015, p.361).

Uma tentativa de reconstrução biográfica da trajetória de Pio Lourenço Corrêa parece enquadrar-se na categoria que é tema das biografias hermenêuticas, talvez por sua singularidade e, mais especificamente, por ser um homem de identidades plurais, uma vez que manteve contato tanto com o mundo técnico-científico de seu tempo quanto com o mundo das letras; tanto com os seus conterrâneos da fazenda quanto com os intelectuais da cidade; representou várias identidades ou papéis sociais: de pai (para Mário de Andrade); de dono de terras, proprietário rural um tanto feudal em certos costumes e progressista em outros; de linguista *avant la lettre* que, ao mesmo tempo aceita as novidades linguísticas de Mário mas não as digere muito bem etc...

A obra traz ainda o texto “Ilusão biográfica?” (DOSSE, 2015, p. 208-214), em que o autor dialoga com o artigo de Pierre Bourdieu (2006). Dosse questiona a visão um tanto radical de Bourdieu sobre a quase “impossibilidade” de se estabelecer a biografia de alguém pela intangibilidade de um indivíduo, uma vez que todo processo seria bastante redutor. Dosse relativiza essa postura e apresenta algumas possibilidades ao historiador que deseja abraçar essa empreitada.

Em alternativa ao termo “rapsódia”, Dosse propõe o termo “mosaico”, extraído do sociólogo Howard S. Becker (1928), “para compreender e resgatar o campo do possível” (2015, p. 211), ou seja, o método biográfico poderia “ser concebido como uma peça a acrescentar à montagem de um mosaico [à medida que] [c]ada peça juntada ao mosaico enriquece um pouco mais

nossa compreensão do conjunto do quadro”. (BECKER, 1986, p. 62-62, *apud* DOSSE, 2015, p. 211-212).

O mosaico, assim compreendido, não é só uma justaposição de peças (ou “amarração” como pode acontecer na rapsódia), mas cada peça completa outras e todas juntas vão definindo, completando uma figura ou imagem, valorizando “a heterogeneidade e a singularidade das combinações pessoais” (DOSSE, 2015, p. 212), como acontece também na montagem de um quebra-cabeça. Esta metodologia de construção biográfica pareceu-nos a mais abrangente pois, ainda que o “mosaico” não se apresente completo, futuras pesquisas e informações poderão ser acrescentadas e, a cada nova peça, o quadro poderá ir se ampliando e enriquecendo a figura do pesquisado.

Desse modo, o gênero biográfico ser considerado “híbrido ou impuro” faz sentido, pois “não é possível registrar os fatos da vida [de Pio Lourenço, ou de qualquer indivíduo], separados do aspecto histórico/historiográfico, impossibilidade explicada por Michel de Certeau (2017, p. XIII), uma vez que “[a] historiografia [...] traz inscrita no próprio nome o paradoxo – e quase o oximóron – do relacionamento de dois termos antinômicos: o real e o discurso. [Sua] tarefa [é] de articulá-los e, onde esse laço não é pensável, fazer *como se* o articulasse”. E o autor ainda questiona: “[...] Que aliança é essa entre escrita e *história*?” [Grifos do autor.]

A área da história/historiografia também enfrenta a dificuldade de abarcar os fatos, haja vista as lacunas que, muitas vezes, devem ser preenchidas pelo historiador, o que nos remete novamente à imagem do “mosaico”, quando o pesquisador deve amalgamar os fatos de que dispõe, por meio da imaginação ou da dedução, para preencher as lacunas que os vestígios deixam.

Certeau sugere um caminho, uma operação técnica para a reorganização das peças desse mosaico, um método mais abrangente de investigação que considera não somente como documentos a primazia dos textos impressos, mas outras fontes da pesquisa, afirmando que

[e]m história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Essa nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar esses objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu

estatuto. Esse gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física, e em “desfigurar” as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto proposto *a priori*. Ele forma a “coleção”. [...] O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente. E o vestígio dos atos que modificam uma *ordem* recebida e uma visão social. [...] É necessária aí uma operação técnica. (CERTEAU, 2017, p. 69-70)

O modo como se pretendeu registrar esta pesquisa biobibliográfica é resultante de uma investigação cujo objetivo não está centrado no indivíduo enquanto alguém que foi uma grande celebridade, mas um homem que fez parte, por assim dizer, da história do cotidiano de uma cidade do interior e que soube, a partir desse espaço geográfico relativamente afastado dos grandes centros, em um tempo em que as comunicações eram mais difíceis, inserir-se no mundo letrado da época não só porque tinha parentes letrados, mas também porque tinha interesse pelo estudo, senso crítico, espírito empreendedor e iniciativa de autodidata.

Pio Lourenço Corrêa deixou textos impressos, objetos (livros anotados, recortes de jornais, dedicatórias, cartas), bem como fichas de estudo manuscritas. Apesar de esta pesquisa não abranger a análise integral de toda a coleção, foram selecionados, primordialmente, documentos que têm conteúdo representativo de cada face de Pio, uma vez que há fichas que são apenas anotações esparsas de nomes, palavras, ideias ou de atividades do dia a dia que se, em seu conjunto, constroem algum sentido, isoladamente, enquanto conteúdo, não revelam a atuação intelectual de Pio, seus pensamentos, seu polimatismo. Deve-se considerar, ainda, que a escolha dos textos a serem comentados é sempre subjetiva, subjetividade inerente a qualquer trabalho de pesquisa e também resultado da redistribuição e da produção do material feitas pelo historiador, conforme disse Certeau (2017, p. 67-69). Foi pertinente interrogar essas fontes para uma busca de informações que agregassem sentido à história de vida do pesquisado. A investigação do espólio teve o sentido, para além de analisar a contribuição cultural de seu autor, de buscar indícios sobre o processo de autoformação, tal qual veremos mais adiante.

Todos esses objetos/textos/documentos e seus modos de organização têm a função de

[r]ecuperar a totalidade (...)[,] fazer com que o objeto apareça no emaranhado de suas mediações e contradições; (...) recuperar como este objeto foi constituído, tentando reconstituir sua razão de ser ou aparecer a nós segundo seu movimento de constituição, do qual fazem parte o pesquisador e sua experiência social, em vez de determiná-lo em classificações e compartimentos fragmentados. [Têm a função de] situar a história como um campo de possibilidades. (Vieira et al (2007, p. 10-11).

Não é possível pensar em Pio ou em sua vida sem considerar sua coleção, justamente porque queremos divulgar quem deu origem àquele acervo cultural que se pode observar através das paredes envidraçadas do recinto da biblioteca em que estão arquivados; quem foi a figura histórica da cidade.

Os textos esparsos de Pio Lourenço Corrêa constituem um material que ainda não havia sido estudado nem organizado, assim esta pesquisa se propôs a reunir e divulgar esses documentos que são parte da história da cidade de Araraquara, vestígios de um momento importante da Educação e da Cultura brasileiras, bem como dos estudos da língua portuguesa.

A Tabela 1 sintetiza a quantidade total (136) de referências *de* (70) e *sobre* (66) Pio Lourenço Corrêa e as quantidades respectivas a cada seção.

Tabela 1: Quantidade de referências de textos *de* e *sobre* Pio Lourenço Corrêa

Seção	Quantidade de referências por seção
1-Bibliografia <i>de</i> Pio Lourenço Corrêa sob pseudônimo de Mota Coqueiro e sem pseudônimo	70
2-Bibliografia <i>sobre</i> Pio Lourenço Corrêa	66
TOTAL	136

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Na Tabela 2, apresenta-se a quantidade de referências *de* Pio Lourenço Corrêa (70) distribuídas em duas seções: a produção assinada sob o pseudônimo de Mota Coqueiro (66) e a produção assinada com seu próprio nome (4). Dentro destas seções, foram consideradas subseções: no primeiro caso, do total de 66 referências, há 4 edições de um mesmo livro e 65 textos publicados em periódicos;

no segundo caso, há 4 textos de colaboração em livros e incluídas suas fichas de estudos (7232 imagens de fichas, algumas com frente e verso preenchidos).

Tabela 2: Quantidade de referências de textos de Pio Lourenço Corrêa

Seção	Quantidade de referências por seção
1 Bibliografia <i>de</i> Pio Lourenço Corrêa sob pseudônimo de Mota Coqueiro	66
1.1 Livro	1 (4 edições)
1.2 Textos em periódicos	65
2 Bibliografia <i>de</i> Pio Lourenço Corrêa sem uso de pseudônimo	4
2.1 Colaboração em livros	4
Fichas de estudos	7232
TOTAL	7302

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Na Tabela 3, apresenta-se a quantidade de referências *sobre* Pio Lourenço Corrêa (66), discriminadas em 7 subseções: livro (1), dissertação de mestrado (1), capítulos de livros (4), textos com menções a ele em livros (11), textos com menções a ele em periódicos (35), menções a ele na correspondência de Mário de Andrade com outros destinatários (3) e menções a ele em dissertações e teses (11).

Tabela 3: Quantidade de referências de textos *sobre* Pio Lourenço Corrêa

Seção	Quantidade de referências por seção
1 Bibliografia <i>sobre</i> Pio Lourenço Corrêa	66
1.1 Livro	1
1.2 Dissertação de mestrado	1
1.3 Capítulos de livros	4
1.4 Textos com menções a Pio Lourenço Corrêa em livros	11
1.5 Textos com menções a Pio Lourenço Corrêa em periódicos	35
1.6 Menções na correspondência de Mário de Andrade a outros destinatários	3
1.7 Menções em dissertações e teses	11
TOTAL	66

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

A análise ou investigação documental desta pesquisa buscou, ainda, em consonância com as ideias de Jacques Le Goff (2013, p. 485),

considerar os documentos como monumentos, ou seja, colocá-los em série e tratá-los de modo quantitativo; e, para além disso, inseri-los nos conjuntos formados por outros monumentos: os vestígios da cultura material, os objetos da coleção[...]. Enfim, tendo em conta o fato de que todo documento é ao mesmo tempo verdadeiro e falso [...], trata-se de pôr à luz as condições de produção [...] e de mostrar em que medida o documento é instrumento de um poder (cf. poder/autoridade).

O documento/monumento, ainda segundo Le Goff (2013, p.495): “não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”, por isso apresentam-se como indícios da dinâmica social contemporânea ao objeto de nossa pesquisa, Pio Lourenço Corrêa, uma vez que, segundo Schwarcz (2013, p. 57):

[...][os documentos] fornece[m] ao menos alguns caminhos para tratar da trajetória de sujeito, acompanhando seu desenrolar histórico em grupos sociais concretos e em espaços sociais definidos pelos mesmos grupos em suas batalhas pela definição de limites e da legitimidade social e simbólica.

Retomando algumas ideias de Le Goff (2013, p. 496-497),” [o] documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram”. Assim, foi relevante pesquisar a Coleção Pio Lourenço Corrêa – CPLC, especialmente os documentos escritos, pois estes assumem caráter de “testemunho escrito” (LE GOFF, 2013, p. 486):

[o] documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. (LE GOFF, 2013, p.497).

Alguns desses objetos/documentos/monumentos mais frágeis foram fotografados ou fotocopiados, respeitando-se a melhor forma de preservá-los, como exemplos ou testemunhos do trabalho intelectual de Pio. Para a leitura e compreensão do testemunho que essas imagens fornecem, buscamos apoio em Peter Burke (1937), principalmente em sua obra *Testemunha ocular* (2017), em que adverte o leitor sobre os perigos ou falácias que também podem enganar o pesquisador/historiador. As imagens precisam ser interrogadas ou analisadas com cuidado, pois podem apresentar “distorções”, mas

[...]o processo de distorção é, ele próprio, evidência de fenômenos que muitos historiadores desejam estudar, tais como mentalidades, ideologias e identidades. A imagem material ou literal é uma boa evidência da “imagem” mental ou metafórica do eu ou dos outros. (BURKE, 2017, p. 50).

As imagens dos livros anotados, os recortes de jornal de textos publicados, as fichas de estudos manuscritas, as fotos, com certeza ajudaram no “mosaico” que se almejou compor, porque foram tratados ou considerados com muito cuidado e olhar crítico.

Um aspecto adicional analisado nesta pesquisa foi o papel dos intelectuais na escrita da história, a relevância da divulgação de sua biografia, sua colaboração na história cultural de um determinado lugar ou tempo. Para tanto, buscamos apoio em Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli, organizadores de *Para uma história cultural* (1998), obra em que são analisadas as várias fases da humanidade e suas respectivas produções culturais, a importância dos intelectuais na produção e no registro histórico da cultura. No capítulo “Social e cultural indissociavelmente”, Antoine Prost (1933) analisa, por exemplo, a relação do individual com o coletivo no âmbito da cultura:

[s]ó existe cultura partilhada, pois a cultura é mediação entre indivíduos que compõem um grupo. É o que estabelece entre eles comunicação e comunidade. Mas a cultura é também mediação entre o indivíduo e a sua experiência; é o que permite pensar a experiência, dizê-la a si mesmo dizendo-a aos outros. (RIOUX & SIRINELLI, 1998, p. 135).

No capítulo “As elites culturais”, o próprio Sirinelli (1949, p. 260) analisa a abrangência desse campo de estudos, o da importância dos intelectuais

para a escrita da história, bem como dessa expressão “elites culturais”, e afirma: “[...] as elites culturais não são o domínio exclusivo do historiador – nem, aliás, domínio reservado de qualquer outra das ciências humanas ou sociais. Elas estão colocadas, legitimamente, sob o olhar cruzado de várias disciplinas”. O campo de significados para os termos “intelectual”, “cultural” e “elite” sofreu alterações no decorrer da história. Da valorização da figura dos heróis à valorização de grandes homens de ação, atualmente, temos a grande valorização dos homens que trabalham com ideias, pensadores, intelectuais que despontam em variadas áreas.

Pio Lourenço Corrêa atuou em diversas áreas, destacando-se notadamente como linguista/filólogo autodidata, sendo responsável pela coluna “Fichas de linguagem”, no jornal *O Imparcial* de Araraquara, notadamente nos anos de 1935 e 1936, além de ser um leitor e estudioso que tinha por hábito fazer anotações nas margens dos livros, como também procedia Mário de Andrade. Para compreender esta prática, foi importante buscar apoio teórico em Pierre Bourdieu, na obra *Coisas ditas* (2004), o capítulo “Leitura, leitores, letrados, literatura” (p.134-148), em que o autor analisa o ato de ler, como se desenvolve o hábito da leitura, além de estabelecer e comentar os conceitos e a função dos filólogos.

Para compreender a relação de Pio Lourenço com a linguagem e como sua atividade repercutiu em seu entorno, apoiamos-nos nos estudos de Bourdieu, *Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem* (1993), e na obra organizada por Peter Burke e Roy Porter. Esta, com vários colaboradores, é dividida em três partes: “Línguas autoritárias”, “Linguagem e autoridade social” e “Significado e indivíduo”. Os títulos são bastante indicativos do conteúdo desses capítulos, que tratam de demonstrar o poder da linguagem, analisar as diferentes dimensões da linguagem falada e da linguagem escrita, bem como compreender a linguagem como um elemento constitutivo de poder.

Mais um aspecto importante em nossa investigação foi o hábito de fichar as leituras e os temas estudados, método adotado por Pio Lourenço Corrêa. Fichar não foi uma prerrogativa dele, mas foi um método que adotou ao longo de sua vida como uma forma de estudar os temas em profundidade, não só coletando informações, mas selecionando-as, recortando-as com a

intenção de, a partir delas, produzir conhecimento. Essa prática talvez tenha sido pela intenção de dialogar criticamente com as informações mais do que acumulá-las. O fichamento era uma prática comum na época e é ainda hoje, mesmo que feita eletronicamente.

O que distingue o fichamento de Pio é o fato de ele ter deixado seus registros como herança intelectual. Quanto ao método de fichamento de Pio, podemos destacar dois pontos: o caráter idiossincrático dele, que se reflete em outras ações de sua vida (como veremos em alguns casos mais adiante), presente nos documentos; a aspiração a ser um reconhecido produtor de conhecimento, de cultura, mais que um produtor de café que aparece nas fichas materializadas nas observações do fazendeiro que virou pesquisador ou do pesquisador que emergiu do fazendeiro.

Para compreender o significado e a importância das fichas de estudo, recorreremos às reflexões de André Leroi-Gourhan (1911-1986) em *O gesto e a palavra*, volume 2 - “Memória e ritmos” (2002). Encontramos também algumas reflexões sobre o método de fichamento em *O trabalho intelectual – Conselhos para os que estudam e para os que escrevem* (2018), de Jean Guilton (1902-1999).

Os esforços para analisar os resultados da pesquisa e apresentá-los ao leitor foram concentrados, em grande parte, em determinar, evitando-se interferências da historiadora tanto quanto possível, a importância do método de estudo de Pio Lourenço Corrêa, como reflexo de seu modo de viver e de agir e acreditamos que, a partir dos “modos” do fazer desse personagem, talvez tenhamos conseguido também chegar a aspectos de seu modo de ser, bem como compreender os porquês inerentes à formação dessa personalidade.

2

As Peças do Mosaico

2.1 O tempo e o espaço da memória

2.1.1 A Belle Époque em Araraquara

A *Belle Époque*, período vivido por Pio Lourenço Corrêa, é um termo francês que significa literalmente “bela época”, que se inicia, no continente europeu, nas últimas décadas do século XIX, mais precisamente por volta de 1870, e que termina com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Trata-se, ainda, de um momento histórico ambivalente, pois por um lado foi uma bela época por causa dos desenvolvimentos técnico, tecnológico, da aceleração e do movimento, da modernidade que estava se aproximando para os mais jovens; por outro lado, para os mais experientes, representou a necessidade de se manter um certo conservadorismo dos valores frente a um mundo cambiante.

José Paulo Paes (1985, p. 67) afirma que a *Belle Époque* foi

um longo interregno de paz que se estendeu de 1870 até a Primeira Guerra Mundial e durante o qual prosperou uma rica sociedade burguesa, brilhante e fútil, amante do luxo, do conforto, dos prazeres em cujas camadas mais cultas os artífices do *art nouveau* encontram os seus clientes de eleição.

A *Art Nouveau* ou Arte Nova ficou bastante evidenciada na arquitetura do período por sua exuberância de formas e materiais, com linhas sinuosas e desenhos em formatos de folhagens. A decoração dos ambientes ganhou

bastante atenção, com móveis e objetos que refletissem as inovações da sociedade industrial, principalmente nos quesitos luxo e exotismo (IMBROISI & MARTINS, 2022).

Gilberto Mendonça Teles (1987, p.39) analisa as polaridades da época, sob outro ponto de vista, destacando principalmente a questão estética:

por um lado[...] o culto à modernidade, resultado das transformações científicas por que passava a humanidade; e, por outro, consequência do esgotamento de técnicas e teorias estéticas que já não correspondiam à realidade do novo mundo que começava a desvendar-se.

O grande centro cultural do período e que influenciou outras nações e culturas foi Paris. O barão Georges Eugène Haussmann (1809-1891), baseando-se “em três ideais modernizadores – higienização, embelezamento e racionalização” (FOLLIS, 2004, p.24), promoveu uma grande reforma urbana na capital francesa, de 1853 a 1869, autorizado pelo imperador Luís Napoleão ou Napoleão III (1808-1873). Muitos prédios antigos foram demolidos, a cidade perdeu seu traçado medieval e ganhou amplas avenidas, sistema de esgoto, construções neoclássicas suntuosas, parques e jardins monumentais. O fluxo de pessoas, mercadorias e meios de transporte ficou descongestionado; as construções mais amplas e distanciadas entre si promoveu melhor circulação de ar e maior incidência de sol, diminuindo a propagação de epidemias; normas mais rigorosas de higiene foram estipuladas; a ligação entre os subúrbios e o centro ficou mais rápida; as classes menos favorecidas foram impelidas a morar nos subúrbios, política que as distanciou dos centros de poder e enfraqueceu possíveis focos revolucionários da classe trabalhadora, contribuindo para a melhoria da segurança pública, segundo a visão de seu idealizador. Além dos citados quesitos práticos, havia também a preocupação com a beleza. A cidade precisava “impressionar por sua beleza” (FOLLIS, 2004, p. 26).

Essa reestruturação da cidade de Paris causou grande impacto e admiração, bem como passou a servir de modelo para várias outras cidades ao redor do mundo, inclusive para as metrópoles brasileiras, ainda que de forma mais modesta e lenta. A modernização das cidades brasileiras começou pelo Rio de Janeiro, nossa então capital federal e, por volta de 1870, também chegou a São Paulo: ruas mais largas; lampiões a querosene da iluminação

pública substituídos por iluminação a gás e, um pouco depois, luz elétrica; sistema de água e esgotos modelar. Também “os centros urbanos emergentes do Oeste Paulista, beneficiados pela riqueza proveniente da cultura cafeeira e pela chegada da ferrovia, também passaram por um processo semelhante, não obstante caracterizado por suas peculiaridades” (FOLLIS, 2004, p.31). Ainda segundo Follis (2004, p.15):

A Belle Époque se caracteriza pela expressão do grande entusiasmo advindo do triunfo da sociedade capitalista nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, momento em que se notabilizaram as conquistas materiais e tecnológicas, ampliaram-se as redes de comercialização e foram incorporadas à dinâmica da economia internacional vastas áreas do globo antes isoladas. Época marcada pela crença de que o progresso material possibilitaria equacionar tecnicamente todos os problemas da humanidade. Nesse contexto, as cidades assumiram redobrado valor como *locus* da atividade civilizatória, espaço privilegiado para usufruir o conforto material e contemplar as inovações introduzidas pela modernidade. Para isso, as cidades precisavam renovar suas feições de modo a se mostrarem modernas, progressistas e civilizadas. As cidades modernizadas constituíram então a maior expressão do progresso material e civilizatório de um período que se convencionou chamar de *Belle Époque*.

Araraquara também refletiu a necessidade de modernização à moda parisiense. Segundo Benincasa (2003, p. 12), a descrição da cidade de “Araraquara, em um artigo do jornal *Correio de São Carlos*, assemelhava-se a *uma senhorita perfumada, cheirando a jasmim*”, e transcreve o trecho do periódico:

(...) é por assim dizer, uma cidade feminina. Com suas ruas bem calçadas, estreitas, ornadas quasi todas de arvores copadas, tem o aspecto duma cidade jardim. Possuindo a Esplanada das Rosas, em torno da qual estão situados todos os principais prédios da cidade, Araraquara dá a ideia duma cidade tipicamente provinciana, onde o fator distancia não existe, e se póde ir ao cinema, ao clube, à igreja, à escola e voltar ao hotel sem dar mais de meia dúzia de passos... Tudo isso proporciona àquela linda cidade paulista um ambiente por assim dizer familiar e carinhoso. É como si toda a “urbs” não passasse duma sala de visitas enfeitada. (*Correio de São Carlos*, São Carlos, 15 de janeiro de 1939. Apud: TRUZZI, Oswaldo. S/d, p.202-203). (sic)

As marcas estéticas da *Belle Époque* em Araraquara, nos moldes do que ocorreu na capital do estado, ficaram registradas no Teatro Municipal da cidade, localizado onde hoje está a prefeitura, acompanhado do Clube Araraquarense e do Hotel Municipal:

[c]onstruído no estilo Mourisco, o Teatro de Araraquara tinha as mesmas formas arquitetônicas do prédio da Ópera *Garniere*, de Paris, construída na época do Barão de Hausmann. Sua iluminação, pela quantidade de lâmpadas, beleza do material e sua distribuição, era considerada deslumbrante. Os lustres eram riquíssimos. O mobiliário, com tapeçarias e cenários importados, era distribuído entre 22 camarins, dois salões para coristas, gabinetes e jardins. Contava ainda com grades, bar, gabinetes, salões, um assoalho móvel acionado por através de um sistema hidráulico localizado em seu porão, e ventiladores elétricos, que formavam um conjunto magnífico. (*O Imparcial*, 2018, *site oficial do periódico*).

A Figura 1 retrata o conjunto arquitetônico referido e ilustra a influência da arquitetura francesa na cidade.

Figura 1: Teatro Municipal, Clube Araraquarense e Hotel Municipal (foto do início dos anos de 1960).



“A ‘nova’ Araraquara contava com o antigo teatro (atual prefeitura), antiga sede social do Clube Araraquarense e o Hotel Municipal (ao fundo). (Foto: Reprodução).” Fonte: COSTA, 2015, p.93.

Segundo Corrêa (2008, p. 152),

[o] Clube Araraquarense foi fundado em 1882 para atender aos interesses das famílias araraquarenses para as quais já não bastavam as reuniões familiares ou as reuniões religiosas. Criado com finalidade recreativa, era o clube a institucionalização da classe dominante da cidade, formada naquela altura pelo setor agrário-financeiro da vila. Oferecia a um grupo a oportunidade de preencher uma parte do tempo livre em divertimentos com os jogos lícitos. A oferta de recreação estendia-se aos jovens da família. Uma vez por mês, havia baile. Serviam chá com sequilhos. Não se permitia a entrada de moças com trajés excessivamente elegantes. A vestimenta deveria guardar uma certa sobriedade.

O clube, uma instituição indicativa de modernidade, era mantido pela elite cafeeira que estabelecia as regras de seu funcionamento e, pela descrição anterior, nota-se o conservadorismo, principalmente no quesito da vestimenta feminina, além do chá servido, de tradição inglesa.

Há outros registros do processo de modernização da cidade:

[o]s homens ilustres se uniram, traçaram planos, se cotizaram e começaram, carinhosa e decididamente, a trabalhar a construção do sonho. O trabalho, efetivamente, começou com o Sr. Major Pio Corrêa de Almeida Moraes, Prefeito de Araraquara entre os anos de 1906 e 1907. Mas foi a partir de 15 de janeiro de 1908, quando assumiu o Sr. Américo Danielli (1908-1910), que os homens que planejaram a nova cidade colocaram, definitivamente, o plano em prática. Nascia a Nova Araraquara. (*O Imparcial*, 2018, *site* oficial do periódico).

Todas essas transformações urbanas e melhorias foram patrocinadas pela economia cafeeira, estenderam-se também às sedes das fazendas e os proprietários mais abastados começaram a empregar, no meio rural, as novidades dos recursos técnicos tanto na agropecuária quanto em suas moradias, surgindo grandes e confortáveis casarões. Em Araraquara, a primeira fazenda cafeeira de referência foi a Fazenda Pinhal, iniciada em 1830. Essa fase áurea durou aproximadamente até 1930, quando então teve início o declínio dessa lavoura na região.

É nesse tempo de grandes possibilidades, de riqueza material, mas também de muitas dificuldades, principalmente para os habitantes menos

abastados, quando tudo demorava um pouco mais a chegar, que nasceu Pio Lourenço Corrêa. Seu comportamento, seu meio de vida, os amigos que cultivou e sua produção intelectual são bastante marcados por essa ambientação, esse “espírito de época”: hábitos até certo ponto conservadores; convívio pacífico, mas crítico, com a modernidade; estudos constantes para manter-se atualizado; interesse por variados assuntos, possibilitados pelos recursos financeiros; busca pelo conforto que as invenções modernas propiciaram, sem abrir mão de seu espaço preferido, sua Chácara da Sapucaia, em Araraquara. Filho da *Belle Époque*, portanto, Pio irá ser um representante desse período e sua trajetória será marcada pelas características desse momento: culto à modernidade com certo elitismo; busca de novas técnicas para melhorar as condições de vida, acessível apenas aos mais abastados; desenvolvimento urbano rápido propiciado pelo trabalho rural.

2.1.2 Constituição da cidade de Araraquara e fatos biográficos de Pio Lourenço Corrêa

A região de Araraquara/SP, em 1500, era habitada pelos índios da nação Guaianás. Martin Affonso de Souza encontrou-os, em 1532, nos vales dos rios Mogi-Guaçu e Tietê até os campos de Piratininga e a serra de Paranapiacaba (FRANÇA, 1915, p. V). Quando se estabeleceu o sistema de capitanias hereditárias, que perdurou de 1534 a 1549, o “donatário da capitania ficou responsável pela doação das sesmarias aos colonos, obedecendo às Ordenações do Reino” (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 13). Como as capitanias eram extensões muito grandes de terras, difíceis de administrar e mais ainda de cultivar, a Coroa Portuguesa estabeleceu as seguintes orientações: o donatário “[n]ão tinha o direito de cobrar foros, pensões ou qualquer outro tributo ou taxa do contemplado. O sesmeiro tinha apenas a obrigação de pagar o dízimo à Igreja, cobrado sobre a produção e não sobre a terra, o que certamente facilitava a manutenção de extensas áreas improdutivas” (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 13). As exigências aos sesmeiros era de tornarem as terras produtivas num prazo de cinco anos - senão lhes seriam tomadas em nome da Coroa Portuguesa, sem nenhuma indenização -, além disso, deveriam realizar a “demarcação legal das terras, abrir ou conservar caminhos, construir pontes e outros melhoramentos no sentido de propiciar o trânsito público” (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 14).

A Coroa Portuguesa, apesar de estabelecer tais regras, não dispunha de fiscalização eficiente, assim as autoridades coloniais acabaram por favorecer a classe dominante ou aqueles que lhes prestavam algum serviço relevante (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 14). Além disso, os limites de terras estabelecidos nas cartas de sesmarias eram muito imprecisos, pois os métodos de medição e demarcação eram rudimentares e permaneceram assim até o século XIX (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 14-15).

Cincinato Braga, historiador, em seu *Almanack de São Carlos*, de 1894, contou sobre o desenvolvimento da região oeste do estado de São Paulo, onde estavam os Sertões de Araraquara, parte da antiga Capitania Geral de São Vicente. Ele afirma que até o começo do século XVIII, o desenvolvimento e a povoação eram quase nulos. Na segunda metade do século XVIII, alguns exploradores começaram a chegar até o local (BRAGA, 1894, *passim*). Follis e Truzzi (2012, p.9-10) descrevem a extensão do município de Araraquara, informando:

[o] município de Araraquara, reconhecido como freguesia do município de Itu e Porto Feliz em 1817 e desmembrado do município de Piracicaba em 1832, era constituído, em meados do século XIX, por uma enorme região de fronteira, conhecida pelo nome de Sertões de Araraquara, caracterizada pela tênue integração às zonas mais povoadas do estado. Para se ter uma ideia do que era o município em 1855, basta dizer que o mesmo (*sic*) abrangia a vastíssima área delimitada: a) do lado sudoeste, pelo então termo da Vila de Rio Claro, prosseguindo pela margem direita do Tietê até o deságue no Rio Paraná; b) a leste pela margem esquerda do Rio Mogi-Guaçu, e depois pelo Pardo; c) ao norte pelos confins do estado delimitado pelas barrancas dos rios Grande e Paraná, na divisa com Minas Gerais e Mato Grosso.

Ainda segundo Follis e Truzzi (2012, p. 21), as expressões Sertões ou Campos de Araraquara:

[eram] a designação genérica e maleável produzida pela memória coletiva para uma imensa área situada no planalto ocidental paulista, território cujo interior se manteve pouco conhecido do não índio até o último quartel do século XVIII, em contraponto à região da margem esquerda do rio Piracicaba, mais trilhada e conhecida dos paulistas.

O nome da região foi herdado dos Morros de Araraquara, “cadeia de montanhas localizada ao longo da margem direita dos rios Tietê e Piracicaba [...] que servia de ponto de referência para os monçoneiros e bandeirantes que viajavam pelo rio Tietê ou por terra” (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 21). Inicialmente, acreditava-se que a palavra Araraquara significava, na língua tupi, ninho de araras, pois havia muitas dessas aves na região, mas Pio Lourenço Corrêa buscou provar, em suas quatro edições da *Monografia da palavra Araraquara* (1936, 1937, 1940 e 1952), que o significado era “lugar onde nasce o sol”, assunto de que trataremos mais adiante. A seguir, apresentamos um mapa da região em seus primórdios.

Figura 2: Mapa da região de Araraquara e entorno no início da povoação (s/a, s/d).



Fonte: FRANÇA, Antonio M. (org.). Álbum de Araraquara – 1915. Araraquara: Câmara Municipal, 1915, p. 17.

Follis e Truzzi (2012, p.22) afirmam que a primeira referência ao nome Araraquara foi encontrada no *Diário de Viagem* do astrônomo português Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, que fez uma expedição fluvial pelo interior do país, em 1788, por ordem do Governador e Capitão General da Capitania de Mato Grosso e Cuiabá, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres. A viagem teve início em Villa Bella (depois cidade de São Luiz de Cáceres, e hoje, Cáceres, Mato Grosso) até a cidade de São Paulo. No registro do dia 24 de dezembro de 1788, em viagem pelo Rio Tietê acima, ele escreveu:

Com 3 horas de navegação, passei a cachoeirinha do Banharon e, pouco acima, um poço do mesmo nome. Um quarto de légua acima desse poço, e na parte côncava da enseada, se avista à distância de 3 léguas para N.E. uns montes, que lhes chamam de *Araraquara*, que pela tarde quando lhes

bate o sol representam uma grande cidade. É tradição que nestes montes há muito ouro. (ALMEIDA *apud* FRANÇA, 1915, p. V-VI)

A história da região atribui a Pedro José Netto a “descoberta” das terras, por volta de 1790. Ele teria chegado ali fugindo da região de Itu por ter cometido um crime e ter se internado nas matas. Chegando a essa região, tomou posse das terras e nomeou as primeiras sesmarias: Ouro, Rancho Queimado, Cruzes, Lageado, Cambuhy, Monte Alegre (onde fixou residência) e Bonfim. Quando começaram a surgir novos exploradores, Pedro José Netto aceitou dividi-las, na condição de que não o entregassem à justiça.

Follis e Truzzi (2012, p.32-33), em pesquisa mais recente, afirmam que, apesar das inúmeras narrativas de façanhas e da atribuição de qualidades enobrecedoras ao “herói” Pedro José Netto, não há nada que comprove ter sido ele um foragido da justiça nem que tenha cometido algum crime. Eles constataram que o ano da chegada do posseiro à região foi 1807 e que houve um recenseamento realizado em 1809, no qual se informa que

o futuro posseiro veio para os Sertões de Araraquara acompanhado da esposa, dos filhos José da Silva (16 anos) e Joaquim Ferreira Netto (10 anos) e, provavelmente, do agregado Francisco de Paula, trazendo por certo alguma bagagem. Portanto, tudo indica que sua vinda para os Sertões de Araraquara teria sido minimamente planejada, e não em fuga desesperada, como afirma a grande maioria dos autores que abordou o tema.

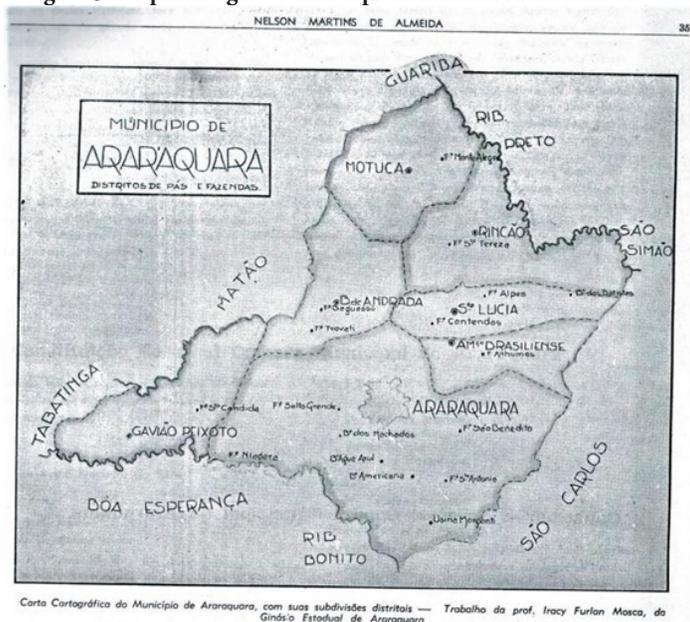
Além dessa informação, os pesquisadores afirmam que Pedro José Netto teve muita dificuldade em conseguir sua carta de sesmaria, solicitada em seu nome e de seus dois filhos à Câmara de Itu (responsável pela região), por não ter muitas posses. O Procurador da Coroa e Fazenda solicitou pesquisas para levantamento da capacidade econômica dos requerentes e avisou que, caso não fosse comprovada, o pedido seria indeferido. Graças à intervenção de algumas figuras poderosas de Itu, no dia 1º de janeiro de 1810, finalmente, o pedido foi concedido e Pedro José Netto tornou-se proprietário de terras.

A ajuda dos poderosos de Itu “leva a crer que o posseiro tenha se aproveitado [da] função de informante” (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p.36), já que era conveniente ter alguém que desse notícias de terras disponíveis na região. “[F]oi justamente a partir de 1810 que os pedidos de sesmarias nos Sertões de

Araraquara se intensificaram, a maioria efetuada por moradores das Vilas de Itu e Piracicaba” (CORRÊA *apud* FOLLIS e TRUZZI, 2012, p.34). Sendo assim, Pedro José Netto também não poderia ter realizado o trabalho de divisão das terras como consta na história oral, já que não era proprietário ainda.

A seguir apresenta-se outro mapa do município com suas primeiras subdivisões de terras:

Figura 3: Mapa da região de Araraquara e suas subdivisões distritais



Fonte: ALMEIDA, Nelson Martins de (org.). *Álbum de Araraquara – 1948*. 1.ed. Araraquara: s/e, 1948, p. 35.

França (1915, p. XIII-XIV) registra que, com essa distribuição de propriedades (segundo ele, feita por Pedro José Netto) e com seus novos donos requerendo cartas de sesmarias, foi nomeado um juiz de medições para dividir adequadamente as terras, em 1812: o Sargento-Mor José Joaquim Corrêa da Rocha, natural de Porto Feliz (região que também fazia parte dos Sertões de Araraquara), avô de Pio Lourenço Corrêa, que, aliás, comprou a Sesmaria do Lageado. A povoação que deu início ao que hoje é a cidade de Araraquara teria se formado a partir da Sesmaria do Ouro, que abarcava quase toda a região ao redor do Ribeirão do Ouro.

Em 1915, Pio Lourenço Correa participou da elaboração do *Álbum de Araraquara – 1915* (FRANÇA, 1915). Livro em homenagem à cidade, organizado por Antonio M. França e editado por João Silveira, sob os “auspícios” da Câmara Municipal. Muitos textos informativos estão sem o nome dos autores, mas segundo Antonio Candido (em entrevista à pesquisadora), a maior parte da redação foi feita por Pio Lourenço Corrêa. A compra da Sesmaria pelo avô de Pio está relatada no *Álbum de Araraquara de 1915* (FRANÇA, 1915), e à página XIV, lê-se:

[s]egundo a tradição oral, e pelo que encontramos escripto, e ouvimos pessoalmente confirmado pelo Snr. Capitão Antonio Lourenço Corrêa, que ouviu de seu Pae Commendador Joaquim Lourenço Corrêa, que para aqui mudou-se em 1840, e este de seu avô Sargento-Mór José Joaquim Corrêa da Rocha, que aqui esteve em 1812, como juiz das medições, e comprou a sesmaria do Lageado, sabe-se, como já dissemos, que Pedro José Netto, fugindo ás justiças de Itú, veio ter á pequena matta existente em S. Carlos, junto aos campos do “Pinhal”, e ele contava que parou ali, receoso, porque os sertanistas temiam perder-se nas mattas intermináveis e sem caminho algum. [Mantida a grafia original do texto.]

Nessa obra comemorativa do aniversário da cidade, ouve-se a voz de Pio referindo-se aos homens de sua família e afirmando que essa história da origem da cidade foi transmitida de pai para filho oralmente. Follis e Truzzi (2012), por sua vez, registram informações documentais, registros oficiais, sobre a posse das terras da família de Pio, portanto mais abalizadas.

Com a vinda da Corte Portuguesa ao Brasil, em 1808, D. João VI havia tomado ciência do processo desorganizado de distribuição de terras e, tentando promover o desenvolvimento agrícola da colônia, solicitou um levantamento de dados cadastrais das terras rurais. “Tal medida deu origem ao chamado *Inventário de Bens Rústicos*, coligido entre 1817 e 1818” (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 9). Em 1822, o sistema de sesmarias foi abolido, mas o processo informal de posse de terras continuou à revelia do controle do Estado. Em 1850, foi elaborada a Lei de Terras, uma tentativa governamental de retomar o controle, determinando que “as terras, uma vez identificadas e mapeadas, só poderiam ser alienadas por venda, ficando proibido o apossamento de terras públicas” (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 9). Para agilizar o

processo de registro e controle de terras, também a partir de 1850, as igrejas municipais, como eram locais estratégicos e acessíveis à população, passaram a realizar o Registro Paroquial de Terras, bastando a declaração dos proprietários e/ou possuidores de terras, sem a necessidade de “documentação comprobatória” (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 9).

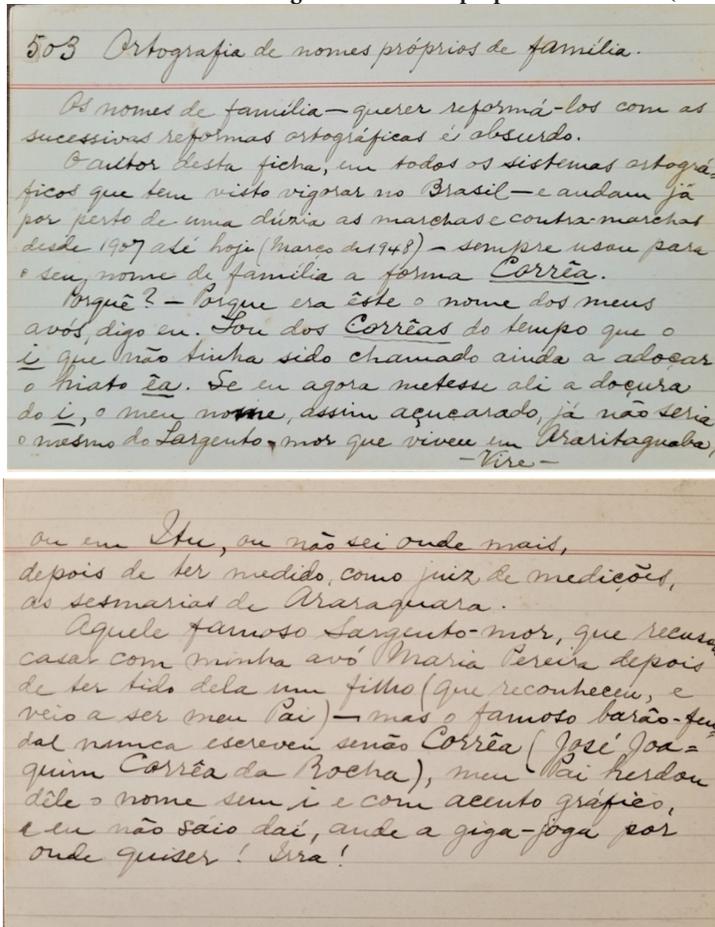
Quanto às terras da família Corrêa, encontra-se nos *Registros de propriedades do município de Araraquara* (1855-1858), redigido por Joaquim Cypriano de Camargo (*apud* (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 79-80), o registro de número 90, com o seguinte texto (mantida a ortografia original):

Aos vinte e sete dias do mez de Novembro de mil oitocentos cincoenta e cinco nesta Villa de São Bento de Araraquara por Joaquim Lourenço Correa me foi apresentado hum titulo de terras para ser registrado o qual he do theor seguinte. Eu abaixo assignado sou Senhor e possuidor das terras seguintes nesta Freguezia. Huma Sismaria com duas legoas de testada, e legoa e meia de Sertão, com a denominação de Lageado = comprada a meo Pai Jose Joaquim Correa da Rocha a quinze anos, divisando com as seguintes Sismarias; para o Norte com a Sismaria de Antonio Vaz, ao Este com a de Dona Brites Maria Gavião, ao Sul com a do Laranjal, e ao Leste com as do Ouro, e Cruzes: assim mais hum citio denominado São Lourenço = na Sismaria do Laranjal, dividindo ao norte com a Sismaria do Laranjal, digo do Lageado, a Leste com Francisco de Paula Correa, ao Sul com Antonio Ribeiro, e outros, ao Leste com Antonio Garcia, Francisco Lopes Ferraz, e outros compradas a Antonio Manoel de Siqueira e a Fabiano Ferraz; assim mais duas partes compradas a Manoel Joaquim da Silveira e José Florencio de Marins, na Sismaria do Ouro, no Ribeirão das Cruzes, pró-indivizas. Araraquara vinte e sete de Novembro e mil oitocentos cincoenta e cinco. Joaquim Lourenço Corrêa. Joaquim Cypriano de Camargo. (*sic*).

Assim, observa-se pelo documento que o pai de Pio, Joaquim Lourenço Corrêa (1811-1887), comprou as terras do próprio pai, avô de Pio, José Joaquim Corrêa da Rocha, dando continuidade à atividade rural da família na região. Quanto ao fato de o avô do pesquisado ser juiz de medições, parece tratar-se de informação equivocada ou talvez tenha sido uma versão mais elegante da ocupação do antepassado divulgada entre os familiares, apesar do registro de próprio punho de Pio Lourenço Corrêa, em sua Ficha de estudo numerada como 503, intitulada *Ortografia e nomes de família*:

[...] Sou dos Corrêas do tempo que o i que não tinha sido chamado ainda a adoçar o hiato êa. Se eu agora metesse ali a doçura do i, o meu nome, assim açucarado, já não seria o mesmo do Sargento-mor que viveu em Ararituaba, ou em Itu, ou não sei onde mais, depois de ter medido, como juiz de medições, as sesmarias de Araraquara. Aquele famoso Sargento-mor, que se recusou a casar com minha avó Maria Pereira depois de ter tido dela um filho (que reconheceu, e veio a ser meu Pai) – mas o famoso barão-feudal nunca escreveu senão Corrêa (José Joaquim Corrêa da Rocha), meu Pai herdou dele o nome sem i e com acento gráfico, e eu não saio daí [...].

Figura 4: Ficha de estudo n. 503 - Ortografia dos nomes próprios e de família (frente e verso).



Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

É preciso levar em conta que os títulos de patentes militares, como consta no registro anterior, muito comuns à época, como sargento-mor, capitão etc., muitas vezes eram usados para tratamento respeitoso a autoridades ou a proprietários de terras e não necessariamente porque tais pessoas exerciam cargos que os justificassem. Pio refere-se ao avô como “sargento-mor” e “juiz de medições”, em sentido denotativo, mantendo a tradição oral da família e valorizando o antepassado, porém usa a expressão “famoso barão-feudal”, em sentido figurado e um tanto depreciativo, quando relembra que ele se recusou a casar-se com a avó, Maria Pereira, mesmo já tendo um filho reconhecido com ela (que viria a ser o pai de Pio). No registro citado, percebe-se o caráter dúbio da figura do antepassado.

Quanto à posse de terras na região de Araraquara, Follis e Truzzi (2012, p. 27-28) apresentam uma tabela com o “Resumo das informações constantes dos registros de terras de 1817-1818 – Inventário de Bens Rústicos (bairro de Araraquara primeira Fazenda)”. O registro n. 274 revela um terreno de propriedade do Capitão-mor Joze Joaquim da Rocha, residente na Vila de Porto Feliz, em sociedade com o Capitão-mor Domingos Soares de Barros, residente na Freguesia, terra ainda sem denominação, com o tamanho de três léguas, obtida por carta de sesmaria e possuidores de um plantel de três escravos.

Desta vez, com o epíteto de “capitão-mor” (e não de sargento), Domingos esteve envolvido em uma disputa de terras, relatada na obra de Follis e Truzzi (2012, p. 37), parafraseada a seguir: em 1818, dois irmãos posseiros, Inácio Gonçalves Lima e Francisco José de Lima, solicitaram carta de sesmaria para uma gleba na qual já estavam instalados com moradia, plantações e criação de gado. O Capitão Domingos Soares de Barros, cujas terras faziam fronteira com a gleba, também tinha interesse nela para aumentar sua propriedade, mas como já havia sido contemplado com carta de sesmaria, fez a solicitação em nome de seu sócio, o Capitão José Joaquim Corrêa da Rocha, alegando que este tinha posses e condições de manter e desenvolver a propriedade, enquanto os irmãos, primeiros solicitantes, não tinham as mínimas condições para manter o local, condição exigida na Lei do Sesmarialismo.

A empreitada do capitão Barros, em acordo com o Capitão Corrêa da Rocha, não teve sucesso e os irmãos Limas ganharam a causa e a carta de sesmaria, pois “[c]ontribuiu para tal decisão a descoberta e denúncia de que

o Capitão Rocha atuava como testa de ferro do capitão Barros” (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 37). Segundo os autores, o fato representa uma exceção na disputa de terras na região, pois não era comum posseiros pobres ganharem a causa, normalmente a decisão era em favor dos mais abastados (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 38).

A figura do avô de Pio, desse modo, confirma-se bastante controversa: há referências como sargento-mor e capitão-mor, mas também como “testa de ferro”. Na história oral da família era tido como juiz de medições, mas seu nome não consta desta forma nos documentos de registros de terras do início da povoação de Araraquara, além de figurar como sócio do Capitão Domingos Soares de Barros, podendo indicar que ambos não tinham posses suficientes para comprar/conseguir terras individualmente ou que se associaram para conseguir terras de forma mais rápida.

À página XVI (FRANÇA, 1915) encontra-se a informação de que o Comendador Joaquim Lourenço Corrêa, em 1840, tornou-se proprietário da Sesmaria do Lageado (informação bastante genérica) e mudou-se para o local, participando do governo da região e sendo muito estimado. Constatou-se que o pai de Pio, o Comendador Joaquim Lourenço Corrêa da Rocha (1811-1887), comprou, em 1840, algumas terras do pai, (Sargento-mor, Capitão-mor?) José Joaquim Corrêa da Rocha (?-?), compostas por uma parte da Sesmaria do Lageado, uma parte da Sesmaria do Laranjal e mais uma parte da Sesmaria do Ouro. O registro de posse se deu quinze anos depois, em 27 de novembro de 1855.

O Comendador casou-se em primeiras núpcias com Francisca Miquelina Corrêa de Moraes (?-1873), com quem teve os seguintes filhos: 1- Maria Luiza Corrêa da Rocha (1836-1919), 2- Francisca Corrêa da Rocha (1838-1887), 3- José Joaquim Corrêa da Rocha (1839-1907), 4- Luiza Corrêa de Moraes (1840-1901), 5- Ana Corrêa da Rocha (1842-1879), 6- Joaquim Lourenço Corrêa Filho (1843-1881), 7- Isabel Corrêa de Moraes (1844-1886), 8- Tenente Pio Corrêa da Rocha (1845-1866, morto na Guerra do Paraguai), 9- Branca Corrêa da Rocha (1847-1912), 10- Capitão Antonio Lourenço Corrêa da Rocha (1848-1923, tutor de Pio), 11- Carlota Corrêa da Rocha (1851-1938), 12- Cândido Lourenço Corrêa da Rocha (1852-1887, pai de Zulmira, futura esposa de Pio) e 13- Hortênsia Corrêa de Moraes Rocha (1855-1858).

Encontramos também um registro que faz alusão ao pai de Pio, Joaquim Lourenço Corrêa, e documenta não só as posses da família, como também um costume da época, a instituição do dote matrimonial. O registro n. 252 (FOLLIS e TRUZZI, 2012, p. 112-113) está assim redigido:

Aos oito de Abril de mil oitocentos, e cincoenta, e seis, nesta Villa de São bento de Araraquara por Francisco de Paula Corrêa e Silva me foi apresentado ùns títulos de terras do theor, e forma seguinte. O abaixo assignado é possuidor de ùma sorte de terras na sismaria do Laranjal, districto desta Villa, que houve, por dote: contendo quinhentas braças de testada, e treis quartos de certão, divizando ao Leste, e Norte, com meu sogro Joaquim Lourenço Corrêa. Ao Este com João de Marins Peixoto. Em ao Sul com Antonio Ribeiro, e outros. Araraquara sete de Abril de mil oitocentos, e cincoenta, e seis. Francisco de Paula Corrêa e Silva. Joaquim Cypriano de Camargo. (Grifos da pesquisadora).

Nesse registro nota-se como a delimitação das terras era imprecisa, como os terrenos eram formados por recortes de vários proprietários e propriedades, bem como a possibilidade de apropriação de terras (pelos homens) por meio do casamento, como dote ao noivo. Francisco de Paula Corrêa e Silva, que apresenta os títulos das terras para o registro, era o marido de Maria Luiza Corrêa da Rocha, a filha mais velha do Comendador, portanto Francisco era genro de Joaquim Lourenço Corrêa e ganhou as terras como dote pelo casamento.

O Comendador Joaquim Lourenço Corrêa, além de fazendeiro, foi vereador na cidade em dois períodos: de 1841 a 1844, e de 1853 a 1856; e Cândido Lourenço Corrêa da Rocha (1852-1887) foi presidente da Câmara Municipal, de 1884 a 1886.

Em 1865, quando Brasil e Paraguai entraram em guerra, o Comendador e depois Tenente Coronel, enviou dois filhos como voluntários para a batalha: o Tenente Pio Corrêa da Rocha (1845-1866), que morreu em decorrência de ferimento na guerra; e Joaquim Lourenço Corrêa Filho (1843-1881), seu primogênito (FRANÇA, 1915, p. XLIV – XLVI). A seguir, as fotos dos filhos “voluntários da pátria”.

Figura 5: Tenente Pio Corrêa da Rocha (1845-1866, morto na Batalha de Curupaity), (foto s/a e s/d); e Joaquim Lourenço Corrêa Filho (1843-1881), (foto s/a e s/d), irmãos consanguíneos de Pio, enviados pelo pai como voluntários da pátria para a Guerra do Paraguai, em 1865, vestidos com o uniforme da Guarda Nacional (COSTA, 2015, p. 150).



Fonte: Museu da Imagem e do Som Maestro José Tescari – Araraquara/SP.

O período em que o pai de Pio Lourenço Corrêa viveu foi marcado pela expansão da cafeeicultura na região. Segundo Fausto (1999, p. 200), por volta de 1870, a cultura cafeeira expandiu-se pela região oeste do estado de São Paulo, “abrangendo a área que vai de Campinas a Rio Claro, São Carlos, Araraquara e Catanduva, região servida pela linha férrea da Companhia Paulista; e a área de Campinas para Pirassununga, Casa Branca e Ribeirão Preto, região servida pela Estrada de Ferro Mojiana”. Ainda segundo Fausto (1999, p. 203): “[a] economia do Oeste Paulista deu origem a uma nova classe que se costuma denominar burguesia do café”. Esse período corresponde, justamente, à *Belle Époque*.

O processo de expansão das estradas de ferro foi lento. Segundo França (1915, p. L), aqui a estrada de ferro em Araraquara, fator crucial para o desenvolvimento da cidade, foi inaugurada em 18 de janeiro de 1885, por concessão dada ao Conde do Pinhal, que organizou a Companhia Rio-Claro de Estradas de Ferro. Desse empreendimento também participou a família Corrêa. Para chegar até Araraquara e depois até Ribeirãozinho, hoje a cidade de Taquaritinga, foi necessária a venda de ações para levantamento de fundos. Entre os que colaboraram com a compra de ações estavam: o Comendador Joaquim Lourenço Corrêa (pai de Pio), Antônio Lourenço Corrêa (irmão e

tutor de Pio), o coronel João de Almeida Leite Moraes (tio-avô de Mário de Andrade). Inicialmente privada, depois foi incorporada à FEPASA – Ferrovia Paulista S.A.

Tendo ficado viúvo, por volta de 1873, o Comendador Joaquim Lourenço Corrêa da Rocha (1811-1887) casou-se em segundas núpcias, em 1874, com D. Rita Maria Pinto de Arruda (?-1888). No dia 12 de maio de 1875, na Vila de São Bento de Araraquara, nasceu Pio Lourenço Corrêa, único filho do casal. O comendador era tio afim de Joaquim de Almeida Leite Moraes (1834-1895), avô materno de Mário de Andrade (1893-1945), o qual havia trabalhado em Araraquara como advogado e presidente da Câmara Municipal. Esse laço familiar aproximará Pio Lourenço Corrêa de Mário de Andrade.

Figura 6: Casa onde nasceu Pio Lourenço Corrêa, em Araraquara/SP (foto de 1930), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 379).



Fonte: Acervo do Museu da Imagem e do Som de Araraquara/SP.

Em 1878, também em Araraquara, nasceu Zulmira de Moraes Rocha, segunda filha do casal Cândido Lourenço Corrêa da Rocha (1851-1887), irmão de Pio Lourenço Corrêa por parte de pai, e Isabel Maria do Carmo de Moraes Rocha (1857-1942), tia materna de Mário de Andrade. Zulmira era, portanto, prima em primeiro grau de Mário, sobrinha de Pio e tornou-se sua esposa.

Pio fez estudos primários em Araraquara. O nome da escola encontra-se em uma carta que escreveu a Maria de Lourdes de Moraes Andrade [Camargo], irmã de Mário de Andrade, em 30 de junho de 1935, enviando informações, solicitadas por Mário, sobre um araraquarense chamado Eurico de Góis:

Aqui viveu dantes, lá pelo derradeiro quartel do século passado talvez, um médico baiano de nome José dos Reis Araújo Góis. Era baixo, encorpado,

de cor muito clara se bem me recorde, embora não fosse louro, e tinha um filho Eurico, menino vivo e peralta, que freqüentou comigo o colégio Luso-Brasileiro, dirigido por um tio afim dele Eurico, o qual tio era português. (sic), (ANDRADE & CORRÊA, 2007, p. 267).

Ainda sobre o período escolar, Orôncio Vaz de Arruda Filho (1987, p. 226), sobrinho-neto de Pio, relata um episódio com Pio Lourenço Corrêa na escola, quando da visita do Imperador D. Pedro II a Araraquara, em novembro de 1886 (Pio tinha então 11 anos):

Para o menino Pio Lourenço Corrêa a memorável visita também acarretou problema. Ao visitar uma escola, D. Pedro foi levado a uma sala de aula para examinar os alunos, como era do seu vazo. Pio Lourenço foi um dos escolhidos. A esmo ou para “honrar” o filho caçula do Comendador Joaquim Lourenço Corrêa? De pé, eretíssimo, o menino ouviu a pergunta do Monarca:

- Como se faz um cristão?

Embatucado diante de tanta imperial majestade, o menino nem balbuciou. A resposta que sabia tão bem e que estava na ponta da língua, lá ficou, grudada, dentro da boca lacrada pela mudez absoluta.

O desaponto foi geral e incomensurável.

Este fato não foi vovô que me contou. Foi o próprio tio Pio.

No ano de 1887, o Comendador Joaquim Lourenço Corrêa da Rocha faleceu, quando Pio tinha então doze anos. Este ficou sob a tutela de seu irmão mais velho, Antônio Lourenço Corrêa que - provavelmente, nessa sociedade patriarcal, por ser o homem mais velho da família, tinha mais poder sobre o menino do que a própria mãe - e decidiu enviá-lo como aluno interno ao Seminário Diocesano de São Paulo, conforme Andrade & Corrêa (2009, p.9). Ainda nesse mesmo ano, faleceu Cândido Lourenço Corrêa da Rocha, outro irmão de Pio por parte de pai, e pai de Zulmira, deixando viúva Isabel Maria do Carmo de Moraes Rocha, que voltou de Araraquara com os filhos para morar na casa paterna de Joaquim de Almeida Leite Moraes (avô de Mário de Andrade e padrinho de Pio), em São Paulo. As casas eram contíguas e a convivência permanente. Assim, Pio estudou em São Paulo, morou na casa do padrinho, acompanhou o nascimento de Mário de Andrade, sendo contemporâneo dos sobrinhos.

Em 1888, foi promulgada a Lei Áurea que punha fim à escravidão no Brasil, pelo menos do ponto de vista legal. Pio Lourenço Corrêa (à época, com treze anos, morava e estudava em São Paulo). Bem mais tarde, em 1948, registrou sua versão de como se deu a Abolição na cidade de Araraquara, em ALMEIDA (1948, p. 27-28), o texto, cuja versão completa está na tese, documenta as impressões do próprio Pio sobre esse momento histórico de sua cidade. Nos excertos, mantivemos a grafia original:

A ABOLIÇÃO EM ARARAQUARA

PIO LOURENÇO CORRÊA

A 13 de maio de 1888, chegou à Araraquara, uma notícia sensacional: A Lei Áurea da abolição da escravatura no Brasil... Houve muito foguetório e os festejos se prolongaram durante a noite toda, com bailes até a madrugada. A liberdade do negro era já esperada com mais ou menos certeza por todos os escravocratas e proprietários de escravos. Muitos, aqui mesmo em Araraquara, já tinham por esse tempo, dado carta de alforria para os seus escravos e estes, pouco a pouco, foram quebrando a disciplina férrea que dominava nas senzalas, a ponto de se levantarem insubordinações violentas e até sanguinolentas.

[...] Êsse ambiente – digamos de guerra social – em 1888 estava já alastrado por toda a zona rural do município, principalmente incentivado por um certo Dr. Fonseca, baiano que foi enviado pelos abolicionistas de São Paulo, para fazer propaganda de liberdade e até de violência, entre os escravos de Araraquara.

Êste Dr. Fonseca, tinha muita amizade com o então Juiz de Direito aqui na Comarca, em cuja casa ficou hospedado. [...]

II – Seguiu-se à Lei Áurea, o agudo da crise social. O negro, depois que “nóis fiquêmo tudo iguá”, não queira mais trabalhar! Pois, si era igual ao ex-senhor!...

Bronco, mal aconselhado pelos demolidores do regime, não trabalhava. Bebia e dançava. Os batuques eram coisa diária nos arrabaldes da cidade. Assim, eram também os furtos de galinhas, de cabras, de gêneros alimentícios. O homem branco reagiu irado: - a sóva de páu e rebenque nos libertos, era igualmente diária. Ádemais, si eramos “tudo iguá”, porque não havia o negro de ser admitido no seio das famílias? Porque não podia casar-se com moça branca?

Essas, e outras “injustiças”, lhe parecia ao negro, colidia com a igualdade, com a lei escrita. [...]

Aqui, em Araraquara, certo dia foi preso e trazido para a justiça, o negro Guilherme, que iludindo a boa fé de u'a moça branca, levou-a para lugar ermo, e aí, violentou-a bestialmente. Já então, se achava recolhido à cadeia pública, o negro Severino, ou Veríssimo, que esperava julgamento por crime de estupro contra uma criança de três anos (“três anos... não é engano”). Esta criança era preta e foi abandonada pelo monstro em estado de coma, no lugar do delito.

Diante do novo atentado ao pudor, praticado com incrível violência contra a moça branca, os araraquarenses em geral tomaram-se de indignação e decidiram retribuir violência por violência. Organizaram-se em numeroso grupo armado e, a 10 de Novembro de 1889, avançaram contra a cadeia, intimando a guarnição (quatro ou cinco praças) a entregar o perigoso sátiro. Diante da atitude dos assaltantes e do seu número, a guarnição nada pôde fazer[...] levaram em triunfo os cadáveres para uma grande paineira que havia na própria praça da cadeia, ataram-nos à ponta de uma corda (um pelos pés, outro pelo pescoço), e os abandonaram pendentes de grosso galho da árvore, para amostra e exemplo do único tipo de justiça que julgavam capaz de regenerar os degenerados daquela espécie.

A respeito dêste fato dos fastos araraquarenses, cabe informar que a Justiça Pública processou e prendeu os responsáveis pela morte dos dois atrevidos ex-escravos – mas, não conseguiu condená-los porque o Tribunal do Júri não o permitiu. Como era belo naquele tempo, o respeito pela soberania do Júri!...

Os casos relatados pelo autor são ilustrativos para se ter uma ideia de como foi o processo de integração (ou desintegração) social dos negros no período após a Abolição, principalmente na visão dos brancos, na cidade de Araraquara. O escritor buscou manter certo distanciamento emocional para a análise dos fatos, mas a postura conservadora de Pio revelou-se nas exclamações e ironias empregadas em determinados momentos. Vale dizer, ainda, que, conforme Candido (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 11), sobre a personalidade e as crenças do pesquisado:

[u]m de seus aspectos mais salientes era o extremado corte conservador: concepção muito elitista da sociedade, senso de hierarquia, confiança no que chamava a ‘filosofia natural’, ou seja, a teoria darwinista da vitória do mais apto. Na conduta, o respeito pelos valores tradicionais [...]

Reforçando essa posição conservadora, Antonio Candido, em entrevista

concedida à pesquisadora, afirmou que Pio era favorável à monarquia como forma de governo e era contra a abolição, pois acreditava que o negro tinha melhores condições de vida quando escravizado do que quando liberto. Talvez por isso Candido visse em Pio uma “cultura rústica”.

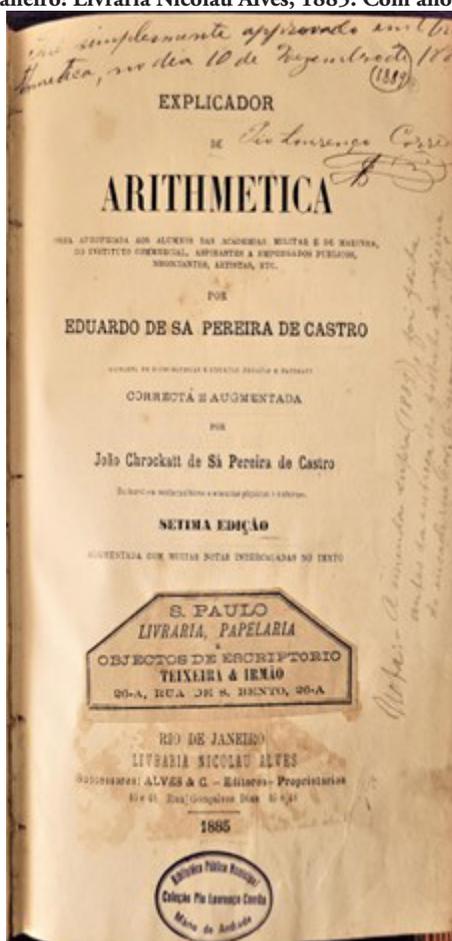
No ano de 1888, ocorreu o falecimento de D. Rita Maria Pinto de Arruda Corrêa da Rocha, mãe de Pio. Este, com 12 para 13 anos, agora órfão, ainda com o consentimento de seu irmão mais velho e tutor, a partir desse momento único responsável por ele, continuou a morar na casa de Joaquim de Almeida Leite Moraes por insistência deste, para preparar-se e cursar a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (instituição já de renome e, à época, ainda independente, pois a Universidade de São Paulo, à qual pertence hoje, só seria criada em 1934).

Conforme Gilda de Mello e Souza, em Corrêa & Andrade (2009, p. 17), sobre a formação escolar de PLC:

[s]abe-se pouco de sua formação intelectual, em São Paulo, mas temos notícia de que a 10 de dezembro de 1889 – com quatorze anos – presta exames de aritmética e francês no Curso Anexo da Faculdade de Direito, sendo aprovado com os graus Simplesmente, na primeira e Plenamente, na segunda. É sua intenção prosseguir os estudos na capital, talvez cursar essa faculdade e ingressar na diplomacia.

Apesar da informação dada por Gilda de Mello e Souza sobre as menções atribuídas a Pio, anotações deste apontam que ele teria sido aprovado com a menção “Plenamente” também na disciplina de Aritmética. Na atual biblioteca de Pio, na folha de rosto do livro *Explicador de Arithmetica* (CASTRO, 1885), encontram-se duas anotações. Na horizontal, no topo da página, Pio escreveu: “Fui simplesmente aprovado em Arithmetica, no dia 10 de Dezembro de 1889. Pio Lourenço Corrêa”. Na vertical, do lado esquerdo da página, escreveu: “Nota: a emenda supra (1889), foi feita antes da entrega do folheto à oficina do encadernador. Por isso está certa!”.

Figura 7: Folha de rosto do livro de Eduardo de Sá Pereira de Castro: *Explicador de Arithmetica*. 7.ed. Rio de Janeiro: Livraria Nicolau Alves, 1885. Com anotações de PLC.



Fonte: CPLC – Sala P & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

No livro *Éléments de Géométrie* (E.J.J., 1885, página de guarda, anterior à folha de rosto) há uma anotação manuscrita, em tinta preta, com os seguintes dizeres: “Pio Lourenço Corrêa / 11 de novembro de 1890 / São Paulo / [assinatura abreviada de Pio] / Plenamente. / 22 de dezembro de 1890”. É possível inferir que a primeira data (11/11/1890) indica a compra do livro; e a segunda (22/12/1890), a aprovação na disciplina de Geometria do curso preparatório para a Faculdade de Direito, com a menção “Plenamente”.

Figura 8: Folha de rosto do livro de F. J. J.: *Éléments de Géométrie*. 5. ed. Paris: Poussielgue Freres; Tours: Alfred Mames et Fils, 1885. Na folha de guarda (anterior à de rosto), anotações de PLC sobre o resultado dos seus estudos.



Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Essas anotações são um exemplo de como, na sua coleção, seja nos livros ou nas fichas de estudo, há pistas de sua formação intelectual, bem como de sua biografia. A história dos livros e objetos dialoga com sua história de

vida e, se o registro no referido livro foi feito na mesma data indicada, revela também que o hábito de anotar informações e comentários teria começado já na adolescência.

Em 1890, Pio, ainda morando em São Paulo, conforme Gilda de Mello e Souza (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 17), revelava um comportamento metódico, bastante responsável e com certa autonomia:

com quinze anos, PLC já é quase independente, responsável pela mesada, que vai apanhar em Santos, pontualmente, na casa comissária de Francisco de Almeida Leite Moraes, irmão de seu padrinho, anotando com bela caligrafia a despesa e a receita, no *Livro de assentamentos*, que o padrinho lhe confia.

Em 1892, Pio então com 17 anos, realizou uma viagem à Argentina acompanhando seu irmão e tutor, Antônio Lourenço Corrêa. Ficaram hospedados em Buenos Aires, na Legação Brasileira, órgão semelhante a uma Embaixada, chefiada por Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938).

Em 1893, no dia 9 de outubro, na casa da Rua Aurora, 320, em São Paulo, nasceu Mário Raul de Moraes Andrade (quarto filho de Carlos Augusto de Andrade e de D. Maria Luíza de Moraes Andrade), escritor modernista que foi grande amigo do pesquisado. Em 1º de agosto de 1895, faleceu o patriarca da família, Joaquim de Almeida Leite Moraes, avô de Mário e padrinho de Pio. Carlos Augusto (pai de Mário) construiu um sobrado na esquina do Largo do Paissandu, n. 26, para onde se mudou com a família, a sogra (Ana Francisca de Almeida Leite Moraes) e a tia Nanhã. Isabel Maria do Carmo de Moraes Rocha, juntamente com os filhos, entre eles Zulmira, mudou-se para a casa ao lado, à Rua Visconde do Rio Branco (Rua Major Sertório, segundo Gilda de Mello e Souza, em ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 18).

Pio Lourenço, durante os oito anos em que viveu e estudou em São Paulo, conviveu com todos eles. Acompanhou a infância de Mário, a família dele (tinha grande admiração por Carlos Andrade, pai de Mário, segundo Antonio Candido), e conviveu também com Zulmira, sua sobrinha e futura esposa.

Em 1895, após a morte do padrinho, Joaquim de Almeida Leite Moraes, Pio Lourenço Corrêa, então com 20 anos, foi chamado pelo irmão tutor a voltar para o interior, pois havia problemas financeiros e ele precisava

começar a trabalhar para seu sustento (assim justificou o tutor). Ele obedeceu e voltou à cidade natal sem bacharelar-se em Direito como pretendia, no entanto, a convivência com o padrinho intelectual, professor da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco; com Carlos Andrade, pai de Mário, também ligado à cultura e à produção de livros e jornais; o estímulo aos estudos, entre tantas coisas que deve ter experienciado, talvez aí se possa ter a gênese do interesse de Pio pelos estudos constantes, o autodidatismo e até o polimatismo. Um período importante de sua formação foi vivido em São Paulo, com essas pessoas e nesse ambiente. Ao voltar para o interior, para a vida rural, o interesse pelas questões intelectuais talvez já estivesse impregnado em sua personalidade.

De volta a Araraquara, Pio foi morar com seu irmão-tutor, num quarto que guardava certa independência do restante da casa. Em carta ao amigo e escritor Mário de Andrade, de 3 de fevereiro de 1942, o pesquisado relatou um “caso” de sua juventude que revela um pouco como era sua vida nesse tempo em que retornou a Araraquara e ainda estava solteiro, bem como descreve seu relacionamento com o irmão mais velho (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.374-376):

Garapa... azeda

Nos fins do século passado eu era negociante de fazendas, ferragens, armarinho etc., na cidade de Ararina [Araraquara]. O mísero comerciante nesse tempo era escravo do trabalho: nas casas comerciais o expediente ia das 7 da manhã às 9 da noite nos dias úteis, e nos próprios domingos e feriados, em que geralmente havia mais intenso movimento de negócios, não se fechavam as portas antes das 3 horas da tarde.

O esporte da rapaziada dourada de Ararina[Araraquara] era então a equitação. Eu, e os outros moços-bonitos do meu grupo, tínhamos cavalos de cocheira tratados a alfafa argentina, milho, fubá e sobretudo muitas escovas, água e sabão manejados por tritanários escolhidos entre os mais requintados profissionais especializados. Eram ginetes caprichosamente amestrados no freio por hábeis acertadores; e sempre gordos, fogosos e luzídios, nos faziam ímpar de vaidade e soberbia. Eu era solteiro, um pouco-bastante dado a noitadas de prazer, e vivia em casa de um irmão mais velho, fazendeiro de café e considerado uma das melhores mãos de rédea das redondezas. O meu quarto, melhor, os meus aposentos, que eram três, ficavam no andar térreo do edifício assobradado, ocupando os donos da casa todo o vasto casarão acima de um lance de doze ou quinze degraus,

que partia, do acanhado pórtico adjacente à porta da rua. Para esse pórtico ou saguão abria-se a entrada para os meus cômodos que assim dependiam da porta-da-rua, de que eu tinha e trazia sempre comigo uma chave.

O meu irmão, já passado dos trinta e cinco anos, era homem de costumes muito severos, fisionomia rija e taciturna, poucas palavras e raros sorrisos. Eu tinha por ele um respeito quase supersticioso.

Mas minha cunhada, mais nova, muito viva e inteligente, era de natural inteiramente oposto. Estava sempre alegre e comunicativa, gostava de ouvir e de referir-se a anedotas de sal e pimenta, que valorizava por comentários ou jogos fisionômicos habilmente expressivos.

Fazia troça da minha vida meio dupla de rapaz elegante. Preparava-me, sempre que podia, ciladas e esparrelas realmente cômicas, em que eu quase sempre caía. A seguir, perante o marido sisudo que eu temia, ou outros circunstantes de respeito, atirava-me indiretas com tal disfarce da malícia, que só nós dois entendíamos. Ou então, sem nada dizer mas nos momentos mais oportunos, (ou inoportunos...), imprimia no semblante um vislumbre enigmático de sorriso, que me esfriava e os demais nem viam. Nesses momentos, passado o susto, eu me lembrava de uma gravura da Gioconda que ornava a minha saleta. Apesar das derrotas que eu sofria, éramos muito camaradas, porque ela fazia esquecer ante a real amizade e muita estima que me tributava.

Certa vez, no livre exercício da minha vida íntimo-externa, depois de algumas horas de acalorada reconciliação, libados iterativos cálices de doce “licor beneditino”, caí insensivelmente, já alta madrugada, num sono abençoado e suave como deve ser o dos anjos do paraíso – e perdi a hora habitual e entrada para casa.

Havia já os primeiros albos da aurora quando meti a chave na porta da rua abri-a cuidadosamente, como se fora um ladrão temeroso de surpresas. Foi inútil o cuidado: minha esperta cunhada, pressentindo-me retardatário, ali estava no alto da escada, empunhando um espanador sob pretexto de auxiliar a limpeza dos portais. Saudou-me risonha, e perguntou de chofre:

– De onde vem então a esta hora matinal?

Era tempo de moagem. Nos engenhos de bangüê as moendas entravam em funcionamento às 3 horas da madrugada. Eu e outros rapazes íamos às vezes, a cavalo, tomar garapa essa hora num engenho próximo, a tempo de voltar às 7 para o trabalho. Minha cunhada sabia disto, porque eu, uma vez ou outra, quando a garapa estava especialmente boa, lhe trazia uma pouca, que ela apreciava. Nos apuros da pergunta insidiosa, socorri-me do fato:

– Venho da fazenda de E., aonde fui de madrugada tomar garapa.

– Anh! (exclamou em franca risada, que não pôde conter ante o improviso firme da defesa).

– E gostou da... garapa? Estava boa?

– Estava... azeda – redargüi ao extremo, e enfiei pela porta da minha sala, a curtir a vergonha da derrota, enquanto ela continuava a rir gostosamente, esquecida do espanador e dos portais.

Informação extra:

No jantar creio que do dia imediato, éramos só os três à mesa.

A certa altura, como reinasse um silêncio meio longo, a cunhada, ali às barbas do marido, perguntou-me:

– Você amanhã de madrugada vai tomar garapa na fazenda?

Fiquei roxo...

– Não pretendia ir; mas se Vmcê quiser que lha vá buscar...

– Eu não; mas como a de ontem estava azeda, pensei que você voltasse logo... Em todo caso, quando for me traga uma garrafa.

Fiquei aliviado, e ela continuou muito séria.

O velho não interrompeu sequer os movimentos do queixo... (Mantida a ortografia original.)

Nessa narrativa, o irmão retratado é o Capitão Antônio Lourenço Corrêa e a cunhada, Florisbela de Lacerda Corrêa (?-?). Pio refere-se a ele com “um respeito quase supersticioso”: que tinha cerca de 35 anos; uma das melhores mãos de rédea das redondezas; homem de costumes muito severos, fisionomia rija e taciturna, poucas palavras e raros sorrisos; o marido sisudo de Florisbela que “eu temia”; velho. Em se tratando de irmãos, a relação mostra-se difícil, uma vez que o mais velho é uma autoridade temida. Pio o enxergava como idoso, apesar de ele ter por volta de trinta e cinco anos.

Quando voltou a Araraquara, primeiramente Pio dedicou-se ao comércio, mas acabou por estabelecer-se como fazendeiro. Tornou-se proprietário da Fazenda São Francisco, segundo Renato Rocha (em entrevista à pesquisadora), quando encerrou uma Casa Comissária que teve em Santos/SP, cabendo-lhe então o imóvel. Provavelmente nessa época (entre 1895, ano de retorno a Araraquara, e 1898, ano do casamento com Zulmira) é que teve um relacionamento marcante em sua vida. Tratava-se de Marcolina - mais conhecida por Joia entre os rapazes da cidade - afrodescendente de olhos verdes, que ele conhecera num prostíbulo. Montou-lhe casa e a sustentava, mas não pretendia casar-se com ela. Quando firmou o casamento com Zulmira,

sua sobrinha, tendo combinado tudo com a mãe dela que também era a cunhada dele, Isabel, encerrou o relacionamento, indenizando a amante, que se mudou para a cidade vizinha, São Carlos. Marcolina/Joia, entretanto, que gostava muito do rapaz, guardou uma fotografia dele e encomendou a um desenhista uma ampliação do retrato a *crayon*, a qual emoldurou, pendurando-a no quarto que ocupava em um bordel.

Passados alguns anos (familiares não puderam precisar quanto), um amigo do fazendeiro viu o quadro no quarto de Marcolina e comunicou a ele o fato, deixando-o indignando pela situação. O fazendeiro foi a São Carlos, com a concordância de Zulmira, procurou Joia, obrigando-a a tirar o retrato da parede. Ela o fez, mas o objeto não foi entregue na hora, não se sabe bem por qual motivo. Dias depois, Pio recebeu a encomenda em sua casa, embalada em uma caixa, enviada por ela.

Esse fato merece destaque porque, anos mais tarde, quando Pio relatou o caso a Mário de Andrade, este propôs que transformassem o episódio em um conto escrito a quatro mãos. O conto seria intitulado “Marcolina”, segundo Pio, ou “O retrato”, segundo Mário. Este destacaria aspectos da sociedade da época, os preconceitos, as dificuldades de um relacionamento entre pessoas de classes sociais diferentes, tencionava ilustrar o comportamento da oligarquia cafeeira, o coronelismo etc. Pio começou a escrever a história tentando lembrar a verdade dos acontecimentos e, para isso, criou o pseudônimo de Grain D’Orge. Várias cartas foram trocadas entre 3 de janeiro de 1942 e 1 janeiro de 1943, discutindo questões da narrativa até o momento em que Pio informa a Mário: “A chaminé do meu fogão é poderosa, sugou avidamente as cinzas – e o vento abençoado que soprava de sudoeste levou-as consigo para o infinito” (ANDRADE & CORRÊA, 2007, p.20). A empreitada não se concretizou. Pio queimou os seus manuscritos e desistiu da história. Em 3 de janeiro de 1942, Mário enviou uma carta a Pio analisando a aventura literária, documento que aqui se apresenta na íntegra (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 359-361):

Tio Pio

Aqui estou enfim pra lhe responder às inquietações sobre o conto de Grain d’Orge e, franqueza, não sei o que faça. Decidi o seguinte depois de bem pensados prós e contras: lhe enviar o conto por estar incompleto.

Talvez o Sr. o complete um dia, no que insisto acaloradamente, e então serei eu a pedi-lo de volta ou mesmo a surrupiá-lo se possível, vencendo a delicadeza de sua discrição. Compreendo a delicadeza e compreendo a discrição. Elas porém não me resolveriam a lhe mandar os originais se não fosse o estarem incompletos. Com exceção do nome Grain d'Orge que é dessas coisas antiquadas, o conto ia bem. Engraçado que, chegado daí e refletindo com as minhas notas para o conto "O Retrato" (que tal seria o nome do caso) entrei a lutar comigo sobre o problema não só da delicadeza, mas da criação literária. Conhecendo o seu amor da verdade, entrei a ter escrúpulos sobre o meu... amor à mentira. E isso, agora que li o seu semiconto, se tornou quase irredutível. Por certo que se eu escrevesse "O Retrato" e o Sr. o lesse, havia de ficar muito, como direi? muito estomagado com a sem-cerimônia com que eu deformaria em principal os caracteres dos personagens. É que eu estou livre das memórias... do Senhor, e criaria por isto livremente. O que me interessa no caso não são as verdades, mas aquilo em que as verdades locais e episódicas iam se transformar, pra mim, num dado de universalidade. E pra isso eu deformava tudo, em proveito da "nova síntese" que é a arte. Quer ver o caso mais típico? Grain d'Orge deu ao seu conto o nome de "Marcolina", porque o que lhe interessa e prende as memórias é o tipo de mulher. Ora o que ia me interessar era muito mais o homem naquilo em que ele é menos um tipo, do que representativo de uma dada mentalidade brasileira numa dada época psico-social do Brasil. Isto é, eu deformaria o homem pra transportá-lo de tipo a protótipo. E o tipo da Marcolina só viria funcionar em relação a esse protótipo, botando-o em luz. O que me interessou foi retratar aquela noção ríspida, um bocado estreita mas elevada e de forte defesa social, com que ali pela caudinha do século passado, o homem se conservava numa noção tamanha de honradez, de dignidade, de respeito aos seus compromissos quaisquer (no caso, matrimoniais), a ponto de fazer os maiores sacrifícios de sensibilidade e lembranças gratas, pra impedir que uma mulher livre guardasse "exposto" um retrato dele. Essa a concepção, em favor da qual, está claro, eu não hesitaria em exagerar os dois tipos, tornando aliás o homem bastante mau e antipático, favorecendo a mulher na luz roxa de bastante infeliz. Enfim um fenômeno irritante de patriarcado, de que a meiguice do caso real apenas serviria pra ponto de partida. E ainda a deliciosa anedota final, a conservação do retrato pelo casal de negros, servilmente adoradores do "senhor moço", ainda viria mais a pôr em relevo a antipatia escravocrata do branco. Ao chegar a este ponto da minha concepção, desisti. Não podia renegá-la, pois que, como

é da fatalidade do fenômeno da criação artística, ela era fatal, independia de mim: era a verdade da arte, ou a mentira da vida. Mas podia ferir um amigo que, está claro, não considero absolutamente o personagem que eu criara, em síntese nova e crítica da vida, partindo apenas de um fato. Muito mais de um fato, de um caso, que de uma realidade psicológica. Mas é que o fato, iluminado de um certo ponto e por uma certa luz, servia pra expor toda uma transcendência. Como no caso do Jacinto = Eduardo Prado e mil milhares de outros. Mas, no meu caso particular, interveio a estima e o respeito que tenho pelo Senhor, e o desgosto que me causava deformar a sua verdade pessoal. Mesmo em proveito da arte. O que, no caso, seria um egoísmo da minha parte. Desisti. Tenho posto muita gente nos meus livros. Aliás não tenho nenhum personagem que seja criado, se não ex nihil, o que é impossível, mas pelo menos tirado inteiramente de mim. Mas no geral não tenho “chaves”, e nunca um meu personagem é decalcado de um indivíduo só. No geral são “somas”, eu ajuntando sempre a um tipo, caracteres, cacoetes etc. tirados de outros indivíduos observados e também muito da observação de mim mesmo. Mas detesto as “memórias” em obra de ficção. Se lembre daquele passo do Amar, verbo intransitivo em que Carlos entra pela primeira vez no quarto de Fräulein. Não me lembro do meu texto e estou com preguiça de ir buscar o livro. Mas sei que evitando a descrição da cena, pergunto “negarei ter tentado a descrição?” e confesso que a partir de coisa alguma, tentei mesmo, porém que “me perseguiam as memórias” e por isso fiquei tão preso que desisti. Bom, paro aqui. Recebi o Rugendas. Mas que besteira minha, se não lhe disse que era isso mesmo! Não me lembrei absolutamente de especificar qual o exemplar que queria. Mas está claro que é isso mesmo, como o Sr. decidiu. Aliás, seja dito para dignidade do meu amor aos livros: nem eu poderia esperar outra coisa de um bibliófilo. Está certíssimo. O que está me deixando um pouco alarmado é o presente para a sua impressionante afilhada. O caso é positivamente grave, dadas a posição padrinho do Sr., a sua fama de rico, culpa sua, derivada em especial da largueza e generosidade dos seus gestos, e ainda a posição da afilhada. Mas como não urge o tempo, continuarei turistando pelas casas adequadas até encontrar coisa que me pareça digna do padrinho, da minha escolha e da nossa impressionantíssima afilhada. Creio que, no caso, estou sendo também um bocado vítima das... memórias! arre!

Bem, aqui lhe mando e a Zulmira, com o abraço amigo, a esperança tênue de um bom 1942 para todos nós

Mário

Esta carta é emblemática pela visão de Mário em relação ao “tio”. O modernista, com muito cuidado, analisou a personalidade de Pio, bem como demonstrou a visão crítica que tinha em relação a ele e ao caso amoroso que haviam tentado retratar. Com sutileza, apesar de afirmar que estaria exagerando na caracterização da personagem, “deformando o homem para transformá-lo em protótipo”, o modernista reconheceu que o parceiro literário poderia ficar muito “estomagado”, magoado, com os aspectos que ele (Mário) destacaria: “mentalidade brasileira com noção ríspida e estreita da defesa social”, “o fenômeno irritante do patriarcado”, “a antipatia escravocrata do branco” e ainda colocou seu principal conflito em relação ao caso: manter “a verdade da arte ou a mentira da vida”? Decidiu, então, preservar a amizade e reafirmou seu respeito e carinho pelo interlocutor.

Nessa carta, ainda, Mário empregou algumas expressões que reiteram o que se apresenta nesta pesquisa sobre a figura de Pio: um pouco antiquado (o que se revela pelo pseudônimo Grain d’Orge), um bibliófilo (que se revela no comentário sobre um livro de Rugendas), abastado (que se revela na observação sobre a missão dada a Mário de procurar, em São Paulo, um presente para uma afilhada, que estivesse à altura dessa imagem e causasse boa impressão em Araraquara). Uma mensagem respeitosa, mas reveladora e que já prenuncia o que Mário fará no conto “O poço”, desta vez, baseando a personagem Joaquim Prestes na figura de Pio e “exagerando” nas características negativas, assunto de que trataremos mais adiante.

O abandono do projeto e a queima dos rascunhos de uma história pessoal um tanto comprometedora, ainda que escrita sob pseudônimo, parecem indícios da preocupação de Pio em manter uma imagem austera. Mário guardou seus rascunhos, hoje comprovantes da empreitada: o encontro entre o ficcionista de vanguarda Mário de Andrade, que foi capaz de transpor para o domínio literário suas experiências pessoais em contos como “Peru de Natal” (ANDRADE, 1978, p. 95-104), por exemplo (em que se encontra a figura do pai morto emblematizada no jantar a um só tempo sagrado e profano), e o estudioso, mais racional, rígido e intelectual Pio Lourenço Corrêa, para quem as tradições familiares ou juízos de valor de pessoas próximas pesavam mais do que as viagens literárias.

Figura 9: Fragmento do conto “O retrato”, redigido por MA.

MA-AMA-24-02

O Retrato (conto)

Era uma mulata branca, bem fornida de carnes, corpo e ombros de perfeição à Renascença, grandes seios erectos, musculatura brava e temperamento acalorado. De raças africanas nada lhe trans- parecia no rosto e no corpo, nem eram africanas as covinhas do seu sorriso: apenas os cabelos rebeldes davam forte denuncia da origem transatlântica de um antepassado remoto. Mendelismo....

Fonte: Acervo Mário de Andrade - AMA, Instituto de Estudos Brasileiros - IEB, Universidade de São Paulo – USP. Fotocópia tirada em 2005.

Algumas circunstâncias (supomos) foram responsáveis por construir essa personalidade ao mesmo tempo paternal e rigorosa. Uma delas ocorreu em Araraquara, no final do século XIX, que assim como muitas outras cidades, foi assolada pela febre amarela. Pio acompanhou seu irmão e tutor em iniciativas de administrar e controlar a situação, haja vista que muitos fazendeiros e administradores refugiaram-se em suas fazendas ou abandonaram a região com medo da doença. Pio relatou essa experiência em texto publicado no Álbum de Araraquara de 1948 (ALMEIDA, 1948, p. 39-40). É relevante transcrever alguns trechos mais significativos do texto para dar voz ao nosso pesquisado, bem como para compreender sua visão do mundo. No texto, optamos por manter a ortografia original:

Em 1889 a febre amarela, desmentindo o prolóquio paulista “febre amarela não sobe a serra”, apresentou-se em Campinas e determinou ali uma das mais sérias e mortíferas epidemias conhecidas no Brasil. E alastrou-se naquêle mesmo ano e nos subsequentes, em epidemia de maior ou menor virulência, por tôdas as demais cidades do planalto. Em 1895 chegou a vez de Araraquara. Aqui, no lapso de três anos, não só atacou a quasi totalidade da população urbana, ocasionando alarmante letalidade, como chegou a desorganizar o arcaboço político, social e administrativo da cidade e da comarca. Dêsde 1890 ou 1891 eram já conhecidos aqui os casos de febre importados, isto é, aparecidos em pessoas recém-chegadas de outras cidades onde grassava o mal. Até que em princípios de 1895, começaram a aparecer casos em pessoas que daqui não tinham saído, e nem tinham tido contato próximo ou remoto com doentes importados[...] Os médicos, após muita discussão e algumas permutas de socos, acalmaram as vaidades feridas, mediante uma espécie de acôrdo tácito na denominação de *febre reinante* para a epidemia em franco período de invasão. E as autoridades continuavam a esforçar-se no seu “dever” de evitar o alarma. [...] Desencadeou-se, afinal, o alarma e o pânico, que as autoridades sanitárias e administrativas não puderam mais evitar. Cada qual deu-se à maior pressa em sair da cidade. [...] O Hotel Magalhães permaneceu aberto. Aí instalou-se a Comissão Sanitária e seu escritório, a vasta provisão de desinfetantes e aparelhamento de combate aos “miasmas deletérios”, e o pelotão de desinfetadores e fiscais sanitários. A seguir, aconselhou – e conseguiu – o plantio de eucaliptos nas ruas e praças da cidade, para... purificar os ares. [...]

Mas, o estado sanitário da cidade agravava-se de dia em dia. A pandemia lavrava na cidade de ponta a ponta! E daí? Daí cal virgem. Muitas toneladas foram importadas das caieiras de Rio Claro e espalhadas nas vias públicas urbanas, nos quintais e hortas, nas fossas das latrinas [...] Mais ou menos por aquelas semanas de pavor agudo e desorganização administrativa, reapareceu na cidade a figura enérgica e prestigiosa de Antonio Lourenço Corrêa que, com sua esposa, acabavam a longa convalescença da febre amarela que os prostara. O bandeirante araraquarense reviveu naqueles dias as virtudes da estirpe: contemplou o cenário melancólico e as atividades desconexas dos heróis anônimos, e assumiu uma espécie de comando militar da situação. Antes de tudo, procurou pôr-se de acordo com a Comissão Sanitária e com o comandante (um sargento, creio) do destacamento policial. (Estava ausente o delegado de polícia). [...] Antonio Lourenço requisitou lenha do seu amigo Cel. Germano Xavier de Mendonça, fazendeiro em Américo, possuidor de abundantes recursos,

araraquarense de raça, chefe político e pessoa estimadíssima pelos seus belos dotes de coração e de caráter. A requisição foi fidalga e prontamente atendida. [...] Foi assim que Araraquara, coberta de eucaliptos e de cal, e privada das antigas privadas, do cemitério de São Bento e dos poços, viu afinal, em 1897, o último caso de febre amarela afundir-se no cemitério dos contagiados da charneca das Cruzes. É certo, todavia, que nem um único *Aedes aegypti* (*Stegomyia fasciata*) foi até então diretamente perseguido ou sequer suspeitado da parte direta que tomara nas dantescas angustias do homem, seu vizinho e seu alimentador. [...]

Pio Lourenço Corrêa (Mota Coqueiro)

Pio relatou a circunstância histórica quase em formato literário, usando muitas metáforas e muita ironia para destacar a falta de conhecimento sobre a febre amarela pelas autoridades da época. Ele utiliza o recurso de conversar com o leitor e adia bastante o desfecho da narrativa, reforçando o tempo gasto em atitudes inúteis e a angústia da população da cidade. Aproveitou o texto também para destacar a figura de seu irmão/tutor como um herói, um “bandeirante”, que tomou as rédeas da situação e reorganizou a cidade. Escoimado o aspecto ficcional do texto, é possível conhecer minúcias da situação relatadas pelo olhar afiado do autor, além de revelar seu conhecimento científico (mais amadurecido no momento do relato) sobre a transmissão da febre amarela ser feita pelo mosquito, fato desconhecido pelas autoridades sanitárias da época.

Outro evento que destacamos para compreender o processo de formação de Pio ocorreu entre 6 e 7 de fevereiro de 1897. Foi uma situação violenta na cidade, semelhante àquela do linchamento dos negros logo após a abolição que já apresentamos, mas desta vez o evento esteve relacionado a questões políticas: o “linchamento dos Britos”. Pio Lourenço, então com vinte e dois anos, por acaso, acabou sendo testemunha do crime e teve de prestar depoimento no julgamento público. Mais tarde, em 1945, redigiu um texto detalhado relatando o que tinha visto e justificando seu depoimento. Transcrevemos, então, trechos do relato, escrito de próprio punho pelo nosso pesquisado e publicado por Telarolli (1997, p. 209-216):

Como é sabido de todos no Brasil, houve na noite de 6 para 7 de fevereiro de 1897, na cidade de Araraquara, o crime conhecido por “linchamento dos Britos”. [...]

Em 1897 eu era ainda solteiro, e estava domiciliado em casa de meu irmão

e ex-tutor Antônio Lourenço Corrêa, na esquina da rua 5 com a avenida 2, prédio onde está hoje a Delegacia Regional da Polícia. Os meus cômodos eram nos baixos do edifício, à esquerda de quem entra. Na citada noite, cêrca de meia noite e vinte minutos, fui despertado por meu irmão[...] - Vá até o largo ver se vê alguma coisa ou se obtém qualquer informação. O velho estava profundamente impressionado. Enfiêi as calças, em que mal cabíamos eu e o fraldão da camisola, sobrepus às pressas um sobretudo que achei mais à mão, e saí rua abaixo. Não quis descer diretamente pela avenida 2, muito exposta a possíveis tiros de enfiada partidos da cadeia. [...] eu já estava meio contaminado do nervosismo do irmão. [...] Atingi, pela avenida I, cosendo-me depois com a parede lateral da Igreja, a frente desta. Eu vim, e estava ali entreparado, perscrutando na meia-escuridão do largo a possível presença de vítimas do tiroteio. Nada vi, além de vultos humanos na porta e na frente da cadeia; dei mais alguns passos, até a beira da calçada da Matriz. [...] Nisto, um brado, talvez da sentinela, determinou brusco movimento daquelas sombras de homens que entravam em forma... Sumi, num ápice, detrás do pilar da igreja, e cosido outra vez com a parede, ganhei o caminho por onde tinha vindo – não fôsse interpretação errônea da minha presença ali àquela hora custar-me a vida. Não vi viva alma nas ruas nem nas janelas. [...] Em casa informei o irmão que as coisas lá pela cadeia não estavam claras, que eu não voltaria a esclarecê-las. Antônio Lourenço deixou-me, e mergulhei de novo no silêncio, nos lençóis e no sono. [...] Afinal, que foi que se passara? O linchamento dos Britos! Na manhã do dia 7 lá estavam no largo os dois cadáveres, tais como os deixara a malta de assassinos. [...] Tudo, assalto, arrombamento e assassinio, foi obra da confissão de alguns minutos apenas, tudo foi operado pela turbamulta da capangada mais ou menos protegida por disfarces e máscaras, a qual se retirou em fuga rápida e desordenada, disparando tiros a esmo, ululando injúrias e torpezas, fustigando as montarias em desapoderosa corrida. [...] Dez minutos, ou quiça menos ainda, após o primeiro brado da sentinela, o silêncio habitual das noites da pequena cidade estava restabelecido, exceto em frente da cadeia, onde soava de vez em quando uma voz de comando e movia-se a sombra de pelotões de defesa tardia e inútil. [...]

Araraquara, março de 1945.

PIO LOURENÇO CORRÊA

Pio, ordenado pelo irmão tutor, expôs-se ao perigo da situação, mas não conseguiu “ver” realmente a cena por conta da escuridão da noite. Foi obrigado, no entanto, a testemunhar e/ou decidir o destino dos acusados, ou

seja, envolveu-se numa situação política de violência sem ter de fato, ao que parece, “testemunhado o crime”. Mais uma vez a situação foi resolvida pela força, a “justiça [foi feita] pelas próprias mãos”. Ação violenta, mas não incomum em diversos episódios de nossa história. Ao final, os réus, representantes da classe dominante de Araraquara foram absolvidos.

Em Doin et al (2007, p. 93), há uma referência ao episódio, em que os autores destacam as contradições comuns à *Belle Époque* “caipira”. Pretendia-se atingir a modernidade, sinônimo de civilização, mas as elites, as classes dominantes das cidades, resolviam ainda muitas situações de forma arcaica, bárbara:

Membros dessa elite política do Brasil caipira também lançavam mão do monopólio privado da violência. Contudo, vários são os casos impunemente contornados e capazes de mostrar o ocultamento da barbárie com discursos e ações aparentemente civilizatórias. Entre eles destaca-se o famoso crime político ocorrido em Araraquara, denominado Linchaquara e que envolveu duas poderosas famílias locais. Para que a população esquecesse o trágico episódio e as respectivas famílias continuassem a dominar o poder público municipal foi construída uma bela e ajardinada praça pública, exatamente no largo onde a chacina foi consumada.

Depois disso, em 1898, Pio Lourenço Corrêa casou-se com a sobrinha Zulmira de Moraes Rocha, casamento endogâmico, no dia 14 de dezembro, na Igreja de Santa Efigênia, em São Paulo (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 10). O casal foi morar na Chácara da Sapucaia, em Araraquara, residência mais distante da cidade, numa tentativa de se preservarem da epidemia de febre amarela, exigência feita pela sogra, Isabel. Conforme Gilda de Mello e Souza (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.18):

[o] primeiro decênio do casamento não é tranquilo para o jovem casal: estudos interrompidos, acomodações de carreira, epidemias e crises políticas, graves problemas familiares, tudo isso deixou marcas na sensibilidade exacerbada de Pio Lourenço e foi provavelmente responsável pelos mal-estares que o vão acompanhar pela vida afora: ciática, dor de estômago, depressões nervosas, temperamento progressivamente solitário.

A esposa, Zulmira, dois anos mais nova que Pio, também teve dificuldades para estabelecer esse relacionamento. O casamento fora acertado

entre a mãe e o marido/tio e ela também teve de se mudar de São Paulo para Araraquara. Segundo Renato Rocha (em entrevista), ela gostava de música, tocava piano, como as “moças bem-educadas da época”, mas o marido não gostava disso e dizia: “de todos os barulhos esse talvez seja o menos ruim!” e, com o tempo, ela abandonou o hábito. O casal não teve filhos.

Durante certo tempo, Pio exerceu, na cidade de Araraquara, os cargos de vereador (de 1899 a 1901), presidente da Câmara (1901-1902), provedor da Santa Casa, presidente do Clube Araraquarense (no qual instalou uma biblioteca) e outras atividades executivas (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 10).

Em 1907, mudou-se para Santos/SP, estabelecendo-se como sócio de uma Casa Comissária para exportação de café. Pouco se sabe sobre este período ou se a esposa o acompanhou ou não. Mais ou menos em 1910, desfazendo-se da Casa Comissária, voltou para Araraquara e passou a viver definitivamente “da” fazenda conseguida na finalização da sociedade: a Fazenda São Francisco.

Em 1911, Pio e Zulmira realizaram uma longa viagem pela Europa acompanhados de amigos, para tratamento de saúde (não se sabe qual era o problema) e lazer. A viagem transcorreu bem, Pio tinha grande conhecimento de línguas: lia, escrevia e falava espanhol, italiano, francês e inglês. Essa viagem ainda rendeu outras histórias pitorescas, como a compra de uma pia e de uma banheira, na Bélgica, que vieram no mesmo navio com ele e depois foram despachadas por trem.

Sobre esse episódio da banheira, Renato Rocha contou que, em Araraquara, havia um grande amigo de Pio chamado Francisco Vaz, totalmente cego. Quando soube da aquisição da banheira, ficou muito curioso e entusiasmado, assim como toda a cidade. Pio, ao anunciar que a banheira chegaria num determinado dia, foi chamado pelo amigo que solicitou que ele passasse com o objeto por sua casa para que ele pudesse “vê-la”. A família de Francisco, então, montou um jirau na frente da casa, os carregadores/transportadores levaram a banheira e a colocaram sobre a estrutura montada e o amigo pôde apalpá-la. Esse objeto foi, mais tarde, levado para a Fazenda Santa Izabel, também da família, e hoje está na antiga Chácara da Sapucaia, atual *Centro Cultural professores Waldemar e Heleieth Safioti*.

Aqui vale ressaltar uma curiosidade. Por muito tempo, na cidade de

Araraquara, difundiu-se a ideia de que Mário, já adulto, quando visitava o Tio Pio, tinha o hábito de escrever mergulhado na banheira, o que era bem assim, segundo os familiares. Como as portas dos quartos da chácara tinham uma parte de vidro, Mário levava uma pequena mesa (que está exposta na Biblioteca *Pública* Municipal) para o banheiro, quando queria escrever até de madrugada, para que a claridade da luz não atrapalhasse o sono dos tios, que se deitavam muito cedo.

A partir de 1912, Pio começou a alternar a residência entre a chácara e uma casa que tinha no centro da cidade de Araraquara por causa dos negócios, o que se deu até 1918. Neste ano, Pio deixou de alternar a residência e passou a morar na Fazenda São Francisco até 1920.

Em 1913, no dia 22 de junho, faleceu Renato de Moraes Andrade, irmão de Mário, aos 14 anos, após machucar-se num jogo de futebol. O escritor sofreu um duro golpe, passando por um longo período de depressão. Mário conseguiu superar essa fase difícil com a ajuda de Pio, que o levou para a Fazenda São Francisco, região de Bueno de Andrade, que tinha uma sede bem modesta, onde o jovem ficou até conseguir elaborar a perda do irmão. Ele ficou sozinho e Pio o visitava periodicamente para ver se necessitava de alguma coisa. Aos poucos, foi sentindo vontade de caminhar pelo bosque de palmeiras, foi aumentando as caminhadas, até que melhorou. Quando voltou de Araraquara para São Paulo, no mês de setembro, diz ter descoberto sua vocação de poeta. Esse relato foi feito por Mário a Manuel Bandeira, em carta de 29 de maio de 1931:

[o] caso típico da minha afetividade foi a morte de meu mano mais moço, que me levou quase pra morte também. Os médicos chegaram a não dar nada mais por mim, médicos de moléstias de nervos e o diabo. Não comia, não dormia e com os sintomas característicos de neurastenia negra, ódio de minha mãe, de todos os meus etc. Foi o bom-senso dum tio, espécie de neurastênico de profissão, que me salvou. Pegou em mim, levou pra fazenda dele, onde ele não morava, me deixou lá sozinho. De tempo em tempo aparecia, perguntava se eu não queria nada. Não queria e ele ia-se embora. Um dia me chegou enfim a curiosidade de saber como era o princípio do cafezal, por trás da casa, fui até lá. Fiz o mesmo no dia seguinte, até mais longe e pra encurtar coisas aqui estou ainda vivo. Só que voltei poeta da fazenda. Sem nunca ter nem me preocupado em ler com

prazer os poetas, já mesmo antes de ir pra fazenda, tinha dado em mim essa coisa esquisitíssima, talvez sintoma de loucura; uma mania de fazer versos. Foi assim”. (MORAES, 2001, p. 508).

Nesse momento da vida de Mário, Pio acompanhou seus passos com interesse, mas com certo distanciamento, até que o jovem estivesse pronto para voltar à família de São Paulo. Aceitou a angústia de Mário sem críticas nem cobranças e deu o tempo de que ele precisava para elaborar a perda. Segundo o relato de Mário a Bandeira, a técnica deu certo. E muitas outras vezes durante a vida, cansado da cidade grande, com problemas de saúde ou em férias, Mário passou temporadas com o Tio Pio.

Nessa época, Pio tomou contato com um personagem com quem estabeleceu uma relação cujos desdobramentos são significativos para compreendermos os modos como o fazendeiro araraquarense lidava com as situações, certos costumes que ele valorizava e como aproveitou esse material para seus estudos. Provavelmente em 1915, chegou a Araraquara Edward Ruxton (1863-1931), escocês nascido em Aberdeen, que Pio contratou para ministrar-lhe aulas de inglês. Ruxton tinha vindo morar na cidade, pois trabalhava na expansão da ferrovia. Fazia parte do trato estabelecido com Pio que Ruxton se mudasse para a Chácara da Sapucaia para que pudesse conviver e conversar diariamente com o fazendeiro e o aprendizado fosse mais rápido e eficiente, mas o professor, que era bastante desmedido na bebida, deveria manter-se sóbrio. Depois de um certo tempo (não foi possível precisar a data exata), devido à impossibilidade de Ruxton controlar o consumo de bebida, o aluno despediu seu professor. Como Ruxton não honrou sua palavra, Pio honrou a dele.

Conhecido como o “Mister”, o escocês acabou figurando como o personagem Mr. Brown, do conto de PLC “O caso do barraqueiro”, único texto ficcional escrito por Pio, assinado com o pseudônimo de Mota Coqueiro, publicado em revista do Modernismo, *Papel e tinta* (COQUEIRO, 1921, p. 5-6). O conto trata de uma caçada de macuco, ave comum na região de Araraquara, empreendida por um grupo de homens, organizados rigidamente em uma expedição. Essa situação era comum para Pio, pois ele comandava o grupo dos “Conjurados”, caçadores que acampavam por dias nas matas da região especialmente para caçar, como registra Candido (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 13):

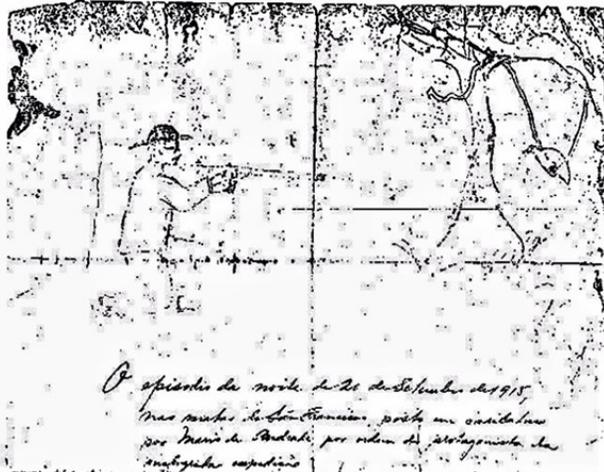
[p]escador e sobretudo caçador apaixonado, organizou e liderou por muito tempo o grupo dos *Conjurados* com o qual empreendia anualmente, em regiões distantes, expedições de caça principalmente aos macucos, e que era regido por um regulamento estrito e inflexível, estabelecido por ele.

Mário de Andrade acompanhou esse grupo muitas vezes e as histórias ouvidas renderam-lhe alguns contos. Entre eles, um com o título específico de “Caçada de Macuco”, publicado no livro *Primeiro Andar*, de 1926.

Pio registrou a descrição do personagem escocês, em suas palavras: “É escalado para atirador o Mister, ‘Conjurado’, escocês, tipo acabado de *sportsman*, de maneiras delicadas e persuasivas, estimadíssimo no seio da turma, que ele acompanha em todas as vitórias e em todas as derrotas desde 1915” (COQUEIRO, 1921, p. 5-6). Os “Conjurados” realizavam caçadas pelas matas da região, seguindo ordem e preparativos rigorosos, liderados por Pio.

Não se tem notícia da data em que o grupo iniciou esses trabalhos, mas há um desenho feito por Mário, retratando Pio de espingarda em punho a espreitar um macuco, datado de 1915, encontrado entre os papéis na gaveta da escrivaninha de Pio, em Araraquara.

Figura 10: Desenho de Mário de Andrade retratando Pio Lourenço Corrêa na noite de 21/09/1915 (GUARANHA, 2007, p. 114)¹.



Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Fotocópia tirada em 2004.

¹ Transcrição: O episódio da noite de 21 de Setembro de 1915, nas matas da São Francisco, posto em caricatura por Mário de Andrade, por ordem do protagonista da malograda expedição.

A última excursão do grupo dos “Conjurados” teria sido por volta de 1927, segundo informações de familiares (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 100).

Pio teria notícias novamente de Mister Ruxton somente em 1931, quando recebeu dele uma carta com um pedido de socorro e relatou o caso a Mário de Andrade, também por carta, no dia 3 de setembro de 1931 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 193-194):

[...]O Mister Ruxton, quando conseguiu dominar a resistência tenaz, que o seu impecável gentlemanismo opunha a que um dia na vida pedisse socorro – estava quase moribundo! Ainda assim, conseguiu, nos estertores de um derradeiro esforço, chegar até este teto amigo, onde foi recebido com lágrimas, mas com prazer. Vou copiar aqui alguns períodos da carta que me dirigiu, e que é o derradeiro esforço de um náufrago:

“I write to you in the saddest circumstances. Through long illness I have spent the little money I had in doctors and in medicine and I am now reduced to misery. All my friends here are scattered and I am as alone as if I were in a desert and have nowhere to turn to. My greatest desire is to end my days in Araraquara near some friends and where I have passed many happy days. ...

*... ..
Forgive me Mr. Pio for asking you to help me. I know I have no right to ask it; but I am so miserable I do not know what to do.*

*... ..
... if it would be possible to arrange a place for me in the home for old and useless persons in Araraquara, where I think I would be happy and content”².*

De fato, lá está ele no Asilo, *happy and content!* Veja V. como e quanto a felicidade é relativa! Mas está pré-agônico: está acabando, bruxuleante, como um coto de vela já atolado na cova do castiçal, que para ele vai ser decerto o cemitério de Araraquara. O filho do Alberto já lá está há tantos dias! E o Bentão (viu aqui na chácara um negrão novo e hercúleo, a quem eu há uns 2 anos dava cama e uma lâmpada elétrica?), o Bentão caiu com

² Tradução: Escrevo-lhe nas piores circunstâncias. Tendo passado por uma prolongada doença, gastei o pouco dinheiro que eu possuía em médicos e remédios e estou agora reduzido à miséria. “Todos os meus amigos se dispersaram e estou tão só como se estivesse num deserto, sem ter para onde me voltar. Meu maior desejo é terminar meus dias em Araraquara perto de alguns amigos e onde passei muitos dias felizes. “Perdoe-me, sr. Pio, por lhe pedir que me ajude. Sei que não tenho direito de lhe pedir isso, mas estou numa situação tão miserável que não sei o que fazer. “Se for possível, gostaria que o sr. arranjasse um lugar para mim numa casa para pessoas velhas e inúteis, em Araraquara, onde penso ficar feliz e contente.”

tosse, febre, hemoptises, e... parece que também para lá irá sem muitas delongas, aos 22 anos! *Sad world! sad circumstances*³... Abraçe-nos, abraçe todos daí, e esperamos que a próxima missiva seja menos *sad*, feita em *happier circumstances*⁴. Am° e tio Pio

Note a poderosa frase do Mister: “*my friends here are scattered*”⁵...”. Já antes dele, exclamara o Camilo: “Que 109 grandíssimos marotos!” [...] (Itálicos da pesquisadora.)

Pio atendeu à solicitação de Ruxton e arranhou-lhe abrigo no Asilo dos Inválidos em Araraquara, onde faleceu aos 68 anos, em 16 de setembro de 1931. Esses dados pessoais foram obtidos em pesquisa nos arquivos do Asilo São Francisco, do Cemitério São Bento e do 1.º Cartório de Registro Civil, todos de Araraquara (GUARANHA, 2007, v.1, p. 158).

Após a morte de Ruxton, os administradores do Asilo dos Inválidos entregaram a Pio uma mala com os pertences do escocês, já que ele fora o único a ter contato com o paciente nos últimos momentos de vida. Para seguir a lei e ser correto, Pio levou a mala até o juiz responsável e solicitou abertura de investigação para localizar possíveis familiares que tivessem direito ao “bem”. Após longo tempo e sem nenhuma resposta, o juiz chamou-o e deu-lhe a posse da mala, autorizando-o a abri-la, o que ele fez somente diante do juiz. Segundo consta e contaram seus conhecidos (Antonio Candido e Renato Rocha), havia dentro da mala: um pijama surrado, um par de chinelos e uma escova de dentes.

A faceta mais importante do pesquisado e pela qual ficou mais conhecido, a correspondência com Mário de Andrade foi, certamente, um diálogo profícuo que marcou a trajetória dos interlocutores. No dia 15 de fevereiro de 1917, faleceu Carlos Augusto de Andrade, muito amigo de Pio e pai de Mário. Este publicou seu primeiro livro, *Há uma gota de sangue em cada poema*, em junho, com as próprias economias, usando o pseudônimo de Mário Sobral. Nessa época, Mário iniciou sua “marginalia”, as anotações que fazia nas margens dos livros e artigos que lia. Teve início também a correspondência de Mário e Pio. Este recebe o primeiro livro de autoria de Mário com dedicatória e uma solicitação de sua opinião acerca da obra. A partir desta

³ Tradução: Triste mundo! Tristes circunstâncias...

⁴ Tradução: “que a próxima missiva seja menos triste, feita em circunstâncias mais felizes”.

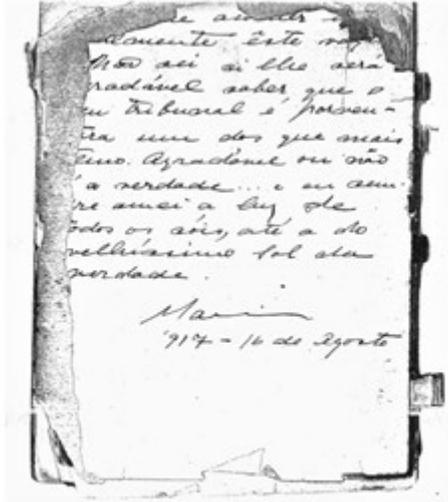
⁵ Tradução: “meus amigos aqui estão dispersos”.

correspondência, Mário passou a fazer sempre assim: enviava todas as suas publicações a Pio com dedicatórias de respeito e carinho.

Figura 11: Fotocópia da dedicatória de MA a PLC no primeiro livro publicado pelo modernista:

Há uma gota de sangue em cada poema (São Paulo: Gráfica Pocaí, 1917).

(GUARANHA, 2007, p. 442.).



Dedicatória em *Há uma gota de sangue em cada poema* (São Paulo: Gráfica Pocaí, 1917): “[...] acolher [...] / [...] absteve] este [...] / Não sei se lhe será agradável saber que o meu tributo é porven- tua um dos que mais temo. Agradável ou não? [4] a verdade... e eu amo: por amei a luz de todos os céus, até a do velhíssimo Sol da verdade. / Mário / 1917 - 16 de Agosto”.

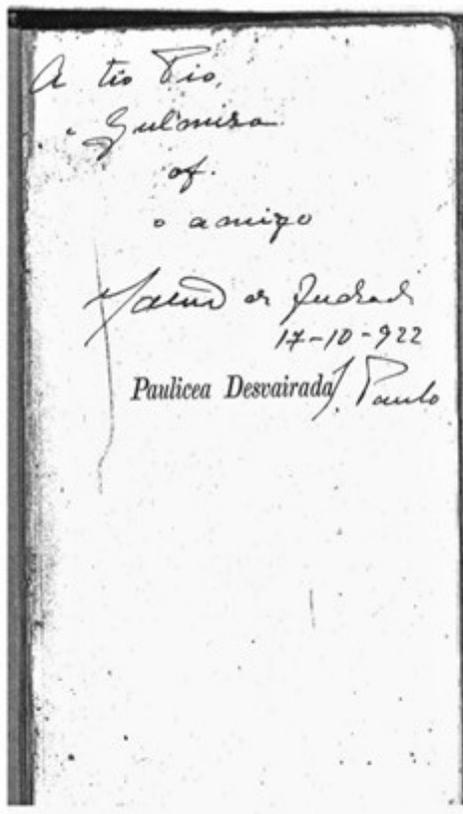
Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia realizada pela pesquisadora em 2005.

Em carta de 30 de agosto de 1921 a Mário, Pio revela informações sobre sua coleção de livros, declarando já possuir quase todas as obras de João Ribeiro, filólogo conceituado naquele tempo, menos *A língua nacional* que, realmente, não se encontra em seu acervo

(ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 45). No dia seguinte, em 31 de agosto de 1921, em nova mensagem a Mário, Pio escreve o texto “Uma dissertação contra o agã” (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.47).

Em 1922, aconteceu a Semana de Arte Moderna, nos dias 13, 15 e 17 do mês de fevereiro, em São Paulo, no Teatro Municipal. Mário, naquele mesmo ano, passou a catedrático do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e publicou *Pauliceia desvairada*, custeado por ele. Na biblioteca de Pio estão *Pauliceia desvairada* (1922) e todos os outros livros de Mário com dedicatória; há também todos os números da revista modernista *Klaxon*.

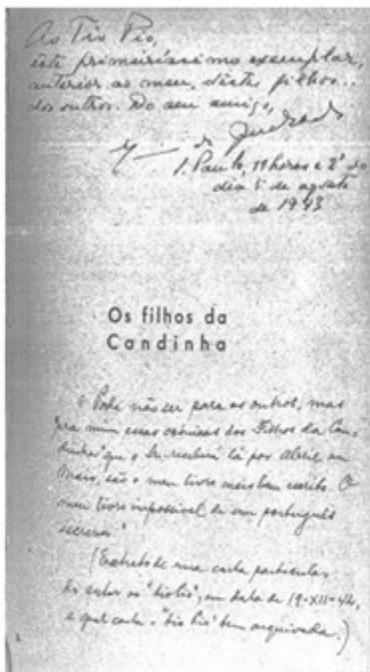
Figura 12: Fotocópias das dedicatórias de MA a PLC em Pauliceia desvairada (1922) e Os filhos da Candinha (1943). (GUARANHA, 2007, p. 443 e p. 451, respectivamente).



A tio Pio,
- Zulmira
of.
o amigo

Salud or Juohad
17-10-922
Pauliceia Desvairada/ Paulo

Dedicatória em Pauliceia desvairada (São Paulo: Casa Mayença, 1922): "A tio Pio e Zulmira of. o amigo Mário de Andrade/ 17-10-922/ S. Paulo".



Dedicatória em *Os filhos da Candinha* (São Paulo: Martins, 1943): "São Paulo, 11 horas e 2' do dia 05 de agosto de 1943./ Ao Tio Pio/ este primeiríssimo exemplar, anterior ao meu, destes filhos... dos outros. Do seu amigo/ Mário de Andrade".

PLC, por sua vez, escreveu na mesma página: "Pode não ser para os outros, mas pra mim essas crônicas dos *Filhos da Candinha* que o Sr. receberá lá por abril ou maio, são o meu livro mais bem escrito. O meu livro impossível de um português escrever". (Extrato de uma carta particular do autor ao 'tio Pio', em data de 19-XII-42, a qual carta o 'tio Pio' tem arquivada.)".

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia realizada pela pesquisadora em 2005.

A curiosidade aqui é que houve uma carta de Mário dando notícias ao Tio Pio sobre o evento da Semana de Arte Moderna, mas não foi localizada na coleção. Sabe-se da sua existência por uma carta/resposta enviada pelo fazendeiro, em 11 de março desse ano, confirmando o recebimento da mensagem. Pela resposta de Pio é possível fazer uma ideia do que Mário teria relatado:

Araraquara, 11 de março de 1922.

Mário:

Eu já li mais de uma vez a sua carta de domingo de carnaval. Repeti a leitura para me certificar bem se ali havia algum requerimento, se V. queria

alguma coisa de mim. Vi que não; a carta é puramente noticiosa, e vale por um relatório pormenorizado dos sucessos da famosa semana, e dos sentimentos que eles criaram ou alteraram na sua consciência. Esta resposta não é mais, portanto, do que um recibo. Ou, melhor dito, não devia passar além dos termos de recibo. Mas... podemos aproveitar a sobra do papel para conversa. Na divisão do trabalho humano, a que obriga a eterna e universal Lei da capacidade de cada um, a mim me tocou plantar batatas e matar formigas. Em arte (já V. o sabia) sou simplesmente um by stander, um mirone, um badaud, um basbaque. De toda essa nomenclatura internacional, escolha V. a que mais me convier. Como plantador de batatas, não percebo essa coisa de se meterem batatas, digo, palavras avulsas – by standers – no meio do discurso; como matador de formigas, não me cabe na mioleira. Também já V. o sabia. Mas continuo a plantar batatas, sem me interessar pela sorte dos soviets. Um verso sem metro, sem rima, sem leis. Considero isso tudo como arte dos soviets. O pior é que nem todos continuam a plantar batatas: alguns vão ao Municipal atirar batatas! Que se lhes há de fazer? Aturá-los, e deixá-los. Entrementes, aceite um abraço que Zulmira acaba de encomendar-me, e outro do tio Pio

Quem sabe, um dia, esse fragmento do mosaico que estamos tentando construir, talvez um dos mais curiosos no caso das cartas, seja encontrado no meio de alguns papéis ou no fundo de alguma gaveta desatenta e venha completar esta pesquisa.

Em 1924, no mês de setembro, Pio publicou seu artigo “Araquá, Araquara, Araraquara”, no jornal *Araraquara*, da mesma cidade, sob o pseudônimo de Mota Coqueiro, mas essa “folha volante”, como ele diz, “tem vida curta”. Em 1925, o mesmo artigo de Pio foi publicado na *Revista de Filologia Portuguesa*, dirigida por Mário Barreto, vol. 5, p. 69 e seguintes, em São Paulo. O artigo deu origem aos seus estudos sobre a etimologia da palavra e, a partir daí, ele se concentrou na redação da primeira edição de sua *Monografia da palavra Araraquara* (CORRÊA, 1936), demonstrando que o significado do nome da cidade era “ninho do sol” ou “cova do sol” e não “ninho de araras” como todos diziam.

Ao longo de sua vida, dedicou-se a revisar e aumentar essa obra, publicando-a em mais outras três edições, em 1937, 1940 e em 1952, cinco anos antes de sua morte. Pode-se dizer que esse tenha sido um projeto de vida que revela tanto o apego à sua cidade quanto ao trabalho filológico. Essa obra é,

por assim dizer, uma espécie de síntese das preocupações de Pio, tanto as gregárias, ligadas à valorização da origem de sua família e de seus descendentes, quanto as acadêmicas, construídas por meio de um metódico trabalho de pesquisa vinculado aos domínios dos estudos linguísticos e históricos.

Em 1926, nas férias de final de ano, Mário organizou o material que já vinha pesquisando e realizou a primeira redação do livro *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, na Chácara da Sapucaia, de Pio Lourenço Corrêa, em Araraquara, consultando dados de fauna, flora, folclore e outros assuntos pertinentes à obra, na biblioteca do “Tio Pio”. Algumas fichas de estudo deste também foram utilizadas na composição da narrativa/rapsódia, conforme edição crítica (LOPEZ, 1996). No primeiro prefácio redigido por Mário, em dezembro de 1926, está: “Macunaíma não é símbolo nem se tome os casos dele por enigmas ou fábulas. É um livro de férias escrito no meio de mangas abacaxis e cigarras de Araraquara, um brinquedo” (ANDRADE, 1926, *apud* LOPEZ, 1996, p. 432). No segundo, de 1928, lê-se: “Este livro de pura brincadeira, escrito na primeira redação em seis dias ininterruptos de rede cigarros e cigarras na chacra de Pio Lourenço perto do ninho da luz que é Araraquara [...]” (ANDRADE, 1928, *apud* LOPEZ, 1996, p. 433). Em carta a Manuel Bandeira, em 9 de janeiro de 1935, Mário comentou: “[...] nessas férias, aqui com o meu tio Pio Lourenço nesta chacra em que *Macunaíma* nasceu, vivemos falando diário no Sousa da Silveira. (MORAES, 2001, p. 608).

Pio Lourenço, entretanto, admitiu que não compreendeu a obra e, em carta de 2 de fevereiro de 1935, informou Mário: “[...] Os livros já estão no encadernador, menos o *Macunaíma*, que, como não entendo mesmo, não pretendo cortar” (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 278). Retoma o assunto em outra mensagem, de 3 de março de 1935, em resposta a Mário sobre o interesse da editora norte-americana em traduzir *Macunaíma*:

[...] A 2ª a surpresa foi a notícia do reaparecimento da preciosa tradutora. Esta foi-me agradabilíssima. Dar-se-á que a mirífica americana vai conseguir alterar o meu juízo acerca do *Macunaíma*? Deus o queira. Mas acho o empreendimento muito árduo, e arriscado. Quer-me parecer que, desta vez, mais acertado anda o editor, que encomendou outro, deixando o *Macunaíma* onde está, só para uso dos que o entendem. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 284).

Em 1927, Mário publicou *Amar, verbo intransitivo*, livro polêmico pela temática delicada, enviando ao tio 2 exemplares: um com dedicatória para que ficasse com ele e outro para que fizesse as correções que julgasse necessárias e o devolvesse a Mário. Assim foi feito. Pio anotou rigorosamente todas as observações justificadas pelas gramáticas que colecionava nas margens do livro, devolveu-o a Mário, que fez as réplicas, também nas margens. Esse exemplar com o diálogo entre o conservador Pio, defensor das tradições gramaticais que tanto estudou, e o escritor modernista, que valorizava a linguagem coloquial, encontra-se no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Esse diálogo foi transcrito e analisado por Marlene Gomes Mendes, trabalho publicado na *Revista do IEB* (1994, p. 190-243), em edição comemorativa aos cem anos do nascimento de Mário de Andrade. Pio interessou-se pela obra, principalmente pela versão norte-americana, *Fräulein*, tradução de Margaret Richardson Hollingsworth. Nova Iorque: Macaulay, 1933.

Figura 13: Capa da edição norte-americana de *Amar, verbo intransitivo* – *Fräulein*, de MA (Nova Iorque: Macaulay, 1933).



Fonte: GUARANHA, 2007, p.237. Acervo Mário de Andrade - AMA - do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB – Universidade de São Paulo - USP.

A versão norte-americana, talvez pela simplificação da narrativa ao ser transcrita em outra língua, tornou-se mais compreensível ao fazendeiro tradicionalista. Em carta de 21 de setembro de 1934, Pio escreveu a Mário suas impressões, desta vez mais calorosas e entusiasmadas, a respeito da obra (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 259-260):

Mário:

Ainda não terminei a leitura de *Fräulein*; terminando-a, vou reler o que ali há de Amar, deixando de lado o romancinho intercalado, que tem estado me estorvando. Eu gostei de Amar, como em tempo oportuno já o disse a V. na polêmica que então travamos. Mas ali, a cada passo, quase em cada período, o meu pesado comboio de 50 anos de literatura passadista embaraçava-se nos festões e nas trabéculas da escola literária do autor. Eu – pobre de mim! – fazia marcha à ré, calculava os descontos de novo, de novo apurava a composição dos 50 carros que o tempo emperrara nos eixos corroídos de preconceitos – e emaranhava-os outra vez na vereda agreste... Era uma luta desigual e cansativa: de um lado, a permanente obstrução da rotina; do outro, a fraqueza do timoneiro... Eu fechava o livro. Abro agora *Fräulein*, enceto a viagem. Desde logo, percebo a velha feição dos caminhos: não tenho feitos novos de estilo, de períodos, de estética. Sinto-me à vontade e, louvado Deus, bem familiarizado com a língua, vou despreocupado trilhando as veredas conhecidas. O comboio emperrado desata a marcha, suavemente – e sobra-me o tempo para contemplar as belezas da travessia. Descubro-as a cada momento – vivazes, enérgicas, valentes, sensuais, persuasivas, cortantes; embriago-me delas, bebendo-as sofregamente. A noite avança, o carrilhão da sala troa meia-noite. Prossigo, insaciado. Uma hora, duas horas, não tenho sono, estou excitado... Apago a lâmpada. Estorço-me nos braços da insônia, suspeito de sombras perambularem na escuridão do quarto, pressinto amplexos paroxísticos na negrura do ambiente, ouço um sussurro quente de amantes enlaçados; a contragosto, identifico-me com eles, vivo neles, não posso dormir... Acendo a luz, abro os textos de novo, confiro-os, verifico que são condizentes. Tinha aquilo na estante desde 1927, e quase o não sabia! Desconfio de mim, esfrego os olhos, releio, reconfiro, a tradução está certa! Ardem-me os olhos, fecho a chave da lâmpada. Uma lassidão de saudade, um bem-estar de homem invadem-me os sentidos. O cérebro entra numa penumbra doce, obnubila-se... desapareço de mim mesmo num espaço opaco, vazio e macio...

Yet suddenly shame enveloped him and he withdrew for an instant. But in that instant she gathered him to her breasts, returning his caresses until he

*found himself buried in the warmth of her flesh, taking refuge from her in her
..... Yet no words came. He did not have the courage. At last he commen-
ced playing with her fingers and, as though some outsider were listening, he whis-
pered in Fräulein's ear⁶:*

Mas que modos são esses, Carlos?... Responda... Venha escrever... Não escrevo mais, disse... Venha... Venha... Você me entristece, Carlos... Mas a hora já acabou... Não ainda... .. – Sim? – Sim o quê, Carlos? .. – Não me aperte assim... Que menino!... .. – Ah, ... vamos! diga se eu posso ir falar com você! – Mas falar o quê, Carlos? .. *Fräulein was sorry that she had been angry
..... After all, Carlos was sweet and sincere. And as she started up the stairs, she whispered “Midnight”⁷.* .. – Sim, deve ser a Tijuca... Que horríveis pedras!... Neste beco apertado, sem alavanca, sem ar, sem defesa... vou decerto morrer esmagado!... – Carlos, Carlos, que distração essa! Olhe! parecem envernizadas!... – São anões vadios e bravios, com espinhos pelo corpo... – Carlos... – Estou aqui, Fräulein! – Não faça assim! podem vir... – Ficaram no automóvel, Fräulein... – Assim não! é capaz de ter alguém por aí... Acordo em sobressalto, alagado de suor, com o velho coração em taquicardia... Era dia claro lá fora; vou para o banho, levo comigo ainda Carlos e Fräulein – vejo-os, sinto-os, ouço-lhes os suspiros no silêncio profundo da chácara... – É prodigioso, digo em voz alta ao casaco do cabide. – O que é, Pio? – Nada, Zulmira, tropecei aqui numa chinela desirmanada. Venho escrever isto. Falho letras, interrompo o movimento coordenado da máquina, esqueço a ortografia do Gonçalves Viana, volto de novo ao original de 1927, releio, confiro a tradução: – está certa. Então, convicto, sincero, orgulhoso da ternura enérgica de irmão mais velho, exclamo em coro com o editor americano: – F A Ç A O U T R O, e sem demora. Faça. Faça outro, crie, aposente-o no cérebro e no coração, e venha compô-lo aqui: – procuraremos juntos a traça de, pensando a tiro largo, acomodarmo-nos à fibra nervosa da tradutora, que soube tão bem desvendar-me a nudez forte da verdade, até agora quase oculta sob o manto ... do Futurismo.

Tio Pio

⁶ Tradução: No entanto, de repente, a vergonha o envolveu e ele se retirou por um instante. Mas nesse instante ela o apertou contra seus seios, devolvendo suas carícias até que ele se viu enterrado no calor de sua carne, refugiando-se dela em seu corpo... No entanto, nenhuma palavra veio. Ele não teve coragem. Por fim, ele começou a brincar com os dedos dela e, como se algum forasteiro estivesse ouvindo, sussurrou no ouvido de Fräulein...

⁷ Tradução: Fräulein lamentou ter ficado com raiva..... Afinal, Carlos era doce e sincero. E quando ela começou a subir as escadas, ela sussurrou “Meia-noite”.

Em 1935, Pio publicou dois artigos na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, criada e dirigida por Mário de Andrade, e mantinha a coluna semanal “Fichas de linguagem”, em *O Imparcial*, de Araraquara (trabalho que continuou durante o ano seguinte).

Em 1936, Quirino Campofiorito (1902–1993), pintor, desenhista e crítico de arte, morador do Rio de Janeiro e professor na Escola Nacional de Belas Artes, promoveu, em Araraquara, o I Salão de Belas Artes, fundando também, na cidade, uma Escola de Belas Artes. Quirino tornou-se amigo de Pio e costumava passear, com sua mulher Hilda e o filho Ítalo, na Chácara da Sapucaia. Em 1945, algumas “Fichas de linguagem” de Pio foram publicadas na revista *Esfêra*, do Rio de Janeiro, por intermédio de Quirino Campofiorito, que era o diretor do periódico (BATISTA & LIMA, 1998, p. 296). Em 1946, a revista *Esfêra* continuou a publicar esporadicamente as “Fichas de linguagem” de Pio.

Figura 14: Quirino Campofiorito com o filho, Ítalo, no colo, na Fazenda São Francisco, de PLC (foto s/a, de 1936), (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.296).



Fonte: Acervo Ítalo Campofiorito.

Figura 15: Fotocópia de Ficha de Linguagem, de PLC, publicada na *Revista Esfera*, em 1946, com anotação do autor.

FICHAS DE LINGUAGEM

MOTA COQUEIRO

insistência

MARTELO

"Chupitar a própria feito em martelo de pena, é delicioso". (Mário de Andrade, "O turista aprendiz", no Diário Nacional, de São Paulo).

"Martelo, s. m. medida de capacidade usada para líquidos. Um martello de cachaça dá para embriagar muita gente" (Padre Teschauer, "Nova Vocabulário", Porto Alegre, 1923).

Esta definição do Padre Teschauer foi tomada, exemplo e tudo, do opúsculo "Léxico de Lacunas" do sr. Afonso Taunay, como aliás confessa o autor no seu próprio verbete. Mas o sr. Taunay não escolheu bem o exemplo, se atendermos a que a frase leva a crer que se trata de muita cachaça. O martelo é uma medida pequena, geralmente um coqueiro, cujo conteúdo, qualquer péu dáguá pode tragar em poucos goles.

O "Novo Dicionário", 1925 e depois dele o "Dic. Contemporâneo", 1926, que lhe copiou a definição, como em inúmeros casos, esses, ambos ensinam: — "a quantidade de aguardente que cabe num copo pequeno". Aqui foi tomado o conteúdo

peio continente: — o pequeno copo é que é o martelo, pois tanto se diz ou se toma um martelo de aguardente como de vinho ou de outra zurrapa qualquer.

Aproveitemos a oportunidade de observar que a escrita *martello*, com um *êl* só, justifica-se perfeitamente, ainda mesmo em ortografia etimológica.

ACOCHADO, COCHADO, ACOSSADO

... o Currupira corria mais que ele e o menino isso vinha que vinha acochado pelo outro" (Mário de Andrade, "Macunaima", S. Paulo, pag. 24). O sentido que aqui se abona, do adjetivo verbal *acochado*, não foi, ainda registrado nas definições dos dicionários, glossários ou vocabulários da língua, apesar de ser corrente no dialeto de São Paulo. Um *veado*, por ex., está *acochado* pelos cães, quando, na corrida, os tem próximos e por isso foge com toda a energia. Também se diz *cochado* no mesmo sentido, penso que por alírese, pois tudo parece indicar que o vocábulo *co* é uma corruptela de *acozado*, por influência da respectiva forma do verbo *cochar*, *torcer*, que é de uso vulgar.

40 Isto saiu publicado numa revista comunista carioca - ESFERA -, por obra e graça do respectivo Director Campofiorito, que levou para o Rio muitos originais das minhas fichas. O nº da revista é 14, e a data 1946, V ano, mês de Maio (era um mensário). Mota Coqueiro

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Fotocópia realizada pela pesquisadora em 2005.

A anotação do autor, em tinta preta, registra: "Isto saiu publicado numa revista comunista carioca - ESFERA -, por obra e graça do respectivo Director Campofiorito, que levou para o Rio muitos originais das minhas fichas. O nº da revista é 14, e a data 1946, V ano, mês de Maio (era um mensário). Mota Coqueiro" (COQUEIRO, 1946, p. 40, grifos do autor).

No ano de 1940, Mário de Andrade estava morando no Rio de Janeiro⁸. Percebendo nas cartas do sobrinho um certo tom de tristeza, chama-o para descansar em Araraquara, dizendo-se preocupado com o amigo, sempre com a percepção aguçada e a compreensão de um conselheiro, como atesta a carta de 12 de abril de 1940:

[...] Eu e Zulmira andamos estranhando a linguagem sombria que às vezes aparece em certos períodos meio-misteriosos, meio-queixosos das suas cartas. Que diabo é isso? Certamente não reconhecemos nessas frases o nosso Mário de todos os tempos, loução e otimista, que sabia ver a vida e os contratempos com aquela pontinha de ironia esfaciante que afugenta as nuvens do horizonte. Você está esgotado, homem! Dotado de nervos sensibíllissimos, V. recebe os choques e os encontrões da massa humana que o rodeia, e obstrui o caminho, com redobrada violência. A continuidade desses obstáculos, que a todos nos contraria, está fazendo mal a V. Venha cá descansar, tomar fitina, comer ovos frescos, pescar lambaris, ler as *Peregrinações*, escrever artigos em ambiente perfumado de murtas e magnólias, rodeado dos “pequenos barulhinhos que constituem o grande silêncio” e verá desaparecerem, na poeira das estradas do São Frco. e do Matão, as equimoses subjetivas que mancham a alma e prejudicam a saúde do corpo. Eu conheço, por experiência, essas equimoses deprimentes. Em 1910 e 1911, ia quase sucumbindo, quando um médico amigo (o Dr. Carlos Botelho) me deu esta receita milagrosa: – “Não se suicide, este é o único perigo a que V. está exposto; o resto passa”. E passou. E recaí. E passou de novo. E recaio frequentemente – mas lanço logo mão da receita que ainda conservo comigo: não me suicido... Aqui já começa a parecer de manhã uma fresquinha macia, que ajuda a viver. Venha gozá-la, venha sentir as carícias de Abril longamente, docemente – e apreciar de bem longe o rumor da política, das ferocidades sociais e das guerras de extermínio. [...] (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 336-337)

⁸ Getúlio Vargas, em 10 de novembro de 1937, impôs o Estado Novo. O prefeito de São Paulo, Prestes Maia, por ele nomeado sucessor de Fábio Prado, mostrou total incompreensão dos inúmeros projetos de Mário à frente no Departamento de Cultura (desde 1935, quando fora nomeado por Gustavo Capanema). Mário pediu demissão em junho de 1937 e, profundamente desgastado com a situação política, resolveu se mudar para o Rio de Janeiro, em julho de 1938, onde ficou até fevereiro de 1941. (CASTRO, 1989).

Sempre que percebia alterações de saúde física ou mental de Mário, Pio o chamava para a chácara, para o campo, para se recompor dos excessos da cidade grande (“a massa humana que o rodeia”), para entrar em contato com a natureza e também usufruir de sua biblioteca. No caso, convida Mário para ler provavelmente o livro *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (1510–1583), no qual o autor relata sua viagem ao Oriente. O livro está na coleção e é uma rara edição de 1725.

Quanto à “fitina” citada por Pio, trata-se de um “sal de cálcio e magnésio do ácido fítico encontrado em sementes de plantas (...) é considerado o mais abundante composto fosforado das plantas” (HOUAISS, 2001, p.1351). Supõe-se, então, que Pio refere-se a algum composto farmacêutico, rico em fósforo, talvez algum remédio fortificante da época.

Em 1941, Pio publicou dois artigos em *O Estado de S. Paulo*, ambos por intermédio de Mário. O conceituado gramático do período, contratado do jornal, era Napoleão Mendes de Almeida (1911-1998), responsável por coluna fixa no periódico. As circunstâncias da publicação estão na carta de Mário, de 9 de setembro de 1941:

Depois de mil e uma peripécias devidas à (atual?) falta de prestígio deste seu criado e ao desinteresse de revistas e jornais pelas coisas do bem falar, afinal consegui, não eu, mas um amigo, lá de dentro, que o Estado publicasse as “Fichas” do Sr. Como o jornal já tem gramático, de nome Napoleão, para não lhe desautorizar a autoridade, as fichas sairão, de quando em quando, na 4ª página, isto é, a página dedicada a artigos assinados. Não leio atualmente o Estado, pois as idiossincrasias políticas de Mamãe, se doem de ver tão nefanda folha poluindo o nosso lar. Mas como a página de artigos sai às quartas e domingos, não será difícil ao Sr. caçar as suas fichas em letra de forma. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 348)

Ano seguinte a essa mensagem, em 1942, Isabel Maria do Carmo de Moraes Rocha, mãe de Zulmira, sogra e cunhada de Pio faleceu em São Paulo. O escritor modernista, também nesse ano, idealizou usar a figura de Mr. Ruxton, o escocês de Araraquara, como personagem de seu futuro romance *Café*, segundo carta a Pio, datada de 29 de janeiro de 1942 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 370-371):

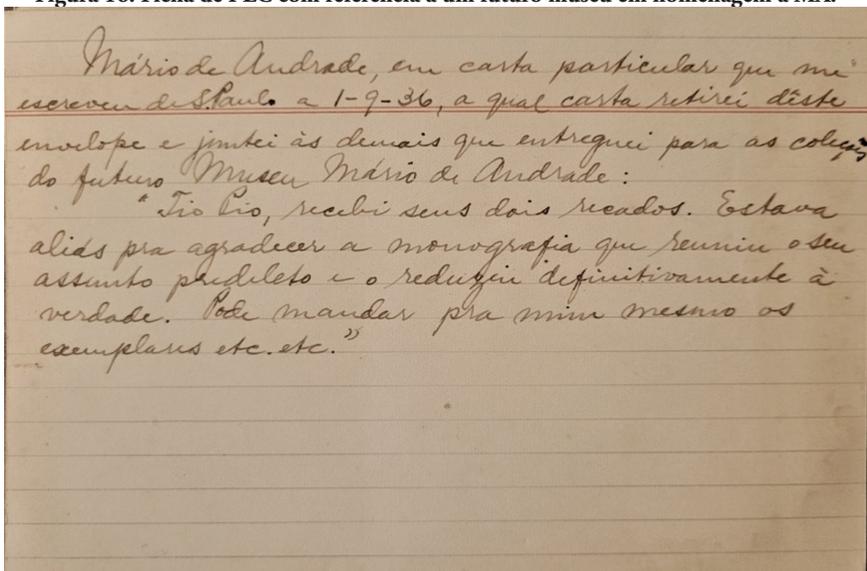
Trata-se do seguinte: início em fevereiro, a reescritura do meu romance *O Café*. Reli agora as notas, preparando a continuação de onde o livro estava parado, e vi que entra em breve no entrecho o personagem “o Mister”, aquele escocês que foi seu amigo. É mero personagem de passagem, que me serve pra explicar porque na cidadinha de Aracina (+ ou – Araraquara) tanta gente estudara o inglês, e principalmente as Duas Irmãs, personagens importantíssimas do romance. O livro (que será enorme) tem dezenas e dezenas de personagens de passagem que pego uma vez só, conto como é, e abandono pra sempre. São verdadeiros *close-up* de cinema, que me servem pra expor a complexidade civilizada do estado de São Paulo, com a riqueza subitânea do café, a consequente atração de estrangeiros de todo o mundo. Não tem pressa, vá me contando aos poucos o que sabe do Mister.⁹

Em 1943, por iniciativa de Mário de Andrade, fundou-se a Biblioteca Pública Municipal, em Araraquara. O escritor doou 600 livros de sua coleção para iniciar os trabalhos e conseguiu, com amigos, e com Pio também, doações para a biblioteca. Hoje, esses livros doados, muitos com dedicatórias, também estão preservados na Sala Pio & Mário.

Em 1945, ano em que participou do Congresso de Escritores e terminou o poema “A meditação sobre o Tietê”, Mário de Andrade morreu vítima de um enfarte, dia 25 de fevereiro, em sua casa da Rua Lopes Chaves. Pio reuniu as cartas trocadas com Mário, os recortes de jornais sobre a morte do escritor, mensagens de condolências recebidas de amigos e parentes. As cartas recebidas de Mário, mais tarde, foram doadas e passaram a compor o arquivo do casal Gilda e Antonio Candido de Mello e Souza. Pio registrou em Fichas de estudo algumas informações e até comentários sobre o modernista e uma delas revela, inclusive, a possibilidade ou um futuro projeto de museu em homenagem a Mário.

⁹ Sobre a obra inacabada de Mário de Andrade, sabe-se que: [o] romance *Café*, obra inacabada, teve uma parcela de seus manuscritos estudada por Tatiana Maria Longo dos Santos em sua dissertação de mestrado Edição genética de *Vento*. Esboço de um romance de Mário de Andrade (FFLCH-USP, 2001, inédita). Paralelamente, Mário escreveu o libreto da ópera *Café*, o qual foi trabalhado por Flávia Camargo Toni, em sua tese de livre-docência *Café, uma ópera de Mário de Andrade: estudo e edição anotada* (IEB-USP, 2004, inédita). A concepção melodramática de *O Café* foi publicada em 1945, nas *Poesias Completas*, edição póstuma pela Livraria Martins Editora. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 370).

Figura 16: Ficha de PLC com referência a um futuro museu em homenagem a MA.



Mário de Andrade, em carta particular que me escreveu de São Paulo a 1-9-36, a qual carta retirei deste envelope e juntei às demais que entreguei para as coleções do futuro Museu Mário de Andrade:

"Tio Pio, recebi seus dois recados. Estava aliado pra agradecer a monografia que reuniu o seu assunto predileto e o reduziu definitivamente à verdade. Pode mandar pra mim mesmo os exemplares etc. etc."

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

No mês de março de 1946, em Araraquara, houve uma sessão solene em homenagem ao primeiro ano da morte do modernista e Pio foi convidado a fazer o discurso, que foi publicado, na íntegra, pelo jornal *O Imparcial*.

Depois da morte de Mário, uma série de perdas de familiares ocorreu até o ano em que o próprio Pio faleceu. Em 1947, em São Paulo, faleceu Anna Francisca de Almeida Leite Moraes, a Tia Nhanhã, muito querida por Zulmira e Mário de Andrade. Em 1949, faleceu Maria Luíza de Moraes Andrade (24/11/1859-16/8/1949), mãe de Mário e tia materna de Zulmira, também em São Paulo. Em 1957, no dia 12 de junho, já com a memória comprometida, faleceu Pio Lourenço Corrêa, em Araraquara.

Zulmira deixou então a Chácara, mudando-se para uma casa na cidade. Doou, em 17 de julho de 1957 (conforme registro na última página, a lápis, em todos os livros da coleção), parte dos livros do marido à Biblioteca Pública Municipal de Araraquara e outra parte à Santa Casa de Misericórdia. Em 1959, faleceu em Araraquara.

Os bens do casal ficaram para os familiares, principalmente Renato Rocha (1917 - 2014), que herdou a Chácara da Sapucaia. Com o crescimento da cidade, a área de 90.000 m² foi loteada. O terreno restante, com a

casa, cerca de 14.000m² (informações recebidas em visita guiada no local) foi comprado pelo casal Waldemar e Heleieth Safiotti, professores que ali moraram e, hoje, o imóvel pertence à UNESP – campus de Araraquara, por doação da família Safiotti, tendo se transformado no *Centro Cultural Waldemar e Heleieth Safiotti*, figuras de destaque também na cidade. A chácara, hoje incorporada à área urbana de Araraquara, Zona Oeste da cidade, fica localizada à Rua dos Libaneses, n. 1111, bairro Nossa Senhora do Carmo.

A casa foi reformada, de acordo com as necessidades dos moradores que sucederam Pio e para reparar os desgastes provocados pelo tempo. Embora restem algumas construções da época de Pio e Zulmira, como a moradia dos empregados, durante o período em que esta pesquisa foi realizada, o conjunto necessitava de restauração urgente.

2.2 A formação do polímata Pio Lourenço Corrêa

2.2.1 A personalidade e os epítetos

Estabelecido o panorama dos acontecimentos, esta seção é dedicada a ideias, interesses e fatos da vida de Pio que revelam certas particularidades desse personagem. As observações a respeito desses aspectos partem do nome oficial de batismo, Pio Lourenço Corrêa, das relações dele com essa identidade. Para tanto, retomamos sua anotação na Ficha de Estudo n. 503 – “Ortografia de nomes próprios de família” – (CPLC), com a explicação da grafia de seu sobrenome:

Os nomes de família – querer reformá-los com as sucessivas reformas ortográficas é absurdo. O autor desta ficha, em todos os sistemas ortográficos que tem visto vigorar no Brasil – e andam já por perto de uma dúzia as marchas e contramarchas desde 1907 até hoje (março de 1948) – sempre usou, para o seu nome de família a forma Corrêa. Por quê? – Porque era este o nome dos meus avós, digo eu. Sou dos Corrêas do tempo que o i que não tinha sido chamado ainda a adoçar o hiato êa. Se eu agora metesse ali a doçura do i, o meu nome, assim açucarado, já não seria o mesmo do Sargento-mor que viveu em Araritaguaba, ou em Itu, ou não sei onde mais, depois de ter medido, como juiz de medições, as sesmarias de Araraquara. Aquele

famoso Sargento-mor, que se recusou a casar com minha avó Maria Pereira depois de ter tido dela um filho (que reconheceu, e veio a ser meu Pai) – mas o famoso barão-feudal nunca escreveu senão Corrêa (José Joaquim Corrêa da Rocha), meu Pai herdou dele o nome sem i e com acento gráfico, e eu não saio daí, ante a giga-joga por onde quiser! Ara!

A anotação registra, além da questão linguística que sempre foi do interesse de Pio, a narrativa sobre a origem de sua família. Os comentários de Pio sobre a língua brasileira reproduzem o discurso que associa as diferenças linguísticas entre o português lusitano e o brasileiro como estreitamente ligados às questões econômicas, observações que também aparecem nas obras de Gilberto Freyre (1900-1987):

Os enunciados de Gilberto Freyre na década de 1930, sobretudo em *Casa Grande & Senzala* (1933) (...) mostraram-se representativos pela argumentação em que se pode observar uma estreita ligação entre sua explicação sobre a organização social (econômica) do país e as diferenças entre o português brasileiro (PB) e a variante falada em Portugal (PE). Houve um tempo em que o português do Brasil era considerado o português com açúcar, expressão na qual se juntam uma referência ao modo de falar e a um momento importante da história do Brasil, de Portugal e de algumas regiões da África. O tráfico de escravos bem como o açúcar brasileiro eram os principais produtos que garantiam a rota do comércio português: África-América-Portugal. (BORBA, 2006, p. 17).

Borba (2006, p. 17) considera, ainda, que:

Freyre não foi o primeiro a caracterizar com esse tipo de imagem ou representação o português falado no Brasil. O Visconde de Pedra Branca em 1824, dissertando sobre o caráter das línguas como reflexo das sociedades, opõe o francês ao português e, a este, o idioma brasileiro, que considera um ramo transplantado para a América. Na tentativa de caracterizar esse idioma, Pedra Branca recorre aos campos fonológico e lexical, apontando naquele, como traço específico do Brasil, o falar mais doce, mais ameno; e, com relação ao léxico, algumas especificações semânticas, alguns empréstimos indígenas e de outras procedências imprecisamente definidas. Demarca, assim, a linha de reflexões que por muito tempo será a da quase totalidade dos estudiosos do assunto.

Estudioso da linguagem que era, Pio provavelmente conhecia a obra de Pedra Branca ou teve acesso a comentadores dessa obra. Em sua coleção, há vários autores/pesquisadores sobre o assunto, entre os quais já se encontram: Charles Bally (1865-1947), com *Linguistique generale et linguistique française* (s/d) e *Langage et la vie* (s/d); e J. Vendryes (1875-1960), com: *Langage: introduction linguistique a l'histoire* (1921). Assim, o discurso de Pio reproduz a ideia de que conservar a grafia de um suposto idioma puro garantiria a conservação do caráter idealmente duro de seus ancestrais, ou seja, conservaria também a força, tanto física quanto militar, que forjou uma sociedade estamental.

A história de Pio Lourenço Corrêa e de sua família confunde-se com a própria história da cidade de Araraquara, os sobrenomes Corrêa, Rocha e Arruda foram frequentes nos eventos históricos e políticos da formação do município. Já transcrevemos neste trabalho o testemunho de Pio, no Álbum de Araraquara de 1915 (FRANÇA, 1915, p. XIV), em que ele afirma que ouviu a história da origem da cidade de Araraquara pela narrativa oral do Snr. Capitão Antonio Lourenço Corrêa Rocha (seu irmão e tutor), que ouviu a história do pai, Comendador Joaquim Lourenço Corrêa Rocha (pai de Pio) que, por sua vez, a ouvira de seu pai, o Sargento-Mor José Joaquim Corrêa da Rocha (avô de Pio). Assim, é possível constatar por meio do texto a convivência entre as gerações, inclusive com a transmissão oral de histórias familiares.

O nome oficial de batismo, Pio Lourenço Corrêa, hoje nome de rua em Araraquara, transformou-se no epíteto Tio Pio por meio do qual era chamado em seu círculo familiar. Segundo Bourdieu, os nomes oficiais das pessoas, aqueles que aparecem nos documentos: “não pode[m] descrever propriedades nem veicular nenhuma informação sobre aquilo que nomeia[m]” ou “só pode[m] atestar a identidade da personalidade [...] à custa de uma formidável abstração” (BOURDIEU, 2006, p. 187).

Se o nome oficial de Pio atesta a identidade de membro de uma família tradicional de Araraquara, o epíteto representa certo traço de sua personalidade. O epíteto de Tio Pio justificava-se porque tinha, de fato, muitos sobrinhos por parte dos irmãos mais velhos do primeiro casamento do pai. Além destes com quem mantinha o grau de parentesco, outros convivas mais chegados foram adotando também o chamamento, como Mário de Andrade (que não era seu sobrinho, era primo de primeiro grau da esposa dele, Zulmira), e é

possível constatar na correspondência trocada entre os dois (ANDRADE & CORRÊA, 2009), que Mário assim o denominava no vocativo das cartas que lhe dirigia, e que Pio assim terminava as suas assinando também “Tio Pio”, embora usasse com frequência o papel timbrado, com seu nome completo encimando a folha. Para pessoas próximas, ainda que fora do circuito familiar, também era o tio, tratamento que se acostumaram a ouvir e ao qual deram continuidade. Em certo sentido, parece que o Tio Pio tornou-se o membro da família e da comunidade em torno do qual todos se agregavam, uma espécie de esteio do clã, respeitado tanto pelo capital material quanto pelo capital simbólico, cultural, que acumulou. Observado por este lado, o epíteto de Tio garante-lhe certo poder patriarcal o que justifica que, contrário à camaradagem que sugere esse tratamento familiar, o relacionamento com Pio não permitia muitas liberdades, pois os textos lidos, as cartas e os depoimentos colhidos reforçam a ideia de que o Tio Pio era um homem muito rígido em tudo, temido por sua seriedade, não era um homem para brincadeiras ou deslizes, como atesta a frase dita por Pio que Antonio Candido guardou na memória e reproduziu durante a conversa: “Bem sabes que sempre fui infenso a fanfarras e valdevinos!”.

Há outra referência significativa associada a Pio Lourenço Corrêa, o pseudônimo utilizado em quase todas as suas publicações: Mota Coqueiro. Os entrevistados para esta pesquisa, que conviveram com Pio, não souberam dizer de onde teria ele extraído/criado tal designação e não foram encontradas anotações a esse respeito.

O que se apurou quanto à origem desse pseudônimo é que ele está ligado a um acontecimento histórico do século XIX, um crime brutal, no Rio de Janeiro, região de Campos dos Goitacazes, cuja autoria foi atribuída a um fazendeiro chamado Manoel da Motta Coqueiro (1799-1855). Uma família inteira de escravos de sua propriedade foi morta e a casa em que estavam os corpos foi incendiada na madrugada de 12 de setembro de 1852. Rapidamente, sem grandes investigações, o fazendeiro foi acusado, a imprensa deu bastante atenção ao ocorrido, foi uma comoção no local. O fazendeiro, acuado, tentou fugir e acabou sendo preso. Após julgamento, foi condenado à forca e executado em 6 de março de 1855. Havia a possibilidade, na época, de solicitar a “Graça Imperial” a D. Pedro II, que poderia livrar Motta

Coqueiro da força, mas o imperador recusou-se a conceder a graça, respeitando o resultado do julgamento. Pouco tempo depois, foram aparecendo indícios da inocência do fazendeiro, novas informações, pessoas trouxeram novos dados que o inocentavam, mas era tarde demais. No relato de Möller & Sá (2012, p. 68):

Há cerca de 150 anos a pena de morte, como desfecho de um processo criminal formal, teria sido aplicada pela última vez no Brasil. O Imperador Pedro II nunca mais sancionaria a sua aplicação devido a uma suspeita de que o condenado, o fazendeiro Manuel da Motta Coqueiro, fosse inocente. Motta Coqueiro pagou com a vida pela chacina de toda uma família, praticada em Macabu, localidade situada no norte fluminense, então abrigada pelo município de Macaé. O modo controvertido com que os processos policial e judiciário teriam sido conduzidos sugeriria que a condenação pudesse ter atendido a interesses obscuros. As controvérsias estão presentes não apenas na atribuição das responsabilidades sobre a chacina, mas na própria identidade dos executantes, no fato motivador do crime e, mesmo, no número de vítimas.

Após esse erro judiciário, o que tudo indica ter sido, o Imperador Pedro II passou a ser mais benevolente e cuidadoso, foi abrandando esse tipo de castigo, dando sua “Graça” aos condenados e, embora a pena de morte tenha sido abolida no Brasil, oficialmente, apenas em 20 de setembro de 1890, no período republicano, já não estava sendo aplicada, na prática, no Segundo Império. Esse fato foi transformado em livro por José do Patrocínio (1853-1905), jornalista, romancista, poeta: *Mota Coqueiro ou a Pena de Morte*, publicado em 1877.

Pio Lourenço Corrêa passou por uma experiência difícil quando jovem em Araraquara. Entre 6 e 7 de fevereiro de 1897, vivenciou um linchamento de presos na delegacia da cidade e, durante o julgamento dos envolvidos, foi chamado a depor, como já relatado. É plausível pensar que Pio possa ter adotado o nome do fazendeiro acusado injustamente, mas esta hipótese não encontra respaldo nos registros deixados por Pio, que usava esse pseudônimo em todas as publicações sobre linguagem, mas o utilizou em apenas um texto ficcional, “O caso do barraqueiro”, um conto que publicou na *Revista Papel e Tinta*, no ano de 1921, apadrinhado por Mário de Andrade.

Outro pseudônimo, na verdade quase-pseudônimo, seria Grain D’Orge, aquele pensado para a construção do conto sobre o relacionamento de Pio com Joia, projeto literário malogrado, já comentado no capítulo anterior.

A personalidade severa de Pio ficou registrada mais detalhadamente no conto “O poço”, da coletânea *Contos Novos* (1947), publicação póstuma de Mário organizada por Antonio Candido. O autor modernista descreveu traços da figura rígida, conservadora, com toques até de crueldade, do tio/amigo no personagem principal, o velho Joaquim Prestes, como atesta o manuscrito em que o nome original do personagem seria Seu Corrêa, mas foi riscado e substituído por Joaquim Prestes. Mário assim descreveu o personagem:

Ali pelas onze horas da manhã o velho Joaquim Prestes chegou no pesqueiro. Embora fizesse força em se mostrar amável por causa da visita convidada para a pescaria, vinha mal-humorado daquelas cinco léguas de fordinho cabritando na estrada péssima. Aliás o fazendeiro era de pouco riso mesmo, já endurecido por setenta e cinco anos que o mumificavam naquele esqueleto agudo e taciturno.

O fato é que estourara na zona a mania dos fazendeiros ricos adquirirem terrenos na barranca do Mogi pra pesqueiros de estimação. Joaquim Prestes fora dos que inventaram a moda, como sempre: homem cioso de suas iniciativas, meio cultivando uma vaidade de família – gente escoteira por aqueles campos altos, desbravadora de terras. Agora Joaquim Prestes desbravava pesqueiros na barranca fácil do Mogi. Não tivera que construir a riqueza com a mão, dono de fazendas desde o nascer, reconhecido como chefe, novo ainda. Bem rico, viajado, meio sem quefazer, desbravava outros matos. (ANDRADE, 2000, p.73)

Ainda que o personagem tenha sido construído literariamente, as várias fotos de Pio observando a construção de um poço em suas terras no arquivo do escritor, além do nome original do personagem que foi substituído atestam a inspiração que Mário buscou em Pio.

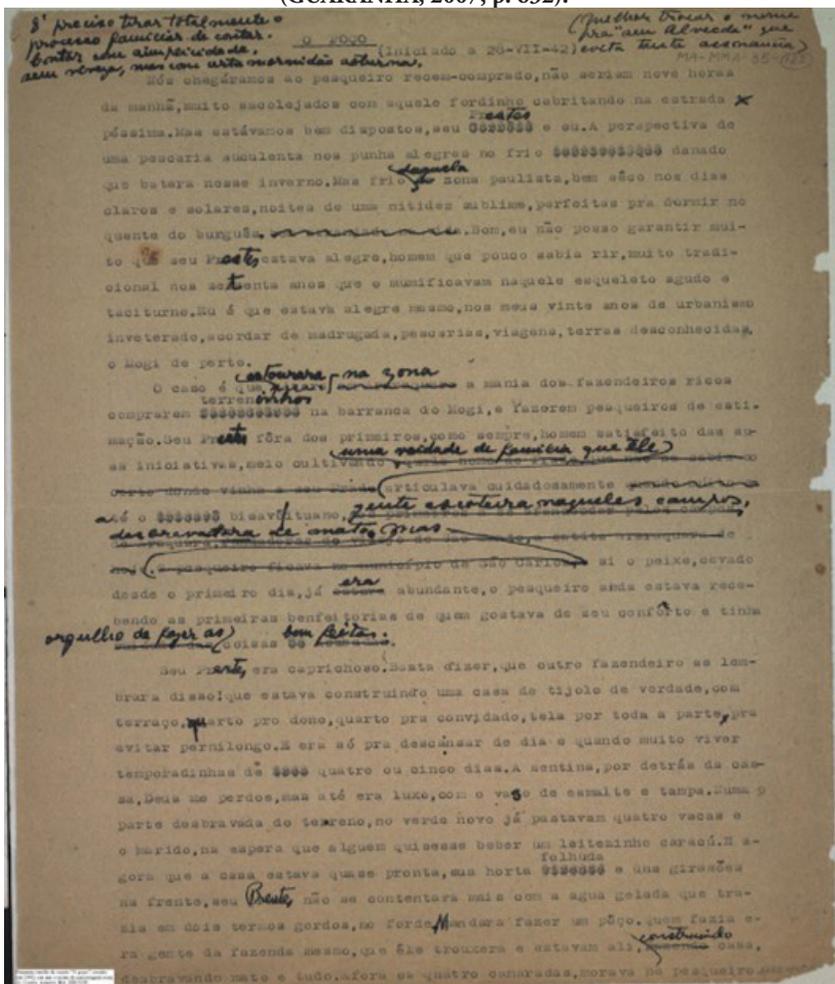
Figura 17: Pio Lourenço Corrêa acompanhando o esvaziamento do poço em seu pesqueiro, em junho de 1931 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 199).



Fonte: Acervo Mário de Andrade - AMA, Instituto de Estudos Brasileiros - IEB, Universidade de São Paulo - USP.

Além da descrição desfavorável dada ao personagem, são as ações dele que deixam o narrador do conto, por assim dizer uma espécie de *alter ego* de Mário de Andrade, desconfortável: o velho Prestes, autoritário, obriga um funcionário seu, tuberculoso, a descer ao fundo do poço para resgatar uma caneta que caíra no buraco. A narrativa foi analisada por Ivone Daré, em *O caminho do encontro: uma leitura de Contos Novos* (1999, p.151-177).

Figura 18: Fragmento dos manuscritos do conto “O poço”, em que a personagem nasce com o nome de Sr. Corrêa, depois substituído por Joaquim Prestes, com anotações de MA (GUARANHA, 2007, p. 632).



Fonte: Acervo Mário de Andrade - AMA, Instituto de Estudos Brasileiros - IEB, Universidade de São Paulo – USP. Fotocópia tirada em 2005.

Pio não gostou da sua imagem como foi retratada na história, mas Antonio Candido, que fez a seleção das obras para a publicação póstuma, amenizou a indignação do fazendeiro argumentando sobre as especificidades da ficção, da literatura, a necessidade de o autor “carregar nas tintas” para a narrativa ficar mais interessante (explicação dada a esta pesquisadora em entrevista com Candido). Apesar deste episódio, Pio continuou sempre

coleccionando livros e notícias sobre Mário.

Há, contudo, um documento curioso que Pio guardou sobre Mário e que pode ser indício de certas ressalvas que ele guardava em relação ao sobrinho postiço. Trata-se de um recorte de jornal recebido em 24 de fevereiro de 1952, trinta anos depois da Semana de Arte Moderna e sete anos depois da morte do escritor modernista. O artigo republica, sob a manchete em letras garrafais, “Somos burríssimos, idiotas, ignorantíssimos” e sob o sugestivo lide “A Confissão dos modernistas - uma carta escrita há 30 anos”, uma suposta carta que Mário teria enviado em fevereiro de 1922 a Menotti del Picchia (1892-1988), a qual teria sido publicada à época pelo periódico *Correio Paulistano*. No texto, Mário escreve, talvez com a ironia peculiar que caracterizou a iconoclastia do Primeiro Momento do Modernismo, que o movimento teria sido um meio de “alcançar a celebridade” e, para tanto, houve a necessidade de “lançar uma arte verdadeiramente incompreensível, fabricar o Carnaval da Arte Moderna e deixar que os araras falassem” (Figura 35). Na carta, o substantivo “araras” é uma referência à ruidosa reação dos tradicionalistas, mas também pode ser uma referência toponímica à região em que mora o Tio Pio, talvez usado como metonímia de reduto de reacionários incapazes de compreender a arte moderna ou, descartada a ironia, incapazes de compreender a estratégia dos modernistas para chamar a atenção.

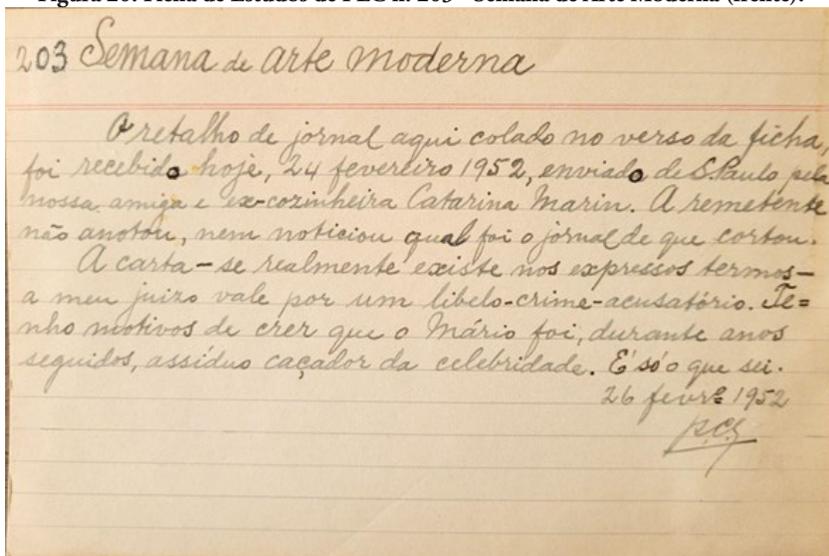
Figura 19: Ficha de Estudos de PLC n. 203 - Semana de Arte Moderna (verso), com recorte de jornal afixado: “Somos burríssimos, idiotas, ignorantíssimos”.



Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Na ficha em que anexou o documento, ainda que ponha em dúvida a veracidade da carta, “se realmente existe nos expressos termos”, parece acreditar que seja verdadeira e sequer considera a possibilidade de, comprovada a existência da carta, que seu conteúdo seja irônico. Antes delibera laconicamente: “Tenho motivos para crer que o Mário foi, durante anos seguidos, assíduo caçador de celebridade. É só o que sei”.

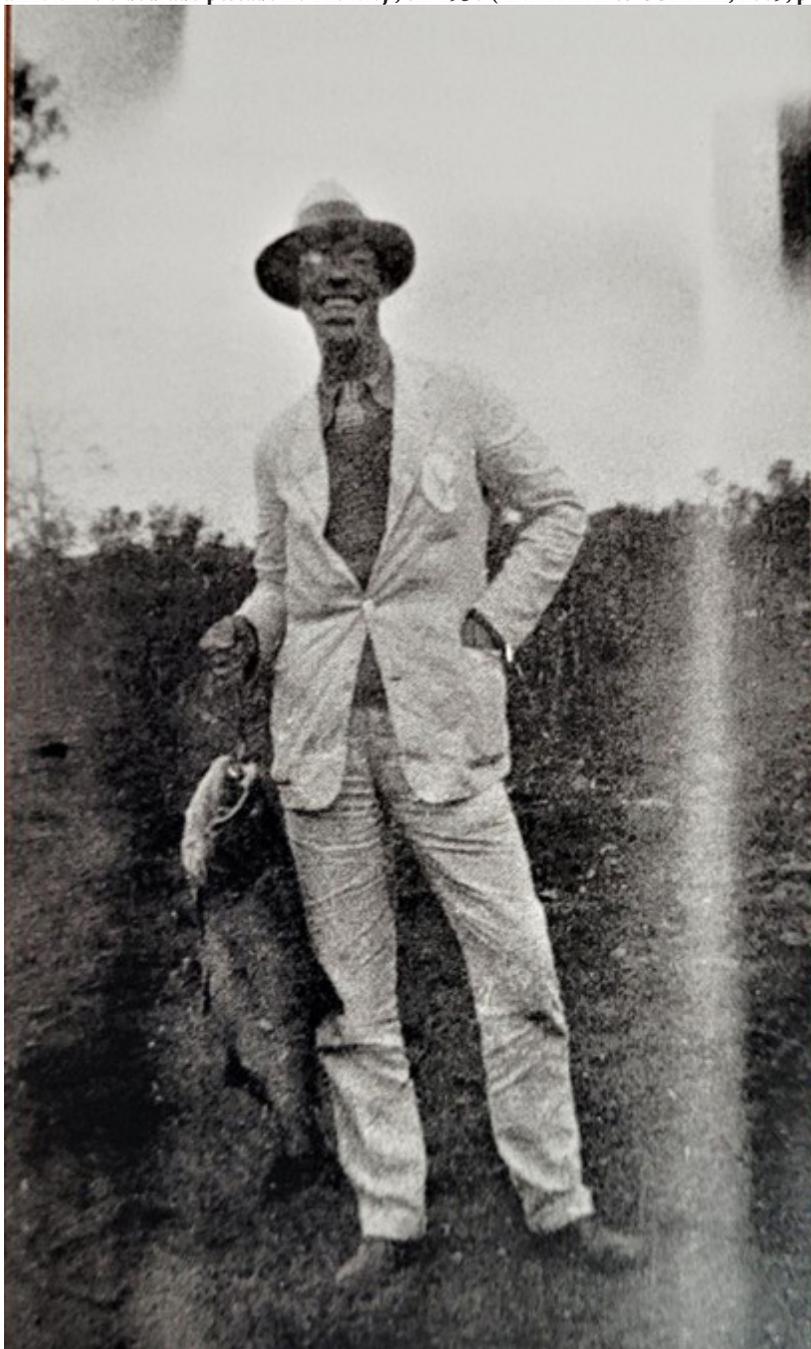
Figura 20: Ficha de Estudos de PLC n. 203 - Semana de Arte Moderna (frente).



Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Em vida, o modernista registrara, além do conto “O Poço”, outros momentos inspirados nas atividades de caça e pesca de Pio. Um exemplo disso é a crônica “A pesca do dourado”, publicada em 6 de julho de 1930, no *Diário Nacional*, de São Paulo (ANDRADE, 1976, p. 219-221), republicada em *Os filhos da Candinha*, nas Obras Completas da Livraria Martins Editora, em 1943, p.71-76. Há também uma foto no arquivo do escritor em que ele posa ao lado de um grande peixe e sua câmera fixou imagens do pesqueiro do amigo, durante as férias de julho desse mesmo ano, conforme anotação no verso da foto (ANDRADE, 1976, p.139).

Figura 21: MA e o dourado pescado no Rio Moji, em 1930 (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 171).



Fonte: Acervo Mário de Andrade - AMA, Instituto de Estudos Brasileiros - IEB, Universidade de São Paulo - USP.

Os diferentes aspectos da personalidade de Pio podem ser compreendidos por meio dos diferentes nomes pelos quais foi referenciado, quer oficialmente, quer pelos pseudônimos criados por ele, quer por personagens fictícios nele inspirados que registram, a seu modo, diferentes narrativas as quais formam peças de um mosaico: o nome de registro, Pio Lourenço Corrêa, que o constitui como indivíduo, faz referência ao cidadão araraquarense, fazendeiro, bibliófilo, intelectual, naturalista e autodidata; o epíteto “Tio Pio” evoca a referência do parentesco, da proximidade e até da afetividade, nem sempre atestada pelos que viveram com ele; Mota Coqueiro, por sua vez, aponta para o estudioso, notadamente filólogo e linguista, além de escritor; Grain D’Orge, quase-contista, ficcionista embrionário que não se desprende do terreno das experiências pessoais para materializar-se no campo ficcional como persona; e, finalmente, o velho Prestes da narrativa de Mário de Andrade, dono de terras, rico, viajado, metódico e até tirano.

2.2.2 – O fazendeiro autodidata e polímata

Considerando todas as facetas de Pio Lourenço Corrêa, a vida, os estudos, as publicações, a Coleção na biblioteca de Araraquara/SP, a atuação na cidade e os diálogos com intelectuais, é possível atribuir-lhe alguns adjetivos para recompor sua figura. Primeiramente, podemos afirmar, guardadas as devidas proporções, tratar-se de um homem ilustrado, na acepção de Antonio Candido (1981, p. 43-44):

[p]or Ilustração, entende-se o conjunto das tendências ideológicas próprias do século XVIII, de fonte inglesa e francesa na maior parte: exaltação da natureza, divulgação apaixonada do saber, crença na melhoria da sociedade por seu intermédio, confiança na ação governamental para promover a civilização e bem-estar coletivo. Sob o aspecto filosófico, fundem-se nela o racionalismo e empirismo; nas letras, pendor didático e ético, visando empenhá-las na propagação das Luzes.

Pio revelou um comportamento semelhante aos estudiosos do período das “Luzes” pelas práticas de colecionar livros; de estudar por iniciativa própria; de aplicar técnicas científicas em suas fazendas (na agricultura e pecuária); de adotar um método de estudo com o fichamento das informações

mais importantes (compondo quase que uma enciclopédia particular¹⁰); de dominar línguas estrangeiras; de estudar a língua portuguesa; de publicar informações e pesquisas sobre linguagem, principalmente no campo da filologia, ou seja, ter uma preocupação pedagógica. Candido reforça essa hipótese ao descrevê-lo:

[u]m de seus aspectos mais salientes era o extremado corte conservador: concepção muito elitista da sociedade, senso da hierarquia, confiança no que chamava a “filosofia natural”, ou seja, a teoria darwinista da vitória do mais apto. Na conduta, o respeito pelos valores tradicionais e uma honestidade intransigente que podia chegar ao sacrifício de seus interesses. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 11).

Em carta, escrita no dia 11 de março de 1922, respondendo ao interlocutor Mário de Andrade, que havia lhe mandado notícias da Semana de Arte Moderna de 1922, Pio posicionou-se a respeito das propostas do movimento modernista. Estimulou Mário em sua empreitada, mas reconheceu que, nesses assuntos, era um conservador, tradicionalista:

[n]a divisão do trabalho humano, a que obriga a eterna e universal Lei da capacidade de cada um, a mim me tocou plantar batatas e matar formigas. Em arte (já V. o sabia) sou simplesmente um *by stander*, um *mirone*, um *badaud*, um basbaque. De toda essa nomenclatura internacional, escolha V. a que mais me convier. Como plantador de batatas, não percebo essa coisa de se meterem batatas, digo, palavras avulsas – *by standers* – no meio do discurso; como matador de formigas, não me cabe na mioleira. Também já V. o sabia. Mas continuo a plantar batatas, sem me interessar pela sorte dos *soviets*. Um verso sem metro, sem rima, sem leis. Considero isso tudo como arte dos *soviets*. O pior é que nem todos continuam a plantar batatas: alguns vão ao Municipal atirar batatas! Que se lhes há de fazer? Aturá-los, e deixá-los. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 55). (Grifo e itálicos do autor).

Pio empregou neste fragmento diversos estrangeirismos (dominava principalmente o Inglês e o Francês) para se autodesignar apenas um observador

¹⁰ Há, inclusive, uma ficha em que registrou um plano ou a possibilidade, que não se concretizou, de que estivesse pensando em uma enciclopédia.

das modernidades o que, ironicamente, contrasta com o último adjetivo que empregou para qualificar-se, “basbaque”, ingênuo, tolo, simplório.

De qualquer modo, pode-se dizer que em seu discurso na carta ao modernista reafirma-se um tolo, mas não muito, ou se coloca como um tolo letrado que tem alguma bagagem para dizer o que diz. Ao fingir um lapso de memória em que confunde “batatas” com “palavras avulsas [metidas] no meio do discurso”, reafirma sua habilidade de brincar com as palavras, como em certo sentido faziam os poetas iconoclastas e, ao mesmo tempo, atribui a essa prática certa gratuidade que, segundo ele, “não me cabe na mioleira”. Reconheceu-se um homem do campo, defensor do *locus amoenus*, que não concebia a poesia “sem regras nem leis”, conservador portanto. Não obstante isso, terminou a carta condenando a atitude do público ao agredir os modernistas no Teatro Municipal de São Paulo.

Pio, entretanto, apesar da distância física que mantinha da cidade, não se privava de alguns luxos da civilização, além dos livros. Como um indivíduo da *Belle Époque*, foi o primeiro a ter uma geladeira na região; teve dois automóveis (um Ford, a “fordeca” tão citada por Mário de Andrade - para passeio, dirigido por sua cozinheira, Antonieta, o que não era nada comum na época, uma mulher dirigir um carro; e outro para ir à fazenda e ao pesqueiro). Ilustram, ainda, o gosto pelo luxo a enorme banheira importada da Bélgica, quando de sua viagem à Europa, em 1911, e a aquisição de uma máquina de escrever para o seu escritório, em 1934, seguindo conselho de Mário.

Por outro lado, sempre foi afeito ao contato com a natureza, não só pelas atividades agrícolas, pelas pescarias e caçadas, mas também pelo hábito de frequentar regularmente a estação de águas em Águas da Prata para tratamentos de saúde. Esse comportamento autoriza estabelecer um paralelo entre Pio e o homem ilustrado à moda do século XVIII, descrito por Candido (1981, p. 65), homem este que estabelecia, assim como Pio, um “diálogo por vezes angustiosamente travado entre civilização e primitivismo”, que apresentava e representava uma

[p]ersonalidade [...] convencionalmente rústica, mas proposta na tradição clássica, permitia exprimir a situação de contraste cultural, valorizando ao mesmo tempo a componente local – que aspirava à expressão [...] - e os cânones da Europa, matriz e forma da civilização a que o intelectual

brasileiro pertencia, e a cujo patrimônio desejava incorporar a vida espiritual do seu país. (CANDIDO, 1981, p. 60)

Essa aproximação foi, inclusive, sugerida pelo próprio Mário de Andrade em uma brincadeira que fez em carta enviada a Pio, datada de 18 de dezembro de 1941, quando o modernista tentou escrever em “estilo antigo”: “Senhor meu Tio e muito amigo/ Pio Lourenço Corrêa, / em sua chácara de Araraquara, / cordiais visitas”, e, em seguida: “Não continuo assim seculodezoiamente porque me estrepo” (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 323).

O hábito de Pio de fichar, anotar informações de seus estudos, construindo sua “enciclopédia particular” também é outra marca do homem ilustrado. Além de colecionar metodicamente e consultar essas fichas que, muitas vezes, servem de suporte a outros documentos elas registram conteúdos que foram usados para responder a dúvidas linguísticas dos consulentes e nas produções de Pio, notadamente nos textos publicados na coluna do periódico *O Imparcial*, “Fichas de Linguagem”, publicada durante os anos de 1935 e 1936.

A correspondência de 16 de março de 1925 enviada por Pio a Mário atesta o gosto do remetente por coleções e enciclopédias, bem como o fato de que adquiria essas obras não apenas por diletantismo ou para estudos de temas não ligados à sua atividade econômica principal, mas também com finalidade pragmática de aplicar os conhecimentos técnicos que elas veiculavam às suas atividades econômicas. Na correspondência, em tom bem-humorado, investe o interlocutor da função de correspondente literário, bem como encomenda-lhe uma obra sobre insetos himenópteros cujas informações serviriam para ajudar em suas atividades como apicultor: praticamente intima Mário de Andrade a comprar livros para ele em São Paulo e já encomenda um em especial:

[e]u preciso muito de um correspondente literário passadista aí em S. Paulo, por cujo intermédio possa efetuar compras de livros. Por direito consuetudinário, já V. estava investido desse cargo; mas daqui por diante, sirva esta carta de alvará de nomeação solene, e fique V. com a investidura oficial e togada.... Há em França – e portanto há de haver também no Garraux ou algures – uma coleção de livros sob o título geral de *Encyclopédie Scientifique, publiée sous la direction du Dr. Toulouse*. Apesar do nome rabilongo, são livros pequenos. Um desses volumes é consagrado aos insetos Heymenoptères. Este volume eu quero que V. me compre,

e remeta pelo correio para aqui, para eu ler nos intervalos da bebida de água, e habilitar-me a olhar para as minhas abelhas, quando voltar, com olhos menos ignorantes. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 81)

Esta mensagem foi enviada de Águas da Prata, cidade turística onde ele e a esposa Zulmira Corrêa faziam costumeiramente “estação de águas”, iam para beber água pura e banhar-se em águas com propriedades medicinais. Mesmo nas férias, Pio não se desligava das preocupações com as atividades da fazenda. Além disso, esta carta também documenta, por assim dizer, o início oficial da atividade de Mário, que já executava esporadicamente essa tarefa, como correspondente literário oficial e, a partir de então, sempre enviou ou deixou dinheiro para Mário comprar-lhe lançamentos ou encomendas.

A solicitação era para que Mário visitasse a “Casa Garraux: livraria francesa de São Paulo, criada em 1860; [que] comercializava também chá, rapé, tabaco, materiais de escritório e fazia encadernações” (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.81), localizada à Rua 15 de Novembro, 250-256, região central de São Paulo, para comprar um volume da “*Encyclopédie Scientifique, publiée sous la direction du Dr. Toulouse*, que não consta da biblioteca da coleção, provavelmente porque a maior parte das obras sobre o assunto foi doada ao Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto e ao Departamento de Zoologia da Universidade de São Paulo” (GUARANHA, 2007, p. 61), segundo informação de Antonio Candido. Além disso, na correspondência de Pio e Mário não há a resposta do destinatário sobre a encomenda específica. Em outra ocasião, 9 de dezembro de 1931, Pio solicitou em carta um grande trabalho a Mário, em busca de uma coleção portuguesa:

[e]u encontrei aí em S. Paulo, em mãos não sei de quem (o encontro foi por intermédio da Livraria Brasil, que não nomeia o possuidor) uma coleção da *Revista Lusitana*, completa, até o volume 23. Preço – 800\$000. Como não são oito vinténs, não me convém adquirir a obra sem me certificar do estado dela. Por esse dinheirão, só a comprarei se estiver perfeita de fato, isto é, se contiver ainda todas as indicações bibliográficas (está encadernada, e os encadernadores são vandálicos às vezes), se tiver todas as páginas, se não tiver recortes (é comum qualquer vândalo, não encadernador, cortar poesias ou pedaços de prosa, como fizeram aqui nos meus volumes da *A Semana*), e, enfim, se estiver de fato em perfeito estado, como

me afirmou a livraria – que está. Afirmando, mas... quem sabe? São tantos volumes, são tantíssimas páginas, a gente às vezes é um tanto descuidoso de minúcias... Mandeí propor ao dono que me remetesse para exame os 10 primeiros volumes – que nestes principalmente concentra-se o meu interesse: os outros, eu tenho perfeitos, e não se me dá de adquirir os oferecidos ainda mesmo com alguns senões. O homem recusou, pretextando coisas que não vêm ao caso referir. Mas prontifica-se a depositar a obra na dita Livraria Brasil, para ser aí examinada por mim ou por uma pessoa de minha confiança. Não posso ir a S. Paulo. Pessoa de minha confiança para o caso – só V., V. só e não vejo outrem. É espiga, e grande, que o trabalho de folhear 10 volumes de cerca de 300 páginas não é festa! Mas... Quer V. fazer-me o estafante favor? E, querendo, poderá fazê-lo? (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 211).

Mário respondeu e Pio enviou nova mensagem tranquilizando o modernista quanto ao cumprimento da tarefa, uma vez que Mário informara que estava adoentado e acompanhando os exames finais do Conservatório Musical de São Paulo, onde era professor. Avisou que só poderia “folhear” a coleção depois do dia 20 de dezembro. Mário cumpriu a missão, pois

[n]a Coleção de PLC encontram-se 35 volumes da *Revista Lusitana – Revista de Estudos Portugueses*, arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal, publicação do Museu Etnológico Português e do Instituto Nacional de Investigação Científica de Lisboa. A coleção de Pio deste importante periódico dirigido por Carolina Michaëlis de Vasconcelos está encadernada em couro vermelho; vai de janeiro de 1897 a 1939. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 211).

Quanto ao outro periódico citado na carta do dia 9 de dezembro de 1931, *A Semana*, contou-nos Antonio Candido que

teve duas fases: a primeira, de 1885 a 1887, sob a direção de Valentim Magalhães. Passando a outras mãos, acabou pouco depois. A segunda, de 1893 a 1895, também era dirigida por Valentim, auxiliado por Max Fleiuss. Desta, PLC tinha a coleção completa, que se perdeu com muitos livros e revistas após a sua morte, ou pouco antes. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 211).

Essas cartas ajudam a esclarecer como a biblioteca de Pio foi se formando e se desenvolvendo, inclusive dá pistas sobre obras que não estão mais lá, mas que faziam parte da seleção e das áreas de interesse do seu proprietário.

É possível constatar, então, que Pio, em sua vida e em seus estudos, mantinha certos hábitos e valores herdados daquela consciência ilustrada à moda do século XVIII e acrescida dos valores do tempo em que viveu, final do século XIX e primeira metade do século XX. Esses hábitos revelaram-se também nas relações que estabeleceu com intelectuais mais jovens com quem conviveu, principalmente Mário de Andrade. Ambos liam, discutiam e fichavam suas pesquisas, elaborando cada um a sua “enciclopédia particular”, trocando informações, conhecimentos e anotações como dois “enciclopedistas”, guardadas as devidas proporções.

O modernista, quando trabalhou no Instituto Nacional do Livro do Rio de Janeiro, em 1939, chegou a projetar a sua enciclopédia: “a obra seria similar à *Encyclopedie* francesa, do século 18, e à alemã *Brockhaus*, cuja primeira edição é do início do século 19” (BRISO, 2009, s/p). O projeto não foi concluído, pois, “após a morte do escritor, em 1945, colaboradores só persistiram por mais cinco anos, sem ultrapassar os verbetes da letra ‘A’” (BRISO, 2009, s/p). A *Enciclopédia Brasileira*, idealizada pelo modernista, só seria concluída por uma equipe organizada pelo professor e tradutor espanhol José Luis Sánchez e sua compatriota Meritxell Almarza, em 2009, com apoio da Biblioteca Nacional e da editora espanhola Oceano.

Quanto a Pio Lourenço, o material que produziu a partir dos estudos serviu de base não só para consulta e redação de suas Fichas de Linguagem, publicadas no jornal *O Imparcial* de Araraquara, mas também para as quatro edições de sua *Monografia da palavra Araraquara* (1936, 1937, 1940 e 1952); para os artigos que publicou no jornal *O Estado de S. Paulo*; para textos publicados em revistas do Rio de Janeiro e de São Paulo; para revisar textos de amigos e para atender a consultas destes amigos, assunto que será tratado em seção posterior. Assim como planejava Mário, houve, conforme registro em ficha, um momento em que a possibilidade de elaborar uma enciclopédia também foi considerada por Pio.

Figura 22: Sumário de provável projeto de Enciclopédia elaborado por Pio Lourenço Corrêa.

9	Enciclopédia
90	Referências pessoais
91	Filosofia: religião, mistério, ocultismo, mitologia (para moral, v. o n.º 93), superstição
92	Ciências físico-naturais; história natural; matemáticas; evolução humana, antropologia, paleontologia, botânica
93	Ciências sociais; pré-história, lendas, política, usos e costumes, tradições, moral, raças, folclore, espiritismo, credulidade, intrusões, ignorância e boa fé
94	Artes, críticas, ironias, humorismos, • Brasil, suas cidades e coisas
95	Miscelânea

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Além de ilustrado e enciclopedista, outra característica de Pio, decorrente destas duas, é a de erudito, já que a erudição é “instrução, conhecimento ou cultura variada, adquiridos especialmente por meio da leitura” (HOUAISS, 2001, p.1190). Burke (2020, p. 20) aplica o termo, mais especificamente, ao “conhecimento acadêmico”, em que concentra os estudos, destacando que analisará “os estudiosos [*scholars*] com interesses que eram ‘enciclopédicos’ no sentido original de percorrer todo o ‘curso’ ou ‘currículo’ intelectual ou, de alguma maneira, determinado segmento importante desse círculo”. Pio Lourenço não chegou a frequentar uma academia nem estudou um currículo por determinação de um programa de formação institucional, mas foi um autodidata interessado em variados assuntos. Desse modo, guardadas as devidas proporções, é possível constatar pela produção deixada por Pio certo caráter de *scholar*, ainda que, como ele mesmo se denominou, na carta de 11 de março de 1922, apresentada neste trabalho, um scholar “um *by stander*, um *mirone*” das ideias de seu tempo. O termo “*by-stander*”, aliás, é bem significativo, pois pode ser entendido como expectador e, neste caso, evocaria certa passividade do sujeito, desmentida pelas evidências do trabalho prático realizado por Pio, direta ou indiretamente, em parte da obra de Mário de Andrade; por outro lado, “*by-stander*” evoca também a ideia de “*witness*”,

testemunha, qualificação mais adequada para nosso pesquisado, figura cuja passividade frente aos fatos que observa é atenuada pelo caráter de fiador ou crítico daquilo que presencia, justamente a qualidade que o sujeito que dá um testemunho adquire quando declara algo sobre o que testemunhou.

A erudição de Pio concentra-se, principalmente, na área da linguagem, mas pode-se dizer que tem um viés interdisciplinar que transcende e é articulado pelos conhecimentos linguísticos em que se revela proficiente. Pelos títulos da biblioteca de Pio Lourenço, é possível constatar suas variadas áreas de interesse: português, inglês, francês, zoologia, botânica, literatura portuguesa, literatura de viagens e expedições pelo Brasil; coleções de enciclopédias e dicionários. Segundo Candido,

[i]ntelectual por vocação construiu aos poucos como autodidata um saber de grande solidez e coerência, não apenas no terreno predileto dos estudos linguísticos, mas também em ciências naturais chegando, inclusive, a usar microscópio nas suas investigações. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.10).

Em relação ao interesse pelas línguas estrangeiras, remetemos o leitor à história da contratação do nativo escocês, Mr. Ruxton, para ensiná-lo, em tempo integral e hospedado em sua Chácara da Sapucaia. Pio, entretanto, conhecia bem mais línguas, segundo Candido:

Pio Lourenço era dotado de um poder de concentração e de uma tenacidade mental que reforçavam a sua grande inteligência. Tinha facilidade excepcional para línguas dominando quatro: a espanhola, a italiana, a francesa e a inglesa, essa, a predileta, aprendida metodicamente com um escocês residente em Araraquara por alguns anos e que lhe transmitiu o forte sotaque de seu país. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.11).

Sujeitos que se dedicam a estudar com profundidade variados assuntos, Peter Burke (2020) qualifica como *polímatas*, o que parece ser o caso de Pio Lourenço Corrêa. Burke, em sua obra *O polímata: uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag*, apresenta algumas distinções entre os tipos:

[t]alvez seja útil descrever alguns deles como passivos (em oposição a ativos); circunscritos (em oposição a gerais); ou seriais (em oposição a simultâneos). Por *polímatas* “passivos” me refiro a indivíduos que parecem

saber tudo, mas não produzem nada (ou, pelo menos, nada de novo). Na fronteira entre passivo e ativo estão os sistematizadores ou sintetizadores [...]. A expressão polímata “circunscrito” constitui um óbvio oxímoro, mas era necessário um termo para designar acadêmicos que dominam algumas disciplinas relacionadas, seja em ciências humanas, naturais ou sociais. Nas páginas que se seguem, esse tipo será descrito como “agrupado”. Estudiosos que fazem malabarismos com vários assuntos mais ou menos simultaneamente podem ser contrastados com aquilo que se poderia chamar de polímatas “seriais” [...] – que pulam de um campo a outro no decorrer de suas vidas intelectuais. (BURKE, 2020, p. 26)

O autor categoriza também os tipos “centrífugo, que acumula conhecimentos sem se preocupar com as conexões, e o estudioso centrípeto, que tem uma visão da unidade do conhecimento e tenta encaixar suas diferentes partes em um grande sistema” (BURKE, 2020, p. 26-27). O primeiro grupo, diz ele, possui “curiosidade onívora”; o segundo admira “a beleza da ordem” (BURKE, 2020, p. 27).

No estudo de Burke, ele chama a atenção para o fato de que “o conhecimento dos indivíduos polímatas muitas vezes é exagerado” (BURKE, 2020, p. 28) e de que os estudos sobre tais indivíduos “reforça[m] o mito do gênio solitário que consegue fazer tudo sozinho” (BURKE, 2020, p. 29). Em determinado momento, refere-se ao “erudito moderno”: “um virtuoso, um indivíduo com tempo e dinheiro suficientes para se dedicar ao objetivo de adquirir diferentes tipos de saber como uma espécie de *hobby*” (BURKE, 2020, p.99).

Diante dessas categorizações de Burke, não tendo a intenção de cair em uma rigidez reducionista, Pio Lourenço Corrêa parece ter sido um polímata “ativo” e “agrupado”, por vezes “centrífugo”, com sua “curiosidade onívora”, outras vezes, centrípeto, por fazer questão da “beleza da ordem”. De resto, como destacamos, os estudos linguísticos, pelo fato de as palavras e as expressões darem conta da referenciação a fenômenos de todas as áreas, também serviram para reforçar o caráter centrífugo do possível polimatismo de Pio, uma vez que o conduziram às diversas áreas do conhecimento, bem como serviram também para dar unidade centrípeta, por meio da prática do registro sistemático de seus estudos mediados pela palavra escrita, já que escrever pode ser um ato, ao mesmo tempo, reflexivo e criativo e efetivamente é no caso de Pio, pois ele registrou, em seus documentos, tanto paráfrases de

redução, meras sínteses dos conteúdos estudados, quanto de ampliação, compondo pequenas resenhas, textos críticos dos estudos e, como já apontado, utilizando-os para a produção de textos próprios que deram a ele certa autoridade em determinados assuntos sobre os quais era frequentemente consultado.

Pode-se acrescentar ainda que foi, em certo sentido, ativo porque publicou suas pesquisas de linguagem em periódicos, além das reiteradas edições de sua *Monografia da palavra Araraquara*, que se preocupou em distribuir como forma de divulgação. Também teria sido um polímata agrupado, pela variedade de assuntos simultâneos a que se dedicou, colaborando com seus conhecimentos de flora e fauna, entre outros, em diversas obras de Mário de Andrade. Além dessas participações, como figura memorialista detentora de vastos conhecimentos, frutos da curiosidade onívora, Pio aplicava em suas propriedades e em todas as atividades de que participava os conhecimentos adquiridos com seus estudos (a beleza da ordem), que podem ser observados em carta a Mário, de 17 de abril de 1927 (ANDRADE & CORRÊA. 2009, p. 113):

Sobre jati:

Em S. Paulo é jeteí ou jataí; apesar de melador velho, em cuja mania sempre me achei acompanhado de caboclos e pretos, nunca ouvi jati na língua dos profissionais com que convivi. É uma abelha filiada (o Novo Dic. não dá este termo¹ ; e não pode desculpar-se com o fato de ser um adjetivo participio, porque destes traz inúmeros); mas é uma abelha filiada ou pertencente ao gênero trigona, e o ninho não tem diferenças de maior, quando comparado ao de outras congêneres. Não sei, pois, que coisa veria o Roquette Pinto no caso. – Não pude conferir o passo que me aponta, porque não tenho a 1ª edição; a minha é a 2ª, ali por perto não vi jatis. Hei de voltar à carga quando tiver vagar.

Mando inclusa mais uma ficha. Amo tio Pio

Burke (2020, *passim*) elenca algumas características dos indivíduos polímatas que podemos encontrar em Pio Lourenço Corrêa. Em primeiro lugar, podemos destacar a boa memória - característica própria de Pio, que pode ser atestada pelas informações deu a Antonio Candido para o livro *Os parceiros do Rio Bonito* (1964); casos que contou a Mário e que se transformaram em contos, como “Caçada de macuco”, “Caso em que entra bugre”, “Caso pançudo”, todos publicados no livro *Primeiro Andar* (1926); as colaborações ao

Álbum de Araraquara, de 1915 e 1948, com informações históricas e geográficas do início da cidade. Além disso, Pio também tinha a energia abundante que caracteriza os polímatas, uma vez que administrava suas terras, suas produções, estudava, pesquisava, anotava detalhadamente as informações; tinha a curiosidade própria dessa figura descrita por Burke, pois estudava com profundidade variados assuntos e comprava livros com muita frequência, como atestam as cartas trocadas, principalmente, com Mário de Andrade. Essa curiosidade, por sua vez, era aliada a outra importante característica, o poder de concentração, que permitia que ele se dedicasse sempre aos estudos e à leitura minuciosa das obras que adquiria. Outro aspecto característico que Pio revelou foi a inquietação, pois estava sempre atento a lançamentos de livros para adquiri-los e gostava de analisar obras recém-lançadas; escreveu e reescreveu sua *Monografia da palavra Araraquara* quatro vezes (1936, 1937, 1940 e 1952), sempre com novas informações que enriqueciam o texto. Essa inquietação estava ligada à velocidade própria do polímata: agia bem rápido quando recebia alguma informação que era de seu interesse, bem como tinha o gosto pela competição, sentia-se confortável em demonstrar o seu poder e liderava também o grupo dos Conjurados, grupo de caçadores de Araraquara¹¹.

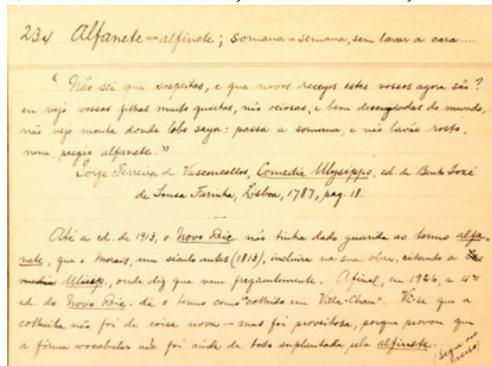
Finalmente, outro aspecto pessoal que encontramos também em Pio é a vontade de colaborar, de que são testemunho a correspondência com Mário de Andrade, bem como a participação em diversas iniciativas culturais. Simultaneamente a essas características pessoais, o polímata surge em condições históricas, sociais e geográficas específicas, em que possa, como fez Pio, explorar, do ponto de vista intelectual, as boas condições de seu tempo, do lugar onde nasceu e interagir com as pessoas próximas extraindo delas aprendizado. O acesso a escolas, universidades e bibliotecas é fundamental na constituição do polimatismo. No caso de Pio, embora não tenha conseguido concluir os estudos universitários, criou suas próprias condições, desenvolvendo sua biblioteca, estudando e pesquisando por si. O ócio é outro fator

¹¹ Pio também tinha o gosto pelo lúdico, gostava de trocar cartas com seu sobrinho Rafael Corrêa da Silva (professor da Faculdade de Direito de São Paulo e um dos fundadores da Academia Paulista de Letras, estabelecendo-se entre eles alguns desafios: às vezes, cartas nas línguas estrangeiras que dominavam, outras vezes, cartas em que era proibido o uso de determinada vogal (informação dada por Antonio Candido em palestra proferida no SESC de Araraquara, durante o lançamento do livro: *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*, em 2009).

relevante na formação de um polímata. Pio, apesar de trabalhar bastante em suas terras e ter muitas frentes a administrar, tinha empregados e colonos, o que lhe possibilitava momentos livres para estudo e lazer.

A respeito de como o ócio converteu-se em produção e como a produção de Pio, por sua vez, é possibilitada pelo tempo livre de que ele dispunha, encontra-se nos arquivos, como exemplo, a Ficha “234 - Alfinete = alfinete; somana = semana, sem lavar a cara...”. Nesse documento, Pio ressentia-se de que *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FIGUEIREDO, 1913), não registrava a forma medieval “alfinete”, que já fora registrada um século antes no dicionário de Moraes abonando-a, inclusive, por meio de fragmento da *Comédia Ulissipo*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos (1515-1585), escritor renascentista de Portugal. De fato, consta em Moraes e Silva (1823, p. 95) o verbete: “ALFANÈTE por Alfinete [que] vem na *Ulisip.* frequentemente”¹².

Figura 23: Ficha 234 - Alfinete = alfinete; somana=semana, sem lavar a cara (frente)¹³.



Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022.

¹² A edição encontrada do *Dicionário de Moraes* é de 1823, talvez possa ter havido engano na anotação da data na ficha.

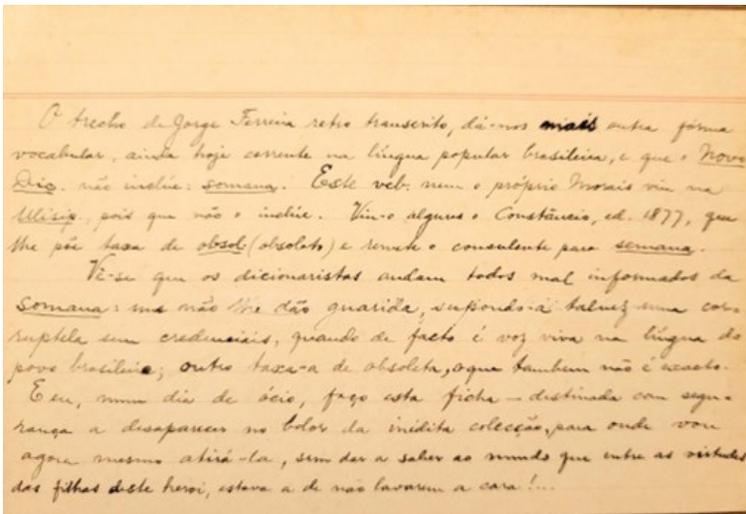
¹³ Transcrição: “Não sei que sospeitas, e que novos receyos estes vosso agora são? / eu vejo vossas filhas muito quietas, não ociosas, e bem descuydadas do mundo, / não vejo monta donde lobo saya: passa a somana, e não lavão o rosto, / nem pregão alfanete.” / Jorge Ferreira de Vasconcellos, *Comédia Ulissippo*, ed. de Bento Toxé / de Sousa Farinha, Lisboa, 1787, pag. 18. / Até a ed. de 1913, o *Novo Dic.* não tinha dado guarida ao termo alfa- / nete, que o Moraes, um século antes (1813), incluiu na sua obra, citando a [Co- / média] *Ulisip.*, onde diz que vem frequentemente. Afinal, em 1926, a 4ª / ed. do *Novo Dic.* dá o termo como “colhido em Villa-Chau”. Vê-se que a / colheita não foi de coisa nova - ma foi proveitosa, porque provou que / a fôrma vocabular não foi ainda de todo suplantada pela alfinete. (Segue no verso).

No verso da ficha, Pio reclama também do esquecimento do próprio Moraes e Silva da forma alternativa do vocábulo “semana”, a forma “somaná”, que afirma ser ainda “voz viva na língua do povo brasileiro”. Na verdade, Moraes (1823, p. 703) registra o verbete “SOMÀNÀ. V. Semana *Card. Dicc. Barb. Dicc. Per.*” em que remete o leitor ao verbete “semana”, apenas não o abona por meio da citação de Ferreira de Vasconcelos. Perceba que a crítica de Pio recai sobre o fato de os dicionaristas “não darem abrigo” ao vocábulo por serem “mal-informados”, ou seja, por suporem a forma semana “uma corruptela sem credenciais”. Neste ponto, percebe-se a opção de Pio que se apoia nos clássicos: tendo sido o termo utilizado por Ferreira de Vasconcelos, é legítimo e, estando em uso na fala popular, não é obsoleta.

Figura 24: Ficha 234 - Alfanete = alfinete; somana=semana, sem lavar a cara (verso)¹⁴.

O trecho de Jorge Ferreira retro transcrito, dá-nos mais outra fôrma vocabular, ainda hoje corrente na língua popular brasileira, e que o Novo Dic. não inclúe: somaná. Este vcb. nem o próprio Moraes viu na / Ulisp, pois que não o inclúe. Viu-o algures o Constâncio, ed. 1877, que lhe pôe taxa de obsol (obsoleto) e remete o consulente para semana. Vê-se que os dicionaristas andam todos mal informados da Somaná: uns não lhe dão guarida, supondo-a uma corruptela sem credenciais, quando de facto é voz viva na língua do povo brasileiro; outro taxa-a de obsoleto, o que também não é exacto. E eu, num dia de ócio, faço esta ficha - destinada com segurança a desaparecer no bolor da inédita colecção, para onde vou agora mesmo atirá-la, sem dar a saber ao mundo que entre as virtudes das filhas deste heroi, estava a de não lavarem a cara!...

¹⁴ Transcrição: O trecho de Jorge Ferreira retro transcrito, dá-nos mais outra fôrma / vocabular, ainda hoje corrente na língua popular brasileira, e que o Novo / Dic. não inclúe: semana. Este vcb. nem o próprio Moraes viu na / Ulisp, pois que não o inclúe. Viu-o algures o Constâncio, ed. 1877, que / lhe pôe taxa de obsol. (obsoleto) e remete o consulente para semana. / Vê-se que os dicionaristas andam todos mal informados da / semana: uns não lhe dão guarida, supondo-a uma cor- / ruptela sem credenciais, quando de facto é voz viva na língua do / povo brasileiro; outro taxa-a de obsoleto, o que também não é exacto. / E eu, num dia de ócio, faço esta ficha - destinada com segu- / rança a desaparecer no bolor da inédita colecção, para onde vou / agora mesmo atirá-la, sem dar a saber ao mundo que entre as virtudes / das filhas deste heroi, estava a de não lavarem a cara!...



O Arco de Jorge Ferreira rebe transcrita, dá-nos mais outra forma vocabular, ainda hoje corrente na língua popular brasileira, e que o Novo Dico. não inclue: semana. Este reb: num o proprio Moraes viu na Ullisip. pois que não o inclue. Vm-o alguns o Constâncio, ed. 1877, que lhe põe base de obsol (obsoleto) e remete o consultante para semana.
Tê-se que os dicionaristas andam todos mal informados da semana: mas não lhe dão qualidade, supondo-a talvez uma corruptela sem credenciais, quando de facto é voz viva na língua do povo brasileiro; outro base-a de obsol, o que também não é exacto.
E eu, num dia de ócio, faço esta ficha - destinada com segurança a desaparecer no bolo da inédita colecção, para onde vou agora mesmo atirá-la, sem dar a saber ao mundo que entre as virtudes das filhas deste heroi, estava a de não lavarem a cara!...

Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022.

No final das anotações, Pio faz uma referência bem-humorada ao ócio produtivo que possibilitou sua pesquisa: “E eu, num dia de ócio, faço esta ficha - destinada com segurança a desaparecer no bolo da inédita colecção, para onde vou agora mesmo atirá-la, sem dar a saber ao mundo que entre as virtudes das filhas deste heroi [Ulissipo], estava a de não lavarem a cara!...”.

A posição social de Pio dava-lhe outra facilidade, além do ócio, de que necessita o polímata, condições financeiras: como fazendeiro, cafeicultor, criador de gado, dispunha de rendimentos que lhe possibilitaram a compra de livros e outras atividades intelectuais. Quanto a este aspecto, chama a atenção, em seus livros, as notas de compra ou de encadernação afixadas com alfinete nas folhas de guarda; outras vezes, ele anotava “este livro custou R\$......”. O que a princípio pareceu uma preocupação histórica ou hábito de um perfeccionista que não deixava escapar nenhum detalhe, mas pela insistência com que ocorre, levou-nos a pensar que ele queria que soubessem o valor monetário de sua biblioteca, quanto custava cada livro da colecção. Assim como em outras situações de sua vida, preço e apreço parece que caminhavam juntos.

Figura 25: Nota fiscal da Encadernadora Santos.

Inscrição N. 488 **NOTA** N.º 2783
1.ª VIA

Encadernação em " geral "	ENCADERNADORA SANTOS - DE - Irmãos Santos Rua Cruzeiro do Sul, 1.389 - Araraquara	Postos para me- sa, albos pa- ra fotografias, etc.
---------------------------------	--	---

Araraquara, 16 de 9 de 1948
Ilmo. Sr. *Pio Lúcio Cordeiro*
End. *Mista*

Ministério da Saúde 8555-40-45

1	<i>Vol. CF</i>	<i>40,00</i>
1	<i>modelos</i>	

*Paguei ao portador do livro
que se trouxe à minha casa
hoje, 16 Set 48*

CF. 40,00

NÃO vale como recibo

As mercadorias sujeitas ao imposto de consumo estão devidamente avaliadas e rotuladas.

Fonte: CPLC - Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade - Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em outubro de 2019.

Figura 26: Anotação de Pio na folha de rosto do livro de Augusto Magne - A demanda do Santo Graal. V.1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944¹⁵.

No Boletim de Filologia, tomo VIII,
fascículo 2, Lisboa, 1946, há, nas pags.
157, 158 e 159 uma apreciação crítica desta
obra, da lavra de Rodrigo de Sá Nogueira
e bastante desfavorável.

As razões e considerações em que o crítico
baseia o seu voto desfavorável são valiosas e con-
vincentes. Estou com o crítico: - o Instituto do Livro
e o Pe. Magne, penso eu, puseram fora o seu dinheiro
e o seu tempo... Em Filologia, este país é realmente
caipora! Irra!... DO

**A DEMANDA
DO
SANTO GRAAL**

Esta manifestação (ou este manifesto?) manus-
crito é de autoria do 1.º proprietário dos volumes, e
representa o choro do seu dinheiro (perdido?
mal empregado?) - vá: perdido!...

Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário - Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em outubro de 2019.

¹⁵ Transcrição: No Boletim de Filologia, tomo VIII, / fascículo II, Lisboa, 1946, há, nas pags / 157, 158 e 159 uma apreciação crítica desta / obra, da lavra de Rodrigo de Sá Nogueira / e bastante desfavorável. / As razões e considerações em que o crítico / baseia o seu voto desfavorável são valiosas e con- / vincentes. Estou com o crítico: - o Instituto do Livro / e o Pe. Magne, penso eu, puseram fora o seu dinheiro / e o seu tempo... Em Filologia, este país é realmente / caipora! Irra!... / Esta manifestação (ou este manifesto?) manus- / crito é de autoria do 1º proprietário dos volumes, e / representa o choro do seu dinheiro (perdido? / Mal empregado?) - vá: perdido!...

Além de todas essas características pessoais e circunstâncias que o aproximam da figura de um polímata, Pio contou ainda, ao longo da vida, com o incentivo familiar. Ainda que tenha sido impedido pelo irmão mais velho e tutor de prosseguir os estudos em São Paulo, com o tempo, outros membros da família passaram a admirá-lo como estudioso, filólogo, tendo-o inclusive como conselheiro. É possível também que certo desapontamento por não ter completado os estudos possa ter estimulado o seu desejo de se tornar ou se manter um intelectual, cercado que era de outra circunstância importante da figura do polímata apontada por Burke (2020), o círculo de amigos que o estimulavam. Pio teve muitos, além de Mário de Andrade, entre: Antonio Candido, Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto, Gilda de Mello e Souza, Gladstone Chaves de Mello.

Burke (2020), destaca, ainda, um importante “nicho para polímatas”: “o jornal ou periódico cultural, especialmente para aqueles que preferem a liberdade do trabalhador *freelancer* à relativa segurança de uma instituição” (BURKE, 2020, p. 319). Os jornais foram justamente os veículos em que Pio mais se destacou. As publicações em periódicos de Araraquara (*O Imparcial e Correio Popular*), São Paulo (*O Estado de S. Paulo, Diário Nacional, Revista do Arquivo Municipal de São Paulo e Folha da Manhã*) e Rio de Janeiro (*Revista Papel e Tinta, Revista Esfera, Revista de Cultura, Revista Bellas Artes*), serviram para exercitar a escrita e para divulgar os seus conhecimentos e, de certa forma, incluir também seu nome no rol de intelectuais da primeira metade do século XX. Além disso, apesar de Pio não ter sido protagonista em alguns eventos culturais ou históricos, ele participou como coadjuvante, acompanhando e colaborando no trabalho de diversos intelectuais.

Além do pendor para o polimatismo, há outros traços da personalidade de Pio que são relevantes. Figura peculiar e discreta, Pio Lourenço Corrêa instiga a curiosidade de quem toma conhecimento de sua existência, seja pela rede de saberes a que se dedicou, seja pelo círculo de amigos com quem conviveu, seja, pelos traços idiossincráticos de sua personalidade. Candido (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 11) descreve, em tom quase literário, as características de Pio:

[p]ersonalidade originalíssima, com toque de excentricidade, era pequeno, magro, de feições corretas, voz grave bem empostada a serviço de uma

dicção perfeita. Tinha um olhar penetrante que parecia sempre comandar, exprimindo um temperamento autoritário como poucos. Em contraste com o aspecto severo e certa rispidez, possuía grande senso de humor, se divertia com facilidade e era conversador incomparável. Economicamente abastado pelo próprio esforço, encarava o dinheiro como instrumento a serviço das suas necessidades, da sua generosidade e dos muitos requintes, não se preocupando em acumulá-lo.

Ouvimos, também de Antonio Candido, que Pio, quando chegava a um hotel, sua primeira atitude era pegar uma nota de dinheiro valiosa, rasgá-la ao meio e dar metade ao criado do quarto. Se o atendimento fosse bom, ao final da hospedagem, entregava a outra metade. Também teria se desentendido com um vendedor de uma loja na cidade de São Paulo. Ao perguntar o preço de um abajur em formato de coruja, o vendedor, em vez de dizer o preço, teria comentado: “Essa peça é muito cara!”. Pio repreendeu-o, dizendo que não queria saber se era ou não era cara, queria saber o preço e acabou comprando o abajur, somente para provocar o atendente (o que nos parece mais uma preocupação em demonstrar poder e superioridade). A essas idiossincrasias somam-se casos como o do retrato, o da mala do escocês, que acentuam o caráter rígido de Pio em que se sobressai como característica o peso que atribuía à sua palavra fosse na intimidade familiar, nos negócios, na administração das fazendas ou na postura diante da vida, bem como certo pendor autoritário sustentado pelo poder econômico que tinha.

Entre várias histórias, uma em particular retrata bem certo traço idiossincrático da personalidade de Pio e o valor que ele dava à palavra. O “caso” tem relação com “José Maria Paixão (?-?), um português que se tornou fazendeiro em Araraquara, casado com Zulmira Corrêa Vaz (?-?), sobrinha de Pio, xará e a melhor amiga da esposa deste” (GUARANHA, 2007, v.1, p. 69, nota 1). Renato Rocha (1927-2014), sobrinho de Pio, herdeiro da Chácara da Sapucaia e da Fazenda São Francisco, em seu depoimento, lembrou de um episódio em que Pio, em conversa informal com o amigo José Maria Paixão, queixou-se do cansaço que lhe dava a fazenda São Francisco. Perguntado por que razão não a punha à venda, respondeu que assim faria, se conseguisse quem lhe pagasse 200 contos. A resposta de Paixão foi – “Pois a fazenda é minha!”. Pio não se preocupou até que, no dia seguinte, recebeu o comprovante

do depósito bancário, equivalente ao sinal da compra a ser quitada quando o fazendeiro quisesse, pois era sabido dos conhecidos que Pio não aceitava pagamentos em cheque, tendo uma frase de efeito para justificar isso: “Eu nunca vou me afogar, pois não entro em canoa furada!”. Aliás, frases de efeito para diferentes situações eram outra característica dele.

Pio ficou estarrecido, pois sua declaração havia sido uma força de expressão, mas Paixão, pelo menos assim pareceu, como que se aproveitou do momento para ficar com a fazenda. O conflito foi grande, pois Pio tinha realmente declarado que venderia a fazenda e a palavra para ele tinha mais valor do que o dinheiro envolvido. Voltar atrás seria uma desonra.

Foi aconselhado, então, pela cunhada Hilda Gomes Corrêa da Rocha (1894-1980) a comprar de volta a palavra empenhada. Concordando com a ideia, fez a proposta a Paixão, que aceitou a negociação e apresentou o preço do resgate: uma lista enorme de “desejos”: automóveis, dinheiro etc.

Pio cumpriu à risca todas as exigências e ficou satisfeito por ter recuperado a palavra empenhada, que era coisa muito séria para ele, e também ficou feliz por não ter perdido a fazenda. Com o rompimento da amizade, as respectivas mulheres, ambas batizadas Zulmira, muito amigas, não puderam mais se falar. Além disso, Paixão recebeu uma carta feroz de Pio, segundo testemunho de Renato Rocha, externando toda a sua raiva e a sua frustração (GUARANHA, 2007, v. 1, p.113).

Essas histórias ou “casos” revelam, para além das idiossincrasias desse personagem, um modo de se posicionar em relação à palavra dada, aos negócios e às relações de amizade com um rigor que, se parece excessivo em alguns momentos, em outros parece fundado naquele preceito da civilidade de um homem ilustrado, erudito e polímata. Pio deu valor à palavra em suas várias dimensões, como compromisso moral, como forma de manutenção do poder e como elemento que resgata a memória e produz conhecimento. Neste aspecto, cabe destacar outro hábito de uma vida inteira de Pio, o de colecionador.

2.3 A Coleção Pio Lourenço Corrêa

A Biblioteca Pública Municipal de Araraquara, de acordo com o *site* oficial da instituição, “foi fundada em 23 de outubro de 1942, por meio do Decreto-Lei nº 49, na gestão do Prefeito Dr. Camilo Gavião de Souza

Neves”. A inauguração deu-se em 1º de agosto de 1943, seu funcionamento já teve início em 2 de agosto de 1943 e “foi o escritor Mário de Andrade que incentivou e intermediou junto ao Prefeito da época para a criação da Biblioteca Municipal, doando 600 livros de sua coleção particular para compor o acervo” (BPMMA, 2019).

O escritor, que havia sido diretor do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, de maio de 1935 a novembro de 1937, na gestão do prefeito Fábio Prado (1887-1963), solicitou ainda aos seus amigos escritores que doassem livros para a biblioteca. Assim, é possível encontrar, no acervo, primeiras edições com dedicatórias de Manuel Bandeira (1886-1968), Cecília Meireles (1901-1964), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) entre outros. Após a morte do modernista, a biblioteca passou a chamar-se “Biblioteca Pública Municipal ‘Mário de Andrade’, pelo Decreto-Lei nº 24, de 19 de setembro de 1945”, sendo ele seu patrono (BPMMA, 2019).

Uma visita ao *site* da Prefeitura Municipal de Araraquara (PMA – 2019) revela a importância do esforço de Mário para que a cidade tivesse uma biblioteca e como esse esforço teve continuidade, haja vista o acervo atual da instituição: [a] Biblioteca Municipal (...) recebeu o nome de Mário de Andrade, que incentivou a criação da Biblioteca, doando 600 exemplares de seu acervo pessoal. (PMA, 2019)

Quanto à área reservada a Pio, a que nos referimos neste trabalho, na página da *Internet* que descreve especificamente a *Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade*, de Araraquara (BPMMA, 2019), consta que

O acervo da sala é composto por obras raras, principalmente sobre literatura e línguas portuguesa e brasileira. Inclui vários livros de Mário de Andrade, em sua 1ª edição, com dedicatória, que o escritor doou a seu parente, o filólogo Pio Lourenço Corrêa, e também abriga os livros que Mário de Andrade doou à Biblioteca, bem como a mesa onde ele rascunhou sua famosa obra “Macunaíma”, enquanto passava as férias de 18 a 23 de dezembro de 1926, na Chácara Sapucaia, onde morava Pio Lourenço Corrêa. Como gostava de escrever à noite, levava essa pequena mesa para o banheiro e, com portas fechadas, passava as madrugadas escrevendo, tendo a certeza de que as luzes acesas não incomodariam Pio Lourenço e sua esposa Zulmira.

A Coleção Pio Lourenço Correa está depositada nessa sala especial da instituição, antes Sala Pio Lourenço Corrêa, que ganhou o nome de *Sala Mário & Pio* a partir de 2013, pois foram recolhidos ali também os livros doados por Mário para a abertura da biblioteca, pela necessidade de resguardar o material que ganhou caráter histórico, além do acervo de Pio, classificado pelos organizadores como Coleção Pio Lourenço Corrêa. Esta coleção é composta por móveis (5 estantes, escrivaninha e cadeira), 1339 livros, 7232 imagens de fichas de estudo, recortes de jornais e papéis avulsos. Esse espaço, campo de nossa pesquisa, constitui uma fonte indispensável para o resgate da memória da cidade, de aspectos da vida intelectual da *Belle Époque*, da história da própria biblioteca, da presença e participação do modernista no desenvolvimento cultural da cidade, do percurso de aprendizagem de Pio e de aspectos da história da educação no período.

Certamente, a conexão intelectual, mais do que simplesmente a familiar ou afetiva, entre Mário de Andrade e Pio Lourenço Corrêa, materializada inclusive no nome da sala, foi responsável pelo empreendimento, o que nos leva à conclusão de que Pio foi peça-chave para a execução desse projeto cultural ou, dito de outro modo, o personagem sem o qual a cidade não teria uma biblioteca constituída por um acervo *sui generis* como é a de Araraquara. Esse tipo de instituição, herança de Pio, tem uma estreita conexão com o ensino, levando-se em conta

a biblioteca como coleção de livros e impressos que guarda as marcas de seu processo de constituição, desde o projeto que lhe deu origem ao processo peculiar de composição ou de recomposição que os acervos sofrem ao longo do tempo: a definição do público; os critérios de seleção dos saberes e materiais para sua composição; os princípios que ordenam suas coleções; as classificações e as estratégias de acessibilidade aos materiais colecionados; a imposição de políticas de gestão, a recomposição e a conservação dos acervos etc. são passíveis de reconstituição pela análise atenta de seu próprio conjunto material. (NERY, 2016, p.239).

Considerando-se ainda que a *Sala Mário & Pio* representa, além de repositório de conteúdos, repositório de memória e incubadora de novas ideias, podemos afirmar que Pio, de modo consciente, contribuiu muito para a educação em sua cidade e, de modo mais amplo, para a cultura em geral, o

que justifica o espaço reservado à sua coleção na biblioteca e justifica também esforços para a conservação e até ampliação desse espaço, esforços que dependem de políticas públicas na área municipal da cultura.

A coleção será comentada neste trabalho com o intuito de preservá-la e divulgá-la, destacando-se seus elementos mais significativos para a área desta pesquisa, que é a Educação ou, mais especificamente, Filosofia e História da Educação, na seguinte ordem: em primeiro lugar, os textos autorais de Pio, os que foram publicados e as pesquisas registradas nas fichas, que nos dão pistas da construção de suas ideias como linguista; em segundo, anotações em livros, dedicatórias, fichas, bilhetes e envelopes que registram o diálogo que estabeleceu com intelectuais eminentes em sua época, comprovantes de seu círculo de amizades e de interesses variados, o que o caracteriza, em certo sentido, como polímata; em terceiro, especificamente as fichas, documentos que atestam seu método de estudo como autodidata e, na verdade, permeiam todos os demais itens; e em quarto, os livros de sua biblioteca, a quantidade, a variedade de títulos, os assuntos predominantes, sua preocupação em encaderná-los, suas anotações e a presença de alguns exemplares raros, completando sua figura como bibliófilo.

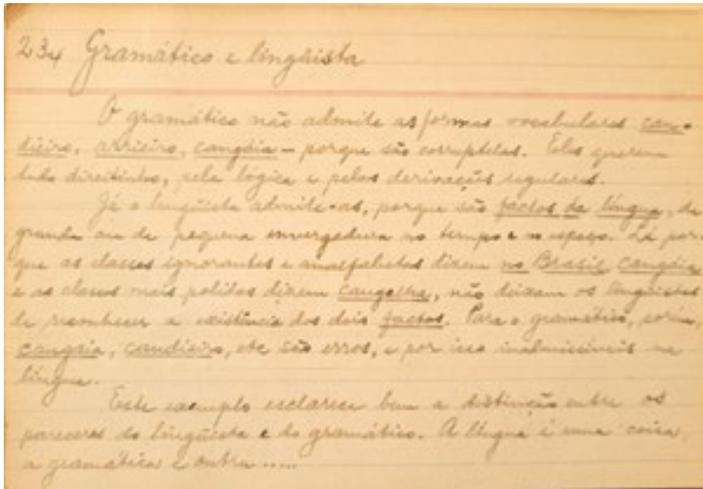
2.3.1 O colecionador de palavras e a palavra preferida: “Araraquara”

Pesquisando as milhares de fichas de estudos de Pio Lourenço com anotações sobre autores e assuntos diversos, observamos que há muitas delas que possuem somente o título e também que há muitos títulos repetidos. Primeiramente, há a possibilidade de um mesmo assunto precisar ser incluído em seções diferentes; outra possibilidade é ele ter “passado a limpo” as fichas e guardado ambas, as rascunhadas e as definitivas; é possível também ele ter feito cópias das fichas para dar a alguém ou para enviá-las para sua coluna do jornal *O Imparcial*; mas, em muitas delas, só há o registro de uma palavra encabeçando o papel, sem nenhum desenvolvimento do tema ou qualquer outra informação; outra possibilidade, ainda, é Pio ter feito uma enumeração de palavras que entrariam em seu projeto de enciclopédia, indicado em uma das fichas que apresentamos quando comentávamos o perfil enciclopédico de Pio.

De qualquer modo, esse hábito registrado nas fichas sugere que ele foi, efetivamente, um amante das letras, que é o sentido etimológico, mais amplo,

daquele que se dedica à filologia. Dentro dessa atividade de filólogo, Pio dedicou-se, mais especificamente, ao estudo metódico e, tanto quanto possível, pautado nos debates científicos contemporâneos a ele, do desenvolvimento da língua portuguesa, inspirado pelo viés linguístico, aquele que reflete sobre os fatos da língua, o uso, em detrimento do estritamente gramatical, estudo que se debruça exclusivamente sobre a normatividade conforme atesta a ficha “234 - Gramático e Linguista”:

Figura 27: Ficha 234 - Gramático e linguista¹⁶



Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022.

Ainda que certos termos em seu discurso possam ser relativizados, como “classes ignorantes”, expressão usada para (des)qualificar aqueles que não tiveram acesso à norma culta da língua, é bastante significativo que Pio defendesse estudos de caráter linguístico, uma vez que fora educado num

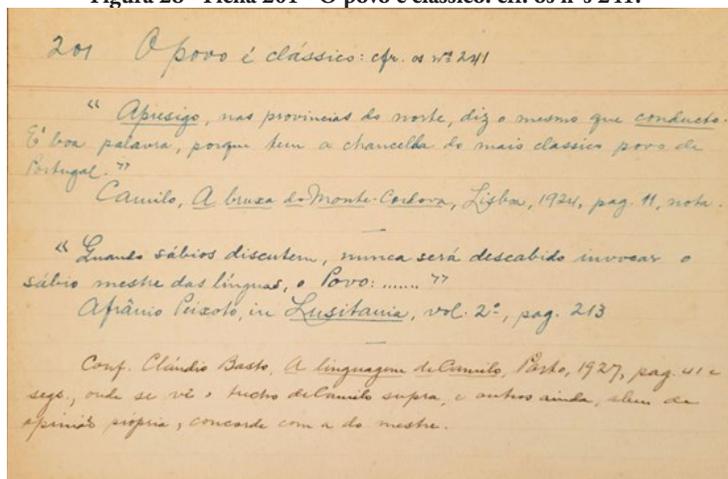
¹⁶ Transcrição: O gramático não admite as formas vocabulares can- / dieiro, arrieiro, cangáia – porque são corruptelas. Eles querem / tudo direitinho, pela lógica e pelas derivações regulares. / Já o linguista admite-as, porque são factos da língua, de / grande ou de pequena envergadura no tempo e no espaço. Lá por- / que as classes ignorante e analfabetas dizem no Brasil cangáia, / e as classes mais polidas dizem cangalha, não deixam os linguistas / de reconhecer a existência dos dois factos. Para o gramático, porém, / cangáia, candieiro, etc são erros, e por isso inadmissíveis na / língua. / Este exemplo esclarece bem a distinção entre os / pareceres do linguista e do gramático. A língua é uma coisa, / a gramática é outra.....

tempo em que se privilegiavam os estudos gramaticais e que o português brasileiro não era abalizado pelo uso, mas pelos clássicos lusitanos. O próprio Pio recorreu sempre a clássicos portugueses, Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós entre outros, para abonar seus estudos, em muitas fichas.

As ideias de Pio, aliás, são afeiçoadas ao perfil ideológico de Camilo Castelo Branco que, não por acaso, frequenta muitas de suas fichas. Camilo foi um escritor do Romantismo, movimento que “[a]o instaurar uma nova concepção de História e, conseqüentemente de cultura, (...) realiza uma pesquisa tanto formal quanto linguística que pode ser vista como uma contestação à tirania da retórica neoclássica” (VECHI et. al, 1994, p. 24). O estilo de Camilo, ainda que seja marcado pelo “apuro da linguagem” (VECHI et. al, 1994, p. 64), faz concessão ao gosto do público consumidor de romances e novelas da época, bem como, do mesmo modo que outros escritores românticos, pende entre o clássico e o popular privilegiando, contudo, o estilo considerado culto: “Se é um facto a larga margem de espontaneidade da criação camiliana, a sua fidelidade às raízes peninsulares, o seu casticismo local, não exageremos: Camilo aprendeu com Sue e com Balzac” (COELHO, 1987, p. 161).

A ficha “201 - O povo é clássico”, atesta as ideias de Pio relativas à interação entre o popular e o clássico que foram herdadas da visão romântica e aprofundadas nos períodos posteriores, chegando até o período em que ele viveu a além.

Figura 28 - Ficha 201 - O povo é clássico: cfr. os nºs 241.¹⁷



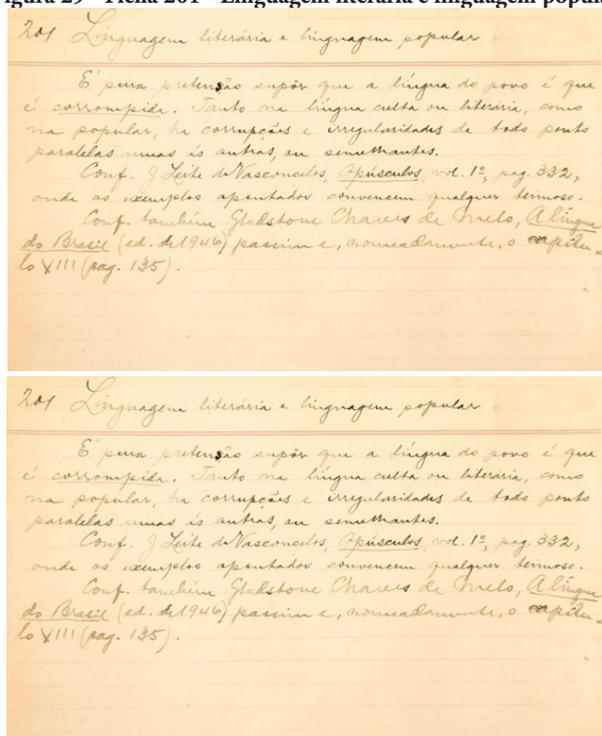
Fonte - CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022.

Articulado ao tema da ficha anterior, os estudos filológicos de Pio foram dedicados também à persistência de formas arcaicas na fala popular e do registro dessas formas nos dicionários, nas gramáticas e nos tratados sobre a língua, conforme exemplificamos por meio do comentário da ficha “234 - Alfinete = alfanete...”.

O estudo das interações entre a linguagem literária e a linguagem popular, debate presente no âmbito do Modernismo, também é registrado por Pio em algumas fichas. Tomamos como exemplo a “201 Linguagem literária e linguagem popular”, em que ele registra argumentos em favor de que “a língua do povo não é corrompida” e de que a linguagem literária não é, necessariamente, repositório de uma forma “não corrompida” de praticar a língua.

¹⁷ Transcrição: “Apresigo, nas províncias do norte, diz o mesmo que conducto. / É boa palavra, porque tem a chancela do mais clássico povo de / Portugal.” / Camilo, A bruxa do Monte Cordova, Lisboa, 1924, pag. 11, nota. / “Quando sábios discutem, nunca será descabido invocar o / sábio mestre das línguas, o Povo:.....” / Afrânio Peixoto, in Lusitania, vol. 2º, pag. 213. / Conf. Cláudio Basto, A linguagem de Camilo, Porto, 1927, pag 41 e / segs., onde se vê o trecho de Camilo supra, e outros ainda, além de / opinião própria, concorda com a do mestre.

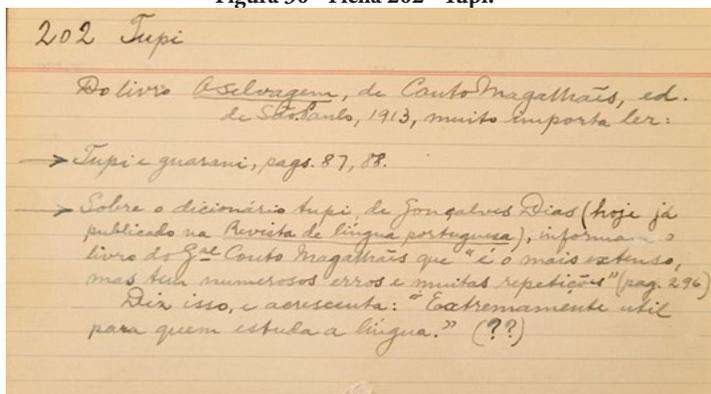
Figura 29 - Ficha 201 - Linguagem literária e linguagem popular.



Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022

Além das interações entre a língua culta e a popular, a cotidiana e a literária, Pio dedica-se também ao estudo de temas relativos às línguas nativas, à questão da língua-geral ou tupi escrito, termo este que adota preferencialmente para se referir à língua usada pelos jesuítas no tempo da catequização, o que sugere conhecimentos de Pio a respeito das variantes linguísticas decorrentes dos registros oral e escrito, neste caso; e formal e informal, nos casos comentados anteriormente. Seus estudos também envolvem as questões históricas e morfológicas, baseadas em registros escritos, conforme testemunham as fichas de leitura crítica de obras originais e de seus comentadores. Deste trabalho, tomamos como exemplo a Ficha “202 Tupi”, cujo comentário de Pio Lourenço aponta, por meio da dupla interrogação (?), a incoerência de Couto Magalhães quando este fala dos “numerosos erros” no Dicionário tupi de Gonçalves Dias e, em seguida, classifica-o como “Extremamente útil para quem estuda a língua”.

Figura 30 - Ficha 202 - Tupi.¹⁸

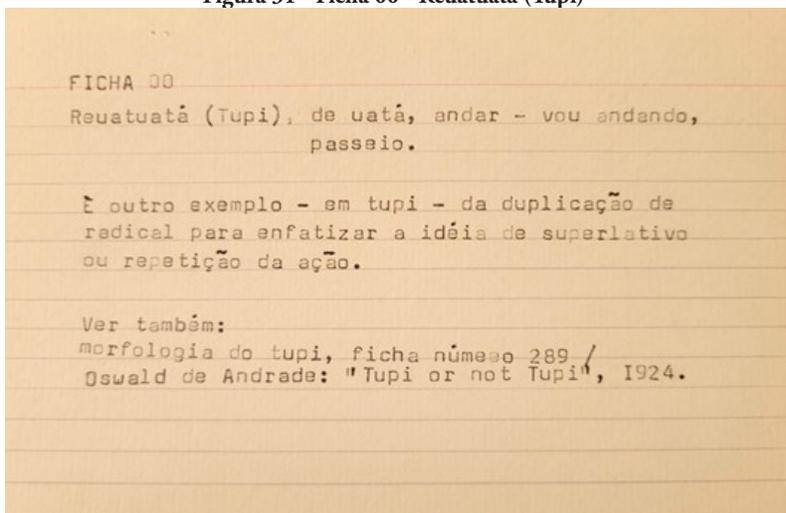


Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022.

Estudos morfológicos da língua tupi também estão registrados nas fichas, como no documento datilografado “00 - Reuatuatá (tupi), em que Pio descreve o processo de formação do superlativo na língua nativa. A ficha faz referência, ainda, ao trocadilho irônico do *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, publicado no primeiro número da *Revista de Antropofagia*, em 1º de maio de 1928: “*Tupy or not Tupy, that is the question*” (TELES, 1987, p. 353).

¹⁸ Transcrição: 202 - Tupi; / Do livro O Selvagem, de Couto Magalhães, ed. / de São Paulo, 1913, muito importa ler; / -> Tupi e guarani, pags. 87 e 88. / -> Sobre o dicionário tupi, de Gonçalves Dias (hoje já / publicado na Revista de Língua Portuguesa), informa o / livro do Gal. Couto Magalhães que “é o mais extenso, / mas tem numerosos erros e muitas repetições” (pag. 296) / Diz isso, e acrescenta: “Extremamente útil / para quem estuda a língua.” (??)

Figura 31 - Ficha 00 - Reuatuatá (Tupi)¹⁹



Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em janeiro de 2022.

Esses exemplos colhidos entre numerosos outros revelam que Pio era um colecionador de livros, de textos e de palavras, mas que não as colecionava apenas como um “basbaque” ou “mirone” e sim com a finalidade de confrontar os diferentes textos, colocar em diálogos as diferentes correntes de pensamento e emitir juízo de valor, fundamentado em honesto estudo, acerca das questões tratadas pelos estudiosos.

Entre as fichas com anotações sobre livros, expressões, usos da língua, pessoas entre outros temas, há também uma grande quantidade de registros somente de palavras colecionadas para algum uso que não foi concretizado ou que serviam apenas, talvez, para remeter, como índice, ao tema referenciado na ficha, cujo conteúdo já estava memorizado. Esse procedimento tem relação com a prática de “filólogo”, pela qual ficou conhecido na cidade, tanto no sentido de estudioso da língua como de pessoa letrada, erudita. Colecionar palavras era, portanto, talvez algo mais que um mero diletantismo de Pio, e talvez fosse ainda um recurso para não se esquecer dos inúmeros projetos embrionários que povoavam sua mente de polímata. Essa habilidade

¹⁹ Transcrição: FICHA 00 - / Reuatuatá (Tupi), de uatá, andar - vou andando / passeio. / É outro exemplo - em tupi - da duplicação de / radical para enfatizar a idéia de superlativo / ou repetição de ação. / Ver também: / morfologia do tupi, ficha n. 289 / Oswald de Andrade: “Tupi or not tupi”, 1924.

com a palavra e, por extensão, com a linguagem, reafirma o poder material, econômico e patriarcal de Pio por meio do capital simbólico que o domínio das linguagens, notadamente a verbal, confere a ele.

Bourdieu (2004, p.160-161) analisa esse tipo de saber e destaca o quanto o domínio da linguagem reitera as relações de poder dentro de um espaço social, ainda que seja um poder simbólico:

[...]do lado objetivo [...] os possuidores de um domínio refinado da língua têm mais possibilidade de serem vistos nos museus do que aqueles que são desprovidos desse domínio. Do lado subjetivo, ela [a percepção do mundo social] é estruturada porque os esquemas de percepção e apreciação, em especial os que estão inscritos na linguagem, exprimem o estado das relações de poder simbólico [...], que estruturam o juízo de gosto nos mais diferentes domínios.

O que distingue nosso pesquisado dos demais componentes do seu grupo social é exatamente aquilo que o reafirma enquanto parte desse grupo e coloca-o em posição de destaque, portanto de poder, dentro desse mesmo grupo. A respeito da extensão desse capital simbólico, Bourdieu (2004, p. 163) afirma que:

[o] capital simbólico não é outra coisa senão o capital econômico ou cultural quando conhecido e reconhecido, quando conhecido segundo as categorias de percepção que ele impõe, as relações de força tendem a reproduzir e reforçar as relações de força que constituem a estrutura do espaço social. [...] Assim, os títulos de nobreza, bem como os títulos escolares, representam autênticos títulos de propriedade simbólica que dão direito às vantagens do reconhecimento.

Pio Lourenço, apesar de não ter o título acadêmico que no tempo distinguia, e ainda hoje distingue, muito seus portadores, tornou-se autodidata, recebendo o reconhecimento público por meio do acúmulo e da produção de conhecimento. Pode-se considerar que os títulos conferidos pelos cargos de vereador da cidade (1899-1901) e presidente da Câmara de Vereadores (1901-1902), em certo sentido, valem como substitutos do título acadêmico e funcionam, no plano social que transcende o círculo familiar de Pio, como um reconhecimento de sua autoridade:

[a] nomeação oficial, isto é, o ato pelo qual se outorga a alguém um título, uma qualificação socialmente reconhecidos, é uma das manifestações mais típicas do monopólio da violência simbólica legítima, monopólio que pertence ao Estado ou a seus mandatários. Um título como o título escolar é capital simbólico universalmente reconhecido e garantido, válido em todos os mercados. (BOURDIEU, 2004, p.163-164).

O estudo da coleção de livros de Pio serve de estímulo a todo e qualquer visitante; seu método de estudo, que põe em diálogo vários autores, serve de exemplo àqueles que buscam um conhecimento fundamentado em diversas fontes; seu polimatismo, por sua vez, serve como exemplo àqueles que se dedicaram apenas a assuntos restritos. Seria, no entanto, ingênuo pensar que ele poderia ter realizado tudo isso se não tivesse certos privilégios financeiros ou sociais, se não tivesse um capital econômico que lhe servisse de lastro para o desenvolvimento de seu capital cultural. Ambos lhe garantiram o poder simbólico o qual, em certo sentido, explica algumas de suas idiosincrasias. O pensamento progressista, ainda que cambiante, no plano da linguagem convive com certa mentalidade aristocrática no campo dos costumes, que é própria da elite brasileira.

Segundo Bourdieu (2004, p.166-168), “o poder simbólico [...] por excelência é o poder de fazer grupos (grupos já estabelecidos que é preciso consagrar[...])” e ele deve estar “fundado na posse de um capital simbólico”, que é um “crédito”. Esse poder de que fala o autor é o “poder de impor às outras mentes uma visão antiga ou nova” e só é “atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento: o poder de constituição [...] um porta-voz autorizado [...], o poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras”. E termina: “[o] porta-voz é substituído do grupo que existe somente através dessa delegação e que age e fala através dele. Ele é o grupo feito homem”. Nesse sentido, Pio pode ser considerado a metonímia de uma elite cafeeira ilustrada que construiu a sociedade paulista e paulistana do modo que a percebemos hoje: uma sociedade moderna, progressista, que valoriza a técnica, a cultura letrada, por um lado e, por outro, uma sociedade cuja parcela mais abastada conserva certa nostalgia do mundo aristocrático, de uma sociedade, por assim dizer, ainda estamental, para a qual o capital cultural, em certo sentido, confere pátina de humanidade a determinadas práticas de exploração do trabalho pelo capital.

Pio Lourenço pôde trabalhar com as palavras por fazer parte de um grupo que o reconhecia (e até o admirava) como autoridade linguística, mas também deviam reverência a ele como figura de poderio financeiro (lembramos de outros fatos protagonizados por ele, como as relações com os criados de hotel, o relacionamento amoroso com Marcolina, a administração rigorosa dos Conjurados etc.). Com os pés bem fincados num poder material instituído, figurou como um intelectual e, talvez, até com certo exotismo (bem ao gosto da modernidade conservadora em que se constituiu a *Belle Époque*).

Nas várias fichas em que revela o interesse etimológico, há registro do estudo da origem e da evolução diacrônica da palavra Araraquara, a que mais ocupou o tempo dele e à qual ele dedicou estudos mais aprofundados. A escolha do topônimo não se deu por acaso, uma vez que se trata do nome da cidade em que seu clã fixou-se e onde teve influência. Há um envelope em sua coleção, intitulado *Araraquara*, em que ele guardou várias fichas com informações sobre o tema e que, com certeza, foram usadas para compor, rever e ampliar suas várias edições da *Monografia da palavra Araraquara*, sua obra de maior fôlego. Esse estudo teria começado pela colaboração no Álbum de Araraquara de 1915 (FRANÇA, 1915) que teria sido redigido, em grande parte, por Pio Lourenço Corrêa, apesar de não ter seu nome como organizador. Nessa edição, há um texto explicativo sobre o significado da palavra que dá nome à cidade.

Essa pesquisa de Pio baseou-se nos registros do astrônomo português Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida que, em 1788, viajou pelo interior do Brasil e, após a aventura, publicou um *Diário de viagem*, obra que, aliás, está na coleção de livros de Pio; nos estudos etimológicos de John Luccock (Londres, 1826), inglês que participou da comitiva de D. João VI pelo Brasil; no *Diccionario Geographico do Imperio do Brasil*, de J. C. R. Milliet, publicado em Paris, em 1854; e até nas palavras do Imperador D. Pedro II, que visitou a cidade e era um estudioso da língua tupi. Pio constatou que todas essas fontes davam o significado da palavra como “morada do dia”, “ninho do sol” e não “ninho de araras”, como muitos acreditavam.

O Padre Montoya, gramático considerado notável, cujo livro também consta da coleção de Pio, afirma que os índios são muito precisos nas palavras para indicar as coisas, ninhos de araras podem existir em diversos lugares, é

um acontecimento “ordinário”. Já o sol nascer por detrás das montanhas da região e iluminá-las com toda a sua força é fenômeno muito mais certo e perene, portanto seria muito mais plausível esse significado.

Além da bibliografia extensa, o autor do texto relembra informações de registros colhidos em documentos da própria família, bem como na tradição oral:

[o] avô de quem esta escreve dirigia, ainda, em 1850, cartas, a seu filho que aqui residia, com o endereço **Aracoara**, ou simplesmente São Bento. É verdade que com o tempo os novos habitantes, descendentes dos portugueses, alongaram a palavra em vez de abreviá-la, como seria para suppor, fazendo de **Araquara Araraquara**, o que se explica por ignorarem elles a língua tupy e julgarem, naturalmente, tratar-se de araras. A história da palavra, através dos tempos, é o indício mais seguro para conhecer-se sua origem e ella nos ensina que **Araraquara** foi anteriormente **Araquara** e antes **Aracoara**: assim a exacta significação desta palavra é: “morada do dia” (COQUEIRO, 1936, p.28), (negritos do autor).

Pio justificava e defendia o significado de “morada do sol” para o topônimo, entretanto, pelo que se depreende de alguns registros dele, era sempre interpelado sobre o assunto, o que o lavara, já em 1924, a escrever um artigo intitulado “Araquá, Araquara, Araraquara” e publicá-lo, em um periódico também chamado *Araraquara*, que teve vida bem curta na cidade. Tal artigo foi reproduzido diversas vezes, como o autor relata em sua *Monografia da palavra Araraquara* (1936, p. 12):

[o] artigo tem tido a honra de várias transcrições, nem sempre perfeitamente fieis, porém ainda encontráveis. Aqui as indico: - **Revista de filologia portuguesa**, na sua fase dirigida por Mário Barreto, vol. 5º, pag. 69, São Paulo, 1925; **Diário de São Paulo**, número de 10 de março de 1935; **Revista do arquivo municipal de São Paulo**, vol. 10º, pag. 152, março de 1935. (Negritos do autor).

Essa primeira edição da obra foi publicada, até certo ponto, de forma amadorística. Não há sumário, não há as referências elencadas ao final do livro, há uma pequena explicação na abertura da obra, mas não recebe nome de introdução, apresentação ou prefácio. Quem a assina é Mota Coqueiro. A justificativa para a publicação oficial é a pergunta que deve ter ouvido tantas vezes:

“Porquê lugar onde nasce o sol, e não sítio onde vivem as araras?” Há dias recebi uma carta em que, ao propósito de um velho artigo meu sobre a origem do nome **Araraquara**, um dos meus melhores e mais prezados amigos me formula a pergunta que encima estas linhas. / Boa parte das minhas razões constam já do referido artigo, e foram pela primeira vez publicadas em 1924. Mas eu tenho mais algumas, que agora, tão amavelmente chamado á autoria, procurarei expor o mais resumidamente possível. (COQUEIRO, 1936, p. 5)

O amigo a que se refere no trecho provavelmente não é Mário de Andrade, pois não há nenhuma carta do modernista sobre o assunto. Tratou-se, portanto, de outra pessoa próxima de sua convivência ou mesmo uma personagem inventada que encarnava as vozes dissonantes quanto ao tema. Pio/Mota Coqueiro justifica a publicação da primeira edição assumindo um tom “amável”. Isso, no entanto, vai mudando no decorrer das publicações seguintes.

Na segunda edição da *Monografia*, publicada em 1937, Pio acrescenta uma Nota Preliminar, em que o tom da explicação é mais objetivo e menos sentimental do que as respostas anteriores:

Na primeira edição desta “Monografia”, pensei o mais que pude na vantagem de vulgarizar a minha tese; e por isso evitei entrar em muitos pontos de relevante importância para a explicação dos vocábulos que empreendi interpretar. Mas quando vi, contra a minha expectativa, que se levantavam numerosas objecções, com maior ou menor fundamento, contra as conclusões a que ali cheguei – resolvi abordar e desenvolver argumentos puramente filológicos, e por isso mesmo fastidiosos, e outros fundados em longo e fatigante estudo comparativo dos numerosos casos análogos ou semelhantes, os quais deixara de lado por antipáticos e pouco familiares á maioria dos leitores, porém que muito importam para esclarecimento do assunto. Nesta segunda edição, as longas exposições de miudezas quase sempre narcóticas, mas necessárias, agravam-se muito por eu ter de referir, e justificar com iterativas citações, alguns factos fonéticos (e semânticos) específicos de três línguas que, reagindo umas sobre as outras, se contagiaram recíproca e sucessivamente.

Por todo esse acervo de questiúnculas e de citas, peço humildemente desculpas ao leitor heróico, que porventura se disponha a acompanhar-me. A ortografia empregada neste livro está baseada no sistema oficial português de 1911, com as modificações aí introduzidas em 1920; exceptua-se a

crase do *a* (art. e prep.), que o autor continua a marcar com acento agudo, e a denominação dos gêneros e espécies da História Natural, que vão escritos de conformidade com as convenções internacionais a este respeito. Araraquara, Novembro de 1936. / Mota Coqueiro.

Sentindo-se ameaçado por algum opositor, lançou mão de conhecimentos cada vez mais técnicos para sustentar a sua tese. Nessa nota, o locutor assume uma postura mais acadêmica, metódica, dispondo-se a exhibir, por assim dizer, os fundamentos de sua argumentação, ainda que os considere pouco acessíveis à maioria dos leitores, tornando-se uma espécie de fiador das informações que veicula, conferindo-lhes um tom mais científico, “filológico” ao texto. Com isso, o locutor reafirma seus saberes linguísticos como um lastro para o seu capital simbólico, preocupado que está com a credibilidade que seu estudo possa ter. Além disso, Pio comenta as mudanças ortográficas ocorridas nos anos de 1911 e 1920, bem como aquilo que não acatou, mantendo a marcação da crase com o acento agudo. Também esta informação pode indicar não só o profundo conhecimento da língua pelo locutor, bem como reforça a autonomia que ele quer manter em relação a certas reformas com as quais não concorda. Este aspecto soma-se ao caráter idiossincrático de certas ações de Pio já destacados neste trabalho.

Curiosamente, em 1943, no exemplar da segunda edição da *Monografia* (de 1936), que já estava desatualizada em relação à terceira edição, que saíra em 1940, foram feitas correções e anotações a mão pelo autor. É uma espécie de memorial que Pio escreveu na página anterior à de rosto, explicando as circunstâncias em que a obra foi editada:

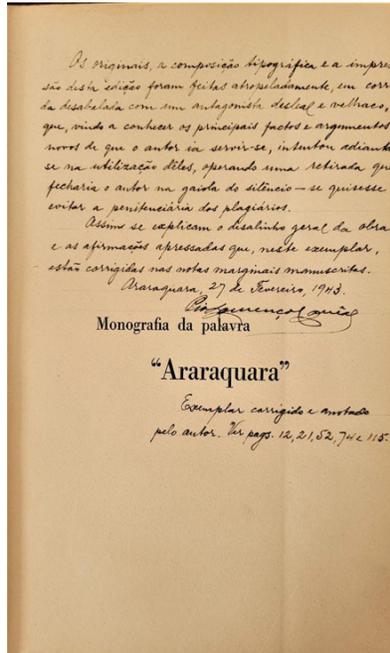
Os originais, a composição tipográfica e a impressão desta edição foram feitas atropeladamente, em corrida desabalada com um antagonista desleal e velhaco que, vindo a conhecer os principais factos e argumentos novos de que o autor ia servir-se, intentou adiantar-se na utilização dêles, operando uma retirada que fecharia o autor na gaiola do silêncio – se quisesse evitar a penitenciária dos plagiários. Assim se explicam o desalinhamento geral da obra, e as afirmações apressadas que, neste exemplar, estão corrigidas nas notas marginais manuscritas.

Araraquara, 27 de Fevereiro, 1943.

Pio Lourenço Corrêa

Ainda nessa página, logo abaixo do nome da obra, Pio anotou também à caneta preta: “Exemplar corrigido e anotado pelo autor. Ver pags. 12, 21, 52, 74 e 115”.

Figura 32: Folha de rosto com anotações de PLC – Monografia da palavra Araraquara. 2.ed. São Paulo, 1937, edição do autor.



Fonte: CPLC – Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/ SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

O exemplar registra o processo de construção da obra, o diálogo nada pacífico com outros autores/pesquisadores, o zelo com que Pio defendia e publicava suas ideias, buscando sempre aprimorá-las, corrigi-las e atualizá-las, mas também registra o gosto pela competição intelectual com outros estudiosos do tema. O tom da anotação manuscrita é duro, ainda que escrita com distanciamento temporal, com o “antagonista” que ele classifica como “desleal e velhaco”.

A terceira edição, de 1940, parece que Pio pretendia que fosse a última. Continuando a assinar com o pseudônimo de Mota Coqueiro, o autor apresenta, na abertura do livro, novamente a Nota Preliminar da segunda edição e acrescenta uma para a terceira:

Da Terceira Edição

Esta terceira edição (infelizmente ainda mais prolixa!...), poderia chamar-se a edição definitiva, por ser certamente a última com que entro para a controvérsia.

Quer do ponto de vista histórico-geográfico, quer do filológico, penso que ela constitui um melhoramento da segunda.

Alguns factos são apresentados sob novo aspecto; muitos documentos não foram antes utilizados; e toda a contextura da obra representa mais um esforço por melhorar a clareza das demonstrações empreendidas.

Neste último intuito, como crescesse ainda o número e a extensão das notas elucidativas e das citações (já em demasia perturbadoras da seqüência normal da leitura na segunda edição), releguei a maior parte delas para o fim do volume, subordinadas ali ao número de ordem da respectiva chamada no texto.

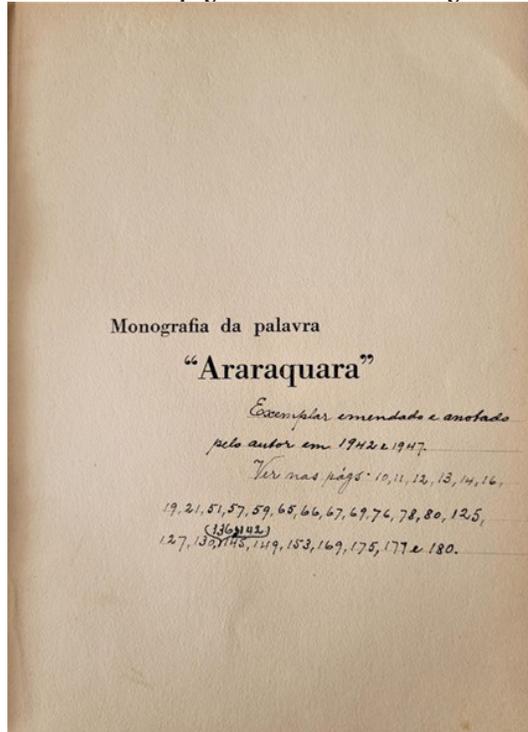
Araraquara, Novembro de 1938.

Mota Coqueiro.

Ao exemplar, também encadernado com capa dura em couro vermelho e letras douradas, foram anexados dois documentos: a nota fiscal dos gastos com a impressão e um recorte do periódico *O Jornal*, do dia 21 de julho de 1950, intitulado “Araraquara e sua história”, na coluna “Notícias do interior”, de autoria de Mário Ernani. O texto versa sobre a história da região, o “lendário” Pedro José Neto que teria realizado a divisão das terras e, principalmente, afirma que o significado da palavra Araraquara é “morada do sol”.

Mais uma vez, o livro foi corrigido e anotado conforme registro do autor, a tinta preta, na folha anterior à de rosto: “Exemplar emendado e anotado pelo autor em 1942 e 1947. Ver nas pags.: 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 21, 51, 57, 59, 65, 66, 67, 69, 76, 78, 80, 125, 127, 130, 136, 142, 145, 149, 153, 169, 175, 177 e 180”.

Figura 33: Anotação de PLC na folha anterior à de rosto da *Monografia da palavra Araraquara*. 3.ed. São Paulo: Oficinas Tipográficas Fernando Camargo Cia. Ltda, 1940.



Fonte: CPLC – Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Em todas as páginas citadas, encontram-se as anotações e correções. Ao final do volume, Pio acrescentou notas explicativas. Foram impressos duzentos e cinquenta exemplares dessa edição da *Monografia* nas oficinas tipográficas de Fernando Camargo e Cia. Ltda., em São Paulo.

Finalmente, em 1952, Pio publicou a quarta, e a última, edição de sua *Monografia*, também enriquecida com uma nota sobre o livro, colada na página de guarda, publicada no jornal *Gazeta*, intitulada “Monografia da palavra Araraquara”, que saiu no dia 23 de agosto de 1952, à p. 13. Também fixou com alfinete um artigo do periódico *O Imparcial*, de 17 de maio de 1953, na coluna do Rotary Club, intitulado “Comentário em torno da palavra Araraquara”, uma palestra proferida em sessão da citada instituição, em Vitória do Espírito Santo, por Euripedes Queiroz do Valle. Há, ainda, 2 cartas dobradas dentro do exemplar: uma de Luiz de Lacerda Carvalho

endereçada a Tio Pio, explicando a este que havia mandado um exemplar da *Monografia* para o autor do artigo (Eurípedes Queiroz do Valle) e que este, Eurípedes, por conta própria, havia decidido divulgar a obra em palestra e no artigo do jornal; e outra carta, do próprio Eurípedes a Luiz de Lacerda, explicando os motivos de ter divulgado o tema, bem como envia-lhe o texto do jornal para que fosse enviado a Pio Lourenço.

Nessa quarta edição, Pio ainda escreveu algumas “erratas”, datilografadas em papel de seda, e prendeu-as com alfinete no miolo do livro, mas não fez nenhuma anotação manuscrita na abertura da obra. Às três notas preliminares para as edições anteriores foi acrescentada uma quarta:

Da quarta edição

Ao publicar, em 1940, a terceira edição deste estudo, averbei-a, na respectiva nota preliminar, de **edição definitiva**.

Mais uma vez se verifica que, na Vida, só a Morte é definitiva. Aqui estou de novo, bem a contra-gosto.

Não tendo alcançado convencer pela Razão, dar-se-á que vencerei pelo número? É possível...

Esta é a maior de todas as edições. Sai sob o verdadeiro nome do autor, que o velho pseudônimo já quase não oculta a nenhum **fan** destes assuntos.

Araraquara, Outubro de 1950.

PIO LOURENÇO CORRÊA

Esta quarta edição, além do comentário sobre a palavra “definitiva” usada em nota anterior, revela que a publicação foi feita a contragosto. O que parece, contudo, é que Pio queria rebater os que não concordavam com sua tese e ter a última palavra sobre o tema. Ele tinha poder econômico para reeditar os livros, como atesta a nota fiscal dos gastos que conservou. Além disso, o abandono do “velho pseudônimo” sugere que quer também apropriar-se do capital simbólico que lhe confere a autoria da obra, abonada pelos artigos de jornal que a resenham e por outros estudiosos que se servem dela como base.

Figura 34: As quatro edições da obra encadernadas em couro vermelho com letras douradas.



Fonte: CPLC - Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Além das quatro edições da *Monografia da palavra Araraquara* (1936, 1937, 1940 e 1952), já comentadas, que reelaborou com novas pesquisas e bibliografia, Pio Lourenço Corrêa teve 67 textos publicados em periódicos.

No jornal *O Imparcial*, de Araraquara/SP, foi responsável pela coluna “Fichas de Linguagem” durante dois anos, de junho de 1935 a novembro de 1936, comprovados por recortes localizados nos papéis avulsos da coleção, ao todo 50 textos, sua produção mais extensa. Algumas dessas “Fichas de Linguagem” foram publicadas além das fronteiras de Araraquara: uma na *Revista de Bellas Artes*, do Rio de Janeiro, no número de maio-junho de 1938; duas no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 14 e 21 de setembro de 1941; três na *Revista Esfera*, também do Rio de Janeiro, no final de 1945 e início de 1946.

As “fichas” dos jornais tratam de questões específicas de ortografia, prosódia e variações linguísticas detectadas por Pio no uso da língua portuguesa, temas que pesquisava em autores consagrados da época, de traços conservadores, bem como em Ferdinand de Saussure, novidade da época no campo da Linguística. Seus exemplos de uso da língua, conforme mostramos, também eram abonados por meio de autores portugueses consagrados do século XIX, como Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett e Eça de Queirós.

Pio Lourenço Corrêa publicou também textos de maior fôlego em outros periódicos importantes do período em que viveu: um na *Revista de Filologia Portuguesa*, de São Paulo, em 1925; um no *Diário Nacional*, de São Paulo, em 1930; dois na *Revista do Arquivo Municipal*, de São Paulo, em 1935; um em um periódico não identificado, também em 1935; um na *Folha da Manhã*, de São Paulo, em 1936; três na *Revista de Cultura*, do Rio de Janeiro, em 1938; um no *Correio Popular*, de Araraquara, em 1950; além do único texto ficcional, o conto “O caso do Barraqueiro”, publicado na *Revista Papel e Tinta*, periódico modernista de São Paulo e Rio de Janeiro, em 1921. Esses textos esparsos de Pio provavelmente são os menos conhecidos, pois estão guardados nas gavetas e estantes da sala onde fica a coleção, longe dos olhos dos visitantes e, antes deste trabalho de pesquisa, sem catalogação e divulgação, precisando ainda de uma recuperação, bem como de um projeto de preservação mais efetivo.

Pio escreveu ainda como colaborador. Já em 1915, redigiu grande parte do Álbum de Araraquara, segundo Antonio Candido em depoimento à pesquisadora, cuja organização oficial foi dada a Antônio M. França, livro comemorativo em homenagem à cidade, impresso sem grande preocupação técnica ou normativa. Em 1948, nova edição do Álbum de Araraquara, desta vez elaborada com mais rigor e respeitando a autoria dos textos, constando os nomes dos colaboradores, cuja organização ficou sob responsabilidade de Nelson Martins de Almeida. Além disso, colaborou com pesquisas e informações em várias obras de Mário de Andrade, conforme discutimos neste trabalho.

Em *Namoros com a Medicina* (1939), Mário publica dois ensaios: “Terapêutica Musical”, em que discorre sobre as propriedades curativas da música; e “Medicina dos excretos”, em que apresenta uma série de credences, quadrinhas e músicas populares que tratam do uso dos excrementos com

finalidade terapêutica. Neste segundo assunto, além de colher informações na região de Araraquara, Mário teve também colaboração de Pio:

[a]s machucaduras internas também recorreram ao receituário excretício. Me contou o Sr. Pio Lourenço Corrêa, meu amigo e fazendeiro de grande experiência humana, que em Araraquara, é uso no povo o sujeito que sofre machucadura interna, beber a própria urina para sarar. (ANDRADE, 1980, p. 83)

Pio também participou de outras empreitadas culturais com Mário de Andrade. Em 1926, realizou-se uma campanha, liderada por Paulo Prado (1869-1943), para aquisição de uma carta autógrafa de José de Anchieta, datada de São Paulo de Piratininga, 15 de novembro de 1579, e endereçada ao capitão-mor Jerônimo Leitão, tenente do donatário da capitania de São Vicente, no período de 1572 a 1590. O documento estava à venda na livraria *Maggs Bros.*, de *Conduit Street*, em Londres, por duzentas libras, o mesmo que trinta sacas de café. O periódico modernista *Terra Roxa e Outras Terras*²⁰ tomou para si a tarefa de propagar essa campanha. A compra do documento se fez em cinco dias, pelo telégrafo, com a colaboração financeira dos fazendeiros paulistas produtores de café e, em cerimônia oficial, com discurso de Paulo Prado, a carta de Anchieta foi doada ao Museu do Ipiranga, hoje Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Mário escreveu a Pio, em 7 de fevereiro de 1926, convidando-o a participar da campanha. No dia 10 de fevereiro, Pio respondeu: “Sobre carta de Anchieta: não tenho o menor interesse em que alguém adquira essa carta. Mas a V. não nego café nem nada” (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 91).

Em 11 de fevereiro de 1932, novamente o Padre Anchieta torna-se assunto na correspondência com Mário:

[...] E agora tenho uma pergunta pra fazer à sua larga experiência da nossa natureza paulista. Anchieta, numa das suas cartas vicentinas, ou pra localizar melhor, piratininganas, fala na existência dum “vespão” (o termo é dele) que mata e come aranha. Ora esse vespão, que na certa já

²⁰ Quinzenário modernista publicado de janeiro a setembro de 1926, em São Paulo, destinado ironicamente ao “homem que lê”. Teve sete números, dirigido por Antônio Carlos Couto de Barros e Antônio de Alcântara Machado.

está sistematizado, dotado de latinório no nome etc. e tal, nunca não foi identificado cientificamente por esse hábito de que fala Anchieta. (Que de resto foi observador fidelíssimo da nossa vida irracional.) Ora estou quebrando armas pra identificar o tal vespão, não por mim que nenhum luxo vou tirar disso, mas pelo Antônio de Alcântara Machado que está fazendo o comentário das cartas anchietanas pra uma edição próxima. Me lembrei do sr. que até a lavandisca do Saint-Hilaire sabia melhor que Saint-Hilaire. Peço-lhe pois alguma respostinha sobre, mesmo a lápis[...]. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 218-219)

Pio contribuiu, de fato, com a informação sobre o vespão. Na edição organizada e anotada por Antônio Castilho de Alcântara Machado de Oliveira (1901–1935) das *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre José de Anchieta, S. J. (1554–1594)*, edição da Civilização Brasileira (Rio de Janeiro, 1933), à p. 136, vem:

À família dos Pompilídeos (ordem dos Himenópteros, superfamília Vespoídea) pertencem os mais notáveis caçadores de aranhas existentes no Brasil: mais notáveis pelo seu tamanho (aparentam enormes vespas) e também pelo seu número. Da sua biologia extraio de Comstock (*An introduction to entomology*, Ithaca, 1930, p. 934) o seguinte: *Most of the Pompilidae make their nests in the ground. The wasp first finds a spider and stings it until it is paralysed, and then digs a burrow which is enlarged at the lower end, forming a cell for the reception of the spider: the spider is then dragged down into the cell and an egg attached to it: then the passage leading to the cell is filled with earth. (...) Among the giants of this family are the well-known tarantula – hawks of the genus Pepsis of the Southwest, which store their burrows with tarantulas. Many a hardfought battle do these spider-wasps have with these enormous spiders, and sometimes they are conquered and ignominiously eaten. (...) More than one hundred species belonging to this family have been described from our fauna. A classification of the family was published by Banks (1911)*²¹. Assim Anchieta conheceu um dos cem

²¹ Tradução: Da sua biologia extraio de Comstock (*Uma introdução à Entomologia*, Ithaca, 1930, p. 934) o seguinte: a maioria dos *pompilidae* faz seus ninhos no solo. A vespa primeiro encontra uma aranha e a pica até ficar paralisada, e então cava uma toca que se alarga na parte mais funda, formando uma cela para a recepção da aranha: a aranha é então arrastada para dentro da cela com um ovo preso a ela: depois, a passagem que leva à cela é preenchida com terra. (...) Entre os gigantes desta família estão as conhecidas tarântulas – falcões do género *Pepsis* do Sudoeste,

insetos, a que se refere Comstock, aludindo à classificação de Banks. Ou talvez não viu nenhum desses, que são todos do hemisfério norte; e alguns, pelo menos, dos nossos de cá, não estarão representados naquele hemisfério. Há a notar,

ainda, que às vezes é o vespão que vem a ser comido. E, quando vitorioso, não come a aranha: esta é sempre destinada a alimento da larva do vespão. Há outros caçadores de aranhas entre os himenópteros, notadamente os esfegídeos (J. H. Fabre. *Moeurs des insects*²². Paris, 1924, p. 111 e segs.), de que o Brasil possui muitas espécies, em geral menores que os Pompilídeos.

Na biblioteca do estudioso de Araraquara, encontra-se o exemplar da obra com a dedicatória: “Para o snr. Pio Lourenço Corrêa/ – que nesta homenagem colaborou – / oferece com admiração/ António de Alcântara Machado/ – maio. 933 –”. Logo abaixo, Pio acrescentou, a tinta preta: “A minha... colaboração/ pode ler-se na pág. 136, subordinada/ ali ao no (114). Na pág. 130 o autor/ refere que a pequena contribuição/ minha foi escrita especialmente/ para esta edição. É verdade./ Pio Lourenço Corrêa (1946)”.

As colaborações de Pio também constam nos manuscritos de uma obra que começou a ser delineada, mas não concluída, por Mário de Andrade e que seria uma *Gramatiquinha da fala brasileira*, que recebeu uma publicação póstuma organizada por Edith Pimentel Pinto: *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto* (São Paulo: Duas Cidades, 1990). A pesquisadora reuniu os manuscritos do modernista, bem como notas marginais em livros da biblioteca dele e textos de terceiros (cartas, bilhetes, recortes de jornais) destinados à obra. Aqui registramos a referência de Mário a Pio na publicação póstuma:

VERBO – CAPÍTULO VII

(substantivo verbal) [...]

- ter por haver

“Cantou. Com tanta voz, tamanha alma e tanta expressão não tem ninguém” Camilo “Os amores do Diabo” Porto, 1972 [sic] pg. 78.

(Camilo tem mais outro exemplo que **tio Pio** já fichou).

que armazenam as suas tocas com tarântulas. Essas vespas-aranha travam grandes batalhas com essas enormes aranhas, e às vezes elas são conquistadas e ignominiosamente comidas. Mais de uma centena de espécies pertencentes a esta família foram descritas da nossa fauna. Uma classificação da família foi publicada por Banks (1911).

²² Tradução: *Mais de insetos*.

12-F - (PINTO, 1990, p. 361). (negrito da pesquisadora).

VOCABULÁRIO [...]

- *Aziar* é um aparelho composto de correia e um torniquete, ou pau, que a gente coloca nos beiços dum animal pra que ele se entregue inteiramente ao que se tem de fazer nele, subjugado pelo martírio. No estado de S. Paulo chamavam ao *aziar* (veja dicionário) de “pito” me informa **tio Pio**. Não virá daí o “passar um pito em fulano” em que a semelhança semântica (de ralhar, castigar, corrigir) explica a significação primeiro metafórica e já atualmente primeira de *pito*, *castigo*, *ralho*?

12-F – (PINTO, 1990, p. 434). (Itálicos do autor, negrito da pesquisadora).

Pio também viaja na memória de Mário em um dos mais ambiciosos projetos do modernista e marca sua presença no diário que tinha a finalidade de registrar anotações para a obra *O Turista Aprendiz*. No período de 7 de maio a 15 de agosto de 1927, Mário realizou uma viagem ao Norte do Brasil, navegando pelo Rio Amazonas até chegar na cidade de Iquitos, no Peru. Com o escritor, foram D. Olívia Guedes Penteado e sua sobrinha Margarida Guedes Nogueira, e Dulce do Amaral Pinto, filha de Tarsila do Amaral. Mário recolheu lendas, mitos, objetos indígenas, fez muitas anotações daquilo que vivenciou, dos tipos humanos que encontrou, do contato com a natureza. No dia 22 de junho de 1927, de Iquitos, o modernista escreveu uma longa carta a Pio comentando aspectos da língua portuguesa falada nos lugares que ele estava visitando (GUARANHA, 2006, p. 93-95), documento relevante que deve ser transcrito na íntegra:

Rio Amazonas/ Iquitos, 14/ 22 de junho de 1927.

Tio Pio

A tinta de bordo tem mais lama que a água deste rio, só lápis mesmo dá facilidade. Desculpe. Também lhe escrevo mais pra provar que não me divirto sem carregar o prazer das memórias, a memória dos meus e no caso presente, do sr. e de Zulmira. Hoje se não fosse esta aventura em que me meti havia de estar embarcado, nestas 13 e 30 chegandinho aí na Araraquara. A aventura me fez chegar faz três horas no lugar chamado Fonte Boa que se outro mérito não tivesse, tem pelo menos o de provar a predileção dos brasileiros todos pelo qualificativo posposto ao substantivo o que me deu um gozo... gostoso. Aliás esta viagem toda me vai sendo utilíssima a respeito de fala brasileira. Os meus contraditores me falavam

sempre que o que eu organizava era fala paulista, que no Pará ninguém não falava “pra” mas “para” e bobagens dessas. O que lhe posso garantir é que até agora só escutei um fulano (deputado pelo Amazonas, tentando ser bem falante) pronunciar “para”. No resto, a sintaxe principalmente é a mesma que eu julguei, e não sem estudo, geral no Brasil. A questão do vocabulário já pia mais fino. As variantes regionais são fatalmente fortíssimas, desde que se trate de coisas objetivas, fauna, flora etc. Aliás a confusão é guaçu, se percebe muito bem uma fala indecisa ainda, os termos sem significado perfeitamente próprio as mais das vezes. Igapó, igarapé, paraná ou paranã, furo, tudo designa muitas coisas quase sinônimas e a distinção tem sido muito mais dos vocabularistas regionais que de existência real. Infelizmente não tenho podido privar com gente do povo o quantum satis pra firmar em bases de estatística possivelmente aceitável as minhas observações pessoais. O fato de estar num grupo e acompanhando donas fez de mim mais um viajante que um estudioso. É uma pena. Porém esta viagem sob o ponto-de-vista de língua me trouxe um problema novo em que não tinha imaginado inda não: o caso da dicção. Me surpreendi muito aqui no Norte encontrando uma dicção que pra todos os efeitos é a nossa paulista. Agora o Nordeste é incontestável que atingiu já uma dicção perfeitamente distinta da sulina, o que traz um perigo enorme. Temos perfeitamente distintas duas dicções da mesma fala no Brasil: a nordestina (Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará) e a outra mais geral e mais próxima do portuga com leves variantes daqui pra “acolá” como se diz [ainda] aqui no Norte. Assim a nasalização nordestina permanece mais suave porém característica por todo este Norte. Exponho só o caso sem tirar conclusões por enquanto porque tanta sensação forte abriu por demais em mim a vida dos sentidos e as faculdades intelectivas meio que andam encorujadas não querendo aparecer. Ando besta e desinteressante por completo porém vivendo com uma intensidade prodigiosa. Bom, mas o importante do fato que lhe expus é que a dicção leva às variantes sintáticas, a sintaxe não sendo mais que uma consequência das necessidades auditivas, sonoras, rítmicas, e também orgânicas. Ora se possuímos 2 dicções tão distintas está lógico concluir a fatalidade de 2 sintaxes que embora aproximadas como espanhol e portuga ou portuga e ... ou (?) sempre se distinguem. Outro caso divertido a esclarecer: qual das 2 dicções brasileiras é mais adiantada que a outra? À 1a vista a gente conclui logo que é a nordestina porém o problema é muito mais rico de dados que parece. Se a nordestina é mais adiantada sendo que historicamente o portuga se implantou com mais facilidade no Nordeste e lá primeiramente,

não quererá dizer então que a dicção brasileira quando se aperfeiçoar irá dar na portuga atual? Me parece. Pelo exame dos poetas quatrocentistas e quinhentistas lusos, como C. Figueiredo, creio também já concluiu, se percebe que naquele tempo o português era falado com a dicção da gente e não a portuga. Basta ver métrica e rima. Isso significa que entre nós se conservou estacionária a dicção ao passo que progredia além-mar. Progresso incontestável a fala portuga atual sendo muito mais ligada, menos sonora (e portanto mais intelectual e menos sensitiva) mais rápida que a nossa. Sinais evidentes de aperfeiçoamento por intelectualização e facilitação fisiológica maiores. Já o nordestino nasal possui um “tem”, um “também” um “mái” pertíssimos do “taim”, “tambaim” e “maim” atuais de Portugal. Como o sr. vê vou ajuntando dados, sem tirar conclusões. Vá pensamenteando no causo aí, e assim que eu chegar trocaremos idéias sobre. Quanto ao Amazonas me desculpe mas não conto nada. Tem coisas sublimes de se ver, se cheirar, se escutar e provar por aqui e também muita desilusão. Tudo tão ingente e multiplicado que carta não dá e nem me atrevo a iniciar qualquer descrição. Estou fazendo uma viagem colosso. Divertimentos sobre divertimentos, prazeres sobre prazeres, me aprontando pra daqui a 3 dias entrar Peru adentro. Vou lhe mandar esta carta da primeira agência de Correio onde possa registrá-la. Não leva muita notícia não, porém leva meus desejos de que o sr. passe bem aí ao lado de Zulmira. Com o mais carinhoso abraço pros dois do amigo sempre Mário Afinal vim parar em Iquitos e hoje boto esta no correio com selo peruano 22 de junho.

Muitas observações e anotações que Mário fez durante a viagem serviram para enriquecer principalmente a futura obra *Macunaíma*, mas também lhe renderam muitas crônicas, contos e material que organizou até mais ou menos 1943, na intenção de elaborar um livro com o título de *O Turista Aprendiz*, que ficou inacabado. Na publicação póstuma de *O Turista Aprendiz* pela Editora Duas Cidades, de São Paulo, organizada por Telê Ancona Lopez, em 1977, Pio está presente em vários momentos. No manuscrito de 17 de maio [de 1927] – (ANDRADE, 1977, p.58) – Mário registrou uma anedota de Pio que ressalta a elasticidade da fala popular com seus neologismos bastante expressivos:

[...] Não sei porque me lembrei de uma anedota que meu tio Pio, que não é meu tio, me contou. Ele, rapaz, estava brincando com um negrinho

- escravo do pai, não sei o que o negrinho fez, e ele:
- Ôh, negrinho entremetido, eu te bato, heim!
 - Bata que eu corro!
 - Eu corro atrás!
 - Eu escapulo por debaixo de mecê!
 - Eu me agacho!
 - Eu pegava numa pedra e tocava uma pedrada em mecê!
 - Eu desviava!
 - Eu pegava num relho, dava uma relhada em mecê!
 - Que-de relho!
 - Eu dava uma paulada!
 - Não tem pau!
 - Nem num sei! Pegava no que fosse e dava uma quefossada em mecê!

No manuscrito de 23 de maio [de 1927] – (ANDRADE, 1977, p.64) – está registrada outra referência a Pio:

Belém, 23 de maio [de 1927]— [...] Estou me lembrando duma idéia que tive certa vez. Não vê que possuo um tio bem brasileiro que quando construiu a casa dele numa chacra que é o pé mimoso de Araraquara, logo mandou fazer um quarto-de-hóspede batuta com tudo o que há de bom no mundo. Me hospedo sempre na casa dele e só vendo que gostosura aquele apartamento bem com tudo o que a gente carece pra viver sem falta. Porém meu tio é catatau e instalou todas as coisas baixinho. No banheiro, cada cabidão niquelado, a lâmpada por cima do espelho de fazer a nossa barba, em tudo eu manguari andei corcunda e assim mesmo dando cabeçada numa conta. Numa dessas batidas é que a idéia fagulhou e acho que descobri a razão dos erros dos homens. Deus criou a gente e nos deu uma alma à imagem da d’Ele. Mas Deus não tem corpo como se sabe e a alma nossa grandiosa feito a de Deus, veio muitas vezes parar num corpo desencontrado no tamanho. É por isso que muita gente anda de alma corcunda dentro do corpo e muita outra anda dando cabeçada por aí... Não tem que guerê nem pipoca, é isso mesmo. Em Belém o calorão dilata os esqueletos e meu corpo ficou exatamente do tamanho de minha alma.

No manuscrito de 28 de junho [de 1927] – (ANDRADE, 1977, p.115) – Mário relembra, novamente, do Tio Pio, agora fazendo referência à obsessão deste pela etimologia da palavra Araraquara:

28 de junho [de 1927] — A friagem continua. Manhã em Sta. Rita, onde compramos redes de tucum. Fiquei com remorso, e além da minha, levo agora mais duas redes de tucum, uma pro mano, outra para o meu amigo Pio Lourenço, de Araraquara, que tem a mania mansa da etimologia da palavra 'Araraquara'. São Paulo de Olivença. Footing com Dolur, conversando psicologia. Vida de bordo, cheirando criança. À noite, Tonantins, onde frei Diogo nos guarda um carneirinho pra comermos no dia seguinte. Embarque de lenha. Rapidez na descida. Partida pelas vinte-e-três horas.

A presença de Pio, contudo, não se restringe à trajetória intelectual de Mário de Andrade. Estendeu-se, também, à produção do intelectual Antonio Candido de Mello e Souza, tendo colaborado com informações para a obra de Candido, *Os Parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida (1964). Candido agradece pela colaboração de Pio:

[n]ão posso deixar de lembrar, com saudade e reconhecimento, o velho amigo Pio Lourenço Corrêa, falecido em 1958, admirável tipo de fazendeiro paulista, culto e reto, que me acolheu várias vezes na sua chácara dos arredores de Araraquara, e a quem devo muito do que percebo da cultura rústica. A sua conversa era uma lição constante; a sua experiência, imensa; a sua memória, prodigiosa. Erudito e estudioso da língua e das ciências naturais; caçador e investigador dos costumes; conhecedor minucioso da flora, da fauna e da técnica rural, devo-lhe mais do que poderia registrar, porque são coisas que se incorporam ao modo de ver e de sentir. Quando ele desenterrava das recordações de setuagenário o que lhe contara na infância um velho pai setuagenário, parecia-me tocar no vivo o século XVIII de Araraguaba, onde sua avó falava língua geral e cuja tradição ele mantinha, na escarpada austeridade do seu caráter. (CANDIDO, 2017, p. 15)

Essas referências a Pio Lourenço Corrêa vão se somando e completando o mosaico que aqui se vai construindo, revelando a influência, presença, colaboração desse personagem com aqueles com os quais convivia, interlocução registrada em sua coleção.

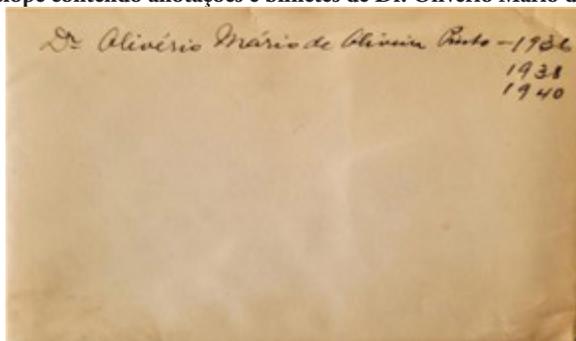
2.3.2 Coleção de diálogos com intelectuais

Pio Lourenço Corrêa, vivendo na cidade de Araraquara, circulando entre a Chácara da Sapucaia, a Fazenda São Francisco e o Pesqueiro à beira do Rio Mogi, esteve sempre cercado de figuras de destaque intelectual, além de seu principal interlocutor, Mário de Andrade, que foi citado em vários pontos deste trabalho.

Pesquisando nas estantes e gavetas de Pio, encontramos outros interlocutores de destaque na cena intelectual da época. Encontramos alguns livros do Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto (1896-1981) que, nascido em Jaú/SP, formou-se em Medicina pela Universidade Federal da Bahia, para onde a família havia se mudado; retornou ao estado de São Paulo; viveu e trabalhou algum tempo em Araraquara como médico e professor da Escola de Odontologia e Farmácia da cidade, tornando-se amigo de Pio. Segundo Antonio Candido, Olivério ensinou Pio a usar microscópio, além de trocarem conhecimentos sobre fauna e flora. Nos anos de 1930, Olivério mudou-se para a capital, assumindo cargo na área de estudos de Zoologia no Museu Paulista da USP, hoje Museu de Zoologia da USP. Realizou vários estudos sobre aves, tornando-se autor de referência em Ornitologia (TORRES, 2019).

O diálogo entre ambos está documentado nas dedicatórias dos livros autorais: *Resultados ornithologicos de uma excursão pelo oeste de São Paulo e sul de Matto-Grosso* (1932), *Aves da Bahia* (1935), *Catálogo das aves do Brasil* (1938), *Relatório de 1940 do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo* (1940), *Cinquenta anos de investigação ornitológica* (1945). Há também dedicatórias em livros de outros autores enviados ao amigo, além de registros no fichário de Pio, guardados em um envelope nomeado.

Figura 35: Envelope contendo anotações e bilhetes de Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto.



Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022.

Após a morte de Mário, em 1945, quem assumiu a função de atualizar Pio sobre publicações, comprar e remeter-lhe obras de relevância da capital, foi Antonio Candido. Casado com a sobrinha de Pio, Gilda Rocha de Mello e Souza, tornaram-se próximos pelos interesses intelectuais e, graças à memória de Candido, muitas informações sobre o pesquisado puderam ser resgatadas. O diálogo está documentado nas dedicatórias de livros de assuntos variados, bem como no fichário e em recortes de jornal de autoria de Candido que foram guardados por Pio.

Figura 36: Dedicatória/carta de Antonio Candido a Pio, na folha de rosto do livro de Victor Kravchencko, *I choose freedom*. New York: Garden City Publishing Co., s/d.²³

Caro Tio Pio

Aí está o livro que o Sr. queria. Acaba de chegar dos EU e eu me apresso em mandá-lo ao Sr.

Tenho em mãos as suas perguntas e brevemente lhe escreverei, com as

I CHOSE FREEDOM

respostas. Desde já, porém, posso afirmar que o "Santo Graal" foi mandado por êste seu criado, e que o Sr. nada deve...

Dei uma rápida olhada neste "I chose freedom", e tive a impressão de que é meio pesadote; mas aqui e ali, há de haver substância que compense a leitura.

Senti não poder ir à sua casa na Semana Santa. O full-time saiu de repente, me amarrando solitariamente a São Paulo durante todo o ano letivo. É pena. Recomendações a minha Tia / Zulmira e um grande abraço para o Sr. / Antonio Candido / [A.B.] Já tem: / 1º O numero da Rev. do Arquivo / dedicada ao Mário? (Não me / lembro se mandei ou não ao Sr.) / 2º Os dois ultimos livros dele? / Caso não tenha, avise que eu / mandarei logo.

²³ Transcrição: Caro Tio Pio / Aí está o livro que o Sr. queria. / Acaba de chegar dos EU e eu me apresso em / mandá-lo ao Sr. / Tenho em mãos as suas perguntas / e brevemente lhe escreverei, com as / respostas. Desde já, porém, posso / afirmar que o "Santo Graal" foi / mandado por êste seu criado, e que / o Sr. nada deve... / Dei uma rápida olhada neste / "I chose freedom", e tive a impressão / de que é meio pesadote; mas aqui / e ali, há de haver substância / que compense a leitura. / Senti não poder ir à sua casa / na Semana Santa. O full-time / saiu de repente, me amarrando solitariamente a São Paulo durante todo o ano letivo. É pena. / Recomendações a minha Tia / Zulmira e um grande abraço / para o Sr. / Antonio Candido / [A.B.] Já tem: / 1º O numero da Rev. do Arquivo / dedicada ao Mário? (Não me / lembro se mandei ou não ao Sr.) / 2º Os dois ultimos livros dele? / Caso não tenha, avise que eu / mandarei logo.

meu de repente, me amarrar sol-
damente a biblioteca durante todo o
ano letivo. É pena.
Recomendação a mimho há
Juliana e um grande abraço
para o s.
Antonio Landeiro

NB. Já tem:
1º O número da Rev. de Arqueologia
dedicado ao Hércules? (Não me
lembro se mandei ou não ao s.)
2º O do último livro do G?
Caso não tenha, avise que
mandarei logo.

Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em outubro de 2019.

Na coleção, ainda estão a tese de Gilda Rocha de Mello e Souza (1919 - 2005), ensaísta, crítica de arte e professora da USP, com dedicatória e solicitação de crítica de Pio. Entre as páginas, foram encontradas fichas em branco e algumas com comentários sobre o texto. A tese de Carlos de Moraes Andrade (1889-1971), irmão mais velho de Mário de Andrade, também está lá com dedicatória.

Na escrivania de Pio, além das fichas colecionadas, há uma gaveta com diversos envelopes, todos com nomes sobrescritos: familiares, conhecidos, instituições e periódicos para os quais enviou exemplares de sua *Monografia da palavra Araraquara*. A publicação foi enviada também para gramáticos; e há até um envelope para o ator e diretor de teatro Procópio Ferreira (1898-1979), que se apresentou no Teatro Municipal da cidade por volta de 1914-1915 (segundo *site* da Câmara Municipal, PMA, 2022), cujo

conteúdo já não corresponde mais ao que havia originalmente, assim parece. Dentro dos envelopes, há cartões de visita, bilhetes, cartas, recortes de jornal e revistas, fichas com anotações de data de envio da *Monografia*, cartas de agradecimento, consultas de interlocutores sobre questões linguísticas, recortes de suas “Fichas de Linguagem” publicadas no jornal *O Imparcial*, juntamente com as fichas de sua pesquisa para a composição das publicações.

Ao que parece, Pio, apesar de não ter se tornado muito conhecido como autor, tinha uma boa noção de como divulgar o seu trabalho, enviando exemplares e estabelecendo contato com pessoas-chave e instituições de renome, onde queria que sua obra constasse. Enviou exemplares para: Afonso de Taunay (1876-1958), Afrânio do Amaral (1894-1982), Alberto Lamego (1896-1985), Antenor Nascentes (1886-1972), Gladstone Chaves de Melo (1917-2001), João (Yan) Fernando de Almeida Prado (1898-1991), Manuel Bandeira (1886-1968), Olivério Mário de Oliveira Pinto (1896-1981), Plínio Airosa (1895-1961) e Procópio Ferreira (1898-1979), citando os mais conhecidos.

Quanto às instituições, enviou exemplares para a Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo, Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, Museu Paulista, entre outras. Enfim, a Faculdade de Direito de São Paulo, hoje Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e parte da Universidade de São Paulo, onde Pio pretendia estudar na juventude e não conseguiu, tem em sua biblioteca o exemplar de sua *Monografia*.

Diante desses registros, é notório o esforço do autor em compartilhar suas ideias e buscar o diálogo com intelectuais e instituições além das fronteiras de sua cidade.

2.3.3 – Coleção de fichas de estudo

Segundo Jean Guitton (1902-1999), em *O trabalho intelectual* (2018, p. 109), foi o escritor francês Stendhal, pseudônimo de Marie-Henri Beyle (1783-1842), quem inventou a ficha ou o processo de fichamento, interpondo folhas em branco entre as páginas dos livros que lia, resumindo-os ou anotando informações que lhe pareciam importantes. Percebendo, entretanto, que suas anotações eram muito chamativas e podiam revelar muitas pistas

de seu percurso criativo, passou a usar papéis menores para suas anotações. Assim teria “inventado a ficha”.

Guillon estabelece algumas orientações para a elaboração de um fichário ou para transformar simples anotações em fichas (2018, p. 110, 111, 114):

[...] o formato deve ser sempre o mesmo, desde a juventude até a morte; [...] a ficha ideal é aquela que, em qualquer ocasião, pode ser facilmente colocada no bolso, ou levada num fichário; [...] uma nota tomada com cuidado deveria ser capaz de servir aos nossos amigos e aos nossos descendentes. [...] Ora, graças ao fichário, se anotamos uma linha, anotamos para sempre. A classificação das notas obedece a um princípio muito simples: *uma nota está bem classificada quando é rapidamente encontrada.*

Pio Lourenço Corrêa parece que já tinha conhecimento do método, pois suas fichas são todas do mesmo tamanho, ainda que de papéis de texturas e espessuras diversas: algumas mais firmes, próximas da cartolina, outras mais finas, parecendo papel sulfite, pautadas. Há fichas divisórias por assuntos em papelão com aba na parte superior em que se registra a numeração e o título, e há fichas de cartolina também com aba superior com as letras inscritas para a organização em sequência alfabética. Após tanto tempo no arquivo e algumas mudanças de sala, as fichas encontram-se totalmente desorganizadas. Guardadas nas gavetas, sim, mas completamente fora de ordem.

Tais fichas de registro consolidaram-se, conforme Leroi-Gourhan (2018, p. 64), pois: “[n]o decorrer do século XIX, a memória coletiva adquiriu um tal volume que acabou por se tornar impossível exigir que a memória individual contivesse em si todo o conteúdo das bibliotecas”. Os registros, que eram feitos em cadernos e catálogos, eram de difícil localização, era necessária uma forma mais rápida e com maior praticidade para que novas informações pudessem ser acrescentadas sem alterar o restante do conteúdo. Novamente citando Leroi-Gourhan (2018, p. 64 - 65):

[n]a sua forma mais rudimentar, tal sistema já corresponde à constituição de um verdadeiro córtex cerebral exteriorizado, visto que, nas mãos do utente, um simples ficheiro bibliográfico presta-se a múltiplos ordenamentos: por autores, por matérias, geográfico, cronológico, com todas as combinações correspondentes. [...] Este fato é ainda mais notório num

ficheiro de informações científicas, em que cada elemento documental pode ser combinado à vontade com todos os outros.

Portanto, em épocas em que não havia arquivos eletrônicos, as fichas eram o grande recurso auxiliar da memória. Leroi-Gourhan (2018, p. 65), no entanto, chama nossa atenção para o fato que:

[e]m certa medida, a imagem do córtex é falsa, porque se um ficheiro é uma memória em sentido estrito, a verdade é que se trata de uma memória destituída de meios próprios de rememoração, e em que a animação requiere a sua introdução no campo operatório, visual e manual do investigador.

Nesse sentido, como investigadores da “memória de Pio Lourenço Corrêa”, deparamo-nos com a dificuldade de compreender muitas das motivações que o levaram a registrar suas observações, bem como pistas sobre as relações originais que havia entre esses registros que poderiam ser dadas pela ordem em que foram agrupados, uma vez que muitos documentos encontram-se fora da sua organização original. Para compreender os interesses de seu autor, tivemos de, primeiramente (re)organizar o ficheiro a partir de um critério nosso que levou em conta, sempre que possível, as ordens alfabética e numérica dos documentos. Depois comparar registros, confrontar anotações e repetições para poder traçar hipóteses para seus objetivos, ou seja, manusear, olhar, testar a ordem etc. É uma memória externa, artificial, que está resistindo ao tempo, mas que já se encontrava embaralhada de modo que só foi possível entendê-la melhor ou estabelecer algum sentido após essa organização numérica e alfabética convencional, o que não representa necessariamente a organização original de seu autor. Após todo o trabalho, registramos 7232 imagens de fichas (algumas com frente e verso preenchidos) no acervo.

Essas fichas são, talvez, os elementos mais instigantes da coleção, pois causam espanto pela quantidade; pela variedade de assuntos tratados (ainda que predominem questões de linguagem); pelas pistas que trazem sobre o pensamento de seu autor; pelo registro do diálogo com variados intelectuais; por permearem todos os outros elementos da coleção (livros da biblioteca, textos publicados, pessoas com quem conviveu e assuntos preferidos); além de documentarem o rigor metodológico do autodidata.

Suas fichas estruturaram suas publicações em periódicos, as quatro edições da *Monografia da palavra Araraquara* e auxiliaram também outros autores, assunto de que já tratamos. Sob este aspecto das fichas, cabe ainda acrescentar que, para *Macunaíma* (1928), foram utilizadas por Mário de Andrade as seguintes informações baseadas no fichário de Pio, segundo edição crítica da obra, organizada por Telê Ancona Lopez (ANDRADE, 1978, p.428 – 431):

Fichas com a indicação: “Macunaíma/ usado”

“Urubu-ministro, urubu-peba, urubu-caçador, urubu de cabeça vermelha, e gereba = todos são o mesmo urubu/ 203 p.19”. Na Bibliografia: “203 – Rodolpho Garcia – ‘Nomes de Aves em Língua Tupi’ – Rio de Janeiro, 1913 (**Pio**)”. (Negrito da pesquisadora).

“Urubu-paraguá, urubu-peba/ 203, p. 36”. Na Bibliografia: “203 – Rodolpho Garcia – ‘Nomes de Aves em Língua Tupi’ – Rio de Janeiro, 1913 (**Pio**)”. (Negrito da pesquisadora).

Fichas com a indicação: Macunaíma

“piranhas devorando piranha/ veja 210 p. 67”. Na Bibliografia: “210 – Diário de Viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas Capitânicas do Pará, Rio-Negro, Matto-Grosso, Cuyabá e S. Paulo – S. Paulo, 1841 (**Pio**)”. (Negrito da pesquisadora).

Além da aplicação prática das anotações em suas obras e nas de terceiros, as fichas também registram opiniões pessoais sobre diversos assuntos, sobre pessoas e determinados fatos históricos, além de planos que acabaram não se concretizando, como a possibilidade de elaborar uma enciclopédia de sua autoria ou a possível criação de um museu para Mário de Andrade, iniciativa provável de alguma instituição de Araraquara, que também não se realizou. Esse fichário, campo fértil de investigação, pode render ou auxiliar relevantes pesquisas históricas em várias áreas do conhecimento.

2.3.4 *Coleção de livros*

A partir da lista de livros fornecida pela bibliotecária, foram elaboradas tabelas para visualizar a organização dos volumes nas estantes e nas prateleiras. São 1094 títulos no total, sendo 1339 volumes (há várias edições da

mesma obra; mesma obra dividida em vários tomos etc.), distribuídos em cinco estantes de madeira com portas de vidro, nas proporções demonstradas na tabela a seguir:

Tabela 4: Livros da biblioteca de PLC

CONTEÚDO GERAL DAS ESTANTES				
ESTANTES	MATERIAL	PRATELEI- RAS	TÍTULOS	VOLUMES
1	Livros	5	208	231
2	Livros	5	298	354
3	Livros	5	118	153
4	Livros	5	253	304
5	Periódicos	4	217	297
TOTAIS	24	1094	1339	
CONTEÚDO POR PRATELEIRA EM CADA ESTANTE				
ESTANTE 1 – LIVROS				
PRATELEIRAS	TÍTULOS	VOLUMES		
1	42	48		
2	43	47		
3	47	50		
4	44	45		
5	32	41		
TOTAL	208	231		
ESTANTE 2 – LIVROS				
PRATELEIRAS	TÍTULOS	VOLUMES		
1	66	70		
2	53	63		
3	63	66		
4	62	98		
5	54	57		
TOTAL	298	354		
ESTANTE 3 – LIVROS				
PRATELEIRAS	TÍTULOS	VOLUMES		
1	18	33		

2	22	31		
3	22	27		
4	30	35		
5	26	27		
TOTAL	118	153		
ESTANTE 4 – LIVROS				
PRATELEIRAS	TÍTULOS	VOLUMES		
1	53	54		
2	45	53		
3	45	52		
4	42	57		
5	68	88		
TOTAL	253	304		
ESTANTE 5 – PERIÓDICOS				
PRATELEIRAS	TÍTULOS	VOLUMES		
1	59	70		
2	61	63		
3	27	66		
4	70	98		
TOTAIS	217	297		

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora, de acordo com o inventário fornecido pela Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP, em 2019.

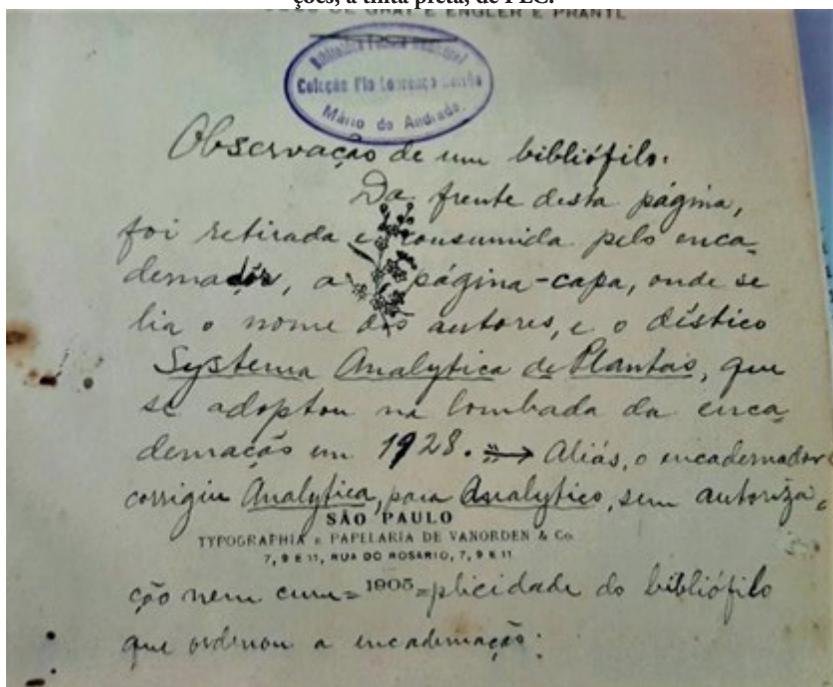
O material da biblioteca é parte de um acervo maior do qual uma parte foi perdida. Conforme testemunho de Antonio Candido e Renato Rocha à pesquisadora, Pio conservava seus livros no escritório da casa, mas

[n]o vasto porão da casa da chácara Sapucaia, havia dois cômodos com estantes carregadas de livros, coleções de revistas e edições anteriores de alguns dicionários, material que se dispersou com a morte de PLC. (GUARANHÁ, 2007, p. 328)

Como “bibliófilo”, segundo ele se denominava, Pio Lourenço Corrêa desenvolveu o hábito de anexar as notas de compra aos livros, bem como outras informações relacionadas: recortes de jornais com notícias sobre os

autores; textos de jornais que dialogavam com o assunto do livro; bilhetes; dedicatórias dos autores; fichas de comentários e correções esquecidas no meio das páginas; além de anotações feitas nas margens; chegando até a registrar observações quanto ao processo de encadernação. É possível constatar, pelas anotações, a minúcia e o cuidado do colecionador, que, segundo os conhecidos e parentes entrevistados, era muito rigoroso em tudo o que fazia. Aliás, antes de incluir um livro novo em suas estantes, costumava mandá-los encadernar com capa dura e letras douradas na lombada.

Figura 37: Folha de guarda do livro *Analysis de plantas: ensaio para uma botânica descriptiva*, de Alberto Loefgren (São Paulo: Typographia e Papellaria de Vanorden e Co., 1905), com anotações, a tinta preta, de PLC.



Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora, em 2019.

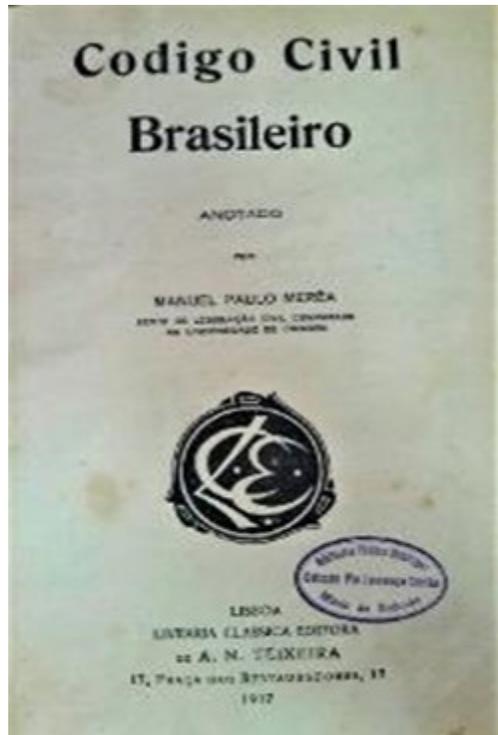
O texto da folha de guarda de um dos livros de Pio, apresentado na Figura 56, evidencia a especial relação que ele tinha com esses objetos, considerados como parte relevante de seu capital cultural:

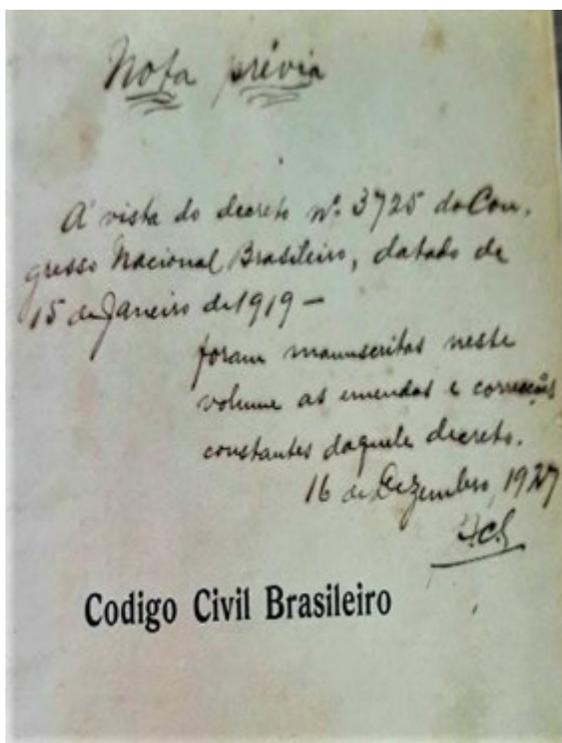
Observação de um bibliófilo

Da frente desta página, /foi retirada e consumida pelo enca-/dernador, a página-capa, onde se/ lia o nome dos autores, e o dístico/ Systema Analytica de Plantas, que/ se adoptou na lombada da enca-/dernação em 1928. Aliás, o encadernador/ corrigiu Analytica, para Analytico, sem autorização nem cum/=plicidade do bibliófilo que ordenou a encadernação.

Entre esses livros, há um exemplar do *Código Civil Brasileiro*, de 1917 (MERÊA, 1917), editado em Lisboa, no qual Pio cotejou e anotou, a mão, todas as alterações legais aprovadas em 1919, além de fazer correções gramaticais e comentários pessoais.

Figura 38: *Código Civil Brasileiro*, de 1917 (MERÊA, 1917), com anotações de PLC na folha de rosto.



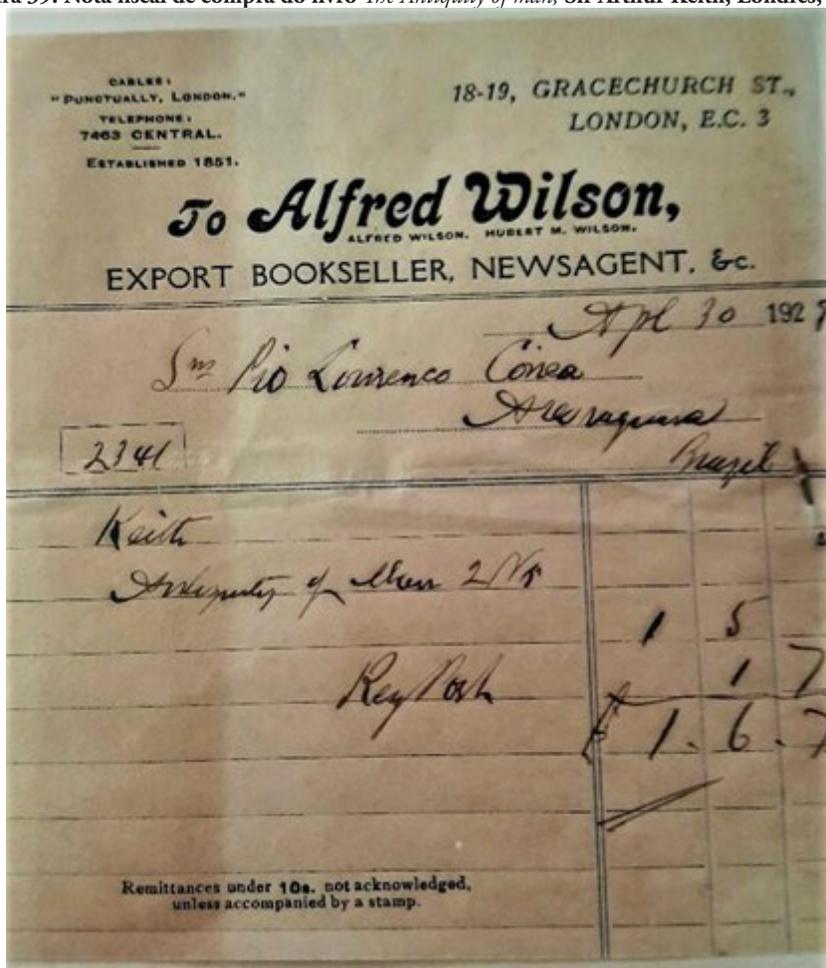


Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em 2019.

Também integram a coleção os livros do Dr. Olivério M. de Oliveira Pinto, o referido diretor do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, nos anos de 1930, amigo pessoal de Pio. Todos os itens têm dedicatória.

No volume 1 do livro *The Antiquity of man*, de Sir Arthur Keith, publicado em Londres, em 1929, está fixada com alfinete a nota fiscal de compra emitida pelo exportador. Nas páginas do livro também são encontradas anotações, a caneta, de Pio.

Figura 39: Nota fiscal de compra do livro *The Antiquity of man*, Sir Arthur Keith, Londres, 1929



Fonte: CPLC – Sala Pio & Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em outubro de 2019.

No periódico *Folha da Manhã*, do dia 27 de novembro de 1936, em artigo publicado sobre o significado da palavra Araraquara, Pio afirma:

De modo que quando vi forças aguerridas e traquejadas atacarem pelos dois flancos a minha hypothese justificada, como melhor pude, no folheto – foi com redobrada energia que reencetei o manejo das minhas magras notas, e revolvi miuda e diligentemente os poucos autores de que dispo-nho na pobre bibliotheca provinciana que reuni. (COQUEIRO, 1936, p. 6-7 – grifos da pesquisadora).

Como bibliófilo, julgava, talvez com certa falsa modéstia, sua coleção de livros “pobre e provinciana”, mas não era bem assim. As encomendas constantes a Mário, as compras na viagem à Europa de 1911 e as importações enriqueceram muito o seu acervo com livros raros e de autores de vulto.

Os livros de Souza Silveira testemunham o interesse de Pio pelo linguista com o qual teve contato, provavelmente intermediado por Mário de Andrade. Em 1935, Sousa da Silveira manteve com Mário correspondência sobre questões de linguagem, tecendo importantes considerações sobre *Macunaíma*. Em julho de 1937, a convite do modernista, então Diretor do Departamento de Cultura, Sousa da Silveira, que lecionava no Rio de Janeiro, participou do I Congresso da Língua Nacional Cantada, promovido pelo Departamento de Cultura, em São Paulo, assim como Pio Lourenço, que assistiu ao congresso também a convite de Mário. Pio, que publicava artigos nos jornais de Araraquara e em *O Estado de S. Paulo*, e que, desde 1921, tomava do espaço das próprias cartas para consistentes considerações sobre a língua portuguesa, como a “Dissertação contra o agã”, enviada em carta para Mário, ao comparecer ao simpósio como observador, certamente ouviu a palestra de Silveira, além de muitas discussões de seu interesse (GUARANHA, 2007, p. 13).

Em carta a Mário, datada de 26 de março de 1930, Pio informava-lhe sobre três artigos de Souza da Silveira que haviam sido publicados:

Mário:

Na *Revista de Cultura*, n. 38, que pedi remeterem a V. do Rio, estão também 3 artigos do Sr. Sousa da Silveira, aos quais não fiz referência em minha carta de ontem, por não tê-los visto. Escaparam-me, como escapou a América durante tantos séculos; mas descobri-os afinal, sem ser Colombo... São muito bons; são ótimos – e moderados, sem desaforo, reconhecendo a cada qual – Medeiros, Ribeiro & Cia. inclusive – o direito de pensar como quiser. Mas não reconhece a ninguém – nem a estes paladinos – o direito de atacar com falsidades e má-fé o sistema ortográfico lusitano. Leia, leia mesmo. Depois que li os tais artigos do Sousa, convenci-me de que o assunto está quase de todo esgotado. Desisti, portanto, do projeto que aí formulara, de escrever os considerandos que me ocorrem. [...] (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 168),

Na *Revista de Cultura*, n. 38 (a. 4. Rio de Janeiro, jan.-jun. 1930) os três artigos referidos por Pio são: “Ortografia portuguesa” (p. 90-99), “Simplificação ortográfica” (p. 99-105) e “Formulário ortográfico da Academia” (p.105-112). O volume consta da coleção.

Outro nome importante na área de estudos de linguagem presente na biblioteca é Manuel Said Ali Ida (1861–1953),

professor de Alemão da Escola Militar e do Colégio Pedro II, onde teve como aluno Manuel Bandeira; gramático; linguista e filólogo; especialista em estudos sintáticos. Destacou-se em adaptações de manuais para o ensino de línguas estrangeiras e trabalhos sobre pedagogia; estudos introdutórios para edições da Casa Laemmert, futura Livraria Universal, como: *Obras Completas de Casimiro de Abreu* (1895), *Poesias de Gonçalves Dias* (1896), *Obras Completas de Castro Alves* (1898); obras de linguística geral, versificação e sintaxe. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.139)

Estão lá os títulos: *Difficuldades da lingua portugueza: estudos e observações* (1919); *Difficuldades da lingua portugueza: estudos e observações* (1930); *Formação de palavras e syntaxe do portuguez histórico; Grammatica historica da lingua portuguesa* (s/d, com anotações de Pio); *Grammatica secundaria da lingua portuguesa* (1927); *Lexeologia do portuguez histórico* (1921); *Meios de expressão e alterações semânticas* (1930).

Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923) também está na biblioteca, figura de destaque no período e visto com grande admiração por Pio. Jurista, jornalista e político brasileiro, orador brilhante, cognominado Águia de Haia por sua participação na Segunda Conferência de Paz, em 1907, naquela cidade da Holanda, quando defendeu a igualdade entre as nações. Figura muito respeitada na época, no Brasil, também como grande conhecedor do vernáculo.

Em carta a Mário, de 25 de março de 1925, enviada da cidade interiorana de Águas da Prata, Pio faz referência a Rui Barbosa:

As notinhas que tenho sobre o seu livro *A escrava [que não é Isaura]*, lá estão escritas à margem do volume que V. teve a gentileza de oferecer-me. Foram feitas a lápis, e não envolvem descompostura alguma. Antes, pelo contrário, tenho a impressão [de] que V. tem vindo pouco a pouco acercando-se dos velhos arraiais, que um entusiasmo de menino fez V.

desertar. Tenho a impressão de que, mais dia menos dia, teremos ainda no aprisco a preciosa ovelha tresmalhada. Mas eu nada escrevi a V., porque estou esperando a sua visita de fim de ano de 1924, que estava prometida, com visitas a colméias de trigonas e tudo. V. não apareceu, e quer-me culpar! A discussão, que será já muito menor, só pode (o Rui não queria “só pode” no Código Civil; mas isto aqui não é código) ser verbal. (ANDRADE & CORRÊA, 2009, p.82)

A expressão referida por Pio, “só pode”, citando Rui Barbosa e o *Código Civil* brasileiro, foi uma polêmica em torno da redação do texto do citado *Código* em que Rui, sendo principalmente jurista, escreve uma longa análise das questões gramaticais envolvidas:

[e]m sua *Réplica* ao texto do *Projeto do Código Civil*, ao invés de tratar das questões jurídicas, analisou somente as questões de língua portuguesa, ou seja, a polêmica que deveria ser legislativa transformou-se numa polêmica gramatical, apresentando “217 folhas manuscritas que deram um volume de 561 páginas, editadas pela Imprensa Nacional”, comprovando que o Código estava mal redigido. (BROCA, 1975, p. 206).

Quanto à expressão citada por Pio, Rui Barbosa escreveu:

‘A versão por mim alvitrada’, comentei aqui eu, ‘evita o só pó, tão malsoante e, contudo, tão reiterado no projeto’. Nada mais. E isso entre várias observações de uma extensa nota, com respeito a não menos de três pontos, em que filológica e juridicamente, contraditei o projeto. De ver é, portanto, que não fiz daquele reparo, ali incidentemente inserido, grande cabedal. Não agradou ao eminente professor [Carneiro Ribeiro] a minha apostila. E não são de quem estivesse de bom humor os termos, em que ma repulsa. ‘Por que levar tão longe a finura do ouvido, quando a lição dos melhores exemplares de nossa língua nos está a trazer contínuo essa combinação de sons, por vezes inevitável?’ Ora, antes de mais nada, se essa dissonância fosse inevitável, eu não a teria notado. Quando inevitáveis, as piores cacofonias se toleram. Fez-se o ouvido a elas: habituou-se; já não as sente. Não logrou o melodioso Lamartine evitar o *la mer de Sorrente*. Nem com ele se enxovalhou a sua Graziela. Tampouco faz escândalo a ouvidos franceses *la mer d’Irlande*, ou *la mer d’Islande*. Aí a lei da necessidade obriga as exigências da eufonia à condição fatal de transigir. Mas

escrever ‘*le dernier chant du Childe – Harold*’, isso podia não ter escrito o mais harmonioso dos poetas franceses; e a crítica não lho releva, como não releva a Rousseau, o poeta, o ‘*la vierge non encor née*’. Não houvesse meio, pois, de atalhar ali, o só pode, e eu não lhe teria objetado. Esquivando-o, porém, no meu substitutivo, bem demonstrei que era fácil de esquivar”. (BARBOSA, 1953, p. 112-124).

Pio Lourenço, como conservador e homem ilustrado, procurava escrever ao estilo de Rui Barbosa, admirando-lhe a minúcia e erudição. Mário, por sua vez, em 2 de janeiro de 1926, publicou a quadrinha “Rui Barbosa”, na série “Mês Modernista” do jornal carioca *A Noite*: “Gênio genioso, andor brasílico/ Nas procições anti-germânicas,/ Errou bastante na política,/ MAS NUNCA ERROU NO PORTUGUÊS!” (BATISTA, LIMA, LOPEZ, 1972, p. 267).

Quanto à coleção literária, estão presentes vários autores portugueses na biblioteca, como a obra completa de Camilo Castelo Branco (1825-1890), escritor do período romântico em Portugal, de onde Pio extraía, muitas vezes, exemplos de uso da língua portuguesa em seus estudos e publicações, conforme destacamos na seção em que mostramos os trabalhos linguísticos de Pio.

Outro escritor de destaque na biblioteca de Pio: Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810–1877), poeta, romancista, historiador, figura de proa no romantismo português, está presente também com: *O Monge de Cister*, v.1 e 2 (1841), *Eurico, o presbítero* (1844), *História de Portugal* (4 volumes, 1846, 1847, 1850 e 1853), *Bobo* (1903); *Lendas e narrativas*, v.1 e 2 (1903), (com assinatura de Pio).

Eça de Queirós (1845-1900), romancista do realismo português, era leitura muito apreciada no Brasil do início do século XX. Pio costumava ler, em voz alta, as obras desse autor para os amigos, na chácara, principalmente o conto “O defunto”, mas, muito rigoroso, fazia adaptações no texto, “de maneira a preservar o pudor do público feminino” (CANDIDO, 2004, p. 88).

Há também os naturalistas que vieram estudar o Brasil, revelando o interesse dele pelo tema. São obras da coleção: Jean de Lery (1536-1613), autor de *Histoire d’un voyage fait en la terre du Brésil*, livro de 1578 que relata a viagem de Nicolau D. de Villegagnon (1510-1571) ao Brasil, entre 1556 e 1558, uma tentativa de colonização destinada a estabelecer aqui a França Antártica. Mário presenteou Pio com a tradução anotada da obra, por Sérgio

Milliet, *Viagem à terra do Brasil*, publicada no ano de 1941 pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, trazendo notas tupinológicas de Plínio Ayrosa, volume 7 da coleção Biblioteca Histórica Brasileira, sob a direção de Rubens Borba de Moraes.

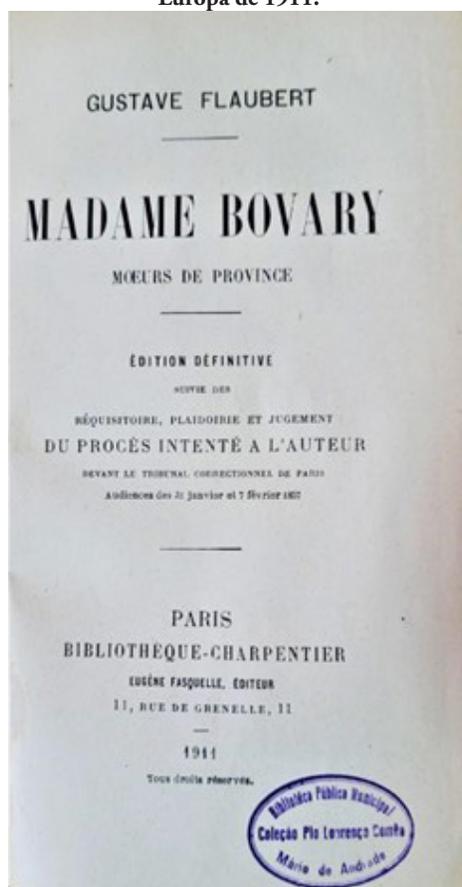
Mais um nome de destaque, Johann Moritz Rugendas (1802–1858): pintor, gravador e desenhista alemão, que viajou pelo Brasil, em 1821, com Georg Heinrich Langsdorff (1774-1852), na qualidade de desenhista, registrando cenas e paisagens. Em 1835, publicou, na Europa, *Voyage Pittoresque au Brésil*, coletânea de imagens da vida brasileira em inícios do século XIX. Na coleção de Pio, há um exemplar, traduzido por Sérgio Milliet, da obra de João Maurício Rugendas: *Viagem pitoresca através do Brasil* (Coleção Biblioteca Histórica Brasileira, sob a direção de Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins, 1940).

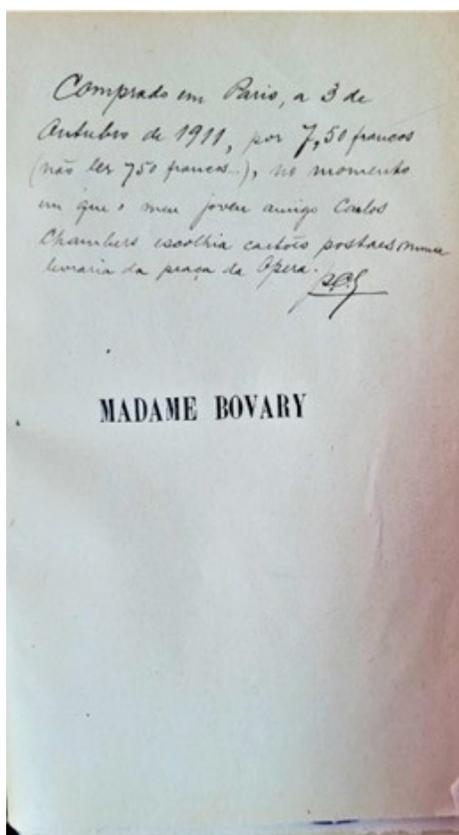
Charles Ribeyrolles (1812-1860) está presente, jornalista e político francês exilado que viajou pelo Brasil durante o século XIX publicando *Brasil pitoresco*, tradução de Gastão Penalva, 1º volume da Biblioteca Histórica Brasileira, dirigida por Rubens Borba de Moraes, publicada pela Livraria Martins Editora, de São Paulo.

Também estão nas prateleiras Karl Friedrich Philipp von Martius (1794–1868), médico e botânico, e Johann Baptist von Spix (1781– 1826), zoólogo, alemães que vieram na comitiva da Imperatriz Leopoldina (1797-1826), filha do ex-imperador da Alemanha e então imperador da Áustria, esposa de D. Pedro I (1798 - 1834), futuro imperador do Brasil. Até 1818, Martius e Spix estudaram a natureza dos arredores da Corte, depois iniciaram uma grande expedição: foram a São Paulo, Minas Gerais, alcançaram o rio São Francisco e a Bahia; entrando pelo sertão, chegaram a Pernambuco, Piauí, Maranhão e Belém do Pará. Por volta de 1819, subiram o rio Amazonas até o Solimões, onde se separaram. Spix seguiu pelo Amazonas até os limites do Peru. Martius tomou o Rio Japurá, até a fronteira com a Colômbia. Reencontraram-se no rio Negro e navegaram rio Madeira acima, percorrendo aproximadamente 10 mil quilômetros. Quando voltaram para a Alemanha, em 1820, e publicaram *Reise in Brasilien*, em 4 volumes (München: M. Lindauer, 1823-1831). Fazem parte da coleção de Pio os quatro volumes, numa edição de 1938, com uma carta de José Bento Faria Ferraz (1912-2005), secretário particular de Mário de Andrade, dentro de um deles (GUARANHA, 2007, p. 377).

Assim como Telê Ancona Lopez estabeleceu uma analogia entre a biblioteca de Mário de Andrade e um “celeiro e [uma] seara da criação” (LOPEZ, 2002, p. 45), podemos dizer que no caso de Pio, guardadas as devidas proporções, sua biblioteca também foi fonte de suas produções. Atestam isso as anotações nas obras que ele leu, tanto sobre o aspecto estilístico e gramatical quanto sobre o conteúdo das produções e até anotações que se referem a aspectos da vida pessoal do leitor autodidata Pio Lourenço Corrêa. Essas anotações permitem, em certo sentido, compreender como esse homem dialogava com a produção cultural de seu tempo, com o passado e como pensava o futuro.

Figura 40: *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Paris: Bibliotheque Charpentier, 1911. Anotação de PLC na folha rosto sobre as circunstâncias em que comprou o livro, na viagem à Europa de 1911.





Fonte: CPLC – Sala Pio e Mário – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade – Araraquara/SP. Foto tirada pela pesquisadora em 2019.

A biblioteca de Pio, que nada tinha de pequena e provinciana, compreende, hoje, 1094 títulos no total, sendo 1339 volumes (há várias edições das mesmas obras; ou a mesma obra é dividida em vários tomos), e é enriquecida pelos conteúdos extras que eles contêm e que permitem estudos sobre as circunstâncias em que esse material foi adquirido e manuseado que ajudam a entender o sentido que tiveram na trajetória intelectual de Pio: notas de compra, anotações e correções, contam a história de seu percurso e de como a biblioteca foi sendo construída; as dedicatórias registram as amizades intelectuais de Pio.

Os livros de Pio, as notas e os documentos que os acompanham ganham, assim, uma espécie de voz própria para além do conteúdo que trazem, passando de simples objetos a documentos repletos de historicidade cuja narrativa pode ser reconstituída pela pesquisa. Segundo Lopez (2007, p. 33)

o aparecimento de notas autógrafas dignifica a estante de todo e qualquer leitor. Mas, quando se trata de bibliotecas de escritores e intelectuais de todos os naipes, a marginalia converte essas estantes em privilegiado objeto de cogitações da crítica genética, sobretudo quando não perduram conjuntos de fôlios que documentam, com autonomia, o processo criativo.

Nesse sentido, este trabalho de pesquisa torna-se significativo para a reconstrução da trajetória intelectual de Pio como um autodidata que não apenas tinha livros, mas os frequentava, punha-os em diálogo uns com os outros e materializava suas interlocuções com essas obras num processo, consciente ou inconsciente, de legar aos leitores do futuro não apenas as obras em si, mas a recepção que delas fez a partir das marcas do tempo em que as leu. Muitos desses manuscritos estão à espera de leitura e análise nos campos da Literatura, da História, da Linguística, do Direito, da Política, da Zoologia entre outras áreas. Há as obras sobre língua, linguagem, linguística, lexicografia etc., daí ser conhecido na cidade de Araraquara como filólogo. Encontra-se, ainda, campo de pesquisa e ação para outras áreas do conhecimento: Arquivística (restauração e conservação de documentos e livros); Biologia (Zoologia, Botânica, Citologia); História (da cidade, dos livros, dos livros de História); Biblioteconomia; Museologia; Direito; estudo de periódicos (final do século XIX e primeira metade do século XX).

Investigar a biblioteca de Pio é enveredar no percurso de um intelectual quase anônimo que se interessou de perto pela linguagem e suas transformações. A paixão pela língua portuguesa levou-o a colecionar, e deixar como legado, obras importantes e raras para o estabelecimento de sua história, da história cultural do período e da história de nossa língua.

A biblioteca de Pio dialoga com seu fichário de estudos - espécie de enciclopédia particular que elaborou durante a maior parte da vida- e, também, dos com seus textos autorais.

Por meio de sua vasta biblioteca e dos complementos que o estudo das obras nos permite, Pio Lourenço Corrêa compõe uma importante fase de nossa história, e aspectos de uma história da educação em seu tempo, que é relevante investigar como documentos vivos uma vez que:

[a] história não visa estudar o passado distante e morto, mas é a contribuição que ela pode trazer à explicação da realidade em que vivemos que nos leva a ver como fundamental sua divulgação [...] Essa divulgação se torna importante na medida em que se acredita que a história, ajudando a explicar a realidade, pode ajudar ao mesmo tempo a transformá-la (BORGES, 1993, p. 8).

Assim, os livros, as fichas e os documentos de Pio, repletos de ideias, são um mosaico do tempo em que o intelectual viveu e, com certeza, contribuem tanto para a compreensão daquele tempo quanto do nosso.

3

Considerações Finais

Nossa investigação tentou compreender os aspectos do contexto socioeconômico, dos fatos da vida de Pio Lourenço Corrêa, de seu autodidatismo e, em certo sentido, de seu polimatismo que se constituíram como elementos de um consórcio entre os mundos econômico e letrado, na sociedade paulista da primeira metade do século XX, e nos propusemos a interpretar esses aspectos como uma espécie de autoafirmação do capital frente à cultura por meio da ilustração, da erudição e do estudo: da educação, enfim, entendida como uma prática humanizadora.

A trajetória relevante de Pio como homem de negócios, de letras e líder de um dos clãs que esteve presente na formação do município de Araraquara certamente deixou na região os vestígios não só materiais, mas dos valores, legados que fazem da cidade um importante polo ao mesmo tempo econômico e cultural, cultura esta que procurou solidificar-se à moda dos clássicos, dos padrões europeus, pois era essa a tendência no Brasil, tanto no período Imperial, quando a cidade foi fundada, quanto na *Belle Époque*, período em que Pio produziu e que o município ganhou influência regional. Por outro lado, a cidade não abandonou, em seu processo constitutivo, as memórias das suas origens fundadas nas civilizações nativas, dado inscrito no nome da cidade e nos movimentos dos colonizadores que se apropriaram da região, fenômeno inscrito nos hábitos típicos do sujeito do interior do estado de São Paulo, o povo caipira, como é denominado.

Em todos os momentos desse processo civilizatório da região, encontramos traços da presença de Pio, quer porque ele os tenha acompanhado em vida, quer porque ele os tenha estudado. Pio promoveu certo culto aos valores tradicionalistas imperiais e aos valores clássicos importados pelo processo de

colonização e foi, nesse sentido, um homem até certo ponto reacionário. Por outro lado, esse tradicionalismo também o estimulou a buscar incessantemente a origem e o sentido do topônimo que identifica a cidade em que se estabeleceu e sobre a qual exerceu grande influência. No polo oposto ao tradicionalismo, também encontramos uma faceta progressista, de homem ilustrado, apegado às técnicas científicas tanto para amparar as atividades agrícolas que desenvolvia quanto para amparar a sua erudição, uma vez que suas convicções apoiavam-se em leituras críticas, em confronto de ideias de especialistas. Como homem de um tempo em que a informação começa a circular com maior velocidade, pelo menos para os que tinham posses, Pio foi levado a certo polimatismo, justamente para dar conta do volume cada vez maior de informação que se preocupou em transformar em conhecimento e registrá-lo para as futuras gerações. Foi, em certo sentido, um educador, alguém que valorizou a vinculação entre a prática e a teoria, haja vista sua opção, no campo dos estudos da linguagem, pela linguística, pelos fatos da língua, e não apenas pela gramática, sistema ideal de organização da linguagem. Neste aspecto, a trajetória de Pio, já que falamos em rapsódia no início deste texto, remete-nos aos versos de Camões no momento da rapsódia renascentista *Os Lusíadas*, em que o poeta, no Epílogo (X, 154), dirige-se a ao rei D. Sebastião desse modo: “Nem me falta na vida honesto estudo, /Com longa experiência misturado, /Nem engenho, que aqui vereis presente,/ Cousas que juntas se acham raramente” (CAMÕES, 2002, p. 351). Neste conjunto de versos, encontramos, guardadas as devidas proporções, as qualidades que encontramos em Pio: honesto estudo, longa experiência e razoável engenho, criatividade.

Desse modo, cremos que este trabalho reconstruiu tanto quanto possível uma biobibliografia do polímata araraquarense Pio Lourenço Corrêa como fazendeiro, bibliófilo, autodidata, naturalista, filólogo e escritor por meio da análise do processo de formação cultural/intelectual do pesquisado e de evidências do modo como buscou constituir-se como tal. Compuseram esta bibliografia a análise, ainda que parcial, do acervo bibliotecal que Pio Lourenço colecionou ao longo de sua vida; a divulgação e o comentário dos diálogos que ele estabeleceu com intelectuais renomados de sua época atestados pelas dedicatórias em livros, anotações e cartas do acervo. Desse modo, a biobibliografia foi composta, como em um mosaico, por aqueles elementos

que nos pareceram significativos para dar conta de nossa pesquisa, mesmo conscientes de que a seleção de determinadas peças e não de outras aspectos é marcada pela subjetividade do investigador. Nesse sentido, o acervo de Pio, agora divulgado, permanece aberto a outras leituras.

Reconstruímos aquilo que foi possível da trajetória do pesquisado, esbarrando em uma série de obstáculos. Primeiramente, reabrir a pesquisa encerrada em 2007, após 15 anos de intervalo, e reiniciar as buscas por informações com a dificuldade de encontrar pessoas que novamente pudessem dar algum testemunho sobre Pio, quase todas já falecidas. Dificuldade para atestar datas de nascimento e morte dos envolvidos, pois à época da epidemia de febre amarela na região de Araraquara, final do século XIX e início do XX, o cartório da cidade ficou fechado por oito anos. Dificuldade para organizar os papéis avulsos e recortes de jornal colecionados por Pio, pela fragilidade do material ao desgaste do tempo. Dificuldade para realizar esta pesquisa durante a Pandemia de Covid-19 que obrigou o fechamento de instituições e impediu viagens e visitas. A constatação de que a reunião de documentos, ainda que sejam muitos, não elucida os acontecimentos, nem explica todas as facetas de uma biografia.

Um passo importante, no entanto, foi dado para a organização do acervo. Pensamos sobre ele, manuseamos os papéis, realizamos uma primeira classificação, chamamos a atenção para o seu valor cultural, remexemos nesse passado para trazê-lo novamente à vista. Esta investigação buscou articular a vida e a coleção de Pio ressaltando as áreas de interesse predominantes nos títulos que ele legou à sua cidade, na tentativa de “transformá-[los] em história” uma vez que, como afirma Certeau (2017, p. 67-69):

[o historiador [t]rabalha, de acordo com seus métodos, os objetos físicos (papéis, pedras, imagens, sons, etc.) que distinguem, no *continuum* do percebido, a organização de uma sociedade e o sistema de pertinências próprias de uma “ciência”. Trabalha sobre um material para transformá-lo em história. Empreende uma manipulação que, como as outras, obedece a regras. [...] O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso, e que o destinam a um reemprego coerente.

Deste modo, por meio dos livros e anotações, a biblioteca de Pio reflete sua busca pelo conhecimento, que o levou a ser reconhecido na cidade natal

como filólogo, estudioso do “desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, baseado em documentos escritos nessas línguas” (HOUAISS, 2001, p.1004); e também reflete o momento histórico do grupo social de que ele fazia parte. Sempre aberto ao diálogo com o passado e com o futuro, Pio pôs em prática a máxima de Monteiro Lobato: “um país se faz com homens e livros”. Essa prática, por sua vez, legou-nos um importante patrimônio cultural que não só registra a história do tempo, mas pode ajudar a construir a história de como um homem interagiu com seu tempo.

Esperamos que este trabalho estimule pesquisadores a desenvolverem estudos mais detalhados do acervo de Pio, que poderá ser mais bem conhecido ou reconhecido por meio de visitas à Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, de Araraquara/SP. Esses estudos podem, inclusive, contribuir bastante com práticas educativas baseadas em projetos que articulem estudos históricos, linguísticos e literários tendo como objeto o legado de Pio Lourenço Corrêa.

Para isso, informações sobre o autor e sua obra foram reunidas e, tanto quanto possível, inventariados e ordenados para que a consulta fique mais acessível, mas acredita-se que ainda haja documentos esquecidos em gavetas de familiares e amigos; no acervo do jornal *O Imparcial*, de Araraquara/SP; ou em lugares não imaginados, assim como funcionam também as profundezas da memória. Caberá a futuros investigadores buscar o que ainda falta, pois o campo é bastante vasto.

É preciso lembrar a importância da recuperação e da preservação dos documentos históricos, ainda que sejam relativos ao âmbito das histórias individuais, pessoas que não estão nos livros, mas que ajudaram a construir nossa cultura, ainda que um tanto no anonimato.

Mais especificamente sobre Pio Lourenço Corrêa, nossa pesquisa revelou que parte significativa de seus estudos como autodidata sustentaram o diálogo que estabeleceu com Mário de Andrade, principalmente sobre questões linguísticas, literárias e culturais. Em suas fichas, anotações e demais documentos estão as fontes do conhecimento linguístico e literário de que se valeu para fazer a revisão gramatical minuciosa da primeira edição da obra *Amar, verbo intransitivo* (1927), a pedido de seu autor. Por intermédio do modernista também adquiriu e ampliou conhecimento, o que evidencia a

disposição de Pio para o diálogo. Exemplo disso, foi o fato de ter aceitado e convite para participar, como ouvinte, do I Congresso da Língua Nacional Cantada, em 1937, organizado por Mário de Andrade na cidade de São Paulo, com a participação também de intelectuais de destaque na época. Também contribuiu de modo mais indireto com as produções do modernista, pois foi na biblioteca da Chácara da Sapucaia, que contava com obras raras e de destaque para a época, que Mário realizou parte de suas pesquisas para a construção da narrativa *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* (1928). Além disso, seus “casos” serviram de inspiração para histórias regionais escritas pelo autor de *Macunaíma*, que os utilizou em contos publicados no livro *Primeiro andar* (1926): “Caso pançudo”, “Caso em que entra bugre”, “Caçada de macuco”.

Em outro momento, também contou “casos”, histórias regionais para Antonio Candido, narrativas que foram úteis para o clássico *Parceiros do Rio Bonito* (1964), que trata das transformações da vida do caipira diante da expansão econômica capitalista, da crise desse impacto na cultura desse sujeito crise que, de certo modo, se não foi vivida do ponto de vista do homem simples do campo, foi testemunhada por Pio, em certos aspectos um dos agentes dessa transformação, haja vista sua atuação tanto econômica quanto política, como vereador e Presidente da Câmara de Vereadores, em Araraquara.

Como qualquer sujeito, Pio teve suas contradições, em parte produzidas pelo meio, em parte ampliadas por certas idiossincrasias de um sujeito em interação com as dinâmicas sociais, nem sempre pacíficas, de seu tempo. Essas contradições foram captadas pelas pessoas que conviveram com ele e se materializaram em outros casos, agora tendo-o como personagem principal, que foram recolhidos por meio de entrevistas de Antonio Candido e de Renato Rocha ou ficcionalizados em aspectos de personagens criados pelo seu interlocutor mais regular e famoso, Mário de Andrade. Exemplo deste último caso é a figura austera, metódica e um tanto cruel do velho Prestes, protagonista do conto “O poço”, de *Contos novos* (de 1947).

No âmbito acadêmico, em nossa área de pesquisa, o que nos interessa de fato é o legado cultural que deixou, tanto do ponto de vista do valor afetivo, as diversas primeiras edições autografadas e com dedicatórias de Mário de Andrade e de autores importantes da época que agora compõem o acervo da Biblioteca de Araraquara, quanto do ponto de vista do valor de cultural,

do potencial que esses documentos têm para o estudo histórico da língua, que são os dicionários, as gramáticas e os livros de linguística que legou. Essa herança, sem dúvida, pode enriquecer os processos educacionais não só do município, mas também de outras comunidades. Além disso, sua coleção de fichas de caráter enciclopédico, como destacamos, é, ao lado dos recortes de jornal e outros documentos, rico acervo complementar para pesquisas sobre a recepção que as teorias linguísticas ou ideias artísticas tiveram em certa parcela da sociedade brasileira metonimizada pela figura de Pio.

O honesto estudo de Pio permitiu, ainda, que ele fosse reconhecido em seu tempo como autoridade em certas áreas do conhecimento, como atestam as citações que teve em artigos de jornal ou as consultas feitas a ele por especialistas sobre questões de linguagem, documentos que estão conservados na sala dedicada a ele. Como se interessava também pelas áreas de Zoologia e Botânica, colecionando livros sobre os assuntos, tornou-se referência na área, bem como aplicou os conhecimentos nas suas atividades de agricultor, pecuarista e apicultor. Misturado a esse honesto estudo e à experiência, contudo, destaca-se o engenho de Pio, sua criatividade, e este é um dado importante que queremos destacar nesta pesquisa: sua numerosa produção de textos sobre gramática publicados em periódicos da cidade de Araraquara, São Paulo e Rio de Janeiro, são preciosas fontes para pesquisa do desenvolvimento da língua e dos estudos linguísticos na primeira metade do século XX no Brasil; as quatro edições da *Monografia da palavra Araraquara* (1936, 1937, 1940 e 1952), em que ele não só cria uma hipótese diferente da usual para a origem do nome de sua cidade como também justifica essa origem por meio de pesquisas etimológicas, projeto que permeou a maior parte de sua trajetória intelectual como símbolo da busca das raízes de sua região no vestígio material que restou da gênese do lugar: a palavra, reconhecida por Pio, aliás, sob a perspectiva linguística, como aquele elemento que une a parte material, o significante, à parte imaterial, o significado ou a ideia que veicula. Daí, talvez, o grande interesse de Pio em colecionar palavras, possibilitado pelos seus momentos de ócio bastante produtivos os quais fez questão de registrar, não só para preservar a sua memória, mas para preservar a memória coletiva.

Em que pesem as ressalvas que possam ser feitas à figura do fazendeiro abastado, que interagiu com a classe mais favorecida da região, essas ressalvas

equilibram-se com a capacidade de Pio para interagir com uma elite intelectual do período e com o fato de que, apesar do seu perfil conservador, defensor de regras na gramática e nas artes, principalmente na literatura, ter conservado disposição de acompanhar, ainda que criticamente, o movimento modernista de perto, dialogando e até aconselhando um de seus principais idealizadores, Mário de Andrade.

Por fim, sempre procurando destacar as contribuições do objeto de nossa pesquisa para a educação ou para uma certa faceta da história da educação, chamamos a atenção para o legado material da Sala Pio & Mário e para a necessidade urgente de investimento na conservação desse material e da divulgação dele para que desperte o interesse de futuros investigadores que possam, cada vez mais, contribuir com mais peças para a composição deste mosaico.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- AGUIAR, Aparecida J. G. Aguiar. *Araraquara: aspectos de sua história*. Araraquara: s/e, 2003.
- ALMEIDA, Nelson Martins de. *Álbum de Araraquara – 1948*. Araraquara: Câmara Municipal, 1948.
- ANCHIETA, Joseph de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do padre José de Anchieta, S. J. (1554 - 1594)*. Intr.: Afrânio Peixoto. Vida do Padre José de Anchieta por Antônio de Alcântara Machado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ANDRADE, Mário de. *Há uma gota de sangue em cada poema*. São Paulo: Gráfica Pocaí, 1917.
- ANDRADE, Mário de. *Pauliceia desvairada*. São Paulo: Casas Mayença, 1922.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma – o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Oficinas Gráficas Eugenio Cupolo. 1928.
- ANDRADE, Mário de. *Fräulein*. Trad. de Margaret Richardson Hollingsworth. Nova Iorque: Macaulay, 1933.
- ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha*. São Paulo: Martins, 1943.
- ANDRADE, Mário de. *Contos novos*. São Paulo: Martins, 1947.
- ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma* - o herói sem nenhum caráter. Ed. Crítica. Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro/ São Paulo: LTC/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.
- ANDRADE, Mário de. *Namoros com a Medicina*. 4.ed. São Paulo: Martins; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*: Há uma gota de sangue em cada poema, Primeiro andar, A escrava que não é Isaura. 3.ed. São Paulo: Martins; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma* - o herói sem nenhum caráter. Ed. crítica organizada por Telê Ancona Lopez. 2.ed. São Paulo/ Rio de Janeiro/ Paris/ México/ Buenos Aires: Association Archives Xxe siècle, 1996.
- ANDRADE, Mário de. *Os melhores contos de Mário de Andrade*. Seleção de Telê Ancona Lopez. 8a ed. São Paulo: Global, 2000.
- ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- ANDRADE, Mário de & CORRÊA, Pio Lourenço. *Pio & Mário*: diálogo da vida inteira. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC, 2009.
- ARRUDA FILHO, Oroncio Vaz de. *Andanças*. São Paulo: Nobel, 1987.
- BARBOSA, Rui. Réplica. In: *Obras completas de Rui Barbosa* - v. 29, t. 2. Prefácio e revisão do Padre Augusto Magne, S. J. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1953.
- BATISTA, Marta Rossetti; LIMA, Yone Soares de; LOPEZ, Telê Ancona (Org.). *Brasil*: primeiro tempo modernista, 1917/29: documentação. São Paulo: IEB, 1972.
- BATISTA, Marta Rossetti & LIMA; Yone Soares de. *Coleção Mário de Andrade*: artes plásticas. 2.ed. São Paulo: IEB, USP, 1998.
- BELLOTTO, Heloisa Liberalli. Os instrumentos de pesquisa no processo historiográfico. In: *CD-ROM comemorativo do XIV Congresso Brasileiro de Arquivologia*: a arquivologia e a construção social do conhecimento. Rio de Janeiro: FEMADE Tecnologia, 2008.
- BENINCASA, Vladimir. *Velhas fazendas*: arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara 1830-1930. São Carlos: EdUFSCar; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

BORBA, Lilian do Rocio. *Língua e mestiçagem: uma leitura das reflexões linguísticas de Gilberto Freyre*. Tese de Doutorado em Linguística do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/novembro2013/sociologia_artigos/borba_tese.pdf>. Acessado em 26/6/2022.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coords.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BPMMA – Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, de Araraquara/SP – *site* oficial: <https://www.araraquara.sp.gov.br/governo/secretarias/cultura/paginas-cultura/biblioteca-publica-municipal>

BRAGA, Cincinato. *Almanack de São Carlos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1894.

BRISO, Caio Barretto. Enciclopédia de Mário de Andrade é concluída. *Folha de S. Paulo* – Ilustrada. São Paulo, 10 nov. 2009. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1011200915.htm>

BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

BURKE, Peter; PORTER, Roy (org.). *Linguagem indivíduo e sociedade: história social da linguagem*. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora da Unesp, 2017.

BURKE, Peter. *O polímata: uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag*. Trad.: Renato Prelorenzou. São Paulo: Editora da Unesp, 2020.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. Trad.: Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1990.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 12.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Edusp, 2017.

CASTRO, Eduardo de Sá Pereira de. *Explicador de Arithmetica*. 7.ed. Rio de Janeiro: Nicolau Alves, 1885.

CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 3.ed. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CMA – LD – CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA – Legislação Digital – Disponível em: <https://legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisOrdinarias/606> – Acesso em 12/07/ 2022.

COELHO, Jacinto do Prado. Verbetes “Camilo Castelo Branco”. In: COELHO, Jacinto do Prado (Direção). *Dicionário de Literatura brasileira, portuguesa, galega e estilística literária*. 1º vol. Porto: Figueirinhas, 1987, p. 161.

COQUEIRO, Mota. O caso do barraqueiro. *Revista Papel e Tinta*, 1921.

COQUEIRO, Mota. Araquá, Araquara, Araraquara. *Revista de Filologia Portuguesa*, v. 5, p. 69.

COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara*. 1.ed. Araraquara: Gráfica dos Irmãos Lia, 1936. (CPLC)

COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara*. 2.ed. refundida e aumentada. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1937. (CPLC)

COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara*. 3.ed. novamente revista

e melhorada. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1940. (CPLC)

COQUEIRO, Mota. Fichas de linguagem. *Revista Esfera*, ano V, Maio, n. 14, 1946. (CPLC)

COQUEIRO, Mota. *Monografia da palavra Araraquara*: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara. 4.ed. novamente revista e melhorada. São Paulo: Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1952. (CPLC)

CORRÊA, Anna Maria Martinez. *Araraquara – 1720-1930*: um capítulo da história do café em São Paulo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

COSTA, Luiz Flávio de Carvalho. *Fotografia e memória em Araraquara*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2015.

DOIN, José Evaldo de Mello *et al.* A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930) - a proposta do Cemumc. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.27, n.53, p.91-122, jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100005&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 25 fev. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882007000100005>.

DOSSE, François. *O desafio biográfico*: escrever uma vida. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 6.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1999.

FIGUEIREDO, Candido de. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Liv. Clássica Editora de A. M Teixeira, 1913.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Paris: Bibliotheque Charpentier, 1911.

FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

FOLLIS, Fransérgio; TRUZZI, Oswaldo. *A ocupação dos sertões de Araraquara*: das sesmarias e apossamentos à Lei de Terras de 1850. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

FRANÇA, Antonio M. *Álbum de Araraquara – 1915*. Araraquara: Câmara Municipal, 1915.

GUARANHA, Denise L. C. *A riqueza nas diferenças*: edição fidedigna e anotada da correspondência Mário de Andrade & Pio Lourenço Corrêa (1917-1945). Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2007.

GUARANHA, Denise L. C.; GUARANHA, Manoel F. Tradição e modernidade em diálogo na correspondência entre Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade. *FronteiraZ*: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária, nº 16, p.231-248, 2016. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/24426/20191>. Acesso em 27/11/ 2018.

GUARANHA, Denise L. C. *Instrumento de Pesquisa: bibliografia de e sobre Pio Lourenço Corrêa*. Marília: Unesp, 2018 (documento digitado).

GUITTON, Jean. *O trabalho intelectual – Conselhos para os que estudam e para os que escrevem*. Trad.: Lucas Félix de Oliveira Santana. Campinas/SP: Kíron, 2018.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. *No Mundo*. História das Artes, 2022. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nomundo/>>. Acesso em 30 Set. 2022.

J., F. J. *Éléments de Géométrie*. 5.ed. Paris: Poussielgue Freres; Tours: Alfred Mames et Fils, 1885.

KEITH, Sir Arthur. *The antiquity of man*. Londres, s.ed., 1929.

KRAVCHENCKO, Victor. *I choose freedom*. New York: Garden City Publishing Co., 1905.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad.: Bernardo Leitão. 7.ed. revista. Campinas – SP: Unicamp, 2013.

LEROI-GOURHAN, André. *O gesto e a palavra*. Vol. 2- Memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 2002.

LOEFGREN, Alberto. *Analysis de plantas*: ensaio para uma botânica descritiva. São Paulo: Typographia e Papelaria de Vanorden e Co., 1905.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. A biblioteca de Mário de Andrade: seara e ceifeiro da criação. In: *Criação em processo: ensaios de crítica genética* [S.l: s.n.], 2002.

MAGNE, Augusto. *A demanda do Santo Graal*, v.1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

MERÊA, Manuel Paulo. *Código Civil Brasileiro*. Lisboa: Liv. Clássica Editora de A. M Teixeira, 1917.

MÖLLER, Renato César & SÁ, Celso Pereira de. A memória social de um crime e de uma pena de morte no Brasil império. *Revista Psicologia e Saber Social*. Rio de Janeiro: UERJ, n.1, 2012, p. 66-84.

MORAES, Marco Antônio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP, 2001.

NERY, Ana Clara Bortoleto. Bibliotecas Escolares nas Escolas Normais no Brasil: Constituição do Lugar e dos Sujeitos. *Educação em Foco*, ano 19 - n. 29 - set/dez. 2016 - p. 235-251.

NERY, Ana Clara Bortoleto. *A Sociedade de Educação em São Paulo: embates no campo educacional (1922-1930)*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2009.

NORMALIZAÇÃO ABNT - COMO FAZER REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. Site oficial da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Biblioteca/normalizacao-abnt-referencias-2019.pdf>. Acesso em 05/05/19.

NORMALIZAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS. Site oficial da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/#!/biblioteca/normalizacao-de-trabalhos-academicos/>. Acesso em 05/05/19.

O IMPARCIAL. Araraquara/SP, 2018. Site oficial: <https://jornalimparcial.com.br/>

PAES, José Paulo. *Gregos & baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PINTO, Edith Pimentel. *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

PMA – PREFEITURA MUNICIPAL DE ARARAQUARA. Site oficial: <http://www.araraquara.sp.gov.br> – Acesso em 7/2/2019.

QUEIROZ, Eça. *A cidade e as serras*. São Paulo: Ediouro, s/d.

QUEIROZ, Eça. *Contos*. São Paulo: Ediouro, 1996.

RABELLO, Ivone Daré. *A caminho do encontro: uma leitura de Contos Novos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS. São Paulo: USP, n. 36, 1994.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. 3.ed. Trad.: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. *História Social*, n. 24, primeiro semestre de 2013.

SIRINELLI, Jean-François; RIOUX, Jean-Pierre (org.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

TELAROLLI, R. *Brito: república de sangue*. Araraquara: Edições Macunaíma, 1997, p.219-216.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

TORRES, Lemos. Biografia de Olivério Mário de Oliveira Pinto. In: *História da Medicina Paulista*. Disponível em: <http://lemosstorresepm.blogspot.com/2019/03/biografia-de-oliverio-mario-de-oliveira.html>. Acesso em 22 /4/ 2022.

TRUZZI, Oswaldo. *Café e indústria. São Carlos 1850-1950*. Arquivo de História Contemporânea, UFSCar, s/d.

TUFANO, Douglas. *Civilização e outros contos: Eça de Queirós*. São Paulo, Moderna, 1996, p.51 – 67.

VECHI, Carlos Alberto [et al.]. *A Literatura portuguesa em perspectiva*, v. 3 - Romantismo e Realismo. São Paulo: Atlas, 1994.

VIEIRA, M. P. de A.; PEIXOTO, M. R. C.; KHOURY, Y. M. A. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 2007.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trad.: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WHITAKER, Dulce C. A. *Araraquara – Histórias não reveladas*.
Presidente Venceslau/SP: Letras À Margem, 2004.

Apêndices

1 BIBLIOGRAFIA DE PIO LOURENÇO CORRÊA SOB O PSEUDÔNIMO DE MOTA COQUEIRO

1.1 Livro

MOTA COQUEIRO. *Monografia da palavra Araraquara*: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara. 1. ed. Araraquara: edição do autor, Gráfica dos Irmãos Lia, 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. *Monografia da palavra Araraquara*: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara. 2. ed. refundida e aumentada. São Paulo: edição do autor, Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1937. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. *Monografia da palavra Araraquara*: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara. 3. ed. novamente revista e melhorada. São Paulo: edição do autor, Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1940. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. *Monografia da palavra Araraquara*: estudo histórico e linguístico do nome da cidade de Araraquara. 4. ed. novamente revista e melhorada. São Paulo: edição do autor, Oficinas Gráficas de Fernando Camargo & Cia. Ltda., 1952. (CPLC)

1.2 Textos em periódicos

MOTA COQUEIRO. O caso do barraqueiro. *Papel e Tinta*, a.1, São Paulo/ Rio de Janeiro: Sociedade Editora Non Ducor Duco Ltda., jan./ fev. 1921, p. 5-6. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Ortografia. *Diário Nacional*. São Paulo, 29 jan. 1930. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Araquá, Araquara, Araraquara (Um pouco de história e um pouco de tupi). *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, a. 1, v. 10. São Paulo: Depto. do Expediente e do Pessoal, mar. 1935, p.152-154. (BMA-IEB-USP)

MOTA COQUEIRO. Expansão cultural - A palavra Araraquara. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, a. 2, v. 15. São Paulo: Depto. de Cultura e de Recreação, ago. 1935, p. 209-213. (BMA-IEB USP)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem I: Pomba cascável – Pomba cascável – Fogo apagou – (*Scardafella squamosa*). *O Imparcial*. Araraquara, 14 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem II: Salvage – Salvagem – Selvagem. *O Imparcial*. Araraquara, 16 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem III: Manguari – Gabalau – Galalau. *O Imparcial*. Araraquara, 18 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem V: Gibioa – Jibóia – Jimboia – Boitiapó – Boitiapoia. *O Imparcial*. Araraquara, 20 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem V (continuação): Giboia – Jibóia – Jimboia – Boitiapó – Boitiapoia. *O Imparcial*. Araraquara, 22 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem V (continuação): Ainda a gibioa ou jiboia. *O Imparcial*. Araraquara, 25 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem VII: Micer – Lúdrico. *O Imparcial*. Araraquara, 26 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem VI: Milhos – Quirera – Cangica – Cangiquinha – Chôça. *O Imparcial*. Araraquara, 28 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem VIII: Meirinho. *O Imparcial*. Araraquara, 29 jun. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem VIII: Beijo – Beijinho – Beijú – Bijú. *O Imparcial*. Araraquara, 2 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem IX: Martelo. *O Imparcial*. Araraquara, 4 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem X: Catre. *O Imparcial*.

Araraquara, 5 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XI: Boicorá – Cobra corá – Cobra coral. *O Imparcial*. Araraquara, 6 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XII: Dezesseis, dezessete, dezenove, ou dezasseis, dezassete, dezanove? *O Imparcial*. Araraquara, 7 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XIV: Lúdico ou lúdrico? *O Imparcial*. Araraquara, 12 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XVI: Rolinha xèrèrè – Caracará. *O Imparcial*. Araraquara, 19 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XVII: Água vai! *O Imparcial*. Araraquara, 20 jul. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XVIII: Leque. *O Imparcial*. Araraquara, 30 [jul.] 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XX: Inho – inha – nhô – nhá – minho – inhô. *O Imparcial*. Araraquara, 3 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXI: Veio ou veiu? (verbo vir) – Ontem ou hontem? *O Imparcial*. Araraquara, 4 ago. 1935. (CPLC)
MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXII: Cedilha, plica, zeura. *O Imparcial*. Araraquara, 6 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXIII: Ortografia ocular. *O Imparcial*. Araraquara, 7 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXIII (continuação): Ortografia ocular. *O Imparcial*. Araraquara, 8 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXIV: Inho, zinho, (ito, zito). *O Imparcial*. Araraquara, 9 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXIV (continuação): Inho, zinho, (ito, zito). *O Imparcial*. Araraquara, 10 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXV: A propósito de veio (verbo vir). *O Imparcial*. Araraquara, 11 ago. 1935. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXVI: Sebo, não cebo. *O Imparcial*. Araraquara, 5 abr. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXVII: Pois não! Não, igual a sim; sim, igual a não. Por amor de. *O Imparcial*. Araraquara, 12 abr. 1936, p. 4. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXVIII: Haver-se. Avir-se. Carecer. Precisar. *O Imparcial*. Araraquara, 19 abr. 1936, p. 3. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXIX: Água de Córdova. *O Imparcial*. Araraquara, 26 abr. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXX: Barêja – vareja. *O Imparcial*. Araraquara, 3 mai. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXI: Mulher, esposa, senhora. *O Imparcial*. Araraquara, 10 mai. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXII: A troca do B pelo V. *O Imparcial*. Araraquara, 17 mai. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXIII: Gomitir, vomitar. *O Imparcial*. Araraquara, 24 mai. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXIV: Alguém e ninguém/ Atraiçoado e atraído. *O Imparcial*. Araraquara, 31 mai. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXV: Ortografia. *O Imparcial*. Araraquara, 7 jun. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXVI: Ortografia. *O Imparcial*. Araraquara, 14 jun. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXVII: Ortografia. *O Imparcial*. Araraquara, 21 jun. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXVIII: Ortografia. *O Imparcial*. Araraquara, 5 jul. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XXXIX: Ortografia: - os acentos gráficos. *O Imparcial*. Araraquara, 12 jul. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XL: Aumentativos e diminutivos. *O Imparcial*. Araraquara, 2 ago. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLI: Aumentativos e diminutivos. *O Imparcial*. Araraquara, 16 ago. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLII: Aumentativos e diminutivos. *O Imparcial*. Araraquara, 30 ago. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLIII: Bocó; bogó; mocó. *O Imparcial*. Araraquara, 6 set. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLIV: Desinsarado; desinsofrido; desinquieta; desinfeliz. *O Imparcial*. Araraquara, 17 out. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLV: Se o não encontre – Se o espera. *O Imparcial*. Araraquara, 24 out. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLVI: Se o não encontre. Se o espera (Continuação). *O Imparcial*. Araraquara, 31 out. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLVII: Se o não encontre. Se o espera (Conclusão). *O Imparcial*. Araraquara, 7 nov. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem XLVIII: Nhato. *O Imparcial*. Araraquara, 5 nov. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Com as apostilas. *O Imparcial*. Araraquara, 30 abr. 1936. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Língua brasileira. S. n. t. [Post. 18 jul. 1935.]. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. A palavra Araraquara. *Folha da Manhã*. São Paulo, 27 nov. 1936, p. 6-7. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem: Onde se o não encontre... quando se o espera. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 14 set. 1941, p. 4. (Arquivo do Estado de São Paulo)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem: O pronome se, sujeito de oração. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 21 set. 1941, p.4. (Arquivo do Estado de São Paulo)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem: Proposital; Propositado – Propositalmente; Propositadamente. [*Revista Bellas Artes*], a. 4, nº 37-38. Rio de Janeiro, mai.-jun. 1938. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem: Beijo – Beijinho – Beijú – Bijú. *Revista Esfera*, a. 4, nº 11. Rio de Janeiro, dez. 1945, p. 28. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem: Pomba cascável – Pomba cascável – Fogo apagou – (*Scardafelia Squamosa*). *Revista Esfera*, a. 5, nº 12. Rio de Janeiro, fev. 1946, p. 46. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Fichas de linguagem: Martelo. *Revista Esfera*, a. 5, nº 14. Rio de Janeiro, mai. 1946, p. 40. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Sucuri – sucuriú – sucurijú. *Revista de Cultura*, a. 12, v. 23, nº 133. Rio de Janeiro: s/e, jan.-jun. 1938, p. 161-163. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Tu-tuca-tutuca. *Revista de Cultura*, a. 12, v. 23, nº 133. Rio de Janeiro: s/e, jan.-jun. 1938, p. 245-247. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Giboia. *Revista de Cultura*, a. 12, v. 24, nº 140. Rio de Janeiro: s/e, jul.- dez. 1938, p.72-75. (CPLC)

MOTA COQUEIRO. Febre amarela. *Correio Popular*. Araraquara, 5 fev. 1950. (CPLC).

MOTA COQUEIRO. Discurso do filólogo araraquarense Sr. Pio Lourenço Corrêa. *O Imparcial*, Araraquara, 3 mar. 1946. (CPLC)

2 BIBLIOGRAFIA DE PIO LOURENÇO CORRÊA S EM O USO DE PSEUDÔNIMO

2.1 Colaboração em livros

CORRÊA, Pio Lourenço. Estudo Histórico-Linguístico do nome da cidade e município de Araraquara. *In*: ALMEIDA, Nelson Martins de (Org.). Álbum de Araraquara – 1948. 1. ed. Araraquara (SP): ed. do org., p. 26-27.

CORRÊA, Pio Lourenço. A abolição em Araraquara. *In*: ALMEIDA, Nelson Martins de (Org.). Álbum de Araraquara – 1948. 1. ed. Araraquara (SP): ed. do org., p. 27-28.

CORRÊA, Pio Lourenço. A febre amarela em Araraquara. *In*: ALMEIDA, Nelson Martins de (Org.). Álbum de Araraquara – 1948. 1. ed. Araraquara (SP): ed. do org., p. 39-40.

CORRÊA, Pio Lourenço. O depoimento confidencial de Pio Lourenço Corrêa, um documento único. *In*: TELAROLLI, R. Brito: *república de sangue*. Araraquara: Edições Macunaíma, 1997, p.219-216.

3 BIBLIOGRAFIA SOBRE PIO LOURENÇO CORRÊA

3.1 Livro

ANDRADE, Mário de & CORRÊA, Pio Lourenço. *Pio e Mário: diálogo da vida inteira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, São Paulo: SESC, 2009. (Correspondência de 1917 a 1945).

3.2 Dissertação

GUARANHA, Denise Landi Corrales. *A riqueza nas diferenças: edição fidedigna e anotada da correspondência Mário de Andrade & Pio Lourenço Corrêa (1917-1945)*. Orientadores: Therezinha Aparecida Porto Ancona Lopez e Marcos Antonio de Moraes. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). São Paulo: USP, 2007.

3.3 Capítulos de livros

AGUIAR, Aparecida J. G. Pio Lourenço Corrêa. *In: Araraquara - Aspectos da sua história*. Araraquara: s/e, 2003, p.177.

CANDIDO, Antonio. Mário de Andrade e o velho Pio. *In: O albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 119-122.

CANDIDO, Antonio. Pio Lourenço Corrêa. *In: O albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 123-126.

3.4 Textos com menções a Pio Lourenço Corrêa em livros

ANDRADE, Mário de. A língua nacional. *In: Vida literária*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Sônia Sachs. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993, p. 175-178.

ANDRADE, Mário de. O baile dos pronomes. *In: O empalhador de passarinho*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002, p. 269-274.

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Ruth Cardoso: fragmentos de uma vida*. Rio de Janeiro: Globo, 2012.

CAMARGO, Eduardo Ribeiro dos Santos. *Os Novaes de São Paulo - Achegas Genealógicas*. 2. ed. São Paulo: Assembleia Legislativa, 1996, p. 16-19; 254-272.

CANDIDO, Antonio. Eça de Queirós passado e presente. *In: O albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004, p. 85-100.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Edusp, 2017, p.15.

CASTRO, M. W. de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

FONSECA, Maria Augusta. *Por que ler Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2013.

FRANÇA, Antonio M. (Org.). *Álbum de Araraquara*. Araraquara: Câmara Municipal; João Silveira, 1915.

RABELLO, Ivone Daré. *A caminho do encontro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

3.5 Textos com menções a Pio Lourenço Corrêa em periódicos

ALMEIDA, Aline Novais de. A biblioteca fantástica de Mário de Andrade. *Revista Criação & Crítica*, n. 9. São Paulo: USP, 2012.

ANDRADE, A. dos S. Rozendo de Souza Brito: série Rosarenses ilustres: um crime em Araraquara. n. 5. *Blog Fontes da História de Sergipe*. 13 set. 2009. Disponível em: fontesdahistoriadesergipe.blogspot.com.br/2009/09/um-rosarenselichado-em-araraquara-sp.html. Acesso em: 27 nov. 2018.

ARCAIDE, Adriane Souza et al. Quatro bibliotecas públicas no interior do estado de São Paulo. *Anais do Congresso de Leitura – COLE*. 2016. Disponível em: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem02pdf/sm02ss03_05.pdf

ÁVILA, Edmar de Assis Campelo. Brasil: uma literatura vista das margens. *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC Têxtil, Interações, Convergências*. USP – São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008.

AYROSA, Plínio. Araraquara. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 mar. 1940. (FPLC)

AYROSA, Plínio. Araras. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 mai. 1940. (FPLC)

BARRETO, L. A. *Araraquara: a marca da tragédia*. Site *Infonet*. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto.ler.asp?id>. Acesso em 27 nov. 2018.

BEZZON, Rafael Franklin Almeida; BERGO, Renan. Com a terra, pela terra e para a terra. Que já é tempo - Conversa com Eduardo Viveiros de Castro. *Cadernos de campo: Revista de Ciências Sociais*, n. 21. Araraquara: UNESP, p. 13-23, 2016.

BUSCÁCIO, Livia Letícia Belmiro. As tensões na língua brasileira pelo arquivo de Mário de Andrade. *Anais do III Seminário Interno de Pesquisas do Laboratório Arquivos do Sujeito*. UFF, Niterói (RJ), 3, p. 127-138, 2015.

BUSCÁCIO, Livia Letícia Belmiro. Mário de Andrade, um arquivo de saberes sobre a língua no Brasil, um projeto de pesquisa. *Anais do I Seminário Interno de Pesquisas do Laboratório Arquivos do Sujeito*, Niterói (RJ), 1, p. 69-81, 2012.

CALONI, B. Rozendo de Brito: um forasteiro inconsequente. *Jornal O Imparcial*, Araraquara, 2003. (Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade de Araraquara).

CANDIDO, Antonio. Seu nome está na rua. *O Imparcial*, Araraquara, 24 fev. 2002, p.3.

CERQUEIRA, Rodrigo. A torre de marfim de um modernista arrependido – apontamentos sobre a trajetória crítica de Antonio Candido. *Itinerários – Revista de Literatura*, 2010.

FIGUEIREDO, Tatiana Longo. Entre fichas e livros: trajetos da criação de Mário de Andrade. *Anais do Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética*, X Edição, 2012, p. 203-211.

FIGUEIREDO, Tatiana Longo. As primeiras fichas do modernista Mário de Andrade. *Revista Remate de Males*, 2013. Campinas (SP), p. 245-254, jan. - dez. 2013.

FRANÇOSO, Luís Michel. Linchaquara – o assassinato dos Brito. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, n. 19, 2015, p. 61-85.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Perfis. *Literatura e Sociedade*, Revista do Departamento de Teoria Literária da USP, n. 12, p. 38-61, 2009. Disponível em: <http://www.dtlc.fflch.usp.br/node/127> Acesso em: 9 dez. 2018.

GRILLO, Angela Teodoro. Quando a porca torce o rabo: as notas de trabalho no processo criativo do estudo Preto, de Mário de Andrade. *Revista Eletrônica ManusCrítica*. São Paulo: USP, FFLCH, n. 23, 2012.

GUARANHA, Denise L. C.; GUARANHA, Manoel F. Tradição e modernidade em diálogo na correspondência entre Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade. *FronteiraZ: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária*, n. 16, p.231-248, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/24426/20191>. Acesso em 27 nov. 2018.

HAAG, Carlos. Nas entranhas da invenção. *Revista de Pesquisa FAPESP*. Edição 168, fev. 2010. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2010/02/05/nas-entranhas-da-ven%C3%A7%C3%A3o/> Acesso em 27 nov. 2018.

LAFER, C. Novas considerações sobre *O albatroz e o chinês*. *Revista USP*, n. 118, p. 49-62. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i118p49-62> Acesso em: 9 de dez. 2018.

LOPEZ, Telê Ancona. Mário de Andrade leitor e escritor: matrizes e marginalia. *Guavira Letras*, Três Lagoas/MS, n. 23, p. 14-33, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/466/431> - Acesso em 27 nov. 2018.

LOPEZ, Telê Ancona. Mário de Andrade leitor e escritor: uma abordagem de sua biblioteca e de sua marginalia. *Escritos – Fundação Casa de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: casaruibarbosa.gov.br

MARQUES, I. (2012). Modernismo de pés descalços Mário de Andrade e a cultura caipira. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 55, p. 27-42. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i55p27-42> Acesso em 9 nov. 2018.

MENDES, Marlene Gomes. Diálogo Mário e Tio Pio. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 36. São Paulo: IEB - USP, 1994, p. 190-243.

MORAES, Marcos Antônio de. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. *Revista Patrimônio e Memória*. UNESP – FCLA – CEDAP, v.4, n. 2, p. 115-128, jun. 2009.

MORAES, Marcos Antônio de. 124 erros de revisão! *Literatura e Sociedade*, n. 12, Revista do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, São Paulo: USP, p. 224-239, 2009.

MORAES, Ricardo Gaiotto de. “Deus me livre de dizer com isso que a sua indicação está errada”: correspondência de Mário de Andrade e Graco Silveira. *Revista Eixo Roda*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 119-136, 2018. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/13288/1125611640 Acesso em 27 nov. 2018.

MOREIRA, R. (1953). Pio Lourenço Corrêa: Monografia da palavra Araraquara. *Revista de Antropologia*, 1(1), 78. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1953.131246>. Acesso em: 25 nov. 2018.

REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, n. 36. São Paulo: IEB-USP, 1994. (Nº comemorativo do centenário de Mário de Andrade em 1993.)

SANTOS, Elisângela de Jesus; SOUZA, Sérgio Luís de. Para além do Iluminismo: problematizando conceitos de cultura e política na desconstrução de estereótipos racistas. *Revista café com sociologia*, vol.3, n.1, jan. de 2014, p. 103-116. Disponível em: <file:///C:/Users/Manoel%20Guaranha/Downloads/116-715-1-PB.pdf> Acesso em 9 dez. 2018.

SLATER, C. Candace Slater. *Literatura e Sociedade*, v.14, n.11, 2009, 22-27. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i11p22-27> Acesso em 29 mai. 2019.

SOUZA, Gilda de Melo e. O arcaico e o moderno. A amizade epistolar entre Mário de Andrade e Pio Lourenço Corrêa. *Revista Piauí* – ed. 31. Seção Correspondência. Abr. 2009. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-arcaico-e-o-moderno/?doing_wp_cron=1543165947.4801321029663085937500 – Acesso em 25 nov. 2018.

UNESP: BERÇO DE MACUNAÍMA É PRESERVADO COMO CENTRO CULTURAL EM ARARAQUARA. *Portal do Governo*, qua., 21/01/2004. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/eventos/unesp-berco-de-macunaima-e-preservado-como-centro-cultural-em-araraquara/> Acesso em 25 nov. 2018.

WEGNER, Robert. A doença nervosa de Mário de Andrade: neurastenia e identidade. *Anais do XXVII – Simpósio Nacional de História – Conhecimento Histórico e Diálogo Social – ANPUH*. Natal (RN) – 22 a 26 de jul. 2013. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364916190_ARQUIVO_TrabalhoCompleto-VersaoProvisoria-ANPUH2013-RobertWegner.pdf Acesso em 9 dez. 2018.

3.6 Menções na correspondência de Mário de Andrade a outros destinatários

ANDRADE, Carlos Drummond de (Org.). *A lição do amigo*. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

FERNANDES, Lygia (Org.). *71 cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: São José, 1968.

MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: IEB/EDUSP, 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/issue/view/3841>. Acesso em 25 nov. 2018.

3.7 Menções em dissertações e teses

ÁVILA, Edmar de Assis Campelo. *Entre cartas e versões o artefazer em Amar, verbo intransitivo*. Orientadora: Maria Augusta Bernardes Fonseca. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada). São Paulo: USP, 2015.

CUNHA, Bruna Araújo. *Ruas do meu São Paulo: notações sensoriais e visões críticas na poética de Mário de Andrade*. Orientadora: Joelma Santana Siqueira. Dissertação (Mestrado em Letras). Viçosa (MG): UFV, 2014. Disponível em: <http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4877/texto%20completo.pdf?sequence=1>. Acesso em 25 nov. 2018.

FIGUEIREDO, Tatiana Maria Longo dos Santos. *Café: o trajeto da criação de um romance inacabado de Mário de Andrade*. Orientadora: Therezinha Aparecida Porto Ancona Lopez. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). São Paulo (SP): USP, 2009.

KIMORI, Lígia Rivello Baranda. *Os mestres no passado: Mário de Andrade lê os parnasianos*. Orientadora: Therezinha Aparecida Porto Ancona Lopez. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). São Paulo: USP, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-24042015-105947/pt-br.php>

MACHADO, Márcia Regina Jaschke. *Manuscritos de outros escritores no Arquivo Mário de Andrade: perspectivas de estudo*. Orientadora: Therezinha Aparecida Porto Ancona Lopez. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). São Paulo: USP, 2005.

MARQUES, Aline Nogueira. *Caminhos da criação*: catálogo analítico dos dossiês literários com exemplares de trabalho de Mário de Andrade. Orientador: Marcos Antonio de Moraes. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). São Paulo: USP, 2009.

MORAES, Ricardo Gaiotto de. *Mário de Andrade no Diário de Notícias*: o método e a crítica circunstancial. Orientador: Antonio Arnoni Prado. Dissertação (Mestrado no IEL – Instituto de Estudos Linguísticos). Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270236/1/Moraes_RicardoGaiottode_M.pdf
Acesso em 25 nov. 2018.

MORAES E SILVA, Antonio de. *Diccionario da língua portugueza recopilado de todos os impressos até o presente*. Typographia de M. P. de Lacerda. Lisboa: 1823. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/562936>. Acesso em 23/7/2022.

ROMÃO, Tameny. *Retratos de Mário de Andrade*: catálogo da iconografia dedicada ao escritor. Vol. 01. Orientador: Jorge Coli. Dissertação (Mestrado em História da Arte). Campinas: UNICAMP, 2013. Disponível em: repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/278652/1/Romao_Tameny_M.pdf
Acesso em 25 nov. 2018.

SANTOS, Luciana Rodrigues dos. *Estudo de vocabulário controlado em cartas de Mário de Andrade e Pio Lourenço Corrêa*. Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia. Marília: UNESP, 2012.

SANTOS, Marina Corrêa dos. “*Trata-se de ser*”: Vida e Memória mariodeandradiana: Diálogos, Grafias e Disputas. Orientador: Milton Lahuertas. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais). Araraquara: UNESP, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153691/santos_mc_me_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y
Acesso em 9 dez. 2018.

TERRA, Livia Maria. *Negro suspeito, negro bandido*: um estudo sobre o discurso policial. Orientador: Dagoberto José Fonseca. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Araraquara (SP): UNESP, 2010.

ACERVOS E INSTITUIÇÕES CONSULTADOS

ARARAQUARA – SP

Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade

Rua Carlos Gomes, 1729 – Centro

CEP: 14801-340

Fone: (16) 3332-0777

E-mail: bibliotecamunicipal@araraquara.sp.gov.br

Arquivo Público Histórico “Professor Rodolpho Telarolli”

Rua São Bento, 909 – Centro

CEP: 14801-300

Fone: (16) 3332-2212

E-mail: fundart@techs.com.br

Centro Cultural “Professores Waldemar e Heleieth Saffioti” (antiga Chácara da Sapucaia)

Rua dos Libaneses, 1111 – Carmo

CEP: 14800-165

Fone: (16) 3332-1505

E-mail: ccpws@iq.unesp.br

SESC – Serviço Social do Comércio - Araraquara

Rua Castro Alves, 1315 - Quitandinha,

CEP: 14800-140

Fone: : (16) 3301-7500

E-mail: marcia@araraquara.sescsp.org.br

MARÍLIA – SP

Acervo da Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP

Endereço: Av. Hygino Muzzi Filho, 377 – Campus Universitário
Caixa Postal: 181 – Marília – SP – CEP: 17525-90
Home page: <http://www.marilia.unesp.br/#!/biblioteca/biblioteca-digital/>

SÃO PAULO – SP

IEB – Instituto de Estudos Brasileiros

Endereço: Edifício Brasiliana – Praça do Relógio Solar, 342 – Cidade Universitária
Caixa Postal: 11.154 – CEP: 05508-050
Butantã – São Paulo – SP
Home page: <http://www.ieb.usp.br/>

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Endereço: Rua Voluntários da Pátria, 596
Santana – São Paulo – SP
CEP: 02010-000
Fone: (11) 2868-4500
Home page: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/>

BASES DE DADOS DISPONÍVEIS ON-LINE E SITES DA INTERNET

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP

Disponível em: <http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/biblio.htm>

Banco de Dados Bibliográficos da Universidade de São Paulo – USP

Disponível em: <http://dedalus.usp.br:4500/ALEPH/por/USP/USP/DEDALUS/STARTA>

Base de Dados da Biblioteca da Universidade Estadual Paulista – UNESP

Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/F?RN=336081732>

Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Disponível em: <http://serevicos.capes.gov.br/capesdw/Teses.do>

Portal Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>

Acervo on-line do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR) da Universidade de Campinas (UNICAMP)

Disponível em: <http://histedbr.fae.unicamp.br/>

Banco de Dados Bibliográficos da Universidade de São Paulo – USP

Disponível em: <http://dedalus.usp.br>

Site de busca “Google”

Disponível em: <http://www.google.com.br>

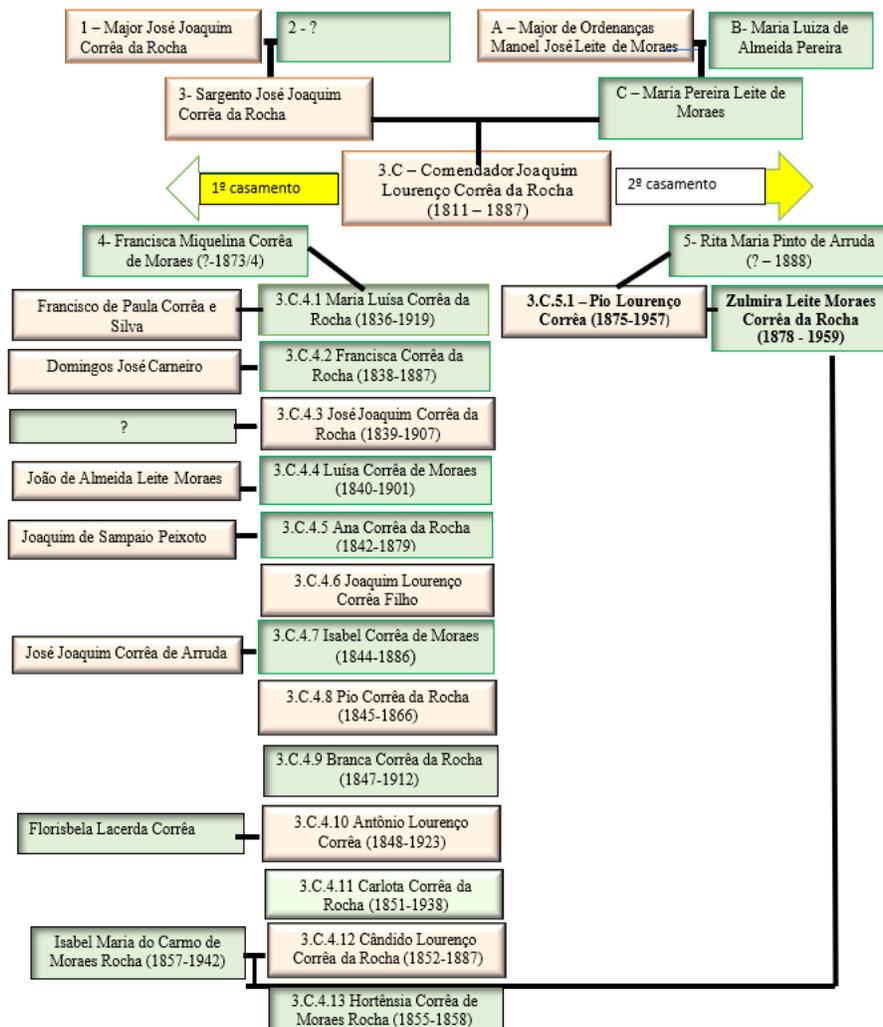
Site de busca “Google Acadêmico”

Disponível em: <http://acholar.google.com.br/>

Biblioteca Brasileira USP

Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/node/503>

Figura 41: Árvore Genealógica de Pio Lourença Corrêa²⁴



²⁴ Árvore genealógica elaborada pela autora.

Entrevista com Antonio Candido

No ano de 2004, fui aprovada no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo - USP, campus Butantã, tendo como professores-orientadores Telê Ancona Lopez e Marcus Antônio Moraes, figuras centrais do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, conhecidos estudiosos de Mário de Andrade (1893-1945), especialistas em epistolografia e crítica genética, responsáveis por organizar, classificar, analisar e publicar os manuscritos deixados pelo escritor modernista, principalmente em seu baú, aberto cinquenta anos após a morte do autor. Nos meios acadêmicos, dispensam apresentações.

Passei a fazer parte da Equipe Mário de Andrade, grupo de pesquisas e estudos sobre o escritor, e coube a mim fazer a edição fidedigna e anotada da correspondência de Mário com Pio Lourenço Corrêa (1875-1957), fazendeiro, casado com sua prima em primeiro grau, Zulmira de Moraes Rocha Corrêa (1878-1959), figura conhecida somente por um círculo restrito de familiares. As cartas que o sr. Pio escreveu para Mário estavam no espólio do autor e já haviam sido classificadas e transcritas. As cartas que Mário escreveu ao sr. Pio foram doadas por este ao professor Antonio Candido de Mello e Souza (1909-2017), figura que também dispensa apresentações, e que fazia parte da família, pois foi casado com a professora Gilda de Mello e Souza (1919-2005), outra figura importante nos meios acadêmicos e que era prima de Mário. Esse segundo grupo de cartas foi doado, então, pela família, ao IEB, para que se fizesse a edição, trabalho que realizei.

A atividade com as cartas foi meticulosa, acompanhada de perto por Marcus Antônio de Moraes, organizador da correspondência de Mário com Manuel Bandeira entre outras obras. Como discípula, fui acompanhada por grandes personalidades intelectuais, mestres de grande envergadura da Universidade de São Paulo. Cada um deles contribuiu para que o trabalho fosse se delineando e se concretizando até culminar na dissertação de

mestrado: *A riqueza nas diferenças*: edição fidedigna e anotada da correspondência Mário de Andrade & Pio Lourenço Corrêa (1917-1945), defendida em junho de 2007; e em 2009, na publicação do livro *Pio & Mário*: diálogo da vida inteira, pela Editora Ouro Sobre Azul, do Rio de Janeiro, sob o patrocínio do Serviço Social do Comércio – SESC, de São Paulo.

O périplo foi grande. Várias viagens à cidade de Araraquara, onde Pio Lourenço Corrêa viveu em sua Chácara da Sapucaia, local em que Mário redigiu a primeira versão do livro *Macunaíma* (1928); onde seu espólio está conservado na Biblioteca Pública Municipal; e onde se encontram várias marcas de sua vida, como a avenida que tem o nome dele. Na cidade do interior de São Paulo fui recebida pelo casal Renato e Helena Rocha, a quem entrevistei, ele primo de Mário e sobrinho de Pio, a quem coube por herança a famosa Chácara da Sapucaia, local onde morou durante muito tempo. Hoje, com o crescimento da cidade, a chácara foi encampada pelo desenvolvimento. Primeiramente, foi comprada por Waldemar Saffiotti, professor de química da Universidade Estadual Paulista – UNESP – campus de Araraquara; após a sua morte, foi doada à universidade e lá funciona um centro cultural.

De todos esses procedimentos, consegui reunir farto material, manuscritos de Pio Lourenço Corrêa; informações pesquisadas mas, principalmente, registros de conversas que tive com esses mestres todos e que, acredito, são importantes e devem ser divulgadas. Na época, o registro foi feito em gravador pequeno e fita cassete, hoje meios extremamente ultrapassados e frágeis. Assim, transcrevi essas entrevistas para que os leitores possam ter acesso a várias histórias sobre essa figura peculiar que foi Pio Lourenço Corrêa, contadas por contemporâneos dele ou por grandes intelectuais de nossa época, histórias que não consegui encontrar em livros, tive acesso apenas pelo rico testemunho desses mestres pelos quais tenho eterna gratidão.

No caminho da Sapucaia, a última pessoa com quem falei foi o professor Antonio Candido de Mello e Souza. Quando nenhum livro mais conseguiu esclarecer os fatos, quando nenhuma pessoa mais soube responder às minhas perguntas, marcamos uma reunião na casa dele e lá passei a tarde ouvindo as histórias, esclarecendo os nomes citados nas cartas, conhecendo alguns objetos que pertenceram ao senhor Pio e fechando com chave de ouro as notas para a correspondência.

**TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR ANTONIO
CANDIDO REALIZADA EM 22 DE MAIO DE 2006,
A PARTIR DAS 14H00**

D: Na correspondência entre Mário e Pio eles citam muitas pessoas, casos...

AC: Muita coisa eu não vou saber, provavelmente, mas o que eu souber eu vou contar tudo para a senhora.

D: Ah, então está bem...

D: O senhor conheceu alguma Cotinha Moreira?

AC: Não é Moreira... É Cotinha Moura! Conheci muito... Eram a Lucíola e a Cotinha... Eram filhas da dona... Esqueci o nome da mãe delas... Uma senhora muito simpática, muito distinta, dessas famílias antigas que empobrecem... Elas ficaram paupérrimas... Sinhara Moura era a mãe... Elas tinham um irmão... Eu nunca conheci... Mas a Lucíola, que era a mais velha, ela era vigilante do ginásio, um emprego bem modesto... E a Cotinha ficava em casa com a mãe, acho que elas faziam coisas para fora, doces... Eram muito bem educadas. A sra. sabe quem era Rubens Borba de Moraes? Foi diretor da Biblioteca Municipal, elas eram primas dele, elas eram Borba. Cotinha Moura conheci muito, amiga da irmã de Mário de Andrade [Lourdes], nunca se casou. A Lucíola, mais velha, casou-se e ficou viúva, mas a Cotinha nunca se casou... Ficou sempre com a mãe, sra. Moura, e era muito ligada à família da Gilda [de Mello e Souza], com D. Zulmira, sr. Pio, uma senhora muito distinta. Agora, o nome dela não sei qual é... Cota era diminutivo de Maria geralmente... Maricota, Cota, Cotinha... Às vezes, a pessoa tem esse apelido, mas não é... Mas conheci sim, conheci muito... Uma senhora muito distinta...

D: Ela era de Araraquara?

AC: Sim. Ela era íntima amiga da irmã de Mário. Quando vinha a São Paulo, ficava hospedada lá... Ela era mais ou menos da mesma idade da irmã dele, Lourdes... Era uma das grandes amigas da Lourdes Andrade.

D: Quem era o Carlos Eduardo, que era o xodó da mãe de Mário de Andrade?

AC: Carlos Eduardo era irmão de Gilda. Carlos Eduardo Rocha. Irmão

dois anos mais velho que a Gilda, era médico, estudante de medicina, ele era bastante “espeloteado”, bastante “espeloteado”!... Então criava muitos conflitos com a família... Mas a mãe de Mário, que eles chamavam de avó, tia-avó... Ele adorava essa senhora... E ela adorava o Carlos... O Carlos foi muito bom para ela, vou lhe dar um exemplo... Embora “espeloteado”, uma vez, por exemplo, ela tinha um dinheiro para aplicar e não sabia o que fazer... Ele descobriu uma “carreira” de casas no Ipiranga. Descobriu, chamou a atenção dela, ela comprou, alugou e com isso tinha uma renda mensal. A mim mesmo ela disse várias vezes: “Eu gosto muito do Carlos, ele é muito bonzinho”. Ele vivia muito em conflito com o pai, a mãe, os irmãos, porque ele era bastante “espeloteado”... Gostava de dizer verdades, era muito católico... Estávamos ali com ele, quando ele morreu, e ele pedia para o irmão dele: “Não fique triste não, é o momento mais feliz da minha vida, eu vou encontrar com o meu criador... Eu vou encontrar com Deus”... Uma coragem extraordinária... Mas era muito ligado a essa tia-avó, porque, é o seguinte... com a crise de 1929, meu sogro levou uma “fubecada” tremenda como muitos fazendeiros de café. Então, para os filhos virem estudar em São Paulo, ficaram hospedados em casas de parentes... A mãe do meu sogro, D. Izabel, recebeu o Fernando, irmão mais moço da Gilda, que está vivo... a Gilda e a Maria moraram na casa da mãe de Mário, Gilda morou lá 13 anos. A Gilda saiu no dia que se casou comigo, o Carlos foi morar na casa ao lado, na casa do irmão de Mário, mas depois veio morar também na casa da mãe de Mário, eles foram muito bons para a família da Gilda, a mãe de Mário abrigou esses sobrinhos-netos, de modo que o Carlos morou lá, e era muito bom neto, ele chamava a tia-avó de tia, esse era o Carlos Eduardo.

D: E como ele tratava o sr.? Porque tem vários Candidos, tem o Candido Rocha, que era o seu sogro...

AC: Candido Rocha era o meu sogro; tinha o Candido Mello, como eu, que era o sobrinho do sr. Pio.

D: Tem o Candinho...

AC: Candinho era o meu sogro, Candido Rocha...

D: Era o mesmo então...

AC: Eram dois Candidos na família dele, vivos naquele momento... Era o Candido de Moraes Rocha (1886-1961), o meu sogro, que ele chamava

de Candinho, eu mesmo o chamava de seu Candinho; era raro chamá-lo diferente.... O único que o chamava de Candido era o sr. Pio. O único. A mulher o chamava de Candinho, a d. Zulmira, irmã dele, que era mulher do sr. Pio, ele próprio se apresentava como Candinho Rocha... Sobrinho e cunhado do sr. Pio. Sr. Pio era casado com a sobrinha, sr. Pio era irmão do pai dele. Eles eram em três irmãos: a D. Adelina, a D. Zulmira e o Sr. Candinho. Sr. Candinho era bem mais moço do que as irmãs, a mais velha era D. Adelina, irmã de D. Zulmira, mulher de Pio, que tinha um filho chamado Candido Rocha Mello (1904-?), esse é o Candido Mello, e como eu sou também Candido Mello, é uma confusão danada...

D: É eu até pensei que poderiam ser a mesma pessoa...

AC: A mim ele chamava de Antonio Candido.

D: Pio Lourenço, em uma das cartas usa a expressão: “A Candinha do século!”. Bem depois de Mário ter publicado o livro *Os filhos da Candinha...* Ele aplica essa expressão quando se refere a uma pessoa... O sr. tem ideia de quem seja... Eu não sei se nessa época já se usava a expressão Candinha com o significado de fofoqueira...

AC: Não sei, não sei... Nunca ouvi usar Candinha como fofoqueira... Os filhos da Candinha... não sei direito o que significa... Acho que é ... Isso é com os filhos da Candinha!... É não sou capaz de dizer...

D: Ah! E a história do Paixão?

AC: A sra. quer que eu conte a história do Paixão? Uma coisa gravíssima... O Paixão era um português muito bonito, um homem alto, José Maria Paixão (? - ?). Casou-se com uma sobrinha do Sr. Pio, D. Zulmira Corrêa Vaz (?-?), que era a maior amiga da mulher de Pio, que também era Zulmira, eram duas Zulmiras primas-irmãs... Uma chamava a outra de xará, “Oh, xará!” E esse Paixão deu o golpe do baú! Acho que ele era caixeiro-viajante, se não me engano, ou era farmacêutico, não me lembro bem, enfim era um português, sem eira nem beira... Bonito, bem falante, tinha estudo, casou-se com uma moça rica e instalou-se na fortuna da mulher e eram os maiores amigos do sr. Pio, ele foi muito para a Europa, se não me engano a Lucíola Moura, irmã da Cotinha Moura, foi para a Europa, passou muito tempo lá como uma espécie de dama de companhia de D. Zulmira Vaz Paixão... Iam para a Suíça, ficavam por lá... Esse Paixão, um belo dia, muito amigo do Sr.

Pio, eu não sei bem quando, 1920 e tantos, o Sr. Pio cismou que o café dele estava com brocas, praga, “broqueado”... Estava perdido, e disse: “Eu vou vender essa fazenda por qualquer preço, porque o café está broqueado”, pois o Paixão disse: “Eu compro!” Então PLC vendeu. “Quanto você quer”? Pio disse “tanto”, e ele vendeu a fazenda., não sei por quanto. Depois ele caiu em si, e viu que tinha feito uma bobagem. Além do mais, ele gostava muito da fazenda, a fazenda era dele, ele vivia daquilo. Aí Pio Lourenço disse: “Eu dei minha palavra ao Paixão, eu entrego a fazenda a ele.” Depois que tiver fechada a escritura, eu me suicido”. Ele era capaz, porque o Sr. Pio era meio... “pancado”... “Eu me suicido!”... Aí a minha sogra, que era uma mulher de grande iniciativa, mulher extraordinária, dessas mulheres fortes, disse: “O sr. não vai vender essa fazenda. O sr. vai chamar o Paixão, que é seu amigo, seu sobrinho, casado com sua sobrinha, e o Sr. vai dizer a ele que que desfazer o negócio”. O sr. Pio... disse para ele: “Olha, eu me arrependi e eu quero saber quanto o Sr. quer pela minha palavra”. Qualquer pessoa decente, com um grande amigo diria assim: “Não, não quer vender está acabado o assunto”. A Gilda deve ter isso anotado em algum lugar. Então o Sr. Pio deu o dinheiro a ele como se fosse hoje uns R\$150.000,00 ... para comprar a palavra... E o Paixão disse: “Mas o seu afilhado, Carlos”, que era o filho do Paixão, quer uma “Baratinha”, como chamavam aquele carro antigo... E o sr. Pio deu a “Baratinha”... “Ele quer também aquele cavalo da fazenda”... Sr. Pio deu o cavalo... Deu tudo o que ele pediu e rompeu as relações para o resto da vida...

Essa é a história do Paixão... Ele agiu como um canalha. Um caso deste entre grandes amigos, a gente diz: “Não tem problema”... Ele comprou a palavra do grande amigo... Aí cortaram as relações... E ficou uma situação muito triste, porque Zulmira, a esposa de Pio,

tinha como maior amiga, a prima-irmã, Zulmira Corrêa Vaz, e não puderam mais se frequentar... Às vezes, quando se encontravam na casa de algum parente, se abraçavam e ficavam chorando... Essa é a história do Paixão.

D: E a história da Joia, da Marcolina?

AC: Essa história eu conheço bem... O sr. Pio casou-se muito novo, por volta dos 22 anos, mas desde os 17, 18 anos, ele era muito dado a mulheres... Mulheres da vida... A Sra. me perdoe a expressão grosseira, mas Pio Lourenço me disse uma vez: “Eu era muito *putanheiro!*” Expressão interessante, que

não se usa mais... “Quando eu era moço, eu era muito *putanheiro!*” Vivia com essas mulheres, mulheres da vida. Ele me contou que, numa casa de mulheres, ele encontrou essa moça, que era uma mulata clara, de olhos verdes, de extraordinária beleza, uma moça muito boa... A prostituição é uma das coisas mais tristes que existe, eu acho. São moças em casos de miséria, necessidade, essa era até uma boa moça, coitada, para poder sobreviver... Sr. Pio apaixonou-se por ela, tirou-a da casa de tolerância, e montou uma casa para ela, passou a viver com ela, gostava muito dela. Ela gostava muito dele, tinha paixão por ele. Uma grande paixão... Dois jovens, por volta dos 20 anos... Mas ele gostava da sobrinha, D. Zulmira...

D: Ah! Ele já gostava da D. Zulmira?

AC: Já gostava, essa coisa... Um belo dia, a futura sogra dele acertou o casamento dos dois e a Joia ficou desesperada. Esse era o apelido, o nome dela era...

D: Marcolina?

AC: Marcolina? Não sei bem... O apelido era Joia. Pio deu um presente bom para ela, deu-lhe uma indenização, e rompeu a relação. Ela saiu de Araraquara e não se ouviu mais falar dela. Passados alguns anos, um amigo dele, disse o seguinte: “Pio, está havendo uma coisa muito desagradável... Tem um bordel aqui em São Carlos, cidade vizinha, e uma prostituta de lá tem o seu retrato no quarto dela. Ela recebe os clientes com o seu retrato na parede!”

Pio entendeu imediatamente o que era e ficou indignado!. Pegou o trem e foi a São Carlos, foi até lá conversar com ela, que levou um susto ao vê-lo, ele passou um “sabão” nela. Ela havia pegado um retrato de Pio e mandou fazer uma ampliação a lápis, muito bem feita. Está aqui em casa, em algum lugar... Guardado... que o Renato [Rocha] deu para Gilda. Ele ficou bravo, ela começou a chorar: “Pio é que eu gosto muito de você!”. Muito comovente! Ele ficou muito emocionado também e amoleceu... Disse: “Eu compreendo, eu compreendo, mas você há de convir que não é lugar de colocar o meu retrato... Você recebe esses homens aí... Me dê o meu retrato”. Ela disse: “Não, não... Vá para Araraquara que eu mando o seu retrato”. Ele voltou para casa e daí uns dias, ele recebeu um engradado... Abriu e era o retrato. Quem levou esse engradado foi o filho de um antigo escravo, que era o Ananias,

ou ele próprio era o antigo escravo, Ananias Rocha, tinha o sobrenome do senhor dos escravos. Pio disse a ele: “Jogue isso fora!”. E o Ananias disse, o Sr. dá ele para mim? Pio deu o retrato que ficou com a família do Ananias. Até que Renato [Rocha], 50 anos depois, recuperou e deu para Gilda.

Passados uns tempos, ele soube que essa Joia tinha decaído muito. Estava bebendo.... Ela teve uma paixão trágica pelo sr. Pio. Muito triste essa história. Aí ela mandou avisá-lo que estava numa situação muito ruim e pediu a ele 500 mil réis. Naquele tempo era bastante dinheiro, era o ordenado de um promotor de justiça. Então, ele foi falar com D. Zulmira, que sabia perfeitamente desse caso dele, pois todos em Araraquara sabiam que ele fora amante de Joia... Nesse dia, Pio me disse: “porque eu nunca traí Zulmira!”. “Nunca menti para Zulmira!”. Era um homem de caráter. E disse a ela: “Joia, você sabe quem é. Você permite que eu mande esse dinheiro para ela?”. Zulmira consentiu. Ele mandou o dinheiro para ela. Passado um tempo, Joia morreu.

Pio Lourenço contou essa história ao Mário de Andrade, que ficou fascinado e disse: “Tio Pio, essa história dá um conto extraordinário”... Então eles combinaram o seguinte: cada um escreveria um conto. Tio Pio escreveria um e Mário escreveria outro. Mário não escreveu, mas o sr. Pio escreveu, escreveu o conto, eu li mais de uma vez esse conto, muito bem datilografado numa capa de cartolina, tinha umas duas cópias, e ele me disse: “Quando eu morrer, eu deixo para você”. Eu li o conto mais de uma vez, era escrito num português de Camilo Castelo Branco, eu só me lembro de uma frase, que eu nem entendia: ele [Pio] disse que uma vez foi à fazenda e, quando voltou [para a casa de Joia], estava acontecendo uma festa. Ele não gostava disso, chamou-a e passou um pito nela: “Como você faz uma coisa dessas?” Ele não gostava de festas, era um homem austero, a frase que eu ouvi é a seguinte: “Bem sabes que sempre fui infenso a fanfarras e valdevinos!”. Uma frase em português antigo, não é? Um belo dia, eu costumava ir à chácara, dormia lá uns dois ou três dias, perguntei a ele: “E o conto?”. Ele me disse: “Eu destruí!”. Eu disse: “Mas como? O sr. destruiu?”... Ele respondeu: “Você acha que eu ia deixar atrás de mim uma confissão dessas?” Ele era muito austero... Uma pena! Ele destruiu”...

D: Há uns trechos do conto lá no IEB, uma moça fez a transcrição e

um estudo... Mas está incompleto, e eu acho que a resposta de Mário numa carta, o Sr. deve se lembrar, que ele diz: “Eu não posso reescrever esse conto, porque o Sr. tem amor à verdade e eu tenho amor por recriar”... Eu acho genial essa carta do processo de criação.

AC: O Sr. Pio era aquela coisa... Ele me disse que tomou algumas liberdades [na criação do conto]... Por exemplo... Ele queria que ela falasse corretamente, mas ela falava errado. Ele imaginou que ela era filha de um português e ficou... Ele imaginou que a mãe falecera quando era pequena e ela fora criada por uma Sra. chamada Adelaide. No Brasil, nós falamos Sra., falamos “Dona” fulana. Em Portugal, dona são só as mulheres da nobreza, antigamente. Sra. Maria, Sra. Francisca, ele via nos livros portugueses e achava bonito... E ele a chamou de Sra. Adelaide, e esta conversava com a personagem Joia, em português correto. E aí ela aprendeu e começou a falar o português correto. Pio disse: “tudo isso foi imaginação minha”.

Enfim, essa é a história da Joia...

D.: E a D. Zulmira... Não se importava com essa história?

AC.: Ela dizia para mim... Ela tinha uma linguagem muito crua... Ela se referia às mulheres da vida com aquela expressão pior... “Filha da...”. Ela era desbocada, dizia: “Ela era muito mais bonita que eu...”. A Joia era uma mocinha, dizem que era linda... “Era uma mulata bonita, meu filho, mais bonita que eu”. A D. Zulmira sabia dessa história, mas o sr. Pio largou dela”.

D. Zulmira me contou uma história... Foi num carnaval, deve ter sido de 1895, o Sr. Pio e um sobrinho dele, os sobrinhos eram mais velhos do que ele, chamado Sebastião Corrêa de Lacerda, resolveram fazer um carro alegórico no Carnaval. Pegaram um carroção, puxado por dois ou três cavalos, chamaram umas prostitutas e as vestiram com umas túnicas gregas, então, aquelas mulheres fazendo um quadro vivo, foi um grande sucesso na cidade, o carroceiro... Fazia-se o corso, no Carnaval, com carros alegóricos, e um dos carros era o tal carroção com as prostitutas vestindo túnicas gregas, como se fossem gregas... D. Zulmira contava essa história ao lado do sr. Pio e dizia: “Ele e o Sebastião Lacerda, sem vergonhas, ficaram escondidos na esquina espiando”... Ria que não podia... Ela conversava com muita liberdade sobre esses assuntos...

D.: O chofer da D. Zulmira ...

AC.: O Antônio...

D.: Sim, o Antônio, mas em uma das cartas Pio fala “o santo”, chofer de Zulmira.

AC.: Não conheci. Deve ter sido antes... Eu conheci o Sr. Pio, quando fiquei noivo de Gilda. 1943, ficamos noivos em setembro e nos casamos em dezembro. Nesse tempo, o chofer deles já era o Antônio...

D.: Que foi quem cuidou deles no final da vida...

AC.: Antônio Gea. Que era um cão de fila. Um espanhol bonito, muito simpático, vivia lá... Era a pessoa mais chegada a ela no final da vida... Tudo era o Antônio... Quando um deles não estava bem, ele colocava um colchão na porta do quarto e dormia ali. Ele era casado, tinha família, mas dormia ali, como um cão de fila... Era de uma fidelidade extraordinária... Era o chofer deles.

D.: Tinha também um Alberto Menabue...

AC.: Esse era o caseiro dele. A Chácara da Sapucaia.... A sra. deve ter ido à chácara... Está toda deformada... Eram 10 alqueires de terra. O Renato [Rocha] herdou e loteou tudo aquilo ali. Por fora deve estar tudo igual, tijolos aparentes, era uma casa muito bonita, muito confortável... Aqui ficava a casa, ali no fundo, na divisa, tinha uma casa comprida, que era a casa do caseiro, o Alberto Menabue...

D.: Os filhos dele trabalharam na fazenda... Na chácara...

AC.: Não. O Alberto Menabue, o filho dele, o Caíto, cujo nome não sei, o apelido era Caíto, D. Zulmira e seu Pio trouxeram-no para dentro de casa, como filho deles, o Caíto não trabalhava, era um inútil... Então era uma coisa muito chocante, havia a casa lá no fundo, o Alberto Menabue, que era italiano, com a mulher dele e três ou quatro filhos, paupérrimos, e o irmão morando na casa da frente... O sr. Pio colocou o menino num colégio interno de Campinas, dos Salesianos, acho que se chamava Colégio Maria Auxiliadora, esse menino tinha muita dificuldade para aprender, nem sei se ele conseguiu acompanhar, ele era muito fraco, eu me lembro dele, não dormindo na casa, mas almoçando e jantando, depois que todos almoçavam ou jantavam, D. Zulmira dava a comida para ele. O almoço da D. Zulmira e do sr. Pio era muito fora de hora... O almoço era às nove horas da manhã e o jantar às três horas da tarde... E depois o Caíto ia lá comer... Era meio

filho adotivo deles, muito lento, muito improdutivo, e a irmã dele também foi protegida até certa altura, depois o Sr. Pio a soltou... Esses são os filhos do Alberto Menabue...

D.: A irmã era a Eta? Antonieta?

AC.: Não, não, Antonieta era outra pessoa... Esse menino, Caíto, casou-se depois com uma moça muito inteligente, chamada Nair Zaniollo, filha de um italiano que tinha propriedades, mais ou menos arrumadinha... E ela viu, de longe, que o Caíto era um bom partido, porque vivia na dependência do Sr. Pio. Ela se casou com ele e esse Zaniolo ficou muito ligado ao sr. Pio. Seu Pio, quando ele gostava de uma pessoa, ele dava tudo para essa pessoa. O pescueiro dele, o famoso pescueiro que está no conto “O poço”, ele vendeu para esse sr. Zaniolo a troco de nada, deu quase, pai da Nair... Esta, mulher do Caíto, formou-se em Odontologia. Sr. Pio deu a ela de presente um consultório montado... Custou naquele tempo... Quarenta contos de réis... Era muito dinheiro... Ela era generoso... Era como uma nora... De modo que ela trabalhava, era uma boa dentista, teve uma filha e, para agradar D. Zulmira pôs o nome de Isabel, nome da mãe de D. Zulmira, da mãe do meu sogro, era Isabelinha... Depois a Nair não aguentou e separou-se do Caíto, filho do Alberto Menabue, o caseiro, que era muito maltratado por D. Zulmira e Sr. Pio, muito humilhado, D. Zulmira só falava com o Alberto em tom de repreensão... “Alberto! Que é isso?”... E aquele homem ali, muito maltratado... Quase como um escravo. Aquele pobre homem ali com a família... e o filho dentro da casa dos patrões... Não sei o que foi feito dele...

D.: Nas cartas há referências ao Caíto e à Eta...

AC.: Essa aí é a Antonieta... Era outra coisa... Essa eu não conheci, é o seguinte: lá pelos anos de 1920 e tantos... Ela foi ser cozinheira de Pio e Zulmira. Era uma mulher grandalhona... Eles eram aquele tipo de gente antiga que, quando gostavam de alguém, de um empregado, de um chofer, faziam tudo por ele. A Antonieta passou a ser uma filha deles... Ela não dormia lá, mas passava o dia inteiro lá... Pio não se referia a ela como “minha cozinheira”, mas como “a dona do meu regime”, “a dona da minha alimentação”. Tratavam ela de igual para igual. Quando eles iam fazer estação de águas, levavam a Antonieta, que ficava no hotel com eles, quando gostavam de uma pessoa, traziam para o nível deles, a Antonieta ficou na família deles

por muito tempo, ela guiava o automóvel para o Sr. Pio e D. Zulmira, ela dirigia...

D.: E isso não causava escândalo na cidade?

AC.: Causava... Minha sogra ficava indignada. Havia gente em Araraquara que dizia que Antonieta era amante do Sr. Pio. Não é verdade... Ele me disse com muita convicção: “Eu nunca traí Zulmira”! Agora, que ele tivesse por ela, uma espécie de afeto senil, o velho com aquela moça ali... Isso é possível... Mas eu não conheci essa Antonieta. Era uma pessoa a quem eles estimavam muito e ela era fiel a eles. Ela casou-se, eles foram padrinhos de casamento, Pio dotou-a, deu muita coisa, ela casou-se com um homem chamado Aurasil, e foram morar no oeste paulista, o Aurasil eu vi visitando Sr. Pio uma vez e a Antonieta continuou amiga deles...

D.: O Sr. Pio tinha alguma ligação com a cidade de Itapura? Numa das cartas, ele pede ao Mário, como chefe do Departamento de Cultura, ou já do Instituto do Patrimônio Histórico...ISPHAN... Pelo que eu entendi, ele pediu ao Mário que investigasse essa cidade de Itapura, parece que havia alguma lenda sobre tesouros enterrados... E o Mário disse que não era da alçada dele... que ele era da segunda divisão, que esse assunto pertencia à primeira...E disse que Itapura não tinha nada... E a história da escrivanha... que o Mário compra em São Paulo para dar de presente de casamento lá em Araraquara para uma afilhada, tem as notas fiscais... Eu entendi que era para a filha de um... Pio de Almeida... uma tal de Cecília...

AC.: Pio de Almeida não tinha Cecília... Era Luci, a mais velha, morava no Rio de Janeiro, não me lembro mais de outro nome... Nair era a mais velha... Depois conheci muito a Luci, depois da Luci tinha a... Eram professoras primárias, mas não tinha Cecília... Essas sobrinhas do Sr. Pio eram muito ligadas a ele... A Luci era muito amiga dele, quando ele vinha a São Paulo, a Luci morava aqui... o Pio de Almeida, que era mais velho que o Sr. Pio, era sobrinho dele, filho da irmã dele, o Sr. Pio era filho do segundo casamento do pai... E essas moças... Estou vendo o rosto delas na minha frente... A Luci, já mais velha, quarentona, casou-se com o Sr. Toledo, um parente deles aqui de Tietê. Um homem muito simpático, usava barba... Naquele tempo pouca gente usava barba... A Luci era muito simpática, inteligente, muito boa imitadora... e o Sr. Pio se divertia muito com ela...Tinha uma tal de Virgínia, não

sei se aparece nas cartas, que era uma americana, casada com o João Borba, que era parente da Lucíola... Esse João Borba foi para os Estados Unidos e voltou casado... E ela morou em Araraquara um tempo, e a especialidade da Luci era imitar essa Virgínia...

O sr. Pio achava muita graça... Ela imitava para o Sr. Pio ver... “Sr. Pio (com sotaque inglês...)!” Foi muito amiga do Sr. Pio essa Virgínia... O Sr. Pio falava muito bem inglês e sabia muita coisa da língua inglesa... Quando mais de uma vez ele vinha a São Paulo e convidava-nos para ir ao restaurante almoçar... E a Luci ia. E Pio perguntava: “Luci, você quer um vinho?” Peça aí um vinho português...”

Quando eu era noivo de Gilda, ele me convidou para almoçar, D. Zulmira me deu um livro em inglês de presente... da Virginia Woolf, e almoçamos no Restaurante Jacinto, que era um dos três melhores restaurantes de São Paulo, Sr. Pio, D. Zulmira, Gilda, eu e Luci. E quando terminou o almoço, seu Pio pediu a conta, verificou, pagou e guardou a conta... e disse: “Você sabe por que eu guardo a conta? Guardo todas as contas de restaurantes, de todas as coisas que eu como, pelo seguinte: Quando eu morrer, meus herdeiros vão dizer... O diabo do velho gastou todo esse dinheiro, poderia ter deixado para nós”.

D.: Danado ele.

AC.: Ele era um homem muito curioso... Quando vinha a São Paulo, ele ficava hospedado num hotel que ficava... da Rua João Bricola... Quando ele chegava, chamava o criado de quarto, pegava uma nota nova de vinte mil réis e cortava na metade com uma tesoura... na frente de criado, dava-lhe metade e dizia: “Se você me servir bem, quando eu for embora, eu lhe dou a outra metade”... Era um tipo curioso mesmo... Mas Cecília não me lembro... Ele cuidava muito dessas sobrinhas... A Nair, a mais velha, era casada e morava no Rio; tinha a Luci... Elas eram professoras aqui em São Paulo, em grupos escolares do Brás... Elas foram promovidas e moravam aqui... Pio de Almeida morava com elas... Pio de Almeida era tido como um inútil, no fim da vida não fazia nada, ele era agente do Correio em Araraquara... Quando se aposentou, passou a morar com as filhas... Tinha um irmão chamado Sílvio, que era um rapaz muito distinto, muito simpático, corretor de café em Santos, isso é o que eu sei... Talvez a escrivinha fosse para a Luci,

quem sabe?

D.: Era um presente de casamento, PLC encomendou...

AC.: Presente de casamento? Então não era para a Luci... Luci se casou bem mais tarde...

D.: Ele pediu para o Mário comprar a escrivania aqui em São Paulo...

AC.: Cecília não conheço ninguém...

D.: Andreolino Corrêa?

AC.: Andreolino Corrêa era um sujeito muito simpático... Era também sobrinho de Pio e muito mais velho do que ele. Era filho de uma irmã de Sr. Pio casada com um Corrêa também... Um caso muito curioso de Araraquara... Cinco irmãs Corrêas casaram-se com cinco irmãos Corrêas... As mulheres não eram parentes dos maridos.... Corrêas do Tietê e Corrêas de Atibaia...

O Andreolino era filho de uma Corrêa de Atibaia casada com um Corrêa do Tietê. Ele era muito simpático, muito pobre, perdeu tudo, ele era cobrador, fazia cobranças, era um homem alto... Orquidófilo, como o sr. Pio... Então o sr. Pio tinha na chácara um orquidário dele, que era uma beleza... Tinha orquídeas preciosas... Tinha a coleção de orquídeas e o Andreolino ia lá, trocava orquídeas com Pio, conversavam... Era sobrinho dele. Eu o encontrei muito na casa de meu sogro... Muito tímido... Contava-se que o pai dele era feitor de escravos... da fazenda de um parente... Ele era tão mau para os escravos que, um dia, um deles cortou a cabeça dele com a foice. Deixou os filhos pequenos... Esse é o pai do Andreolino Corrêa... Eu me lembro quando Sr. Pio morreu... Eu fui lá à biblioteca dele... Ele me doou a biblioteca dele, mas eu recusei... Ele era um homem rico, cheio de sobrinhos, gostava muito de mim, podiam pensar que eu tinha algum interessa lá... Então eu aconselhei D. Zulmira a doar para Araraquara... Peguei alguns volumes de lembrança... Pio ficou bravo quando eu recusei a biblioteca... “Eu quis te dar, você não quis, agora façam o que quiserem depois da minha morte...”! Eu fiz o estatuto da biblioteca. Tinha livros raros e nessa ocasião, o Andreolino pediu a D. Zulmira uns livros sobre orquídeas que o Sr. Pio tinha... Uns livros grandes e bonitos... Eu separei os livros e ele ficou muito contente, era um homem muito bem educado ... Dessas pessoas antigas que empobrecem e guardam muita delicadeza, boas maneiras... Um homem encantador esse Andreolino Corrêa....

D.: José Jorge...

AC.: Esse eu não sei...

D.: Clóvis de Oliveira... Professor Paliuti...

AC.: Não sou capaz de dizer não...

D.: Dr. Olivério...

AC.: Dr. Olivério, esse é um personagem... Morou aqui neste prédio em que eu moro, o filho dele, quando nos mudamos para este prédio, o filho dele morava aqui. Dr. Olivério era um médico baiano...Alto, muito distinto, foi ser médico do posto de saúde de Araraquara, lá ele se casou com a filha de um fazendeiro muito amigo do Sr. Pio e do meu sogro, chamado Juca Custódio, então ficou muito amigo do Sr. Pio ... Ele era um sábio, depois ele deixou a carreira pública e foi diretor do Museu de Zoologia, era um grande ornitólogo, foi muito tempo diretor do museu de Zoologia, depois foi o Paulo Vanzolini, que trabalhou com ele. Ele era um classificador de animais, com muita reputação... Ele ia para o sertão... fazer pesquisas... Incentivava o Sr. Pio em seus pendores científicos... O Sr. Pio tinha microscópio e fazia preparação de tecidos vegetais, animais, andou estudando muito Botânica e o Dr. Olivério o ajudava...

D.: O sr. Pio fazia desenhos... desenhos de animais?

AC.: Não sei... Nunca vi... Ele disse o seguinte: “A minha biblioteca fica para você... a parte científica para o Dr. Olivério”. O Dr. Olivério aceitou a parte científica e... tinha a *História Natural de Cambridge*... 10 volumes, tinha os *Anais do Museu Paulista*, tinha muita coisa de Botânica e Zoologia... O que o Dr. Olivério já tinha, ele doou para a Faculdade de Filosofia. Ele era muito escrupuloso... Eu fui junto com o dr. Olivério levar... os livros de Ciências para o Departamento de Zoologia... Ele foi um cientista de valor e grande amigo do Sr. Pio.

D.: Paulo de Miranda Ribeiro?

AC.: Alípio de Miranda Ribeiro foi um grande Naturalista. Paulo não sei quem é...

D.: Miss Susan, que era Fraulein...

AC.: Miss Susan era uma alemã... Eu só sei da Miss Susan, que morou em Araraquara um tempo e ensinava inglês. Minha mulher estudou inglês com ela... Mas acho que a Miss Susan... ensinava inglês...

D.: E a história do Sr. Pio com o Mister Rugson ou Huxton...

AC. Essa é uma história extraordinária. Essa eu tenho cópia da carta aqui... Mister Rugson era um escocês bêbado que o sr. Pio, um dia, quando ele queria uma coisa, ele fazia,... Ele chamou o Mister e disse: “Quero aprender inglês! Mas 24 horas por dia, de modo que [não sei se o Mister dormia na casa dele, mas passava o dia com ele...] pago o que o Sr. pedir, mas com uma condição: O Sr. não pode beber uma gota de álcool, o dia que o Sr. beber eu o expulso da minha casa”. O Mister concordou. E durante um tempo ele viveu com o Sr. Pio ensinando inglês... Uma coisa muito curiosa é que ele era escocês, e o Sr. Pio aprendeu com sotaque escocês, com a pronúncia forte, meio enrolada... Mas um dia, o Mister tomou uma bebedeira e o Sr. Pio o tocou de casa. Ele sumiu de Araraquara. Passado muito tempo, lá por 1920 e tantos, ele escreveu uma carta em inglês para o Sr. Pio contando que ele estava num estado “desgraçado”, no último grau da miséria e de abandono e queria morrer no asilo de mendicidade de Araraquara... Aí o sr. Pio tomou as providências, falou com o Comissário de Café em Santos, e o Mister Rugson veio acompanhado para Araraquara, o Sr. Pio o colocou num quarto, havia quartos particulares... e o Mr. Rugson morreu pouco tempo depois, mas as irmãs do asilo (as freiras) disseram ao Pio que o Mister havia deixado uma mala com umas coisas... Pio disse para fechar a mala e oficiou ao consulado inglês em São Paulo, informando que o Mister Rugson, inglês, havia morrido em Araraquara... e em testamento havia deixado uma mala que continha bens e solicitando ao Consulado Britânico para tomar as providências para procurar os herdeiros na Inglaterra. Passado muito tempo, o cônsul escreveu a ele que tinha tomado as providências, e que o governo britânico oferecia aqueles bens ao Sr. Pio inclusive por gratidão pelo que ele tinha feito a um britânico. Pio disse: “Não posso ficar com isso!”. Oficiou o juiz de Araraquara por herança jacente, que respondeu: “O inglês morreu sem deixar herdeiros, então o Sr. precisa abrir um processo de herança jacente”. O juiz abriu o processo de herança jacente... Ninguém se habilitou... Herança jacente... Então faz-se o seguinte... Coloca-se em leilão... Qualquer pessoa pode arrematar. Marcou um dia no pátio do fórum. O juiz disse que naquela mala estavam os bens de Rugson, quem queria rematar ... Só havia o Sr. Pio presente... E ele arrematou a mala, por um valor qualquer. Pio, então, abriu a mala e nela havia um pijama e uma escova de dentes. História fantástica, não é? O rigor dele. Tudo dentro da norma, da lei, do dever.

D.: E o relacionamento dele com Mário? Ele gostava muito do Mário...

AC.: A Gilda, minha mulher, dizia com razão, que o Pio tinha pelo pai do Mário de Andrade um apelo filial. Olha, eu vou lhe dizer uma coisa, eu não passei um dia com Sr. Pio que ele não falasse de Carlos Andrade... pai do Mário. Parece que era um homem muito inteligente, culto e engenhoso. E Pio gostava muito dele, aprendeu muita coisa com ele: “Sr. Carlos dizia isso, sr. Carlos dizia aquilo... E o Sr. Pio ficou sem pai com doze anos. Então... Os pais dele... O padrinho dele que foi o Leite de Moraes, o avô de Mário, e o tio, Carlos Andrade... e Gilda dizia que Mário reproduziu o contrário, Sr. Pio era um pouco pai do Mário, o Mário via um pouco um amigo paterno... Ele gostava muito do Mário, Mário ia muito lá... Ele dizia a D. Zulmira: “Aqui eu posso comer peito de frango”... Sr. Pio e D. Zulmira deixavam entender que naquela chácara houve três grandes amigos que frequentavam... Mário de Andrade, Dr. Olivério e eu. Ele gostava demais de Mário, mas ele não gostava da literatura do Mário, eles conversavam sobre língua, Mário o consultava sobre questões de língua. O livro de Mário de que ele gostou mesmo foi *Amar, verbo intransitivo*, na versão inglesa. Parece que uma edição remanejada, Sr. Pio gostou, porque foi simplificada, provavelmente. Ele tinha pelo Mário um carinho, uma fascinação...

D.: E era claro isso, ele dizia: “Não cabem na minha mioleira essas coisas que você escreve, mas ...

AC.: É, ele dizia...

D.: Mas na parte de língua...

AC.: Na parte de língua, de folclore, eles conversavam... O Mário não sei bem, mas acho que ele foi todos os anos a Araraquara... Ele ficava um pouco na chácara e um pouco na fazenda do meu sogro. Agora, creio também que houve o seguinte... Quando Mário era mocinho, quando o irmão mais novo dele morreu, ele teve uma depressão muito séria, e aí ele foi para a São Francisco, fazenda do Sr. Pio, e junto com D. Zulmira trataram dele. Era uma ligação muito afetuosa, muito nítida. Mário chamava-o de Tio... Eles não tinham nenhum parentesco. Ele era primo da mulher do Sr. Pio, primo. Agora, acontece o seguinte... A mulher do Sr. Pio era filha do irmão do meu sogro. O meu sogro era de 1886, o Carlos Moraes de Andrade de 1888, e o Mário de 1893. Eles foram criados ali juntos. A mãe do meu sogro morava

ao lado da casa da irmã, de modo que o Moraes de Andrade ouvia “tio Pio; Mário, ouvindo meu sogro falar tio Pio, acostumou a falar tio Pio; muito tempo depois veio a Lourdes, “tio Pio”, de modo que todos o chamavam de “tio Pio”, mesmo não tendo parentesco nenhum. Eles eram primos da mulher do Sr. Pio. Hoje, no IEB, todos falam “Tio Pio”.

D.: Na minha casa, a minha filha já fala do “Tio Pio”...

AC.: Eu que sou sobrinho dele por afinidade nunca o chamei de tio, sempre falei Sr. Pio. O primeiro dia que eu o conheci, havia um grupo universitário de teatro, dirigido pelo Gérson Almeida Prado, espetáculos lindos, modernos que o Gérson montou, foi o começo da renovação do teatro em São Paulo, era para juntar dinheiro para os fundos de pesquisa da universidade, eu era bilheteiro, ficava na porta vendendo os bilhetes, cada um fazia uma coisa... Um era ponto, outro era o bilheteiro, outro era ator. Depois que acabou o espetáculo, o sr. Pio foi e gostou muito: *O auto da barca do inferno*, de Gil Vicente, uma recepção foi oferecida ao grupo universitário de teatro, no clube. Gilda era minha namorada, ficamos noivos nessa ocasião, Gilda já tinha me falado muito do Sr. Pio. Quando vem vindo um sr. magrinho de lá, disse ela: “Antonio Candido este é tio Pio, Tio Pio este é Antonio Candido”. Eu disse: “Eu conheço muito o senhor de nome, Sr. Pio”. Ele disse: “Sr. Pio o senhor não deve conhecer, deve conhecer “TiuPiu”, que é como eles me chamam. Paulista fala Piu, Tiu Piu, ele falava Piiiu, com i longo. Eu não sou paulista, eu falo com i longo, Tiiiu Piiiiu, “Sr. Pio, o senhor não deve conhecer, mas TiuPiu, como eles me chamam”...

D. Zulmira tinha um grande carinho por Mário, e este era uma pessoa muito ligada a Araraquara. Por exemplo, o Andreolino tinha uma irmã chamada Maria Leopoldina, que morava com um genro e uma porção de filhas... Ela era muito pobre. Elas costuravam para fora... Elas faziam camisas para Mário, era irmã do Andreolino, Maria Leopoldina.

D.: O Sr. tinha me falado das exigências do Tio Pio para roupas, que ele só usava...

AC.: O Sr. Pio era o seguinte... Ele não admitia moda. A Sra. vendo os retratos do começo do século, a Sra. vê que a moda para homens era paletó de três botões, às vezes quatro, mas a maioria de três botões, gola estreita e calça sem debrum, e depois essa moda caiu, passou a haver paletós de dois botões

ou de um, com a lapela mais larga ... E as calças tudo igual... O Sr. Pio continuou com aquele paletó... totalmente fora de moda. O alfaiate dizia: “Mas Sr. Pio, isto não está na moda”. E ele dizia: “A moda que volte”! e a moda voltou. Ele não seguia moda. A Sra. pode ver as fotos, hoje em dia, todos com paletó de três botões e calças assim, quando ali por 1930 e tantos, a moda voltou e o Sr. Pio ficou na moda.

Ele tinha coisas curiosas. Por exemplo, ele usava botinas de elástico, de pelica, mas a parte de pelica ele mandava colocar para dentro. A botina dele era com a parte interna do couro [mais áspera] para fora. Ele dizia: “A parte mais macia é a pelica, ela é que fica em contato com meu pé”.

D.: Então ele mandava fazer tudo... Era tudo encomendado...

AC.: Tudo encomendado. Tudo de muito boa qualidade... D. Zulmira também. Eles eram muito simples, muito modestos, mas tudo de muito boa qualidade. Ele comprava peças de casimira inglesa, azul-marinho e listradinho, só. Geralmente ele tinha. Ele se tratava muito bem, ele queria que os herdeiros dissessem: “Oh! Como esse velho gastou bem, poderia ter deixado esse dinheiro para nós”! Era um tipo!

D.: O Sr. tem ideia por que ele escolheu esse pseudônimo de Mota Coqueiro?

AC.: Não sei. Nunca perguntei a ele. Mota Coqueiro? Mota Coqueiro acho que foi um bandido...

D.: Eu acho que localizei no IEB, eu fui procurando por Mota Coqueiro e achei um livro falando de um Mota Coqueiro, que foi um bandido mesmo...

AC.: Tem um livro: *Mota Coqueiro*, de José do Patrocínio. É um romance... de José do Patrocínio sobre um bandido... Por que ele pegaria o nome de um bandido? Não sei. Não sei.

D.: Quando o pai do Pio morreu, ele ficou morando com o irmão, que passou a ser tutor dele?

AC.: Ele ficou morando com a mãe dele, o irmão era o tutor.

D.: O Sr. se lembra qual era o irmão?

AC.: Antônio Lourenço Corrêa! O Mano Antônio...

D.: Era o irmão mais velho dele?

AC.: Olha. O irmão mais velho dele era o mano José. Chamava-se José

Joaquim Corrêa da Rocha. Mas este era fazendeiro em Brotas. Longe. Em Araraquara, tinha o mano Joaquim que morreu, pai do Sebastião Lacerda, aquele que fez o carro alegórico no Carnaval com Pio. Esse morreu mais moço, teve uma vida muito difícil... O outro irmão dele, também Pio, morreu na Guerra do Paraguai. Combatente. De modo que o único irmão dele em Araraquara era o Antônio Lourenço. Ele tinha muitas irmãs, mas poucos irmãos. A irmandade do primeiro casamento, homens eram José Joaquim Corrêa da Rocha, Joaquim Lourenço Corrêa, Antônio Lourenço Corrêa e Pio Corrêa da Rocha. Os quatro irmãos dele. Só tinha em Araraquara o Antônio Lourenço. Este foi o tutor dele.

D.: O Sr. se lembra do nome da esposa dele, desse Antônio Lourenço?

AC.: Mana Belinha! Era Isabel Lacerda.

D.: Florisbela não?

AC.: Não! Florisbela Lacerda! Florisbela Lacerda era D. Belinha!

D.: No caso da “garapa azeda”, que ele conta que a cunhada fazia piadas com ele...

AC.: D. Florisbela de Lacerda Corrêa. Ela era filha de um Lacerda aqui de Campinas. Esse casal teve uma filha só, que era D. Angelina. Eu tenho um retrato dela aí. Eu não sei direito como é esse caso. Eu penso que é o seguinte... Isso foi fundamental na vida do Sr. Pio.

O pai dele, comendador Joaquim Lourenço Corrêa ficou viúvo. E essa Sra. D. Francisca Miquelina de Almeida Moraes teve 12 filhos, 4 homens e 8 mulheres. Aí ele casou-se pela segunda vez com uma viúva, chamada D. Rita Maria Pinto de Arruda, Pinto de Arruda era o marido dela, o nome dela de solteira eu não sei. Ele dizia assim: “Mogi Mirim, terra de minha mãe, D. Rita Maria Pinto de Arruda”. Mogi Mirim é caminho de Poços de Caldas onde eu morava, tivemos casa lá por alguns anos, então eu ia muito a Poços de Caldas. Cada vez que eu passava de automóvel perto da cidade, eu falava bem alto no carro para minhas filhas e para Gilda: “Mogi Mirim, terra de minha mãe, D. Rita Maria Pinto de Arruda”! Pinto de Arruda é um ramo dessa família Arruda Botelho de Conde do Pinhal. Ela já tinha os filhos dela também, era viúva, e se casou. Eu imagino que ele deve ter se casado em regime dotal, esse foi o problema. A sra. sabe... Pelo direito brasileiro, os filhos do primeiro casamento, todos herdam partes iguais. De repente, quando a pessoa é velha,

uma pessoa tem a família grande e casa-se pela segunda vez, os herdeiros exigem que se faça um regime diferente. Por exemplo, o meu avô casou-se pela segunda vez com uma sobrinha dele, casou-se em regime dotal. Quando meu avô morreu, cada filho do primeiro casamento recebeu 200 alqueires de terra, e os do segundo... A segunda mulher do meu avô recebeu em dote uma fazenda de 400 alqueires, tinha quatro filhos, quando ela morreu, cada um recebeu 100 alqueires. Portanto, os meus tios do segundo casamento, receberam metade do que meu pai e os outros tiveram. Eu penso o seguinte. Se Pio, o tutor dele era o Antônio Lourenço, sr. Pio, o ideal da vida dele era estudar Direito e ser advogado. Esse era o ideal. Ele veio para São Paulo para fazer os estudos preparatórios, porque antigamente, o regime de [parcelados], estudava-se em casa, estudava onde se quisesse e ia fazer o exame na Faculdade de Direito, chamava-se Curso Anexo, para ter o grau de bacharel em Ciências e Letras, era preciso fazer dez matérias, primeiro estudava-se Português e Aritmética, ia lá fazia os exames e tirava os certificados, aí passava para outras, eu tenho até alguns certificados do Sr. Pio, eu tenho aí guardados. Quando ele já havia conseguido dois ou três certificados, morando aqui em São Paulo na casa do padrinho, ele me contou isso, ele tinha uns 16 ou 17 anos, o irmão escreveu para ele dizendo que “O dinheiro que nosso pai te deixou acabou, volte para trabalhar!”. Pensando em termos de hoje, isso é de uma crueldade, de uma barbaridade sem tamanho. Esse Antônio Lourenço era um homem rico, só tinha uma filha. O que custava a esse homem adiantar dinheiro para o irmão mais moço estudar e se formar? Era aquela coisa antiga. Então eu imagino que o dinheiro do Sr. Pio acabou, eu imagino, porque o pai dele casou-se em situação dotal, como o meu avô se casou. O que é regime dotal? Eu sou viúvo, tenho essa quantidade de filhos, não vou lesar meus filhos, então eu me caso com D. Fulana, dou a ela como dote 100 alqueires de terra, uma casa e 50 contos e acabou. Então, eu imagino que ele deve ter deixado um dote modesto para a senhora dele.

Ela morreu logo depois, o pai morreu quando ele tinha 12 anos, aí o Antônio Lourenço mandou Sr. Pio estudar em São Paulo, logo depois ela morreu. Eu vou repetir uma palavra feia para a senhora ver a realidade. Pio me disse emocionado, com os olhos cheios de água, mais de uma vez: “O Antônio Lourenço foi um grande ‘merda’! Minha mãe, viúva de meu pai,

pobre mulher, com um único filho de doze anos, o Antônio Lourenço me separa da minha mãe e me manda para São Paulo. Minha mãe morreu pouco depois, e o Antônio Lourenço foi um grande ‘merda!’”. Crueldade! Duas crueldades...

D.: Mandou Pio para cá e depois mandou voltar..

AC.: Mandou vir para São Paulo e depois mandou voltar porque o dinheiro tinha acabado. Duas crueldades. Os antigos eram muito duros. Acabou o dinheiro do pai, pronto, vai trabalhar... Foi trabalhar no comércio de lá. Ele fez a cultura dele. Era um menino esperto, ... Isso é o que eu sei. Aqui em São Paulo ele morava na casa do padrinho, Leite de Moraes, o padrinho morreu, ele foi morar na casa da cunhada, da D. Isabel, mãe da D. Zulmira; D. Isabel sempre quis que ele se casasse com a D. Zulmira.

A Gilda tem uma hipótese brilhante... A D. Zulmira era cocha, andava assim [ele demonstra D. Zulmira mancando]. Ela tinha um sapato como a senhora e o outro era um sapato especial, um sem salto e o outro com salto. Com o tempo ela foi piorando. Quando eu a conheci, quando ela era moça andava praticamente normal, conforme foi envelhecendo, ela foi piorando, mas desde moça era cocha. Dizem que uma empregada deixou que ela caísse do berço, e teve uma fratura no quadril. Um belo dia, a Gilda teve uma iluminação: porque... A D. Zulmira não gostava do Tio Pio, ela era apaixonada por um tio do Mário de Andrade, o Alfredo de Andrade. Tinha paixão pelo Alfredo de Andrade e ele por ela. D. Isabel não deixou que ela casasse com ele. Forçou Zulmira a casar-se com Pio, sem gostar do tio. “Por que vovó Isabel fez essa dureza de forçá-la a casar-se”? Gilda teve uma intuição... Porque ela sabia que a filha não podia ter filhos. A bacia assim com defeito era perigoso. E o Sr. Pio, quando era rapazinho, teve uma moléstia venérea e essa moléstia degenerou numa orquite. A sra. sabe o que é uma orquite?

D.: Não!?

AC.: Orquite é uma inflamação dos testículos. Eles podem ficar enormes. Dizem que é uma das dores mais horríveis que há. E quem tem orquite fica estéril. Então, disse Gilda, vovó pensou: “Com o Pio ela pode se casar tranquila, que ela não terá filhos. Se ela se casar com o outro ela pode engravidar, se ela engravidar ela pode morrer no parto”. É uma imaginação, mas eu acho uma imaginação muito interessante!

D.: É bem possível...

AC.: Porque ela não queria se casar com Pio, queria se casar com Alfredo Andrade, tio de Mário, irmão de seu Carlos. O Sr. Pio casou-se com D. Zulmira sabendo que ela não gostava dele, mas ele gostava dela. Ele me disse que gostou de D. Zulmira desde que ela era menina, ele era dois anos mais velho que ela. Ele tinha paixão por ela, não ela por ele. Ela me disse uma vez: “Eu me casei para obedecer a minha mãe”. O que as mulheres antigas faziam, não?

D.: É verdade... Situação terrível! Deixe-me ver... O Sr. Pio encomendava mercúrio de Mário. Tem várias cartas falando do dinheiro para o mercúrio.... Tem uma carta que fala do “mercúrio doce na Internacional”. Eu descobri uma farmácia em Araraquara que tinha o nome de Internacional.

AC.: Exatamente. Mas eu não sei porque ele encomendava mercúrio... Talvez algum experimento dele...

D.: Outra coisa... Há uma carta em que Mário fez o desenho de uma tripeça, um movelzinho com uma pequena gaveta....

AC.: Essa daí eu não sei, mas ele mandou fazer uma tripeça e me deu. Tripeça é um móvel... Venha cá. Vou lhe mostrar um [móvel semelhante]... [Levanta-se e me mostra um pequeno móvel como o desenho de Mário].

D.: Ele também fala para o Mário de um livro: *Decrepitude Metromaniaca*...

AC.: *Decrepitude Metromaniaca*? Deixe-me ver se eu me lembro.... Do padre Antônio Corrêa de Almeida.

D.: Isso... Parece que tem relação com a propaganda do “Rum Creosotado”? Não é assim?

AC.: Porque o Padre Antônio Corrêa de Almeida era um padre satírico, lá de Barbacena. Eu tive livro dele. Carlos Drummond de Andrade escreveu uma crônica sobre ele, uma vez, que era preciso reeditar o Padre Corrêa de Almeida. Ele era um padre ferino, satírico, tremendo, e ele, já velho, em vez de colocar “Versos de um velho maníaco”, colocou o título: *Decrepitude metromaniaca*. Ele já velho para gozar dele próprio. Eu não sei se eu tenho esse livro, acho que eu tinha um outro livro dele. Mas não sei por que seu Pio usou isso.

D.: Ele brinca com Mário. Tanto que eu achei que era alguma ironia em relação a fazer versos com métrica, rima...

AC.: Na verdade, significa “um velho metido a poeta”. *Decrepitude metromaniaca*, um velho metido a poeta, o padre se satirizando... Mania de metrificar por parte de um decrepito. Padre Antônio Corrêa de Almeida.

D.: Tem uma carta em que Mário diz assim para o tio Pio: “Dos três Césares negros da idade, um deles já caiu”. Aí fiquei pensando... A quem ele está se referindo... Mário, Zulmira e Pio; Mário, Pio e o pai de Mário?

AC.: Não, não... Isso é uma coisa misteriosa... Não sei o que é isso... Eles se entendiam, alguma coisa entre eles... O que significa “César negro da idade”?

D.: Eu não sei se ele estava se colocando... Sei lá: “as três pessoas mais velhas da família”? Três pessoas mais poderosas... Os três chefes de família...

AC.: Não, não creio... Mas por que negro?

D.: “Negros da idade”.

AC.: Mário era mulato, mas o Sr. Pio era branco.

D.: Eu fiquei intrigada com essa expressão. Ele fala da morte do pai... Ele fala “a da foice cedo levou”. E “dos três Césares negros da idade, um deles já caiu...”.

AC.: Uma expressão misteriosa... Eu não sei... Eu não arriscaria nada.

D.: Eu fiquei pensando quem seriam esses três Césares...

AC.: É impossível saber...

D.: Ele faz também referência a um homem chamando-o de “café chato, ordinário, baixo, depreciado, mofado”... numa das cartas. Eu fiquei pensando... Quem será que é essa pessoa?

AC.: Precisa ver o contexto...

D.: É, ele diz que... Não dá para entender muito bem. Parece que era alguém que estava noivo em Araraquara.. Mas..

AC.: O Pio que fala?

D.: Sim. O tal “café chato, depreciado, mofado, é noivo aqui em Araraquara”, também não dá para saber... Ah! O Pio sofreu acidente alguma vez? Caiu do cavalo, teve que fazer uma cirurgia? Também não dá para lembrar... Mário conseguiu que Pio escrevesse uma coluna em *O Estado de S. Paulo*. Aquelas Fichas de Linguagem...

AC.: *O Estado de S. Paulo*, é? Ele publicava no jornal de Araraquara...

D.: Mário conseguiu para ele publicar no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Como será que eles faziam? Pio mandava pelo Correio os artigos?

AC.: Não sei...

D.: Ele faz referência também a outra pessoa: “A filha número 1 de Maria”. Quem iniciou o trabalho de pesquisa colocou na nota: “Maria Elisa Rocha?”.

AC. Maria Elisa Rocha era a irmã mais velha da Gilda.

D.: Ela era filha de Maria?

AC. A Gilda era “filha de Maria”!

D.: Antigamente era comum...

AC.: Todas as moças eram “Filhas de Maria”! A Gilda foi... Mas aí não parece ser a Maria Elisa Rocha...

D.: Ele fala em relação a Araraquara... Ele vai para lá conhecer ou rever “a filha nº 1 de Maria”.

AC.: Que ano foi isso?

D.: Foi mais para o final da correspondência, em 1941...

AC.: Ah! Essa deve ser a filha mais velha da Maria Eliza... Maria Cecília...

D.: Maria Cecília?

AC.: Maria Eliza casou-se em 1939, 1940, por aí assim... Depois de um ano, nasceu a Maria Cecília. A Maria Elisa morou também na casa da mãe do Mário... A Gilda e a Maria moraram na casa da mãe de Mário. Ele vai para Araraquara para conhecer a primeira filha da Maria Elisa... quando a Maria Cecília nasceu. A sobrinha mais velha da Gilda. Ela é professora, aposentada, mora em Ribeirão Preto, foi casada com um engenheiro, é viúva. Ela é mãe dessa famosa... A Sra. acompanha os esportes? Voleibol? Ela é mãe da famosa Fernanda Venturini.

D.: Nossa!

AC.: É. Maria Cecília é a filha mais velha de Maria Eliza. Maria para eles é a Maria Eliza. Que morou na casa de Mário durante muito tempo.

D.: E ela nasceu em 1941?

AC.: Eu me casei em 1943, ela tinha uns dois anos...

D.: Então é isso mesmo...

AC.: Maria Cecília Rocha Porto. O nome dela. Depois ela se casou com Júlio Venturini e ficou Maria Cecília Porto Venturini. Mãe da famosa

esportista. É professora do estado, aposentada, mora em Ribeirão Preto.

D.: Eurico de Góes...

AC.: Eurico era um amigo dele... Eurico de Góes era um estudioso aqui de São Paulo.

D.: Era de Araraquara, mas veio trabalhar aqui em São Paulo...

AC.: Em Araraquara tinha um Eurico, dentista, foi grande amigo dele, depois tornou-se arqui-inimigo.

D.: Com ele era assim, ou amava ou odiava?

AC.: Com ele era assim. Quando ele cismava, Góes... Tinha aqui em São Paulo um Eurico de Góes, não sei o que ele era... Não creio que esse Eurico de Araraquara chamasse Góes... Eurico era um dentista, caçador como ele do grupo dos Conjurados, depois brigaram de morte... Sr. Pio brigou com muitos amigos.

D.: Ele era uma pessoa difícil?

AC.: Sim. Difícil... Tinha um gênio exaltado... Ele era um pouquinho... desequilibrado não era, mas era um homem excêntrico... Muito cismado!

D.: Tem uma carta de 1934 em que Mário diz que “foi levar a sinhá ao cemitério”... Havia uma indicação no rodapé, de Sinhá Pina...

AC.: Sinhá Pina era uma prima-irmã de Mário. São as famosas Pinas. Era uma irmã do pai do Mário que era casado com um Sr. Pina. Eu não sei o nome delas. Sei que uma casou-se com um tal Massariol, que era ourives; não sou mais capaz de informar.

D.: E Meira de Araraquara? O Sr. conheceu alguém?

AC.: Meira eu conheci era de São Carlos... Meira Botelho era sócio do Sr. Pio. A casa comissária que eles tiveram em Santos, eram sócios: Pio, Otávio Reis, Nhonhô Magalhães e Meira Botelho, mas este de São Carlos.

D.: Sr. Pio viajava muito na juventude? Ele fala de uma viagem a Portugal, depois outra a Buenos Aires...

AC.: O Sr. Pio foi à Europa só uma vez. Quando era moço, foi a Buenos Aires com Antônio Lourenço, o irmão dele. Era solteiro ainda. Naquele tempo, por volta de 1890 e qualquer coisa, o Brasil não tinha embaixadores, eram Ministros Plenipotenciários. O ministro nessa época em Buenos Aires era o Assis Brasil, o famoso político gaúcho. Ele os hospedou na Legação, não se chamava embaixada. O Antônio Lourenço, que se dava com o Assis

Brasil, este os levou para a legação. Ele contava que o Assis Brasil era muito engraçado e contava histórias para eles. Contou uma história de uma rainha da Espanha que tinha um amante... E o amante deu a ela um anel de brilhantes, enorme... O rei viu e disse: “Mas que beleza de anel!” E a rainha respondeu: “Pois é, eu comprei!” O rei, então, disse: “Ah, eu quero esse anel para mim”. O rei, então, passou a usar o anel. O nobre que era amante da rainha viu o diamante na mão do rei e disse: “Solo um rei puede tener tal anillo de diamantes, diamantes que foram dantes, de amantes de su mujer!”. Foi dessa viagem da Argentina. Depois disso, ele foi à Europa, em 1911, eu acho, passou lá muito tempo...

D.: Foi quando ele comprou a banheira?

AC.: Isso. Comprou a banheira, mandou fazer a espingarda, foi se tratar de um problema no estômago... Fez uma Estação em [Publezau?????- indecifrável?]. Viajou pela Europa com D. Zulmira. Ele tinha casa comissária em Santos e viajou com um senhor português que era grande comerciante em Santos, que era o Sr. Marques e D. Eliza Marques. Os dois casais acho que foram juntos ou se encontraram lá, não sei bem... Passaram em Portugal e foram à Quinta do Sr. Marques, uma família rica de Portugal. Foram essas duas vezes.

D.: Tem uma carta em que ele escreve a MA e diz que gostaria de conhecer o Cairo.

AC. Foi nos anos de 1920, quando Howard Carter e Lorde Carnarvon encontraram o túmulo de Tutancâmon, aí ele ficou fascinado... Na biblioteca dele havia um número da *Illustrated London News* sobre essa descoberta, havia dois volumes do autor tratando do túmulo de Tutancâmon. Ele se preparou para ir ao Egito, queria visitar o túmulo, mas nunca foi.

D.: Tem uma carta em que convida Mário para ler *Peregrinações*. Ele disse: “Venha descansar e vamos ler juntos as *Peregrinações*” ...

AC.: *Peregrinações* deve ser o livro do Fernão Mendes Pinto, um navegador português do séc. XVI. Parece que é um livro fascinante, nunca li, mas tenho muita vontade de ler... Uns dizem que é tudo mentira... Tanto que meu professor de literatura dizia assim: “Fernão Mendes Pinto! Fernão, mentes? Minto!”. Hoje, parece que não... é tudo fidedigno. É um livro admirável, muito bem escrito, muito divertido. Deve ser isso. *Peregrinações*, de Fernão Mendes Pinto.

D.: Ele comprava anéis para marcar galinhas? Ele encomenda por meio de Mário na casa de um “Aziz”. Ah!. Inácio de Queirós Lacerda... O Sr. conheceu?

AC.: Deve ser irmão ou parente de D. Florisbela de Queirós Lacerda Corrêa... Um palpite. Não tenho certeza...

D.: Fazenda São Lourenço?

AC.: Fazenda São Lourenço era do pai dele. Comendador Joaquim Lourenço Corrêa herdou uma fazenda que era do pai dele.

D.: Depois foi dividida?

AC.: Deve ter sido dividida... Não sei para quem ficou... Talvez para o Antônio Lourenço Corrêa... irmão dele. Não tenho certeza....

D.: Dr. Júlio?

AC.: Dr. Júlio era um médico de Araraquara chamado Dr. Júlio Mário não sei do quê...

D.: Eles tinham muitos médicos amigos: Dr. Renato...

AC.: Sim, Dr. Júlio, Dr. Monteiro, Dr. Olivério, tinha o italiano Dr. Picarone... Tinha o médico dele, Dr. Granata.

D.: No Álbum de Araraquara tem o nome dele: Dr. Granata. O endereço do consultório... Este quadro que o Sr. tem aqui na sala, que é do Papf, o Sr. tem ideia de como Pio o comprou?

AC.: Tenho. Foi o seguinte. O Antônio Lourenço Corrêa praticamente deu, financiou toda a Santa Casa de Araraquara. O Sr. Pio tinha um respeito imenso pelo irmão, foi uma espécie de secretário dele, tinha imenso respeito pelo mano Antônio. Este devia ser meio analfabeto e o Sr. Pio é que o orientava. A Santa Casa resolveu, a certa altura, não sei se o mano Antônio já tinha morrido ou não. Tinha um retrato a óleo do mano Antônio. O Sr. Pio veio a São Paulo e veio procurar o Papf... Era um famoso fotógrafo e pintor alemão radicado no Brasil, especialista em fazer retratos sobre fotografia. Olhava a fotografia e pintava o retrato. Tem muita gente retratada pelo Papf, muita gente... Então ele foi ao ateliê do Papf levando a fotografia do irmão, para fazer um retrato a óleo e, lá no ateliê, ele viu este quadro. Ele era cultivador de orquídeas, ficou fascinado pela pintura e comprou. Levou para Araraquara. Este quadro ficava no escritório dele. Ele só tinha dois quadros a óleo: essa orquídea e tinha um quadro grande que ele mandou emoldurar

com uma divisão pelo meio. Aí mandou pintar, chamou o pintor Quirino Campofiorito, um pintor de certo nome, que foi diretor da Escola de Belas Artes de Araraquara. Ele e a Ilda Campofiorito, a mulher dele, ficaram muito amigos do Sr. Pio. Então o Sr. Pio disse a ele que fizesse um retrato da Igreja de Araraquara... A capelinha inicial e depois a Matriz do tempo de Pio. Ele descreveu como era e o Quirino fez. Então ele tinha esse quadro grande, de um lado a capela e do outro a matriz, e o quadro das orquídeas.

D.: Ele fala de um outro pintor, o B. Bento. Mas em Araraquara eu não consegui nenhuma referência. Ele fala de um quadro *Caipiras negociando*...

AC.: *Caipiras negociando* é de Almeida Júnior...

D.: Ninguém conseguiu identificar esse B. Bento... E da convivência com o Sr. Pio, o Sr. se lembra de algo importante, de alguma curiosidade...

AC.: Aí é muita coisa... O Sr. Pio e eu... foi uma espécie de “amor à primeira vista”!!! A Gilda dizia que tinha um tio de quem eu ia gostar muito. De fato, eu adorava o Sr. Pio, grande amigo meu, um homem mais velho, depois eu tive uma rusga com ele, ele ficou zangado porque pediu que eu fizesse uma coisa, eu não fiz e ele ficou zangado... Mas sempre fomos amigos. No final da vida, ele ficou um pouco “esclerosado”... Mas ele me conhecia quando eu ia lá, ele ficava triste, porque não tinha mais a força de antes...

D.: E ele deixou as cartas de Mário para o senhor?

AC.: Ele deixou “por minha morte, a Antônio Candido de Mello e Souza”. Ele me doou a biblioteca, que eu recusei, ele me deixou as cartas de Mário para ele; e uma pasta cheia de documentos, a carta de Mr. Rugson, o testamento do pai dele, muitas coisas nessa pasta, mesmo estando meio zangado comigo...

D.: É está bem cuidadinha a sala dele...

AC.: Parece que o IEB vai cuidar disso...

D. É a secretária de Cultura me procurou, na última vez que eu estive lá em Araraquara. Ela me disse: “A biblioteca daqui não sai. É um patrimônio da cidade”. Mas está tudo lá fechado naquela sala, está muito fácil mexer naquilo tudo... Qualquer um pode chegar lá e pegar uma ficha da gaveta...

AC.: Aquele fichário todo é meu...

D.: As pessoas não têm noção da importância...

AC.: O famoso fichário ele me deu. Quando ele morreu, eu pensei,

o que eu vou fazer com esse fichário? Então, o Dr. Fords, que era advogado dele, me pediu emprestado... Um tempo depois, meu sobrinho Renato Rocha doou todo o fichário, sem me consultar... Ele é um rapaz muito bom, mas teve esse abuso de confiança... Eu teria doado aqui para São Paulo.

D.: Aquilo é uma riqueza de informações, de diálogos com os livros, de análise da relação dele com Mário...

AC.: E as fichas sobre linguagem? Eu nunca pude investigar esse fichário, porque ficou com o Dr. Foster, e depois o Renato deu...

D.: Se o IEB cuidasse seria uma maravilha...

AC.: Se houvesse o IEB naquele tempo. Eu fiz o regulamento. Eu fiz a seguinte cláusula: “Ia se reger pelo estatuto de livro raro e se houvesse abuso ou se não fosse cumprido o meu regulamento, a biblioteca viria automaticamente para a Universidade de São Paulo – USP”. Isso eu coloquei.

D.: Seria uma maravilha, porque ali tem um campo de estudos vastíssimo...

AC.: O Sr. Pio, nós fomos muito amigos, eu achava o Sr. Pio um homem muito inteligente, uma personalidade excêntrica, estranhíssima. Ele era monarquista, era a favor da escravidão, ele achava que o escravo era muito mais bem tratado que o operário, assim teoricamente. Era um homem muito culto, de grande inteligência e um espírito muito original. Fomos muito amigos e eu tinha muito afeto por ele, eu gostava muito dele, ele gostava de mim também, D. Zulmira gostava muito de mim, de modo que eu frequentava a casa deles, ficava lá, no quarto de hóspedes, almoçava às nove horas, jantava às três horas da tarde, tomava chá às oito da noite, depois ia para o quarto e dormia às nove ou dez da noite. Mas eu gostava muito dele, fomos amigos...

Figura 44 - Chácara da Sapucaia fotografada por MA em 1930 (AMA – IEB – USP – São Paulo. ANDRADE & CORRÊA, 2009, p. 130)



Figura 45 – Chácara da Sapucaia, hoje Centro Cultural Professores Waldemar e Heleieth Saffioti (UNESP – Araraquara. Fotografia tirada pela pesquisadora em janeiro de 2022).



Sobre a Autora

Denise Landi Corrales Guaranha

Doutora em Filosofia e História da Educação pela UNESP - Universidade Estadual Paulista - Marília (SP, 2022), onde participou do grupo de pesquisa GEPAEFE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração da Educação e Formação de Educadores; mestre em Literatura Brasileira pela USP - Universidade de São Paulo - São Paulo (SP, 2007), onde participou, como bolsista do CNPq, da Equipe Mário de Andrade de pesquisadores, na área de epistolografia, vinculada ao IEB - Instituto de Estudos Brasileiros, sendo responsável pela organização da correspondência de Mário de Andrade com Pio Lourenço Corrêa (de 1917 a 1945), o que resultou no livro: “*Pio & Mário - diálogo da vida inteira*”, publicado pela Editora Ouro Sobre Azul, do Rio de Janeiro (2009). Possui formação em Pedagogia Waldorf, pelo Centro de Formação de Professores Waldorf, Escola Rudolf Steiner, São Paulo (SP, 2017). Graduada em Letras pela USC - Universidade do Sagrado Coração - Bauru (SP, 1985) e em Pedagogia pela UNIJALES - Jales (SP, 2021). É professora da Escola Técnica Estadual Martin Luther King, em São Paulo, desde 2008, atuando nas áreas de literatura, linguagem, comunicação, trabalho e tecnologia.

SOBRE O LIVRO

Catálogo

André Sávio Craveiro Bueno – CRB 8/8211

Normalização

Livia Pereira

Diagramação e Capa

Mariana da Rocha Corrêa Silva

Assessoria Técnica

Renato Geraldi

Oficina Universitária Laboratório Editorial

labeditorial.marilia@unesp.br

Formato

16x23cm

Tipologia

Adobe Garamond Pro

É com grande satisfação que eu, Ariana Nascimento da Silva, recomendo a publicação do livro “Pio Lourenço Corrêa (1875-1957) – Um Mosaico Biobibliográfico do Polímata Araraquarense”, escrito pela autora Denise Landi Corrales Guaranha. Este livro é resultado de uma pesquisa de doutorado de alta relevância vinculada à linha de Filosofia e História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília/SP. A pesquisa, conduzida pela competente orientação da Professora Ana Clara Bortoleto Nery, destaca-se pela sua abordagem histórica e pela importância do tema escolhido. A figura de Pio Lourenço Corrêa, filólogo e bibliófilo de Araraquara/SP, merece ser resgatada e estudada, pois representa não apenas um indivíduo relevante na história da educação e da linguagem em São Paulo, mas também um símbolo da preservação da memória intelectual e cultural de nossa região. O trabalho desenvolvido na pesquisa de Denise Landi Corrales Guaranha, que envolveu a análise de um rico acervo documental, resultou na identificação de importantes registros históricos sobre a atuação de Pio Lourenço Corrêa, bem como sobre os contextos histórico, político, cultural, social e educacional do início do século XX. A proposta de registrar a biografia de Pio e sua contribuição para a história da UNESP, de Araraquara/SP, e da língua portuguesa é extremamente relevante e enriquecedora. Portanto, recomendo a publicação deste livro, que certamente contribuirá significativamente para o avanço do conhecimento nas áreas de Filosofia e História da Educação, bem como para a valorização da história e da cultura regional.

Prof.^a Dr.^a Ariana Nascimento da Silva

Professora Adjunta II – Universidade São Judas Tadeu (USJT) – São Paulo

ISBN 978-65-5954-543-8



9 786559 545438